

DE VOLTA AO LAR

**d o F e m i n i s m o
à R e a l i d a d e**

M A R Y P R I D E

**Ex-feminista americana conta
como a mulher cristã de hoje pode ser livre do feminismo
e experimentar a plena feminilidade bíblica.**

Tradução, adaptação e atualização:
Julio Severo

Edições Cristãs

© Edições Cristãs – Editora Ltda.

De Volta Ao Lar

Mary Pride

Copyright em inglês: © 1985 by Mary Pride,
publicado nos EUA por Crossway Books.

Copyright em português: © 2004 by Home Life Inc.

Tradução e adaptação:

Julio Severo, autor de *O Movimento Homossexual*, publicado por Editora Betânia.

1ª edição brasileira: dezembro de 2006.

2ª edição brasileira: fevereiro de 2013.

Nova impressão: julho de 2013

Capa:

Jessé Ribeiro

ISBN: 978-85-7558-051-6

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS - EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS- SP - BRASIL

www.edicoescristas.com.br

edicoescristas@uol.com.br

ÍNDICE

Agradecimentos

Introdução

Parte 1

- 1 - A Grande Mentira
- 2 - O Casamento Cristão: Muito Mais do que Satisfação de Desejos Pessoais
- 3 - Alegria Sexual Sem Aberrações

Parte 2

- 4 - A Bênção de Deus que as Pessoas Menos Querem
- 5 - Medo de Bebês?
- 6 - A Verdade Sobre o Planejamento Familiar

Parte 3

- 7 - Quem é Dono de Nossos Filhos?
- 8 - O Papel dos Pais na Educação dos Filhos
- 9 - Criando Filhos Sem Confusão
- 10 - O Lar Como Estufa Para Plantas Novas

Parte 4

- 11 - Será que Você Conseguiria Trabalhar - No Lar?
- 12 - Os Exemplos Bons, Maus e Impróprios de Esposas Trabalhadoras na Bíblia
- 13 - Negócio no Lar
- 14 - A Arte e a Mulher da Nova Renascença
- 15 - Os Tempos Estão Mudando

Parte 5

- 16 - O Lugar da Caridade é no Lar
- 17 - A Igreja em Seu Lar

Conclusão

- 18 - O Que Acontece Quando Trabalhamos ou Não no Lar

Apêndice

Dando os Primeiros Passos para Trabalhar no Lar

Apresentação

Conhecendo Melhor a Escritora

.oOo.

Agradecimentos

Devo agradecer a Franky Schaeffer (filho do famoso escritor evangélico Dr. Francis Schaeffer) por seu entusiasmo e por sua disposição de ser o agente do meu livro. O suor e as lágrimas são meus, e talvez também o sangue, quando este livro for lido em certos quarteirões! E agradeço a você, minha leitora, para quem escrevi em primeiro lugar.

Mary Pride

Depois de ler *The Way Home*, o original em inglês deste livro, escrevi ao sociólogo Dr. Paul Marx nos Estados Unidos e disse a ele que *The Way Home* deveria ser publicado para as mulheres evangélicas do Brasil. O que ele fez eu jamais poderia antecipar nem sonhar: ele passou minha carta à própria autora do livro! Algum tempo depois tive a imensa surpresa e alegria de receber um convite dela para traduzir seu livro para a língua portuguesa, e hoje você, leitora brasileira, tem nas mãos o resultado final de todos esses esforços.

Agradeço a Mary Pride por sua paciência todos esses anos e por não parar de acreditar no projeto deste livro. E agradeço também ao Dr. Humberto L. Vieira por seu incentivo e sacrifícios em favor deste projeto. Sua fé neste livro é tão grande que ele me deu seu próprio computador para finalizá-lo.

Julio Severo

.oOo.

Introdução

Este livro é uma exposição da “misteriosa passagem” da Bíblia, Tito 2.3-5:

“Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa [literalmente, *trabalhadoras no lar*], e a serem bondosas e sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada”.

O mistério não é o que essa passagem *diz* — sua mensagem é bem óbvia. O mistério envolve o motivo porque os escritores cristãos modernos que escrevem sobre o papel das mulheres estão tão sem vontade de aceitar essa mensagem. Tito 2.3-5 é o texto mais importante da Bíblia sobre os papéis das mulheres casadas. Essa passagem resume os papéis conjugais, sexuais, biológicos e econômicos das jovens esposas, inclusive suas responsabilidades na área de ministério e autoridade.

No entanto, os livros que são escritos sobre as mulheres rotineiramente não dão atenção, mutilam ou até mesmo fazem pouco caso dessa passagem. Parece que muitos evangélicos têm um grande desejo de adaptar o Cristianismo à sociedade moderna e uma disposição de ignorar os ensinamentos da Bíblia. Para eles, esses ensinamentos pertencem ao passado, a uma época em que a humanidade era dominada por líderes do sexo masculino.

O que acontece quando as mulheres jogam fora o que a Palavra de Deus diz sobre a esfera da mulher, sob a alegação de que nessa questão a Bíblia simplesmente reflete a cultura do passado, na qual a liderança pertencia aos pais de família e as mulheres tinham de ser submissas? O que acontece quando as mulheres então se lançam num estilo de vida que reflete a cultura moderna? Este livro irá responder a essas perguntas.

As feministas exigem o direito ao planejamento familiar e a uma carreira profissional fora do lar. Embora acabassem aceitando essas reivindicações “moderadas”, os cristãos rejeitaram, porém, o lado “radical”

do feminismo — isto é, lesbianismo e aborto. Mas o que a maioria não vê é que uma reivindicação leva à outra. *O feminismo é um sistema totalmente fiel aos seus próprios princípios. Esse sistema tem como meta a rejeição do papel de Deus para a mulher.* As mulheres que adotam qualquer parte do estilo de vida feminista não conseguem deixar de assimilar sua filosofia. E as que assimilam sua filosofia estão comprando para si mesmas uma passagem só de ida para a anarquia social.

Estou exagerando o caso? Bem, hoje um grande número de mães deixa suas criancinhas de menos de três anos na creche, algo que as mães do passado jamais pensariam em fazer! A razão porque isso está acontecendo, num país onde o papel da mulher como mãe costumava ser sagrado é que os cristãos acompanharam as pessoas do mundo e aceitaram a perspectiva básica do feminismo. As feministas são totalmente fiéis à sua ideologia.

No entanto, na época em que o feminismo começou a influenciar a sociedade, as igrejas evangélicas não eram fiéis aos ensinamentos da Bíblia com relação ao papel da mulher. As feministas ofereciam um novo plano de vida para as mulheres, porém as igrejas não sabiam o que oferecer. Embora a Bíblia ensine de modo bem claro qual deve ser o papel da esposa, as igrejas foram pouco a pouco deixando de ensiná-lo. O resultado foi que, por falta de ensino nas igrejas, as mulheres evangélicas foram deixando de conhecer a importância do seu chamado. Elas ficaram então inquietas.

Além disso, as novas condições sociais prepararam tudo para as mulheres abraçarem as ideias feministas. Graças ao planejamento familiar, agora as esposas tinham poucos filhos e, graças às escolinhas para crianças, os poucos que elas tinham logo estavam a maior parte do tempo fora de casa. Assim, elas não mais precisavam passar a vida inteira no lar dedicadas ao papel de mãe. Com uma casa sem ninguém, cheia de utensílios e aparelhos eletrodomésticos que poupavam do trabalho doméstico e uma família que parecia não mais precisar dela, era de compreender que a mulher se sentisse confinada em casa. A sociedade dizia que a dona de casa *não produz* nada. Sua própria inatividade era um símbolo de “status” para o seu marido, provando que ele podia se dar ao luxo de sustentá-la enquanto ela ficava em casa sem fazer nada. Ela se sentia entediada e inútil, enquanto todos os trabalhos mais importantes da vida pareciam estar lá fora no mundo dos homens.

Então apareceu o feminismo, afirmando ser a resposta para esse dilema da dona de casa, e as mulheres não conseguiram resistir aos encantos das suas promessas de liberdade. Os argumentos sentimentais

em defesa da importância do papel das mães falharam completamente em face da verdade óbvia de que, por causa das escolas, os filhos já não estavam em casa a maior parte do dia. As tentativas desastradas de se opor ao movimento feminista só lançaram gasolina no fogo das feministas. As mulheres estavam cansadas de ser empregadas e objetos sexuais. Elas queriam mais campo para os seus talentos.

A verdade triste é que, quando as feministas começaram a atacar o papel “tradicional” feminino, as mulheres evangélicas permaneciam em casa mais por hábito, não por obediência aos princípios bíblicos (1). Embora estivessem em casa e em seu papel, elas foram prejudicadas. *E quem as prejudicou foram as próprias igrejas.*

O fato é que, quando passaram a apoiar o planejamento familiar e o aborto “em casos excepcionais”, as denominações cristãs sem perceberem ajudaram a preparar o caminho para o sucesso do feminismo. Ainda que estivessem elogiando o papel da mulher como mãe em suas pregações, ao mesmo tempo os pastores começaram a defender o que o Cristianismo jamais ensinou: o controle da natalidade e o aborto “terapêutico”. Além disso, as igrejas estavam programando cultos para todas as noites da semana, mostrando claramente que passar tempo com a família não era importante. Na igreja as responsabilidades das mães cristãs no lar estavam sendo tão pouco valorizadas que as próprias esposas dos missionários eram fortemente aconselhadas a deixar seus filhos em escolas internas, e todo o mundo achava isso natural. O centro da vida espiritual passou a ser o templo, não o lar. Até mesmo durante os cultos de adoração começaram a tirar rapidamente as crianças de vista e colocá-las no berçário e em seu próprio programa de escola dominical.

Para todos os lados que olhassem, as mulheres cristãs viam que os seus papéis biológicos, econômicos e sociais eram considerados sem valor. Só os empreendimentos *dos homens* eram valorizados.

Hoje estamos vendo as consequências, pois a maioria das mulheres cristãs está aceitando as ideias feministas. Até mesmo os evangélicos mais conservadores estão em perigo de, num futuro próximo, acreditar realmente que as mulheres podem, “em plena igualdade”, desempenhar todas as funções dos homens. Se as mulheres não puderem ser valorizadas por seu papel feminino, então elas invadirão todas as esferas masculinas e viverão como os homens! Tudo porque duas ou mais gerações de mulheres cresceram e se casaram sem nunca ouvir que a Bíblia ensina um papel bem definido para elas que é *diferente* do papel do homem, mas que tem *a mesma importância*.

O trabalho do lar é o estilo de vida bíblico para as esposas cristãs. Mas o trabalho do lar *não* é só ficar em casa. Deus não nos chamou para *ficar* em casa, mas para *trabalhar* em casa! O trabalho do lar é o oposto exato da tendência moderna de se colocar as instituições e o governo como a solução para as nossas necessidades. Embora tenhamos entregue para frias instituições as áreas da educação, saúde, agricultura, assistência social, negócio, moradia, moralidade e evangelismo, nossa inteira dedicação ao lar nos abrirá as portas para assumirmos de volta o controle dessas áreas. O mais importante de tudo é que o trabalho do lar é o caminho certo para obedecer a Deus. O trabalho do lar é baseado no que a Bíblia diz. Em nenhuma parte deste livro você encontrará declarações como “A Bíblia parece dizer isso, mas não se aplica à sociedade de hoje” ou “A Bíblia diz isso, mas...”

O trabalho do lar, tal como o feminismo, é um estilo de vida que requer total dedicação e sacrifício. A diferença é que o trabalho do lar produz lares que são fortes, igrejas que crescem e filhos que serão líderes cristãos.

Cada parte deste livro é dedicada a um dos papéis femininos especificados em Tito 2.3-5: amar o marido, amar os filhos, ser trabalhadora no lar, ser bondosa e ser submissa ao marido, e o que acontece se fizermos (ou não fizermos) tudo isso.

Todos os incêndios de grandes proporções começam com uma pequena fagulha. Minha esperança e oração é que este livro seja a fagulha que levará as mulheres cristãs a amar suas famílias novamente e a resolverem ser esposas trabalhadoras — *no lar!*

.oOo.

Bibliografia:

(1) Assim declara o escritor católico Stephen Clark: “Alguns críticos dizem que a moderna dona de casa é isolada por culpa do padrão tradicional dos papéis masculinos e femininos. Para eles, esse padrão limita inflexivelmente a mulher às tarefas domésticas e à família... Contudo, o papel doméstico das mulheres na moderna sociedade tecnológica, onde o lar perdeu muito de sua força e importância, significa algo bem diferente do papel doméstico das mulheres na sociedade tradicional, onde o lar é fundamental para a vida de todos na sociedade. É importante entender que o padrão tradicional dos papéis masculinos e femininos morreu com o colapso do sistema social tradicional”.

Extraído do livro *Man and Woman in Christ: An Examination of the Roles of Men and Women in the Light of Scripture and the Social Sciences* (Ann Arbor, MI: Servant Books, 1980), p. 499. O Sr. Clark diz que o sistema social tradicional (isto é, bíblico) morreu. Na minha opinião, esse sistema está vivo, mas sufocado.

.oOo.

PARTE 1

DE VOLTA AO PAPEL DE ESPOSA

**“...orientar as mulheres mais jovens
a amarem seus maridos...”**

Tito 2.4

1

A Grande Mentira

Em sua luta para se tornarem “iguais ao homem”, as mulheres de hoje estão sendo vítimas da segunda maior mentira da História. (A primeira foi quando a serpente persuadiu Eva de que ela precisava elevar seu estilo de vida e “se tornar igual a Deus”).

Graças à “liberação” feminina, agora os tribunais estão arrancando nossa proteção legal por meio de leis liberais de divórcio que dão direito de custódia em comum, mesmo quando o marido não tem juízo algum e leva uma vida depravada. As revistas femininas seguem o exemplo das revistas pornográficas, rebaixando-nos ao nível de prostitutas quando apresentam o sexo sem casamento como se fosse algo belo e fascinante.

Os empregadores estão perdendo seu compromisso de dar aos nossos maridos um salário digno, pois eles acham que nós, esposas, também devemos trabalhar fora para ajudar no orçamento doméstico (2).

Os fabricantes de cigarros e de bebidas alcoólicas estão com a maior alegria tirando muito dinheiro do mercado feminino, enquanto os índices de câncer e de alcoolismo entre nós estão subindo assustadoramente. E sem mencionar as muitas donas de casa que têm de pedir dinheiro emprestado e trabalhar fora para sobreviver, porque foram largadas pelo marido... Tudo em nome da “liberação”.

O que torna essa opressão contra as mulheres tão estranha é que foram elas mesmas que causaram isso para si. As *mulheres* é que têm lutado para que sejam aprovadas leis de divórcio liberais que dão ao marido direito de cobrar pensão da esposa e aos adúlteros e perversos o direito de ficar com a custódia dos filhos. São as *mulheres* que estão realizando intensas campanhas para tirar os filhos dos cuidados de seus pais e colocá-los em instituições do governo (mais tarde vamos ver como é que elas estão tentando fazer isso).

Nos Estados Unidos, as mulheres estão fazendo tudo o que podem para abolir a família tradicional e legalizar o assassinato de recém-nascidos, o homossexualismo e o adultério.

No Brasil, elas estão promovendo campanhas não muito diferentes. Entre as muitas organizações feministas do Brasil, o Centro Feminista de Estudos e Assessoria, de Brasília, luta no Congresso Nacional, em nome de todas as mulheres brasileiras, a favor da legalização do aborto, do homossexualismo, etc. (3).

Nos EUA, as mulheres já conseguiram legalizar o aborto; agora estão lutando para ter o direito de matar o próprio filho na hora do nascimento – ou melhor, pelo direito de deixar o governo decidir quais as crianças que devem ou não viver. Essa rejeição total do papel biológico especial das mulheres é também chamada de “liberação”.

Além disso, em seus esforços para promover a causa feminista, as mulheres estão reivindicando que o governo controle a nossa propriedade pessoal e a nossa maneira de viver. No Capítulo 13 vamos examinar as tentativas de o governo controlar totalmente a vida de cada pessoa a fim de impor a igualdade sexual em toda a sociedade.

Muitas mulheres cristãs estão indo na onda do estilo de vida do chamado movimento de mulheres, sem ver o que as está esperando logo à frente. Jean Shaw mencionou esse fenômeno num artigo no *Jornal Presbiteriano* de 1980:

“As mulheres evangélicas... podem não estar entrando no mercado de trabalho em tão grande número como as mulheres do mundo, mas seu estilo de vida não tem demonstrado ser radicalmente diferente do estilo de vida de suas vizinhas descrentes... Até mesmo as mães evangélicas de crianças bem pequenas não querem ficar muito tempo longe de seu trabalho fora de casa!” (5).

A declaração da Sra. Shaw está correta. As revistas evangélicas se atropelam em sua ansiedade de mostrar que apoiam as esposas, até mesmo as mães de criancinhas, que seguem uma carreira profissional fora do lar. Parece que muitos evangélicos acham que a mulher não tem nenhum papel especial dado por Deus e que um emprego fora do lar não faz mal para as esposas.

Será que realmente não faz mal as esposas evangélicas entrarem no mercado de trabalho lá fora? Outra maneira de fazer esta pergunta é perguntando: “O feminismo não faz mal?” Afinal de contas, foram as feministas, não as mulheres cristãs que creem na Bíblia, que criaram a tendência social de a mulher trabalhar fora. É verdade que o feminismo significa muito mais do que empregos fora do lar para as mulheres, mas o fato de as esposas descrentes trabalharem fora tem tudo a ver com o feminismo. E o fato de que as esposas evangélicas estão imitando-as é sintoma de que as ideias feministas estão começando a infectar nossas igrejas.

O que você diria se eu provasse que as esposas evangélicas de hoje estão sendo enganadas e levadas a se tornarem adeptas de uma falsa religião – o feminismo? E se o inocente envolvimento delas em carreiras profissionais fora do lar ajudar a levar ao colapso moral, social e econômico o nosso país? O que você diria se a chamada “liberação feminista” nos tornar escravas de um governo que manda totalmente na vida das pessoas? E quanto à teologia? Você sabia que os teólogos que acham que agora existe um papel “moderno” para as mulheres não

acreditam que a Palavra de Deus é infalível? Você sabia que, na realidade, todos os defensores da “liberação da mulher” dentro das igrejas evangélicas não creem mais que a Bíblia é infalível?

Você acha isto difícil de acreditar? Vamos dar uma olhada em algumas provas.

O Humanismo das Feministas

As mulheres que nunca estiveram envolvidas no movimento feminista, como eu já estive, não compreendem que o feminismo é uma religião. *O feminismo é só uma forma modificada do humanismo.* Para os humanistas, o homem é o centro de todas as coisas. Para as feministas, quem é o centro de todas as coisas é a mulher. *A mulher, para as feministas, é Deus.*

Lembro-me de minha professora de segundo grau, que era feminista. Ela nos ensinava a ideia de restabelecer a feitiçaria como a “religião original das mulheres”. Entretanto, o público só veio mesmo a conhecer a idolatria feminista quando os meios de comunicação divulgaram o que aconteceu na Primeira Conferência Feminista sobre a espiritualidade das mulheres, realizada na cidade de Boston, em 23 de abril de 1976. Leia a reportagem desse evento:

“Depois de ouvir atentamente dois discursos... a audiência entrou em atividade... elas cantavam o cântico: ‘A Deusa está viva – O Feitiço está em ação’. As mulheres invocavam a Deus batendo palmas, dançando, batendo os pés no chão e gritando. De pé, encima dos bancos e no púlpito, elas dançavam com os seios de fora em meio aos hinários. A verdade é que elas estavam indignadas com os ensinamentos bíblicos dos homens do passado e aproveitaram essa oportunidade para afrontar e zombar abertamente do Cristianismo numa igreja evangélica tradicional que elas haviam alugado para esse evento...” (6).

Naomi Goldenberg, a “cristã” que fez a reportagem dessa conferência, é feminista. Ela garante que nesse ou em qualquer outro ritual as feministas “nunca simbolizam a Deusa como um ídolo ou um quadro”. O motivo disso é que o feminismo dispensa a idolatria externa e leva a mulher a adorar a si mesma. Veja o que ela diz:

“Cada mulher é incentivada a ter um pequeno altar em casa para que ela possa praticar meditação e se concentrar na própria vontade. Na

conferência de Boston, as mulheres foram aconselhadas, a fim de verem a Deusa, a usar espelhos em seus altares. Desse jeito, elas sempre lembrariam que *elas são a Deusa* e que elas têm beleza, poder e dignidade divina” (7). (O destaque é meu).

Quem está de fora geralmente acha que o feminismo não tem nada a ver com religião e que é um movimento que apenas luta para obter igualdade para as mulheres. Mas, para quem está dentro do feminismo, a história é diferente... Certa feminista declara:

“O movimento feminista nos países avançados está empenhado em acabar com Cristo aos poucos. No entanto, entre as mulheres e os homens que estão agora trabalhando para promover a igualdade sexual dentro do Cristianismo, bem poucos compreendem a extensão de sua heresia” (8).

As feministas e a grande maioria dos evangélicos concordam que as igrejas estão se adaptando à “tendência cultural de hoje de eliminar todas as diferenças entre o sexo masculino e o feminino”, a fim de que a mulher e o homem possam um ocupar o papel do outro. Isso quer dizer que o Cristianismo terá de mudar? Naomi Goldenberg, que se tornou feiticeira, diz que sim. Contudo, alguns não concordam com a predição dela de que o feminismo destruirá o Cristianismo. Ela diz:

“Muitos especialistas de religião discordam do rumo radical que venho predizendo. Eles dizem que o Cristianismo conseguirá sobreviver às próprias mudanças básicas que terão de ser feitas quando a religião cristã se adaptar à tendência cultural de a mulher ocupar a posição do homem e vice-versa. Esses especialistas insistem que uma religião é definida pelos seus seguidores. Diz-se, pois, que o Cristianismo é tudo aquilo que os seus seguidores praticam como religião. Teoricamente, então, o Cristianismo poderia existir sem Cristo enquanto os cristãos pensassem que esse afastamento está de maneira geral em harmonia com a religião cristã” (9).

Cristianismo sem Cristo? A adaptação à cultura atual de igualdade sexual está levando-nos a isso?

Cristianismo Castrado

Mary Daly se considera feminista cristã e faz parte de um grupo feminista na Faculdade de Teologia da Universidade de Harvard. Ela diz isto:

“Indo direto ao assunto, proponho que castremos o Cristianismo e joguemos fora os frutos de sua arrogância masculina: os mitos do pecado e da salvação, que são simplesmente sintomas diferentes da mesma doença... Minha opinião é que a idéia de que a salvação veio ao mundo exclusivamente através de um salvador masculino perpetua o problema a opressão dos homens sobre as mulheres... O que está acontecendo hoje é que as mulheres estão se rebelando para castrar o sistema masculino que as castra e coloca Deus como ‘Pai’ de todas as pessoas” (10).

O que faz uma mulher que se considera cristã dizer algo assim? A resposta, naturalmente, é que ela não é mais cristã, pois ela até louvou o movimento feminista por sua “força que vai muito além da Cristolatria” (11), como se adorar a Jesus Cristo fosse idolatria. Ela colocou a idolatria feminista no lugar de Deus no altar de sua vida, e só lamenta que ela e suas amigas não tivessem feito isso há muito tempo.

Outra feminista, que também faz parte de Faculdade de Teologia da Universidade de Harvard, mostra o motivo porque as feministas são obrigadas a rejeitar o Deus dos cristãos. Ela diz:

“Se a religião cristã não dá às mulheres recursos espirituais e intelectuais para que elas sintam satisfação em ter um emprego fora de casa... então talvez precisemos eliminar as imagens de família que enchem a Bíblia – começando com Deus como Pai e sua semelhança terrena, o pai de família” (12).

Ela quer que eliminemos a imagem masculina de Deus e apoiemos a entrada da mulher no mercado de trabalho lá fora (inclusive sua ordenação à função pastoral) (13). É importante que levemos a sério o que ela disse, pois (conforme vamos ver) os papéis biológicos, econômicos, conjugais, sexuais e religiosos da mulher estão completamente interligados, e o feminismo ataca todos eles.

Será que essas mulheres que pedem a castração de Deus são só uma minoria de malucas inofensivas? Não. Em muitas Universidades americanas há cursos que promovem o feminismo como religião. Recebi um boletim da Universidade Washington que continha essa opção de curso:

“ESPIRITUALIDADE FEMININA 417: O estudo da espiritualidade das mulheres fora dos padrões cristãos tradicionais que defendem a liderança do pai de família e a submissão da esposa. O significado das antigas tradições da Deusa para as mulheres de hoje, a espiritualidade individual como manifestação de poder pessoal e a transformação do poder

espiritual em poder político. *Pré-requisito: “WoSt 317” ou permissão da instrutora*” (14).

O que significa *WoSt 317*, que a Universidade exige das mulheres que querem entrar nessas aulas para aprender a ser espirituais”? Aqui está o significado:

“CURSO 317 MULHER E RELIGIÃO: Os papéis das mulheres no Cristianismo; as antigas tradições da Deusa; as atitudes das tradições cristãs e judaicas para com o sexo; *tentativas feministas de reformar essas tradições*; e a espiritualidade das mulheres fora dos limites dos padrões cristãos tradicionais que defendem a liderança do pai de família e a submissão da esposa” (15). (O destaque é meu).

O fato é que as feministas estão ansiosas para “reformular” o nosso Cristianismo “tradicional” que defende a liderança do pai de família e a submissão da esposa. Algumas já começaram a fazer isso. Refiro-me às evangélicas que estão escrevendo e dando palestras sobre o papel das mulheres, cujos artigos saem em revistas cristãs e cujos livros são usados para os estudos bíblicos femininos. Elas são as “feministas evangélicas”.

“A questão mais importante que as feministas evangélicas debatem é de que modo a Bíblia deve ser interpretada... Elas acham que já que a Bíblia foi escrita numa sociedade onde a liderança pertencia totalmente ao pai de família, essa sociedade influenciou os escritores da Bíblia a ter preconceitos contra os direitos das mulheres... De acordo com essa maneira de ver, há falhas e contradições na Bíblia. Aliás, essa opinião exalta a razão humana, pela qual o ser humano então decide o que é e o que não é a Palavra de Deus... Para resumir, as feministas evangélicas vêem contradições irreconciliáveis nos ensinamentos da Bíblia sobre as mulheres. Elas resolvem essas contradições reconhecendo que a Bíblia reflete as limitações humanas... As feministas evangélicas não acreditam que Deus nos deu a Sua Palavra, que é verdadeira e digna de confiança, padrão imutável de fé e prática. Para elas, a Bíblia é uma mistura de informações (parte é a pura Palavra de Deus e parte são somente conselhos de homens moldados por sua cultura machista), e nos deu a liberdade para imaginar quais as partes em que devemos acreditar e obedecer. A razão humana se torna a autoridade suprema, o juiz da Bíblia” (16).

Susan Foh, que escreveu essas palavras, está certa. Seu livro *As Mulheres e a Palavra de Deus* desmascara completamente a apostasia das

feministas “evangélicas” de um jeito que não tenho espaço para repetir tudo aqui. Contudo, as próprias escritoras que Susan Foh desmascarou são ainda respeitadas entre os evangélicos dos EUA. O feminismo anticristão está *dentro* das igrejas americanas.

Entretanto, alguém poderia perguntar: “Por que tanto alvoroço? Sem dúvida, foram as feministas que criaram o movimento de mulheres, mas as mulheres evangélicas não acompanham seus excessos e radicalismo. Só estamos aproveitando as boas idéias das feministas, tais como a oportunidade das esposas trabalharem em ocupações fora do lar. O resto deixamos pra lá”. Mas não é tão simples assim. Feminismo é uma religião em que a mulher ocupa o mesmo lugar central que o Senhor Jesus Cristo ocupa no Cristianismo. O mais importante para a feminista então é o que a deixará realizada. E ela está disposta a destruir tudo o que atrapalha a sua soberana realização.

Vamos dar uma olhada no que as feministas evangélicas estão dispostas a destruir.

O Que Acontece Quando As Mulheres se Desviam

Primeiro, elas aprovam o aborto. Veja o que duas feministas evangélicas dizem:

“Entretanto, ao mesmo tempo, será que o aborto deve ficar inteiramente fora de cogitação para o casal cristão que está enfrentando uma gravidez imprevista numa época em que essa gravidez seria prejudicial à família toda?... E quanto ao casal cristão que numa consulta genética é informado que os testes mostram que seu bebê será mongolóide ou a esposa que contrai rubéola no começo da gravidez e sabe que seu filho provavelmente nascerá deformado? A moralidade cristã insiste em que esses tipos de gravidez devam prosseguir, ainda que trazer a criança ao mundo venha a ocasionar extremo sofrimento emocional e dificuldades financeiras para a família? Nós achamos que não” (17).

Para as feministas, podemos fazer o que quisermos com os bebês se eles atrapalharem a nossa vida emocional e financeira.

As feministas querem eliminar totalmente as diferenças entre os papéis sexuais, a fim de que as mulheres possam fazer tudo o que os

homens fazem. Em seu livro *O Grande Desastre Evangélico*, o Dr. Francis Schaeffer diz: “Só é possível defender a mentira da igualdade sexual quando as leis dão às mulheres o direito livre de fazer aborto. É dessa forma que [as feministas] lutam contra a mais profunda prova de que realmente existem diferenças entre as mulheres e os homens” (18).

O Dr. Schaeffer também menciona que a eliminação das diferenças entre os sexos afeta os relacionamentos sexuais: “O fato é que, se não há importantes diferenças entre os homens e as mulheres, então com toda certeza não podemos condenar os relacionamentos homossexuais” (19). E a verdade é que as feministas evangélicas aprovam o homossexualismo. Elas abandonaram a posição cristã tradicional (leia-se “bíblica”) de que o homossexualismo é pecado e então aceitaram o ensino psicanalítico tradicional de que é uma doença.

Certa escritora evangélica, por exemplo, apoiou a atitude de um grupo de cristãos profissionais de saúde mental cuja opinião da maioria foi que “o casamento composto por um homem e uma mulher totalmente fiéis um ao outro é a perfeita vontade de Deus. Entretanto... os cristãos que sentem forte inclinação homossexual involuntária poderiam optar por um ‘casamento’ homossexual como algo dentro da ‘permissiva’ vontade de Deus em vez de ficarem solteiros contra a vontade” (20).

Embora aconselhem casamento para os homossexuais solteiros, as feministas evangélicas não aconselham, em muitos casos, casamento para as feministas solteiras. Elas dizem:

“Um marido que não ajuda a esposa a se realizar profissionalmente pode ser uma carga pesada sobre ela. A mulher deve decidir *antes* do casamento qual o tipo de marido que pode trabalhar com ela, em vez de atrapalhá-la. Se não for possível achar tal homem, é preferível viver a vida inteira como solteira a viver num casamento no qual os talentos da mulher seriam sufocados...” (21).

Assim, disso tudo surge uma ética: os homossexuais devem ter liberdade para se entregar ao pecado a fim de evitar uma vida de solteiro forçada, ao passo que as mulheres heterossexuais viveriam melhor como solteiras do que casadas com um marido que não é favorável ao feminismo. Vale a pena sacrificar o casamento por amor ao feminismo, mas não vale a pena sacrificar o homossexualismo por amor aos ensinamentos da Bíblia.

O que mais as feministas evangélicas querem? É claro, a ordenação pastoral para as mulheres. É estranho (ou talvez não tão estranho), mas

na mente delas a ordenação está ligada ao direito de as esposas seguirem uma carreira profissional fora do lar: “Se uma mulher foi chamada por Deus para ser pastora ou padre”, escreve uma delas, “é algo horrendo as igrejas lhe proibirem esse ministério. E se uma mulher cristã foi chamada para um emprego fora de casa, e seu marido a impede negando-se a ajudá-la na responsabilidade de cuidar dos filhos e das tarefas domésticas, com isto ele está atrapalhando a obra do Espírito Santo” (22).

“Na Alemanha, berço da Reforma protestante, o atual governo socialista está empenhado em promover a total igualdade sexual” (23). Para que as mulheres alemãs tenham liberdade de trabalhar fora e, principalmente, ocupar cargos de liderança, a feminista Dra. Ute Gerhard propõe que o governo estabeleça políticas que envolvam mais os homens na esfera do lar. Ela diz: “Neste ponto, devemos pensar com mais radicalismo... A família deveria transformar-se em assunto também dos homens” (24). A finalidade é: aumentar a participação feminina nas ocupações de liderança tradicionalmente femininas e, para que o lar e os filhos não fiquem totalmente abandonados pela ausência das esposas e mães que estarão trabalhando fora a maior parte do dia, aumentar a participação masculina nas atividades domésticas e na criação dos filhos.

Para não parecerem antiquadas ou diferentes do mundo, até as igrejas evangélicas alemãs já estão cedendo seus cargos de liderança para as mulheres. E como é que as evangélicas estão usando essas oportunidades? A Dra. Margot Kafsmann, que é bispa da Igreja Luterana, quer cooperação entre os evangélicos, espíritas, muçulmanos, etc. Ela diz: “É importante que as religiões progridam no diálogo e na cooperação” (25).

Ela acha que, a partir de agora, as igrejas evangélicas liberais da Europa ganharão “maior influência sobre os continentes do Sul” (26), onde fica o Brasil. Ela também diz qual será o maior problema no novo milênio: “Um grande desafio será o fundamentalismo” (27). Quando é aplicado aos evangélicos, “fundamentalismo” é o termo que os cristãos liberais empregam, injustamente, para difamar e atacar o cristão fiel à Bíblia que não acompanha os valores errados da sociedade.

Com ou sem influência de cristãos liberais de outros países, algumas igrejas evangélicas do Brasil já estão acompanhando a tendência feminista de igualdade sexual dentro da sociedade. Por exemplo, uma denominação evangélica moderna tem orgulho de

lutar para que as mulheres possam ocupar na igreja todas as funções de liderança tradicionalmente masculinas. De acordo com o artigo “Lugar de Mulher é no Púlpito”, publicado na falida revista Vinde, uma das principais líderes desta denominação foi “bastante influenciada pelo movimento feminista” enquanto estudava na Universidade Federal de Goiás (28). Coincidência ou não, hoje ela é bispa.

Nessa denominação, as mulheres dos pastores também são pastoras e, como o casal fica igualmente ocupado em atividades pastorais, os filhos ficam muitas vezes sob os cuidados de empregadas. Certa vez, por exemplo, liguei para a casa de um importante pastor tarde da noite e fui atendido pela empregada. Ela estava cuidando dos filhos pequenos do casal, que estava fora por muito tempo para tratar de questões pastorais e dirigir cultos. A empregada, que não era cristã, espontaneamente lamentou a situação das crianças, que estavam sentindo principalmente a falta da mãe pastora. Em outra ocasião, durante um culto, eu estava sentado bem próximo de uma jovem pastora que daria a mensagem naquela noite. Antes de subir ao púlpito, ela recebeu uma ligação celular do marido e pude ouvi-la explicando que ela não poderia ir para casa naquele momento para ajudá-lo com relação a algum problema com seu bebê. (Anos depois deste fato, essa mesma pastora se divorciou do marido e casou com outro homem, sem perder sua função pastoral).

É claro que a resposta típica do feminismo, nesses casos, é que o marido tem a obrigação de assumir 50% das responsabilidades da mãe no lar. A fim de que as mulheres possam trabalhar mais fora do lar, os meios de comunicação estão educando os homens a trabalhar mais dentro do lar (29).

Uma feminista evangélica chega a deixar claro que, se o marido se recusar a fazer o papel de segunda “mãe” da casa, cuidando dos filhos e das tarefas domésticas, a esposa tem o direito de tomar a “decisão difícil” de “abandonar o casamento em busca de um estilo de vida independente” (30). Assim, as feministas usam uma carreira profissional fora do lar como desculpa para a esposa se divorciar de um marido que não quer viver conforme o feminismo orienta. Os filhos, os papéis sexuais, a ordenação bíblica para o ministério pastoral e agora o próprio casamento são alvos do feminismo entre os evangélicos.

No caso específico do aborto, por motivos óbvios, as feministas evangélicas do Brasil agem de forma mais cautelosa e delicada. Por

exemplo, a pastora evangélica luterana Haidi Jarschel se manifestou da seguinte maneira em defesa dos “direitos reprodutivos”:

“Um dois desafios que temos é ampliar o acesso à maioria da população brasileira é uma ampla informação em relação a esses temas. O povo brasileiro tem uma herança de uma moral religiosa e patriarcal, configurando-se, portanto, uma opinião pública bastante influenciada pela religião tradicional católica e evangélica. Como o debate amplo e democrático sobre os direitos reprodutivos é pouco veiculado pelos meios de comunicação, essa parte da população tem dificuldade de se posicionar em relação a esses temas, em especial sobre o aborto...” (31).

O comentário da pastora Haidi é um apelo à compreensão e aceitação social e política do aborto legal como direito reprodutivo das mulheres. Ela diz:

No Brasil “intensificou-se o processo de discussão e propostas de políticas públicas sobre os direitos reprodutivos. Esse processo foi impulsionado pela grande mobilização do movimento feminista, pela incorporação da proposta de legalização do aborto no programa de governo do Partido dos Trabalhadores e pelo grande número de encaminhamento de projetos de lei no Congresso. Reagindo a esses projetos, temos fortes vozes contrárias das igrejas evangélicas” (32).

O estranho é que, sendo evangélica, a pastora Haidi seja membro de Católicas pelo Direito de Decidir, uma organização que atua no Congresso Nacional em Brasília e defende a Nova Era, o aborto, o homossexualismo, o feminismo, etc. (33). Mais estranho, ainda, é que uma grande editora luterana no Rio Grande do Sul tenha publicado no Brasil o livro Sexismo e Religião, escrito pela teóloga “católica” Rosemary Ruether, feminista que luta para que as mulheres sejam ordenadas como padres e pastoras e luta também em favor do aborto legal como direito das mulheres (34). Com tanta influência liberal, talvez não seja de estranhar o resultado: De acordo com a revista Vinde, há hoje quase 100 pastoras luteranas em todo o Brasil (35).

Embora muitos achem que o feminismo não é prejudicial, pare e pense com calma nisto por um minuto. O feminismo quer que adotemos um estilo de vida que as *mulheres descrentes* teriam considerado pervertido só 50 anos atrás. Quer que abortemos nossos bebês, aprovemos o homossexualismo (e talvez que nos tornemos lésbicas) e fiquemos amolando os nossos maridos para que eles façam o nosso trabalho a fim de que nós possamos fazer o trabalho deles (sob ameaça de divórcio) e tudo em nome de *Cristo!*

Mas as palavras *Cristo* e *Deus* são só fachada. As feministas evangélicas estão *muito mais ansiosas* para nos converter para o feminismo do que converter as feministas para Cristo. O liberalismo delas está reduzindo as igrejas cristãs a aceitar os seus sofisticados ensinamentos e ridicularizando refinadamente o nosso modo de vida cristão “antiquado”. Como diz o escritor James Fitzpatrick:

“Os liberais não pedem que nos voltemos contra Cristo. Eles O usam para nos levar em direção às suas ideias inovadoras. Essas ideias variam de acordo com a ideologia favorita de cada liberal” (36).

A questão das esposas evangélicas seguindo uma carreira profissional fora do lar *não* é um problema simples. É sintoma de que os evangélicos sofreram uma perda enorme de perspectiva cristã com relação às seguintes áreas: a natureza da sexualidade, o sentido do casamento, as questões sobre a vocação do homem e da mulher, a ordenação pastoral, o homossexualismo, o aborto, a igualdade sexual no mercado de trabalho, a assistência à criança, a assistência aos idosos...” (37).

Em grande parte, essa perda de perspectiva cristã é consequência dos esforços do movimento feminista.

“Desde o começo da década de 1960, o feminismo vem alterando o modo como as pessoas se relacionam entre si, a linguagem que elas falam, a vida de família, o sistema educacional, o modo de criar os filhos, a política, o mundo dos negócios, os meios de comunicação de massa, as religiões, as leis, o sistema judiciário, o sistema de valores culturais e a vida intelectual” (38).

A tendência atual que estimula as esposas a trabalhar fora não teve origem entre os evangélicos. *Então, qual é a sua origem? Em seu livro The Gender Agenda, a jornalista Dale O’Leary explica que Karl Marx e Friedrich Engels (autores do Manifesto Comunista) criam que, a fim de se construir uma sociedade liberada, os meios de produção (trabalho) e reprodução (procriação) têm de se tornar funções sociais controladas pelo governo. Isso requer que seja abolida toda propriedade particular, que sejam eliminadas todas as leis que fazem do pai o cabeça de família e que todas as mulheres sejam levadas a trabalhar fora de casa. Isso requer também creches gratuitas e a coletivização das tarefas domésticas, leis liberais de divórcio, total liberação sexual e finalmente a destruição dos valores cristãos que defendem a família. Há mais de 100 anos, Marx e Engels disseram:*

“A primeira condição para a liberação da esposa é levar toda a população do sexo feminino a entrar no mercado de trabalho e, por sua vez, isso exige a extinção da família tradicional como a

base econômica da sociedade... Quando todos os meios de produção são colocados debaixo da autoridade do governo, a família deixa de ser a base econômica da sociedade. O trabalho doméstico é socializado. A criação e a educação das crianças se tornam a responsabilidade da sociedade em geral, e o governo cuidará de todas da mesma forma, quer sejam legítimas, quer não. Isso eliminará toda preocupação com relação às 'consequências' da relação sexual, pois essa preocupação é o fator social, moral e econômico mais importante que impede uma jovem de se entregar completamente ao homem que ela ama. [Tal mudança social] será suficiente para ocasionar o aumento do sexo livre..."

As feministas da década de 1960 aceitaram as ideias de Marx e Engels acerca do controle da reprodução. Somente o total controle feminino sobre a gravidez e o parto poderiam garantir a liberação das mulheres. E, ao convencer as mulheres a entrar em massa no mercado de trabalho lá fora, o feminismo libertou as mulheres dos limites do casamento e da família (39).

A Bíblia tem muito a dizer sobre o papel da mulher, mas nada que seja igual ao que o feminismo prega. E o que a Bíblia diz *é importante* e nos ajudará a entender as seguintes questões:

*Por que a sociedade está se deteriorando tão depressa?

*Por que as igrejas evangélicas parecem estar impotentes diante das revoluções sociais de hoje?

A Palavra de Deus nos ajudará também a compreender como os evangélicos perderam o controle de importantes áreas sociais e como podemos *recuperar essas áreas novamente*.

.oOo.

Bibliografia:

(2) "A Indústria deve se 'Automatizar, Emigrar ou Desaparecer'", uma entrevista com James Baker, vice-presidente executivo da General Electric, *U. S. News and World Report*, 16 de janeiro de 1984, p. 44. O Sr. Baker declara: Sem dúvida, muitos operários e empregados de escritório vão ganhar menos. Mas, quando o homem ganha menos, muitas vezes sua esposa vai trabalhar fora para preservar seu padrão de vida. Acho que veremos virtualmente toda família com duas pessoas trabalhando fora para comprar um carro ou uma casa.

- (3) O texto em itálico pertence ao tradutor.
- (4) ???
- (5) “Why Not Deaconesses?” *Presbyterian Journal*, 16 de abril de 1980.
- (6) Naomi Goldenberg. *Changing of the Gods: Feminism and the End of Traditional Religions* (Boston: Beacon Press, 1979), p. 92.
- (7) *Ibidem*, p. 93, 94.
- (8) *Ibidem*, p. 4.
- (9) *Ibidem*, p. 8
- (10) “Theology After the Demise of God the Father: A Call for the Castration of Sexist Religion”, *Sexist Religion and Women in the Church*. Alce Hageman, ed. (New York: Association Press, 1974), p. 132, 138, 139.
- (11) Daly, *Beyond God the Father*, p. 96.
- (12) “No More Silence”, in Hageman, *Sexist Religion*, p. 25.
- (13) *Ibidem*.
- (14) *Bulletin of Washington University* (St. Louis, Missouri), 1984.
- (15) Susan Foh, *Woman and the Word of God* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1979), p. 2, 3, 6, 7.
- (16) *Ibidem*.
- (17) Letha Scanzoni e Nancy Hardesty, *All We're Meant to Be* (Waco, TX: Word Books, 1974), p. 143.
- (18) (Westchester, IL: Crossway Books, 1984), p. 134.
- (19) *Ibidem*.
- (20) *Ibidem*, p. 120.
- (21) *Ibidem*, p. 196.
- (22) *Woman, Man and the Bible* (Nashville: Abingdon Press, 1977), p. 136, 137.
- (23) Revista *Deutschland* (Societäts-Verlag em cooperação com o Departamento de Imprensa e Informação do Governo da República Federal da Alemanha, Berlin, janeiro de 2000), p. 39.
- (24) *Idem*.
- (25) *Idem*, p. 35.
- (26) *Idem*.
- (27) Revista *Deutschland* (Societäts-Verlag em cooperação com o Departamento de Imprensa e Informação do Governo da República Federal da Alemanha, Berlin, janeiro de 2000), p. 35.
- (28) “Lugar de Mulher é no Púlpito”, artigo publicado na Revista *Vinde* de outubro de 1997, p. 35.
- (29) O texto itálico inteiro pertence ao tradutor.
- (30) *Women, Men and the Bible* (Nashville: Abingdon Press, 1977), p. 32 e 33.

(31) Haidi Jarschel e Carolina Teles Lemos, “Atores/Atrizes Sociais se Posicionam”, artigo publicado na revista hispânica *Conciencia Latino Americana* (Católicas pelo Direito de Decidir, setembro a dezembro de 1994), p. 13.

(32) *Idem*, p. 9.

(33) *Ibidem*, p. 13. Veja também o dossiê *Catholics for a Free Choice Exposed*, publicado por Human Life International, 1996.

(34) Cornelia Ferreira, *The Emerging Feminist Religion* (Life Ethics Center: Canadá, 1989). Rosemary Ruether também é membro da organização Católicas pelo Direito de Decidir e promotora de idéias da Nova Era.

(35) “Lugar de Mulher é no Púlpito”, artigo publicado na Revista *Vinde* de outubro de 1997, p. 39. O texto itálico inteiro pertence ao tradutor.

(36) Harrison, NY: R. C., Books, 1977), p. 41.

(37) Scanzoni e Hardesty, *All We're Meant to Be*, p. 205, 206.

(38) Gayle Yates, *What Women Want: The Ideas of the Movement* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1975), p. 171.

(39) Este texto inteiro em itálico pertence ao tradutor e foi baseado no livro da jornalista Dale O'Leary, *The Gender Agenda* (Lafayette-EUA: Vital Issues Press, 1997), p. 102.

.oOo.

2

O Casamento Cristão: Muito Mais do que Satisfação de Desejos Pessoais

Estes são tempos que estão testando a alma das mulheres. Pela primeira vez na História, os casamentos têm mais chance de terminar em divórcio do que durar “até que a morte os separe”.

Para cada família normal com pai e mãe, estão se formando várias outras famílias com a presença de apenas um dos pais, e você sabe quem

são a vasta maioria dessas pessoas solteiras que têm de cuidar sozinhas dos filhos: as mães.

Um sério artigo de uma importante revista revela:

“Nas próximas cinco décadas, dizem os especialistas, a sociedade redefinirá seu conceito de família... Passar por mais de um casamento, uma tendência crescente até mesmo em nossos dias, será uma parte normal da vida dos adultos. As crianças de amanhã crescerão com vários pais e uma variedade de meios-irmãos, por causa do divórcio e do recasamento em suas famílias” (40).

Quem escreveu este artigo não estava brincando. Estas previsões já estão se cumprindo. Muitas crianças já estão passando pela experiência do divórcio e do recasamento de seus pais.

A Igreja Infectada

O crescente índice de divórcios está limitado somente aos casais descrentes? Quem dera fosse assim! Mas tanto você como eu, conhecemos famílias que vão à igreja aos domingos, mas que estão passando por crises conjugais. Apesar dos muitos livros e encontros evangélicos que oferecem fórmulas de um casamento ideal, as famílias evangélicas continuam se separando e os casais evangélicos estão mais descontentes do que nunca.

As igrejas evangélicas estão fazendo tudo para sobreviver à onda de separações que está varrendo nosso país. Alguns líderes evangélicos, imitando a conduta de pais permissivos que dão muita liberdade aos filhos, chegam a nos garantir que “não há nada de errado no divórcio, pois todos estão fazendo isso”.

Contudo, será que temos de nos conformar com o que está acontecendo?

Alguns dizem que esta situação lamentável é um sinal certo de que estamos no fim dos tempos. Mas, com ou sem o fim dos tempos, a igreja deve *sempre* ser a luz do mundo. Deus quer que brilhemos forte como o sol, não que tenhamos o brilho fraco de um palito de fósforo! A igreja precisa viver o seu chamado de ser o sal do mundo. O sal, mesmo em pequena quantidade, dá sabor à massa e a protege de se estragar. Nós podemos e devemos influenciar o mundo para melhor, em vez de deixar que o mundo nos influencie para pior.

Se as famílias evangélicas estão em desespero, não é por que o nosso Deus não é suficientemente poderoso para nos guardar no meio de uma

sociedade corrupta. Os cristãos da época do Novo Testamento enfrentaram uma sociedade que, de muitas maneiras, era bem mais decadente do que a nossa. Naquele tempo havia prostitutas religiosas, assassinato de recém-nascidos e gladiadores que lutavam até a morte para "entreter" as multidões. No entanto, a História dá testemunho de que os primeiros cristãos tinham lares esplendidamente santos e sólidos. Se não podemos dizer o mesmo com relação aos lares cristãos de hoje, talvez seja porque nos tenhamos desviado do que os cristãos do Novo Testamento tinham. Talvez em nosso anseio de viver de acordo com as tendências de hoje nós tenhamos trocado a cultura cristã pela cultura humanista da nossa época.

Não é normal o divórcio entre os cristãos. É um sinal claro de que nos desviamos do projeto de Deus. O divórcio nas igrejas evangélicas nos mostra que a pregação sobre o casamento não está mais em harmonia com o padrão da Bíblia.

Uma opinião incorreta sobre o casamento é como um homem com o tornozelo torcido. Por causa do seu tornozelo torcido, seu joelho não se move direito. Devido a esse problema do joelho, seus quadris se movem de modo esquisito. E, por causa dos movimentos esquisitos dos seus quadris, o homem anda de maneira desajeitada.

Da mesma forma, o modo como nós, esposas jovens, cumprimos nosso dever de **"amar os nossos maridos"** (Tito 2.4) influencia o modo como cuidamos de nossos filhos, o modo como nos conduzimos em nossos lares e a contribuição que damos para nossas igrejas e para a sociedade.

Os maridos vêm antes dos filhos. E os lares, que são a base mais importante para o desenvolvimento espiritual e social, vêm antes da igreja e do governo. É claro que, tanto os maridos quanto as esposas, têm a responsabilidade de preservar a união de suas famílias. Contudo, as novas teorias acerca do casamento afetam principalmente o papel da esposa. Todas estas teorias têm em comum um radical papel novo para as mulheres.

Vamos agora dar uma olhada nos três tipos de opiniões que as pessoas geralmente têm acerca do casamento cristão e vamos procurar descobrir a razão porque as famílias cristãs não estão conseguindo se manter firmes e unidas. Então veremos como Deus quer que o casamento realmente seja e o que poderemos fazer sobre isso.

Em Busca de Companhia

A primeira opinião popular é que Deus criou o casamento para nos dar companhia. Certo escritor evangélico explica:

“A própria resposta de Deus à pergunta do que é o casamento se encontra em Gênesis 2.18: ‘Não é bom que o homem fique só. Farei para ele uma ajudante que seja semelhante [ou que corresponda] a ele’. Em outras palavras, o casamento existe para resolver o problema da solidão. O casamento foi estabelecido porque Adão estava só e isso não era bom. *Companheirismo*, pois, é a essência do casamento” (41).

Mais adiante, esse escritor declara:

“Deus deu Eva não só como ajudante de Adão... mas também como sua companheira” (42).

Essa análise pode parecer boa, mas contradiz diretamente a passagem bíblica que esse escritor está citando. Deus disse: **“Não é bom que o homem fique só”**. Mas o *motivo* que Ele deu foi que Adão precisava de uma ajudante. Se tudo o que Adão precisava era de companhia, Deus poderia ter dado um *cachorro* para ele. Se tudo o que Adão precisava era de companhia, Deus poderia colocar *outro homem* na vida dele.

É bem fácil ver que Adão não estava vivendo triste, cheio de solidão, morrendo de vontade de ter alguma companhia. Como é que ele poderia se sentir solitário vivendo face a face com Deus? Adão estava *sozinho*, e sozinho aí significa *incompleto*, não solitário. Ele precisava de uma ajudante. Ele precisava de uma mulher.

Em Busca de Romance

A segunda opinião popular acerca do casamento cristão é que o casamento foi criado com o propósito principal de proporcionar “romance” para o casal. A teologia do romance vem logo atrás da teologia do companheirismo. Vejamos o que certo adepto dessa teologia tem a dizer:

“Podemos justificar o casamento como eterno romance? O amor de Jacó por Raquel e o de Isaque por Rebeca incluem romance e um relacionamento íntimo. Mas o ponto de vista dos profetas é o mais decisivo. O fato de que eles escolheram o casamento como a melhor analogia do amor de Deus por Israel revela mais do que qualquer outra coisa o elevado conceito que os hebreus tinham acerca do casamento... [Revela também certo erro na teologia desse escritor, pois foi Deus, e não os profetas, que escolheu usar o casamento como analogia.] A riqueza do relacionamento

conjugal alcança a sua expressão máxima em o Novo Testamento. Paulo, seguindo o exemplo dos profetas hebreus, compara a união de Cristo e a Igreja com a união do marido e a esposa” (43).

Isso soa bem, e é por isso que tantas pessoas são enganadas. Mas uma coisa é falar sobre romance e outra é provar que o romance é a base do casamento. No entanto, é exatamente isso que diz a teologia do romance, quando você a examina com cuidado.

Vamos dar outra olhada no romance como “justificativa bíblica” para a existência do casamento. A vida conjugal de Isaque e a vida de Jacó com suas esposas não eram só de romance. Aliás, Jacó viveu a vida inteira com Lêia, uma mulher da qual ele não gostava. E quanto ao casamento de Deus com o povo israelita ou de Cristo com a Sua igreja? Será que nossa união com Cristo consiste principalmente em encontros românticos? A verdade é que ganhamos experiências espirituais por causa de nossa frutífera obediência a Deus. Jesus não disse: Se vocês me amarem, vocês terão mais e mais alegrias. O que Ele disse foi: **“Se vocês Me amam, obedecerão aos Meus mandamentos”** (João 14.15). Jesus também não disse: Eu os escolhi para contemplar a beleza de vocês. O que Ele disse foi: **“Eu os escolhi para irem e darem fruto, fruto que permaneça”** (João 15.16). É claro que a nossa comunhão com Deus é importante e traz muitas alegrias. Mas, nesta vida, assim como as emoções românticas não são a *essência* da vida cristã, também não são a *essência* do casamento.

O romance não é a raiz, mas o desabrochar da flor do casamento. É belo, é um presente de Deus, mas o casamento pode sobreviver sem ele.

O que acontece quando os casais começam a andar cegamente à procura de métodos e fórmulas que prometem mais romance? Eis o aviso:

“Não tenha dúvida de que quando a busca do romance se tornar o alvo mais importante do casamento, *mais casamentos terminarão em divórcios*” (44). (O destaque é meu).

E quem disse isso foi um líder evangélico que ensina a teologia do romance!

A teoria teológica de que Deus criou o casamento para o romance não tem base bíblica. A busca incessante de romance exige que os interesses pessoais sejam o centro do casamento, como se as excitações e as emoções fossem o motivo da existência do casamento. Essa busca coloca os casais no mesmo nível dos adolescentes que só vivem atrás de prazer, e destrói tudo o que não consegue se encaixar na visão de romance.

Em Busca de Igualdade Sexual

A última opinião popular acerca do casamento é a igualdade sexual. Uma feminista evangélica apresenta assim esse tipo de casamento:

“Num casamento de parceria igual, ambos os cônjuges se dedicam de modo igual a uma carreira profissional, e a ocupação de cada um é considerada tão importante quanto a do outro. Além disso, os papéis do que trabalha fora para sustentar a família e da que cuida das tarefas domésticas podem ser desempenhados tanto por um quanto pelo outro, em plena igualdade. Cada um dos cônjuges pode preencher esses papéis; os dois podem trabalhar em ambas as funções. Outra característica do casamento de parceria igual é a autoridade que o marido e a esposa usam juntos na tomada de decisões. Enfim, os papéis conjugais básicos são simplesmente marido e esposa, e nesse tipo de casamento o homem e a mulher não precisam ter filhos” (45).

De acordo com a teoria da igualdade sexual dentro do casamento, é vital que cada parceiro *obtenha* tanto quanto ele ou ela *dá*. Assim, Roberto promete lavar os pratos na quarta-feira em troca de Patrícia levar o lixo para fora. Ele tem a sua própria conta bancária e ela, a dela. Se ainda se sentirem solitários, eles poderão ter um filho a fim de alegrar o ambiente da casa, cada um esperando que o outro trocará as fraldas, dará mamadeira no meio da noite e colocará o bebê na creche durante o dia. Eles berram alto se alguém lhes pisa o pé, e estão sempre de prontidão para defender seus direitos.

Enfrentando a Verdade

O problema com estas três opiniões acerca do casamento (companheirismo, romance e igualdade sexual) é que *o centro de tudo é o “eu”*. No casamento de companheirismo, o centro de tudo é a minha necessidade de vencer a solidão. No casamento de romance, o centro de tudo é o meu desejo de intimidade. E, no casamento de igualdade sexual, o centro de tudo são as minhas ambições profissionais. *Se a necessidade em questão não está sendo suprida, ou pode ser suprida melhor em outra parte, desaparece então todo motivo para a existência do casamento.*

Alguns poderão dizer que nestes tipos de casamento o centro de tudo não é o indivíduo, mas o casal. Mas, se meditar por um minuto, você verá que as pessoas raramente se casam porque querem ajudar outra pessoa a sair da solidão ou porque querem proporcionar experiências românticas para outra pessoa. Pelo contrário, as pessoas que acham que o casamento só existe para companheirismo e romance casam porque querem que seus próprios desejos sejam realizados.

Não acho que a Bíblia ensine que o casamento só existe para satisfazer um único indivíduo, ou mesmo para satisfazer apenas o casal. Então qual é o propósito da existência do casamento?

De Volta ao Jardim do Éden

Era uma vez, Jesus nos conta, um casamento ideal (veja Mateus 19.4-6). E esse casamento era assim.

Adão vivia em plena liberdade diante de Deus e da manifestação da Sua glória. Ele não sentia solidão, pois tinha Deus com Quem conversar. A Bíblia jamais menciona que Adão tenha-se queixado de falta de alguma coisa. Mas Deus tinha um plano para Adão, e era preciso algo para completar o Seu plano. Foi Deus Quem disse: **“Não é bom que o homem fique só”**.

Ora, será que depois Deus disse: Farei um colega para Adão? Não. Ele disse: **“Não é bom que o homem esteja só; farei para ele alguém que o auxilie e o corresponda”** (Gênesis 2.18).

Deus deu Eva a Adão para que ela fosse a sua ajudante. Por quê? Porque Adão havia sido designado para um projeto. Deus lhe disse que **“fossem férteis e se multiplicassem; enchessem a terra e a dominassem”**. Sem Eva, Adão não teria condições de ser fértil e se multiplicar. Sozinho, ele também não podia encher a terra. Eva era necessária para o casal dar fruto. O motivo bíblico para a existência do casamento é produzir fruto para Deus. Casamento é produzir filhos e tornar a terra frutífera para Deus. Em outras palavras, o centro do casamento cristão é Deus, não o indivíduo ou o casal.

O objetivo principal do casamento cristão é produzir o que Deus quer, não satisfazer os desejos de um indivíduo ou de um casal. Como ocorre com todos os planos de Deus, nossas necessidades são supridas por meio da fé. Primeiro, fazemos o que Deus manda. Então, para nossa surpresa, passamos a ver bênçãos chegando às nossas vidas. Primeiro, negamos a nós mesmas e levamos a nossa cruz, e então sentimos o peso ficando leve

e agradável. Só assim é que conseguimos ver o propósito de Deus para nossas vidas. E é só deste modo que realmente nosso coração passa a sentir liberdade e experimentamos Deus derramando Seu amor em nós e fazendo nosso casamento desabrochar e florescer.

Irmã e Esposa

Quando o centro do casamento é Deus, o marido e a esposa procuram se conduzir conforme a direção dEle. (Ou, se só a esposa é salva, ela vai querer fazer o melhor que puder para obedecer a Deus nessas circunstâncias difíceis). Deus pede que as esposas jovens **“amem os seus maridos”** (Tito 2.4) e o “amor” que Ele pede de nós é o amor *phileo*: amor de irmão para irmão. Esse amor é baseado em nosso relacionamento de irmão, não em nossas emoções.

Debaixo da cobertura de Deus, o amor de irmão é o fator que sustenta o casamento. O amor de irmão é o oposto da mentalidade de ambição do moderno movimento feminista que quer ver todas as esposas competindo com os homens no mercado de trabalho lá fora. Em vez de lutar por “igualdade”, a irmã-esposa honra seu irmão-marido acima de si mesma (Romanos 12.10). Ela é dedicada a ele (Romanos 12.10). Dia a dia, ela o incentiva (Hebreus 3.13; 10.24, 25). Ela se sente triste com ele em suas angústias (1 Pedro 3.8) e nega-se a difamá-lo ou a se queixar dele (Tiago 5.9).

Se ele for cristão, ela o repreenderá quando for necessário e então prontamente o perdoará (Lucas 17.3). Ela faz tudo o que pode para passar tempo com ele (Hebreus 10.25). O objetivo dela é que eles vivam juntos produtivamente e em harmonia (Romanos 12.16; Salmo 133.1). Todas estas passagens descrevem o amor *phileo*, e todas se aplicam ao casamento cristão.

Ser esposa, então, envolve dois elementos: *dedicação* e *renúncia*. Precisamos levar *uma vida inteira de dedicação* e *uma vida diária de renúncia*. Mas os interesses individuais no centro do casamento refletem a importância que o feminismo dá à auto-satisfação. As feministas se queixam: “Tenho de fazer o que eu quero, ou não prestarei para nenhuma outra pessoa”, “Não posso amar a outra pessoa sem amar a mim mesma primeiro”. Duas delas explicaram bem o motivo dessa queixa:

“O padrão tradicional de papéis sexuais prescreve que os interesses da esposa devem ser subordinados aos interesses do marido e de quaisquer filhos que eles venham a ter... Em

contraste, o padrão de igualdade sexual prescreve que a mulher deve procurar ser autônoma e se satisfazer em seus próprios empreendimentos em vez de só se alegrar com o sucesso de seu marido. No padrão de igualdade sexual, a mulher tem liberdade para se dedicar aos seus interesses sem subordiná-los aos do marido e dos filhos” (46).

O casamento não tem ligação nenhuma com autonomia, mas sim com parceria. Autonomia quer dizer que nós, sozinhas, determinamos nossas próprias metas com base em nossos próprios interesses. Parceria quer dizer que Deus decide nossas metas e nossos papéis, e você e seu marido se colocam debaixo da vontade e autoridade de Deus.

Porque Deus Odeia o Divórcio

Seu marido é seu parceiro. Você é a parceira dele. É por isso que Deus odeia o divórcio. O profeta Malaquias deu essa mensagem aos homens de Israel:

“Há outra coisa que vocês fazem: Enchem de lágrimas o altar do Senhor; choram e gemem porque Ele já não dá atenção às suas ofertas nem as aceita com prazer. E vocês ainda perguntam: Por quê? É porque o Senhor é testemunha entre você e a mulher de sua mocidade, pois você não cumpriu a sua promessa de fidelidade, embora ela fosse a sua companheira, a mulher do seu acordo matrimonial. Não foi o Senhor que os fez um só? Em corpo e em espírito eles Lhe pertencem. E por que um só? Porque Ele desejava uma descendência consagrada. Portanto, tenham cuidado: Ninguém seja infiel à mulher da sua mocidade. Eu odeio o divórcio, diz o Senhor, o Deus de Israel” (Malaquias 2.13-16).

O motivo porque as igrejas evangélicas estão ficando relaxadas com relação ao divórcio é que nós não mais entendemos o casamento. Se um cônjuge, por exemplo, bebe demais ou tem gênio forte, o outro decide que não é um “bom” casamento e se separa. Os que adotam esta posição acabam permitindo o divórcio **“por qualquer motivo”**, exatamente como os fariseus da época de Jesus faziam. Jesus respondeu aos fariseus que a destruição de *qualquer* casamento ordenado por Deus é sempre algo errado. **“Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe”**, disse nosso Senhor (Mateus 19.3-11).

A pergunta certa, então, é: O que Deus uniu? Alguns casamentos Deus não aprova. Nos tempos do Antigo Testamento, por exemplo, os judeus não tinham permissão de se casar com descrentes. Deus ordenou aos israelitas que se separassem de suas esposas estrangeiras, não porque havia “problemas conjugais” entre eles e suas mulheres, mas porque os filhos não seriam dEle. As esposas estrangeiras, sem dúvida alguma, eram boas amigas, excitantes companheiras de cama, e os judeus as adoravam – com certeza não eram eles que queriam se separar. Mas Deus disse: **“Mandem embora estas mulheres estrangeiras e seus filhos”**. Por quê? Porque estava faltando o fruto do casamento – os **“filhos dedicados a Deus”** (Veja Esdras 9 e 10, e compare com Deuteronômio 7.3, 4).

Em nossa época, Deus santifica os filhos de todos os casamentos cristãos legítimos, mesmo quando um companheiro não é cristão (1 Coríntios 7.12-14). O fruto de sua parceria com seu marido legítimo é sagrado. As únicas razões bíblicas para se divorciar são o *adultério* e a *deserção* (Mateus 19.3-11; Marcos 10.1-12; 1 Coríntios 7.10-16).

A deserção anula a parceria e o adultério a rompe de duas maneiras: (1) desperdiça seus recursos numa união extraconjugal espiritualmente infrutífera; (2) põe em perigo (no caso de uma esposa adúltera) a legitimidade dos filhos.

Os cristãos jamais, jamais mesmo, podem se divorciar de cristãos. O mundo só saberá que somos discípulos de Cristo por meio do amor que demonstramos uns pelos outros (João 13.34, 35). João diz claramente que, se não conseguirmos amar os nossos irmãos, a quem vemos, não há jeito de podermos amar a Deus, a Quem não vemos (1 João 4.20, 21).

Quando os cristãos se divorciam e ambas as partes ainda permanecem na igreja sem receber uma disciplina rigorosa, a mensagem que o mundo recebe é que nós somos hipócritas de primeira classe. E com relação ao cristão casado com descrente, cabe ao cristão mostrar *mais* amor, *mais* compreensão e *mais* perdão do que o cônjuge que não é salvo.

Cristo nos chamou para amar o próximo, não para rejeitá-lo.

O Fruto do Casamento

Já que Deus deve ser o centro do casamento, e não o indivíduo, nosso principal alvo deve ser honrar o Nome de Jesus e cumprir o Seu propósito. As atitudes brandas para com o divórcio existem porque as igrejas estão respeitando mais os sentimentos dos pecadores do que os sentimentos de

Deus. Deus criou o casamento não com o propósito principal de satisfazer os nossos desejos, mas de avançar o Seu Reino.

Se o casamento existe só para suprir minhas necessidades de amizade e de sexo, então a família não é mesmo importante, tal como afirmam as feministas. Uma esposa pode ser substituída por um cachorro ou por uma parceira sexual temporária. Ver o casamento unicamente como fonte de amizade, romance e igualdade sexual acaba levando ao divórcio e a muitas outras consequências, pois essa visão de união conjugal deixa de fora um pequeno elemento que torna o casamento diferente de todos os outros relacionamentos humanos: filhos.

Qual é o lugar dos filhos num casamento onde o companheirismo é o centro de tudo? Será que eles são realmente necessários? Eles são, sem dúvida alguma, um obstáculo para um casamento de romance, já que essas criaturinhas chatas estão sempre interrompendo os momentos românticos. O casamento de igualdade sexual estipula deveres iguais para cada cônjuge, mas onde é que fica o lugar dos filhos? Conforme já disseram duas feministas:

“No casamento de parceria igual, o homem e a mulher não precisam de filhos” (47).

Os filhos são o fruto essencial do casamento, não um mero efeito colateral. O marido e a esposa se unem no plano de Deus não unicamente para si mesmos, mas também por amor ao fruto que eles darão. O papel da esposa então começa a emergir como algo diferente do papel do homem. O homem e a mulher de Deus não vêm o casamento como meio de cumprir suas próprias vontades, mas como meio de cumprir a grande responsabilidade de dominar a terra para o Senhor. Nessa responsabilidade, cada parte tem um papel designado por Deus.

A verdade é que, quando entendemos que o casamento é uma parceria produtiva, então desaparecem muitos dos descontentamentos que levam os casais a se divorciarem. Se compreendermos que Deus nos deu alvos que devemos alcançar juntos como casal, então conseguiremos suportar os obstáculos por amor aos resultados.

Os filhos não são uma bagagem pesada e desnecessária atrapalhando o casamento, mas uma parte essencial da família. Isso faz uma grande diferença no modo como vemos o sexo, conforme mostrará o capítulo seguinte.

.oOo.

Bibliografia:

(40) "When Family Will Have a New Definition". *What the Next Fifty Years Will Bring: A Special Report to Mark the Golden Anniversary of U. S. News and World Report* (1984), p. A3, A4.

(41) Jay Adams, *Marriage, Divorce and Remarriage in the Bible* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1980), p. 11.

(42) *Ibidem*, p. 11.

(43) *Ibidem*, p. 54, 55.

(44) *Ibidem*, p. 43.

(45) Letha Dawson Scanzoni e John Scanzoni, *Men, Woman and Change* (New York: McGraw-Hill, 1976), p. 235, 236.

(46) *Ibidem*, p. 383.

(47) *Ibidem*, p. 236.

.oOo.

3

Alegria Sexual Sem Aberrações

O mundo ao nosso redor está obcecado pelo sexo. Tente entrar numa livraria e será difícil não ver as capas escandalosas dos livros populares de pornografia. Estão aparecendo livros cada vez mais ousados exaltando os prazeres do sexo.

Imagine você que toda essa correria atrás do sexo não aumentou em nada a felicidade dos casais. Pelo contrário, o índice de divórcios começou a subir rapidamente depois do sucesso dos manuais sexuais. Mas, apesar dos fatos, as pessoas estão sendo condicionadas a crer que o sexo normal tradicional é chato e mata o casamento, ao passo que práticas sexuais esquisitas excitarão seu marido e o farão amar você.

A Igreja Infectada, de Novo

Os cristãos não são imunes a esta influência. Agora, até entre nós, evangélicos, há especialistas sexuais cujos conselhos são uma imitação aguada dos manuais sexuais do mundo. Veja o que diz um livro evangélico popular:

“O culto do prazer sexual pode assumir três formas. [Repare na ideia de que o prazer sexual é algo que devemos nos esforçar por conseguir, como se fosse o maior alvo do casamento.] Os casais poderão evitar o tédio [que é o resultado natural da busca incessante só de diversão] mudando de ambiente. Saídas periódicas nos fins-de-semana, assim como diferentes ocasiões e diferentes lugares em casa poderão realçar o relacionamento sexual.

O uso de técnicas variadas também poderá evitar que a expressão sexual se torne rotineira e sem graça. Alguns manuais sexuais evangélicos expressam a opinião popular de que não há nada de errado com certas variações sexuais no relacionamento conjugal, tais como carícias mútuas e sexo oral. [Ainda vamos ver se essas ‘variações aceitas’ são realmente aprovadas pela Bíblia.] Praticar outras formas de intimidade durante o ato físico enriquece o total contexto e sentido do sexo em si. Ler alto prosas e poemas de amor um para o outro e comunicar os sentimentos por escrito podem ser feitos como um prelúdio ou acompanhamento à relação sexual” (48).

Assim, para enriquecer o “total contexto e sentido” do nosso casamento cristão, temos de levar caneta e papel para a cama conosco e tentar compor poemas e fazer amor ao mesmo tempo! Tudo para “evitar o tédio”! Pode-se imaginar melhor maneira de arruinar a vida sexual de um casal?

Imagine o casal Lúcia e Ricardo. Depois que foram a um desses encontros que prometem mais romance ao casamento, eles tiveram de procurar um psiquiatra cristão, pois descobriram problemas com os quais nem mesmo sonhavam antes: Ricardo não consegue fazer amor e escrever poesia ao mesmo tempo. Os filhos os pegaram em cheio “namorando” no corredor. E quando Lúcia apareceu na porta do quarto de cachecol, conforme disse ela chorando ao psiquiatra: “Ricardo caiu na gargalhada!”

Parece ridículo que homens e mulheres adultos, pais e mães de filhos, fiquem folheando as páginas dos manuais sexuais em busca de novas e

aberrantes excitações. Mas as implicações são realmente muito sérias. O que ninguém percebe é que as novas maneiras evangélicas de ver o sexo negam o plano fundamental de Deus para o casamento e levam diretamente à eliminação das diferenças entre o sexo feminino e o masculino. Os casais que pulam na cama com um manual sexual numa mão e uma caneta e bloco de papéis na outra podem não estar percebendo, mas a raiz de seu casamento está sendo atacada bem no meio de sua experiência mais íntima.

De Volta ao Jardim do Éden (de Novo)

A história da criação do homem e da mulher em Gênesis nos conta duas coisas bastante importantes sobre a sexualidade humana. Primeira, Deus criou o sexo só para o casamento: **“Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”** (Gênesis 2.24). Segunda, Deus estabeleceu que o sexo deve ser pelo menos potencialmente fértil (isto é, não deliberadamente estéril): **“Deus os abençoou e lhes disse: Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra!”** (Gênesis 1.28). Esse mandamento vem logo depois que Deus criou o homem conforme a Sua própria imagem. O objetivo da sexualidade humana, tanto da masculina quanto da feminina, é gerar bebês.

Devido à queda que a criação inteira sofreu por causa do pecado de Adão e Eva, alguns casais, mesmo tendo muita vontade, não conseguem gerar filhos. As pessoas mais velhas também chegam a um ponto onde a gravidez não é mais fisicamente possível. No entanto, há toda diferença no mundo entre um pé de maçã velho e doente que não pode dar mais maçãs e um pé de maçã saudável cujo dono sai todas as primaveras arrancando-lhe os botões a fim de impedir o desabrochamento. Nós teríamos pena do dono do pé de maçã que não dá maçãs, mas imaginar que alguém deliberadamente arranque os botões de seu próprio pé de maçã – isso é realmente falta de juízo.

Mas essa é exatamente a atitude dos especialistas sexuais evangélicos de hoje. Eles divorciaram o sexo da fertilidade. Veja, por exemplo, quantas e quantas páginas seus manuais dedicam ao controle da natalidade e só algumas à fertilidade. A própria obsessão que eles têm com relação às posições do ato sexual mostra que agora eles estão apresentando o sexo nos termos pagãos populares.

Gluttonaria Sexual

O mundo à nossa volta pede prazer aqui e agora. O mundo crê que “só vivemos uma vez”, por isso devemos aproveitar e “provar tudo o que pudermos”. Para o mundo, o prazer é tudo.

Mas não estamos também ouvindo coisas desse tipo dentro das igrejas? A opinião básica de muitos ensinamentos evangélicos modernos sobre sexo não é que o prazer (isto é, o orgasmo) é tudo e que é válida qualquer coisa que nos ajude a ter uma experiência excitante?

Creio que não só no mundo, mas em alguns casos as igrejas também estão sofrendo hoje de um mal chamado gluttonaria sexual. Pode-se definir gluttonaria como buscar uma experiência a tal ponto que o propósito fundamental das nossas ações seja abandonado ou pervertido. Assim, um glutão pode, como os romanos da Antiguidade, provocar vômito em si mesmo a fim de se empanturrar com mais comida, quando o propósito fundamental da alimentação é nutrir o corpo, e o prazer da comida é apenas um propósito secundário. Como se costuma dizer, glutão é alguém que “vive para comer em vez de comer para viver”.

Na área sexual, a tendência moderna é colocar o ato sexual no pedestal e não dar a devida atenção ou até mesmo rejeitar nossa capacidade de ter filhos. As feministas evangélicas, por exemplo, num de seus argumentos contra ter filhos, sustentam que “os filhos atrapalham a vida sexual dos pais” (49).

A Bíblia nos ensina que o sexo só é legítimo dentro do casamento. Ensina também, como já vimos, que o propósito natural do sexo conjugal é união física e fertilidade. Em parte alguma a Bíblia diz que o propósito do sexo conjugal é o orgasmo, muito menos orgasmo à custa da fertilidade e da união.

A “moderna” posição evangélica com relação ao sexo está em plena harmonia com a posição feminista. Ambas as posições separam o prazer do fruto. Ambas eliminam a importância fundamental da esposa (e do marido). Ambas levam à perversão.

Perversão

A Bíblia define perversão como **“trocar as relações sexuais naturais por outras contrárias à natureza”** (Romanos 1.26). Essa passagem é

interessante, pois mostra as mulheres liderando o caminho para a perversão.

“Por causa disso [a má vontade de eles O adorarem] Deus os entregou [a raça humana rebelde] a paixões vergonhosas. Até as mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido por sua perversão” (Romanos 1.26-27).

Literalmente, esta passagem diz: “As fêmeas trocaram a função natural pelo que é contra a natureza, e, do mesmo modo, os machos abandonaram a função natural das fêmeas...” A palavra *mulheres* dessa passagem que eu traduzi *fêmeas* e a palavra *homens* que eu traduzi *machos* são usadas nas referências de Jesus ao relato da criação do homem – Deus **“os fez homem e mulher”** (Mateus 19.4; Marcos 10.6). Mas o ponto mais notável nessa passagem é que a palavra *mulheres*, ou *fêmeas*, vem da raiz de uma palavra grega cujo significado é “cuidar de bebês ou amamentar”.

Os teólogos muitas vezes interpretam essa passagem dizendo que, quando Deus abandona uma raça ou nação, primeiro as mulheres se tornam lésbicas e então os homens seguem seu exemplo e se tornam homossexuais. Isso, sem dúvida, é parte da verdade, mas não acho que é a verdade toda. A História humana mostra que é muito mais fácil os homens se tornarem homossexuais, e isso em grande número, antes das mulheres se tornarem lésbicas. E nem é necessário que essa passagem esteja falando alguma coisa de lesbianismo. Tudo o que diz é que as fêmeas trocaram sua função natural pelo que é contra a natureza.

Então perguntamos: “Qual é a função natural delas?”.

Já que a palavra usada para *mulheres*, ou *fêmeas*, está tão fortemente ligada com a ideia de atividade sexual, creio que o que Deus está dizendo aqui é que, quando as mulheres trocam sua função natural de ter filhos e ser mãe pelo que é **“contra a natureza”** (isto é, tentar se igualar ao homem, vivendo, como ele, uma vida sexual independente do papel de mãe), os homens tendem a abandonar a função sexual natural das mulheres e se tornarem homossexuais. Quando os homens param de ver as mulheres como mães, o sexo perde a sua virtude sagrada. O sexo se

torna “recreativo” e assim os impulsos começam a buscar novas excitações.

Todo cristão sincero concorda que o homossexualismo e a relação sexual de pessoas com animais são perversões. A Bíblia proíbe esses dois pecados nos termos mais fortes, pois ambos envolvem práticas fora do relacionamento conjugal normal. O resultado de ambos os pecados é a esterilidade.

No entanto, e com relação às “variações sexuais aceitas” pelos casais cujo resultado também é a esterilidade? E quanto às formas de união sexual que *impedem* a concepção – as mesmas formas que os homossexuais usam? Será que essas “variações aceitas” não são o que a Bíblia quer dizer quando fala sobre as mulheres abandonarem sua função natural? Será que esse tipo de comportamento não é o que desvia os homens de suas esposas e os leva a procurar outros homens?

Creio que a resposta é sim, e aqui está o motivo. A união física é só *um* dos propósitos para os quais Deus criou o sexo. É possível dois seres humanos se tornarem “**uma só carne**” por meio de *qualquer* união sexual: conjugal, homossexual, etc. Mas o *outro* propósito (que é sempre evitado pelas modernas publicações evangélicas) é a fertilidade. O fato é que a fertilidade é indispensável para que a relação sexual seja conjugal, heterossexual e envolva somente a união direta do órgão sexual masculino com o feminino – *e nada mais*.

Por favor, tenha em mente que estou falando sobre *relação sexual*, não sobre *carícias*. Carícia é uma coisa e ato sexual é outra. O livro de Cântico dos Cânticos descreve um casal se alegrando no corpo um do outro, abraçando-se, beijando-se e acariciando-se. Mas isso não é a mesma coisa que trocar certa parte do corpo da esposa por outra, ou usar certa parte do corpo do marido no lugar da parte normal, ou recorrer a objetos artificiais para substituir os órgãos sexuais. Coisas desse tipo dão sucesso aos filmes pornô, não aos casamentos cristãos.

Deus nos dá o exemplo de um homem que queria se expressar sexualmente com sua esposa de um modo que não é fértil. O homem era Onã, filho de Judá. De acordo com o costume, Onã tinha-se casado com a viúva de seu irmão falecido. Ele tinha relações sexuais com Tamar, mas, porque não queria filhos, ele **“derramava o sêmen no chão para evitar que seu irmão tivesse descendência. O Senhor reprovou o que ele fazia, e por isso o matou também”** (Gênesis 38.9-10).

Alguns dizem que Onã foi um caso especial, pois Deus tinha escolhido Tamar para ser ancestral de Jesus, o nosso Messias. Mas nem Onã nem Tamar sabiam disso. Qualquer um dos filhos de Judá ou (como acabou

acontecendo) o próprio Judá poderia ter gerado o descendente prometido por Deus. Além disso, o pecado de Onã não foi simplesmente não querer gerar filhos para seu irmão. Selá, seu irmão mais novo, jamais chegou a se casar com Tamar e ele também não queria cumprir a sua obrigação para com o seu irmão falecido. No entanto, nada aconteceu com Selá. O que Onã fez foi pervertido porque ele perverteu a função do sexo. Ele usou Tamar para o seu prazer sexual, mas recusou dar-lhe filhos.

Perversão quer dizer usar a nós mesmas – nosso corpo, espírito e mente – de um modo que Deus não planejou. Um bom exemplo seria pessoas tentando experimentar novo tipo de sabor ingerindo comida mediante tubos colocados no nariz, em vez de se alimentarem pela boca. Quando estamos doentes precisamos nos alimentar desse jeito. Mas uma pessoa saudável optar por alimentação pelo nariz seria... nada menos do que pervertido! Da mesma maneira, as modernas técnicas sexuais que separam o sexo da fertilidade são pervertidas, ainda que sejam “divertidas ou “excitantes”. Essas técnicas constituem rebelião contra o plano de Deus para o sexo.

Todas as formas de relação sexual que se afastam da fertilidade conjugal são pervertidas. A masturbação, o homossexualismo, o lesbianismo, a relação sexual com animais, a prostituição, o adultério e até mesmo a esterilidade deliberada no ato conjugal mediante meios artificiais – tudo isso é perversão. Quanto aos casais que têm o costume de se excitar por meio de livros e filmes pornográficos, não deve restar dúvidas a ninguém que estimular-se sexualmente mediante a exploração imaginária ou real do corpo de outras pessoas é exatamente o que Jesus quis dizer quando Ele declarou que olhar para uma mulher que não é sua esposa e desejá-la no coração é cometer adultério (Mateus 5.28).

Os indivíduos que falam sobre a “liberdade” que os cristãos têm de ler tais livros e assistir a filmes sujos ou de imaginar encontros sexuais com outras mulheres para ajudar a estimular na hora da relação sexual estão realmente cometendo um grande erro. Se são essas coisas que nos estimulam, então estamos cometendo adultério. Se alguém disser que essas coisas não o deixam excitado, mas continua a ler os livros e a ver os filmes, ele está mentindo. A pessoa que quer ver um filme pornô não tem controle sobre sua influência. Por isso, quem quer sair do caminho da pureza a fim de assistir a outros cometendo adultério sem dúvida alguma não está entre os **“puros”** para os quais **“todas as coisas são puras”**.

Nós todas temos a liberdade de passar nossos fins-de-semana brincando em latrinas. Mas nos fins-de-semana não vemos multidões aproveitando sua liberdade desse jeito! Quem usa a “liberdade cristã”

como desculpa para se entregar à pornografia só está mostrando onde realmente o seu coração está. Nas palavras da Bíblia, eles estão usando a liberdade como desculpa para o mal.

É importante que se compreenda bem que algo pode dar excitação simplesmente porque tem o sabor do mal. A natureza humana decaída adora a perversão. Portanto, as mulheres cristãs que se vestem como prostitutas, de várias maneiras aberrantes a fim de excitar seus maridos precisam refletir com seriedade no que elas estão tentando fazer. Você está querendo ensinar ao seu marido a reagir sexualmente a roupas aberrantes ou a você? Qualquer mulher pode se vestir sensualmente como fazem as sedutoras atrizes de TV. Mas, se o seu marido está reagindo ao sutil toque de malícias nas roupas ou no modo como você se comporta, isso vai fazer com que ele deseje mais e mais estímulos maliciosos.

O que Romanos 1.24-28 diz pode bem aplicar-se a nós se estamos distraído a atenção de nosso marido levando-o a uma busca incessante de prazer. Essa distração irá afastá-lo da união e da fertilidade. Conforme Romanos 1.24-28, primeiro Deus entrega as pessoas à impureza sexual. Então Ele as entrega a vergonhosas paixões sensuais. Por último, Ele as entrega a uma “disposição mental responsável, para praticarem o que não deviam”.

Nos estágios terminais, as pessoas buscam a perversão simplesmente porque é errada e contra as leis da natureza. É por isso que a perversão é tão excitante para elas. Primeiro, vem a impureza. Depois, vem mais impureza, já que o gosto que se sente no começo mais tarde perde a graça e não estimula como antes. Por último, vale qualquer coisa quando se está desesperadamente em busca de alguma nova maneira de perverter o sexo a fim de estimular mais uma vez paixões já saturadas.

Fora do Pedestal

Faz uns 50 anos que a sociedade vem separando o sexo das responsabilidades e alegrias de ter filhos. Você gosta das modernas atitudes para com o sexo? As esposas antes eram consideradas principalmente como mães (e, portanto, sagradas). Mas elas foram arrancadas deste pedestal. Agora somos vistas como objetos de enfeite nos quais os homens aliviam suas frustrações sexuais. Olhe para os anúncios nas revistas, lojas, TV e cartazes à beira das estradas. Por acaso é algo nobre o fato de que nossos corpos femininos sejam usados para vender de tudo, de jeans a pastas de dentes? Pense no nojento dilúvio da pornografia

que, a cada ano que passa, se alastra mais. Pense no modo como as crianças estão sendo forçadas a praticar sexo e como elas estão sendo violentadas por adultos que não mais compreendem que o sexo envolve a reprodução. Esses adultos não veem necessidade alguma de proteger os meninos e as meninas que ainda não chegaram à adolescência.

Pense também no modo como esse tipo de comportamento vem minando o casamento. Muitos maridos não mais veem suas esposas como mães de seus filhos, mas como mulheres que, por direito, eles podem usar sexualmente à vontade. É de surpreender que eles se divorciem de suas esposas ao aparecer uma mulher de melhor aparência?

As mulheres cristãs não foram chamadas para serem amantes requintadas ou apenas parceiras profissionais do marido. Nós somos mulheres, fêmeas, aptas a gerar e criar filhos. Não precisamos nos vestir como prostitutas ou agir como atrizes de filmes imorais a fim de gozar nossa natureza sexual. Queremos que os nossos maridos reajam a nós, não a requintes. Queremos aprender a reagir a eles, não a fantasias.

Afinal, sexo não é a coisa mais importante da vida. A Bíblia diz que os maridos são cativados pelo amor, não pelo sexo (Provérbios 5.15-19).

Quando Satanás tentou Jesus, querendo perverter Seu poder divino com agrados à carne, Jesus disse: **“Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”** (Mateus 4.4). Se posso aplicar as palavras de nosso Senhor ao pecado de nossa sociedade, eu diria: “Nem só de cama vive o homem”.

O comportamento sexual aberrante não é um brinquedo que podemos acariciar sem nos machucar, pois não vem de Deus, mas das paixões sensuais do mundo. Esse comportamento rebaixa as mulheres e ridiculariza nossa bela capacidade de gerar e criar filhos. Põe as crianças em perigo, já que, no que se refere a este comportamento, a diferença entre a infância e a adolescência não quer dizer nada. E também expõe os homens à tentação de se perverterem com outros homens, excitando-os a praticar estilos de união homossexual que não têm necessidade de uma parceira feminina.

Casamento é muito mais do que só um homem e uma mulher. Casamento é uma família: um marido, uma esposa e todos os adoráveis filhinhos que Deus lhes dá. Nós amamos nossos maridos não como objetos sexuais cuja principal missão na vida é nos excitar, mas como parceiros que estão conosco na gloriosa tarefa de dar fruto para Deus, de encher a terra e dominá-la para Ele.

As feministas não conseguem entender este tipo de amor; quando eu era feminista eu também não entendia. Para elas deve haver plena

igualdade no casamento e cada cônjuge deve fazer exatamente a mesma coisa que o outro.

O feminismo transforma até mesmo um casamento heterossexual normal em casamento homossexual: Que diferença há entre a união de um homem com outro homem e a união de um homem com uma mulher que “vive igual aos homens”? Que diferença há entre as uniões homossexuais, que produzem prazer sexual sem a transmissão natural da vida, e os casamentos das feministas de hoje? Elas querem total “controle” sobre a fertilidade feminina, mutilando-a, esterilizando-a e tentando tudo o que podem a fim de impedir que seus corpos tenham bebês. Elas querem, enfim, impedir que seus corpos revelem o fato de que Deus criou a mulher totalmente diferente do homem.

Depois de insistir em que as mulheres jovens devem ser orientadas a amar seus maridos, Deus manda que sejamos treinadas para amar nossos filhos. Filhos – especialmente os bebês – são a grande ameaça ao feminismo. Portanto, na parte seguinte, iremos “De Volta aos Bebês” e veremos quem está com a razão – Deus ou as feministas.

.oOo.

Bibliografia:

(48) Sell, *Family Ministry*, p. 109.

(49) Scanzoni, *Men, Woman and Change*, p. 377.

.oOo.

PARTE 2

DE VOLTA AO PAPEL DE ESPOSA

**“... orientar as mulheres mais jovens
a amarem seus maridos...”**

Tito 2.4

4

A Bênção de Deus Que as Pessoas Menos Querem

Era o ano de 1969, e eu estava ainda estudando no colegial. Um jovem de minha classe costumava levar-nos de carro a uma sorveteria local durante o intervalo que tínhamos de manhã. Certo dia, ele, por acaso, nos contou que ia a um festival de rock e perguntou se eu queria ir junto. Como eu não quis, ele levou outra pessoa. Foi assim que por pouco escapei ao maior evento juvenil da época: *Woodstock*.

Imagine isto: 100 mil rapazes e moças entorpecidos de drogas, sexo e música. Uma multidão enorme de jovens, livre para fazer o que quisesse, sem nenhuma proibição dos pais e *com o dinheiro de seus pais*.

A Geração Indesejada

Meu colega de classe não comprou seu carro sozinho. E a maioria que foi ao festival de *Woodstock* não ganhou um carro e roupas com o próprio suor. Os pais e as mães estavam pagando para os filhos se divertirem na degradação moral. Os filhos os honraram por isso? Não. Eles se ressentiram disso com amargura.

Lembro-me da revolta e desgosto que a minha geração sentia por seus pais. Era uma geração que se sentia abandonada e rejeitada. E todo o dinheiro e a liberdade que seus pais ofereciam para acalmá-los só os deixavam mais revoltados.

“Meu pai e minha mãe? Eles não me querem por perto atrapalhando a vida deles”, eram essas as palavras que eu ouvia os jovens de cabelos compridos dizerem. E era verdade. Sem perceberem, o pai e a mãe haviam adotado uma nova atitude para com seus filhos. A geração *hippie* da década de 1960 se sentiu e ressentiu disso, e revidou. *Eles foram a última geração de jovens a ter a determinação de fazer isso.*

Os jovens das liberadas décadas seguintes se sentiam totalmente abandonados e é por isso que eles não se rebelaram em massa de modo tão espetacular como a geração dos anos 60. Não é que hoje os jovens estejam mais satisfeitos; eles simplesmente não têm mais nenhuma esperança. Eles são a geração indesejada e sabem disso.

Com o surgimento do planejamento familiar na década de 1950, a sociedade americana começou a questionar o papel da mulher como mãe: “Será que a esposa deve passar a vida inteira dedicada ao lar e aos filhos?” Nos anos 60, as feministas começaram a fazer campanhas para que todas as mulheres tivessem o “direito” legal de fazer aborto. Nos anos 70, o aborto foi legalizado nos EUA e o papel de mãe na vida das esposas se tornou apenas mais uma opção no menu da vida. *Hoje, viver as responsabilidades de mãe se tornou um assunto de escolha pessoal para as esposas.* Os casais *não querem* ter bebês - não muitos, com certeza. Eles preferem no máximo dois filhos, e isso só *depois* de já terem comprado um carro novo e a casa própria (50). Depois da chegada “planejada” de um ou dois filhos, os maridos e as esposas dizem: “Basta!”.

Não são somente os pais e as mães descrentes que perderam a afeição natural, mas esse espírito vem-se infiltrando até mesmo em nossas igrejas. Lembro-me quanto me deixou chocada a primeira vez que ouvi uma mãe cristã (com um único filho!) se queixar do trabalho que seu bebê lhe dava e jurar que nunca mais teria outro. Agora, este tipo de comentário

é comum. Parece que as mulheres, até mesmo as evangélicas, não sentem vergonha alguma de rejeitar seu papel de mãe e seus próprios filhos (os “pequenos transtornos” que elas tanto difamam).

A atitude de rejeitar mais crianças na família não é fenômeno de nossa época moderna. Em 1835, o conhecido comentarista bíblico John Kitto disse:

“Pode-se dizer com certeza acerca de qualquer mulher de Deus na Bíblia, mesmo que ela já tivesse muitos filhos, que receber mais um seria uma grande alegria para ela... Mas (não sabemos que tipo de mal leva isto a acontecer) como é que hoje há entre nós dezenas de milhares de mulheres cristãs para as quais a promessa de filhos seria tristeza e angústia, em vez de consolo e alegria” (51).

Kitto, um homem surdo que tinha dez filhos numa época em que não havia nenhum programa governamental de assistência social, acusa os cristãos de sua geração de falta de fé:

“Deus tenha misericórdia de nossa fé, pois não conseguimos crer que Deus nos abençoará dando alimento e moradia para todas as criancinhas que Ele entregou aos nossos cuidados para criarmos para Ele” (52).

Kitto não conseguiria imaginar uma mulher *com condições financeiras* de alimentar uma criança não querendo abraçar o papel de mãe com alegria. E em todas as épocas as igrejas cristãs sempre tiveram a mesma opinião de Kitto.

A Bíblia diz que as mulheres jovens devem ser orientadas a amar seus filhos (Tito 2.4). Parece que esta orientação seria especialmente útil hoje.

Como Não Amar Uma Criança

Como é de esperar, as próprias mulheres que não falam bem da gravidez e do papel das mães ficariam horrorizadas se você lhes dissesse que seus comentários são insensíveis. Elas se consideram mães amorosas, e elas são - mas nem sempre pelo padrão da Bíblia. O amor hoje em dia quer dizer muitas coisas diferentes, nem todas elas em harmonia com a definição de Deus.

O que é o amor? Bem o que o amor *não* é? Provavelmente, nós todas podemos concordar que o amor significa que não devemos negligenciar ou rejeitar os nossos filhos. É um pouco mais difícil convencer as pessoas de

que não devemos *adorar* os filhos. As mães que têm só um ou dois filhos parecem ter uma inclinação especial para esse mal.

O Dr. Benjamin Spock, pioneiro na educação infantil sem o uso de nenhum tipo de disciplina física, foi quem introduziu o moderno conceito de adoração aos filhos. Ele aconselhava os pais a criarem os filhos com muita liberdade. Há mais de 50 anos, ele já ensinava que as crianças são criaturinhas basicamente boas que sabem melhor do que nós, mães e pais, como é que elas devem ser criadas. Campanhas neste sentido incluem a Convenção dos Direitos da Criança da ONU, de 1989, o Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil e o surgimento dos defensores dos “direitos das crianças”.

No Capítulo 7 vamos dar uma olhada de novo na questão dos direitos das crianças, pois este termo que soa tão inocente é o começo de um ataque contra os direitos dos pais. Mas, por agora, vamos considerar que Deus, que é o nosso Pai, requer certas coisas de nós e nos disciplina por nossas más ações. É por isso que os pais terrenos têm ordens da Bíblia para dirigir com firmeza a vida de seus filhos, em vez de atender-lhes todos os caprichos em submissão e reverência.

Mães Aquisidoras e Mães Amorosas

Amar nossos filhos também significa não fazer deles objetos para o nosso prazer pessoal. Sue Remmus refere-se a isso como a mentalidade da “mulher aquisidora”, que, à primeira vista, parece ser amor, até se ver que a atenção e o cuidado que esse tipo de mãe dá é tudo feito para o próprio benefício. Ela descreve assim essas mulheres:

“ ‘Eu quero!’, diz certa mãe de só um filho - vestida bem à moda e maquilada, com um cigarro movimentando-se entre unhas longas e bem cuidadas. Essa mãe que trabalha fora é um exemplo de mentalidade de ‘mulher aquisidora’, que é tão predominante entre as pessoas que querem tudo conforme seus caprichos. As aquisidoras tratam seus filhos como objetos pessoais, bonitos para decoração e úteis para mostrar bom gosto. Os filhos são colocados para exibição por alguns minutos e depois são mandados para seus quartos... As aquisidoras não passam a vida junto com seus filhos; elas continuam a viver ‘como antes’, apesar dos filhos. Os sentimentos dos filhos não são levados em consideração e suas necessidades não vêm em primeiro lugar. Eles são enviados para a escola o mais cedo

possível... A convivência entre pais e filhos é ajustada às comodidades dos pais... O pai não estava presente no momento do nascimento do filho, e orgulha-se do fato. E, mesmo que estivesse, sua presença seria apenas mais uma parte rotineira do ambiente do monitor fetal, os anestesistas, um chefe de obstetrícia, uns dois estudantes de medicina e um fórceps. Certamente a esposa não deu de mamar na mesa do parto. O marido e a esposa acharam que todos fizeram um ótimo trabalho, e ela beijou o médico por lhe dar um bebê tão belo. O bebê chorou e todos deram risadas, enquanto ele era rapidamente levado... Em casa, o bebê é colocado em seu novo quarto sob os cuidados da babá enfermeira... O bebê é bonito, ainda que chore muito. Ele fica tão lindo todo embonecado em suas roupinhas de nenê. Ele é outra esplêndida aquisição!” (53).

A verdade é que nossa sociedade se tornou tão hostil à presença de muitas crianças na família que as mães se sentem forçadas a “desculpar” a chegada de mais filhos em sua vida como sua “diversão favorita”. O papel de mãe agora precisa ser chique para ser justificável. Todas estas lindas camisetas estampadas com a palavra “Mamãe” e todas estas lindas colchas para o quarto do bebê não são prova de que a sociedade de hoje está transbordando de amor pelas crianças. Pelo contrário, provam que as crianças estão sendo tratadas como bichinhos de estimação.

Crianças Sem Bênção

Sue Remmus faz um contraste entre as mães que veem os filhos como aquisição e as mães que realmente dão todo o carinho, cuidado e atenção aos filhos, “levando-os a todos os lugares aonde elas vão. Elas gostam de dialogar com seus filhos e conversar com eles sobre as coisas. Elas *gostam* de seus filhos” (54).

Agora nós já estamos chegando perto do posicionamento bíblico acerca de como amar os nossos filhos. A Bíblia diz que *os filhos são uma bênção*, mesmo quando não estão vestidos com lindas roupinhas de nenê.

O Salmo 127, por exemplo, diz:

“Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que Ele dá. Como flechas nas mãos do guerreiro são os filhos nascidos na juventude. Como é feliz o homem que tem a sua aljava cheia deles! Não será humilhado quando enfrentar seus inimigos no tribunal”.

E o Salmo 128 afirma:

“Como é feliz quem teme o Senhor, quem anda em Seus caminhos! Você comerá do fruto do seu trabalho, e será feliz e próspero. Sua mulher será como videira frutífera em sua casa; seus filhos serão como brotos de oliveira ao redor da sua mesa”.

As mães que dão todo carinho, cuidado e atenção *gostam de seus filhos*. Elas se sentem felizes com os filhos que elas têm. O amor delas é uma pequena amostra do próprio amor de Deus pelos Seus filhos.

O amor aos filhos no qual as jovens mães devem ser orientadas é o amor *phileo*, amor de irmão para irmão, ternura, afeição natural, carinho, amizade.

Você não sente prazer em ficar segurando um nenenzinho inocente e delicado e observá-lo mamar contente em seu peito? Você não guarda com carinho aquele primeiro sorrisinho enquanto você vai sentindo mamar em você o seu bebê, a pessoa mais importante do mundo para você? Não faz você se sentir bem limpar e perfumar o bumbum sujinho de seu nenê? Você não se sente alegre com a divertida face de seu bebê, manchada de pedacinhos de cenoura e cereais?

Não faz você se sentir especial que Deus tenha-lhe dado a responsabilidade de alimentar e proteger essa indefesa criaturinha humana?

Enquanto o bebê vai crescendo, a mãe que lhe dedica tanto amor fica cheia de alegria com aqueles primeiros passos trêmulos. Ela vibra de emoção com aqueles labinhos chamando: “Mamãe”. Uma cabecinha macia descansando no ombro da mãe. Dedinhos pegando no polegar dela. Risadinhas quando ela faz cócegas em seu nenenzinho ou nenenzinha. Qual a rainha que pode comprar essas alegrias?

Enquanto a mente da criança se desenvolve, a mãe vai descobrindo um novo amigo. Mais e mais a jovem personalidade vai aparecendo, e cada revelação nova é uma surpresa! Será que Paulinho *realmente* consegue escrever estorinhas e Lucinha desenhar um vestido?

As perguntas pensativas que eles fazem sobre o céu e o inferno, pecado e salvação, respeito a Deus e ao próximo fazem você se sentir tão preocupada e orgulhosa deles.

Ver seus filhos crescerem como cristãos e começarem a seguir sua própria vida depois produz em você o impulso de agradecer a Deus por permitir que você trouxesse ao mundo uma pessoa tão especial.

Amar nossos filhos quer dizer simplesmente *sentir prazer neles* e não desgostar-se com o tempo e energia que leva para servi-los. Crianças são

alegria para aqueles que estão sintonizados nos valores de Deus. (Gosto do conselho do pai que sugeriu que sua família “desligasse o televisor e assistisse ao bebê”).

Abrace as crianças. Beije-as. Brinque com elas. Ensine-as. Fique no chão com o bebê, faça folia com a criança de três anos, faça docinhos com o menino ou a menina de oito anos, dê atenção ao adolescente.

A mãe que gosta de seus filhos vai perceber por si mesma que eles são uma bênção.

Bênçãos Causam Miséria?

Jesus disse que quem recebe uma criancinha em Seu Nome está acolhendo a Ele (Mateus 18.1-5). Nós recebemos bem as criancinhas quando estamos dispostas a gerá-las em nossos corpos e depois cuidar delas. Prevendo que sempre haveria alguns indivíduos que não dariam muita importância aos filhos como bênção de Deus, Jesus disse: **“Cuidado para não desprezarem um só destes pequeninos! Pois Eu lhes digo que os anjos deles nos céus estão sempre vendo a face de Meu Pai celeste”** (Mateus 18.10).

Estou quase com medo de perguntar isso, pois o planejamento familiar se tornou tão normal quanto o papel das mães costumava ser - mas tenho de fazer isso. *Se filhos são uma bênção, então por que não queremos ter todos os que Deus quer nos dar?* Será que você consegue pensar em qualquer outra bênção que faz os cristãos lamentarem, se queixarem e fazerem o possível para não aceitar? Não pareceria ridículo ouvir cristãos dizendo: “Estou farto de todo este dinheiro que Tu me deste, Senhor. Por favor, não me dê mais nada!” ou “Já tenho suficientes unções do poder do Espírito Santo sobre mim para durar pelo resto da minha vida. Pra mim chega, obrigado!”

Bênção é algo que você *quer* ter. Saúde, por exemplo. Quem, após conseguir passar o inverno sem pegar um resfriado, se queixaria de sua “incômoda” boa saúde e procurasse ficar exposto às chuvas e às correntes de ar para evitar ficar tão saudável assim no futuro?

Se a Bíblia diz que os filhos são uma bênção (e realmente o diz), mas nós não vemos desse jeito, então o problema está em nós.

Rolando na Ignorância

Uma atitude negativa para com a maternidade e igualmente uma atitude favorável às carreiras profissionais fora do lar, ao lazer, ao dinheiro ou a qualquer outro ídolo do mundo que está tomando o lugar da maternidade em nossas vidas produzem graves consequências. Já mostrei no capítulo anterior que o ato de separar o sexo da fertilidade leva à perversão, de acordo com a interpretação mais provável de Romanos 1.26-27. Mas, muito mais do que isso, *separar o sexo da fertilidade é rejeitar a imagem de Deus nas mulheres*. Deus **“os fez homem e mulher”**, e esterilizar a metade feminina do casamento desfigura a imagem de Deus.

Você pode estar pensando que estou tratando com exagerada importância tudo o que Deus disse em Gênesis quando criou o homem e a mulher. “Certamente”, alguém poderá discutir, “ser homem e mulher significa muito mais do que só biologia”. Não estou certa de que outra coisa, além de nossa diferença biológica, Deus poderia ter tido em mente quando Ele disse que a Sua imagem no ser humano é constituída por homem e mulher - principalmente porque a palavra grega original usada para “mulher” vem da mesma raiz que quer dizer “amamentar”. Mas vamos examinar este ponto da questão, por amor ao argumento. Suponhamos que, por homem e mulher, Deus tivesse em mente o estilo de vida de mistura masculina e feminina de nossa época. E então?

Bem, queridas amigas, não pode ser isso, pois *a Bíblia ensina que a maternidade é o papel fundamental da esposa*. Analisemos por um minuto 1 Timóteo 2.15: **“Mas as mulheres serão preservadas pelo parto, se elas continuarem na fé, no amor e na santidade, com modéstia”**. Os comentaristas sempre tiveram dificuldade com essa passagem, e não é de admirar, já que o que ela realmente diz é que **“as mulheres serão salvas dando à luz filhos”**. Está traduzido **“parto”** nesse versículo na Nova Versão Internacional, da edição americana de 1978, talvez porque os tradutores não conseguissem acreditar que a Bíblia diria que as mulheres são salvas dando à luz filhos. Isso não seria justificação pelas obras? O sangue de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus, não é o único meio de salvação para nós?

O mistério é esclarecido quando examinamos o contexto. Paulo tinha acabado de dar a Timóteo instruções sobre como os homens devem orar e como as mulheres que adoram a Deus devem se vestir. Em seguida, Paulo disse que as mulheres devem aprender em silêncio e submissão, em vez de terem posições de liderança na igreja. A seguinte pergunta lógica seria: “Bem, então o que é que as mulheres *podem* fazer para Deus se elas não devem ocupar o púlpito para ensinar na igreja?”

Paulo diz que, permanecendo firmes no papel maternal que Deus nos deu, com uma atitude pura, nós seremos salvas. “Dar à luz filhos” resume todas as nossas funções domésticas e biológicas especiais. Essa é exatamente a mesma construção gramatical do conselho que Paulo deu a Timóteo para que Timóteo continuasse firme em sua vida e ensino cristãos, **“pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem”** (1 Timóteo 4.16). O caminho específico de Timóteo para a glória celestial era pregar e ser exemplo. O nosso é trabalhar no lar, tudo girando em torno do nosso papel maternal.

Após lembrar às mulheres que elas também têm um papel importante, Paulo então se sente à vontade para prosseguir e falar sobre as qualificações dos bispos e diáconos, certo de que não deixou de dar importância às mulheres só porque as excluiu dos cargos de liderança na igreja. Ele não deixa a passagem sem antes dizer que elas têm um papel igualmente vital.

James Hurley diz quase a mesma coisa em seu livro *O Homem e a Mulher na Perspectiva Bíblica*. Ele diz, referindo-se a 1 Timóteo 2.15:

“É possível entender este versículo como uma continuação da exposição do papel das mulheres. A passagem fala sobre como os homens e as mulheres devem-se conduzir na oração, na responsabilidade de ensinar na igreja, na adoração e no modo de se vestir e se enfeitar... Eu proporia a possibilidade de que Paulo acha... que Eva e as mulheres em geral, ao abraçarem seu papel feminino, serão salvas ou preservadas de agir errado se apoderando de um papel masculino. Essa interpretação está em harmonia com o texto original e com a questão que estamos estudando... Na interpretação que estou propondo, poderemos parafrasear o texto como se Paulo estivesse dizendo que as mulheres em geral... serão preservadas de se apoderar dos papéis masculinos participando da vida conjugal (simbolizada pelo parto). Além disso, a vida conjugal delas deveria incluir qualidades do caráter cristão: fé, amor e santidade com modéstia” (55).

A. T. Robertson, o grande especialista batista de língua grega, explica de modo mais claro:

“É evidente que Paulo tem em mente que a maternidade, não a posição de ensinar na igreja, é a função especial das mulheres, com uma glória e dignidade também bastante especiais. ‘Ela será salva (sothesetai) nessa função, não por meio dela’ (56).

Não precisamos ter medo de analisar 1 Timóteo 2.15. A maternidade é a “função especial” da mulher. Ela simboliza o nosso papel assim como a pregação simbolizava o papel de Timóteo. Pregar *era* o papel de Timóteo, e

permanecendo firme em seu chamado seria salvo. Da mesma forma, ter bebês e criá-los é o nosso papel, e nós mostramos que somos de Deus quando continuamos firmes nesse papel.

Outra passagem fala da maternidade como o chamado da esposa, não como mais uma opção de vida que podemos escolher quando sentimos vontade. De novo, é Paulo quem está falando: **“Portanto, aconselho que as viúvas mais jovens se casem, tenham filhos, administrem suas casas e não dêem ao inimigo nenhum motivo para maledicência”** (1 Timóteo 5.14, o destaque é meu). Por incrível que pareça, há pessoas que estão sempre prontas para invalidar essa passagem, como se ela “se aplicasse só às viúvas”, sem nunca perguntarem por que as viúvas têm a obrigação de gerar filhos e as outras mulheres *não*.

Já li artigos de revistas evangélicas aprovando o controle da natalidade e a entrada de todas as mulheres casadas no mercado de trabalho lá fora. Mas estes artigos jamais afirmaram que só as viúvas não têm o direito de seguir essa multidão de mulheres no mercado de trabalho porque a Bíblia diz que elas, e só elas, têm a obrigação sagrada de permanecer em casa e gerar bebês.

Uma afirmação desse tipo seria ridícula! Paulo não está dizendo às viúvas que elas são uma classe especial de esposas que tem de se conduzir por regras diferentes. Ele está dizendo a elas que se estabeleçam, casem e *se conduzam como esposas normais*, em vez de se tornarem preguiçosas e ficarem andando de casa em casa.

Ter bebês é o chamado da esposa cristã, quer da noiva que está se casando pela primeira vez, quer da viúva que está se casando de novo.

A Desvalorização do Papel Materno?

Se tudo o que está sendo dito sobre nosso “chamado” lhe soa desagradável, talvez isto ajude você a ver tudo de uma perspectiva melhor. Está se tornando cada vez menos importante a antiga responsabilidade de as mulheres terem filhos e está se tornando cada vez mais importante uma nova responsabilidade: controlar a reprodução humana por meio do planejamento familiar.

Os indivíduos que estão atacando o papel das mães têm em mente um novo papel que gostariam de impor em você. Eis o que um famoso filósofo espera que aconteça quando as mulheres não mais conceberem espontaneamente:

“Na sociedade ideal... não há papel doméstico como o da dona-de-casa. Já que a ‘procriação planejada’ e as creches reduzem ao mínimo a imprevisibilidade da gravidez e o tempo que as mães são obrigadas a gastar na gravidez e na criação dos filhos, o papel delas como mães não mais é algo que necessite tempo integral. Portanto, as mulheres não poderão mais ser definidas em seus papéis tradicionais. Contudo, todas as pessoas na sociedade ideal são definidas por sua função. A vida educacional e profissional de cada cidadão deve ser totalmente dedicada ao desempenho de uma ocupação no mercado de trabalho” (57).

O pensador cujas ideias acabei de resumir se chama Platão, filósofo grego da Antiguidade. Como pensador lógico, Platão sabia aonde nos levaria a eliminação da maternidade:

“Platão tinha a opinião ousada de que não há diferença entre o homem e a mulher (não levando em consideração seus papéis na procriação). *Mas a plena igualdade entre os sexos que ele propunha só é possível quando as pessoas perdem o direito de adquirir uma casa própria e constituir sua própria família. Esta situação acaba levando à extinção do papel da esposa e acaba reduzindo ao mínimo o papel da mulher como mãe.* Se essa porta for aberta, as possibilidades para as mulheres serão ilimitáveis” (58) (O destaque é meu).

Não há dúvida alguma, se o casamento for extinto (Platão via as “esposas particulares” como a raiz de todos os males) e o papel da mulher como mãe for reduzido e só permitido durante os 9 meses de uma gravidez planejada (planejada por nossos governantes onipotentes), as possibilidades para as mulheres serão ilimitáveis. Então poderemos ser escravizadas a qualquer ocupação que os nossos governantes escolherem! (Mas, com a extinção do direito de termos nossa casa própria, não teremos muito com que nos consolar quando formos para o nosso “lar” depois do trabalho, já que teremos de viver, junto com muitas outras pessoas, num conjunto habitacional popular projetado pelo governo).

Platão achava que as mães tradicionais, que se dedicam com todo amor aos filhos, estragavam seu plano utópico. A sociedade não poderia ser manipulada com eficiência, conforme o desejo de seus governantes, enquanto as mulheres insistissem em permanecer no lar, cuidando da casa para um homem só e tendo bebês em épocas imprevisíveis. Para mudar essa situação, Platão tentou estabelecer, numa cidade grega, um lugar utópico que tivesse leis, governo e condições sociais de total

igualdade entre as mulheres e os homens, e ele queria que todos os gregos de sua época viessem realmente a aceitar esse lugar “perfeito”.

“Platão tinha o propósito claro de fazer com que as mulheres da segunda melhor cidade da Grécia tivessem direitos iguais de cidadania. Mas o papel delas como esposas particulares reduz sua participação na vida pública por dois motivos. O primeiro é que elas estão sujeitas à gravidez e à amamentação, que não são controladas e previsíveis como eram em seu livro *A República*, onde as guardiãs só podiam ter relações sexuais conforme as ordens dos governantes. No livro *As Leis*, já que as mulheres são esposas permanentes, elas conseguem menos ainda limitar ou planejar suas gravidezes e nem sempre podem ser obrigadas a cumprir as funções públicas e, principalmente, as militares. Segundo, o direito legal de os cidadãos terem uma casa própria torna cada esposa a senhora responsável pelo bem-estar de sua casa, e é evidente que em *As Leis* as mães estão muito mais envolvidas na tarefa de cuidar de seus filhinhos do que a guardiã (a mulher que Platão considerava ‘perfeita’), que nem mesmo saberia qual era seu filho” (59).

Pobres esposas de segunda classe, sem condições de tomar parte nas obrigações militares e forçadas a saber quais eram seus filhos em vez de serem “livres” para “ter relações sexuais somente conforme as ordens dos governantes”! É de estranhar o motivo porque os gregos da época de Platão não quiseram adotar esse tipo de sociedade ideal? Então por que é que nós estamos nos apressando em adotar o planejamento familiar, creches para todas as crianças e soldados do sexo feminino? Os próprios compatriotas de Platão, que conheciam muito bem esse tipo de sistema que ele havia planejado, preferiram não o aceitar.

Rejeitar bebês é rejeitar a nós mesmas. A menos, é claro, que ser apenas mais um número nas estatísticas dentro da sociedade lhe agrade.

Amar nossos filhos, então, quer dizer, antes de mais nada, querer ter bebês. Dizer isto é fácil e simples, mas se tornou mais difícil fazê-lo hoje em dia por causa das muitas campanhas de propaganda das feministas e dos ecologistas que, em nome da “preservação ecológica” e a fim de acabar com a chamada “crise” da explosão populacional, promovem o controle da natalidade e o aborto legal por todos os meios possíveis.

Vamos examinar os argumentos deles contra o ensino da Bíblia de que os filhos são uma bênção e vamos ver também porque é que as bênçãos de Deus nunca saem da moda.

.oOo.

Bibliografia:

(50) Até mesmo as pessoas que não são cristãs estão começando a reparar e fazer comentários contra o preconceito anticriança de nossa época. Germain Greer, famosa escritora feminista, dedicou todo o primeiro capítulo de seu novo livro *Sex and Destiny: The Politics of Human Fertility* (New York: Harper &How, 1984) para lamentar e satirizar a atual falta de amor pelas crianças e a falta de amparo às mães. Conforme afirma ela: “As sociedades humanas no curso da História sempre foram a favor das crianças; a sociedade moderna é totalmente diferente, pois é profundamente hostil às crianças. Nós, mulheres do Ocidente, não nos abtemos da maternidade porque estamos preocupadas com a explosão populacional ou porque sentimos que não temos condições de ter filhos, mas porque não gostamos de crianças” (p. 2). O capítulo inteiro é uma excelente análise do motivo porque nos encontramos nessa situação.

(51) *Kitto's Daily Illustrations*, Volume 1 (Grand Rapids: Kregel Publications, 1981), p. 560.

(52) *Ibidem*.

(53) Sue Remmus, “Acquitters vs. Nurturers”, *Unschooler's Project* (now *Family-Centered Learning: The Homeschooling Quarterly*), Fall 1983, p. 2, 5.

(54) *Ibidem*.

(55) (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 222, 223.

(56) *Word Pictures in the New Testament*, Volume 4 (Grand Rapids: Baker, sem data; reedição da versão de 1931), p. 570, 571.

(57) Susan Moller Okin, “Plato on Woman and the Family, *The Family in Political Thought*”, Jean Bethke Elshtain, ed. (Amherst, MA: University of Massachussets Press, 1982), p. 39, 40.

(58) *Ibidem*, p. 41.

(59) *Ibidem*, p. 48.

.oOo.

Medo de Bebês?

O motivo real porque os casais cristãos se sentem tão atraídos pelo planejamento familiar não tem nada a ver com a Bíblia. Tem a ver com o medo. Temos medo de não ter condições de sustentar uma família grande. Temos medo de não conseguir tomar conta de tantas crianças. Alguns temem que, sem o planejamento familiar, eles teriam de renunciar às vantagens de que tanto gostam em seu modo de vida.

Alguns desses temores são legítimos, outros não. Mas as feministas querem que tenhamos pavor de famílias grandes. O motivo delas é que ter bebês e criá-los custa precioso tempo, o qual deveríamos investir nos nossos interesses pessoais. Muitos evangélicos estão confusos com relação a essa questão, pois alguns líderes cristãos afirmam que nós temos a obrigação de planejar nosso futuro, como se a Bíblia nos ensinasse a fazer “planos” para evitar as bênçãos de Deus. E as organizações de defesa da ecologia estão em plena atividade promovendo o controle da natalidade e provocando desânimo nos casais na esperança de diminuir o risco da chamada “explosão populacional”.

Não é estranho? Como é que um indefeso nenenzinho, sussurrando inocentemente em seu berço, pode causar uma situação de quase pânico entre pessoas adultas? Um líder evangélico chegou a dizer que os bebês são o flagelo da nossa época e que eles “arruinam” famílias inteiras e podem custar “a saúde física e mental” ou “até mesmo a vida” de uma mulher (60). Na opinião das feministas evangélicas, ter filhos acarreta perdas financeiras, “perdas de oportunidades”, tensões no casamento e até mesmo o fato assustador de que ter um bebê significa “um enorme investimento de tempo e energia que os pais poderiam investir em atividades pessoais” (61).

Como bem dá para perceber, os bebês não estão sendo muito valorizados. Mas vamos dar uma olhada mais de perto para ver o mal sutil que está causando essa desvalorização.

Medo de Virar Mendigas

Quase sempre alguma revista aparece com artigos de especialistas mostrando os gastos que teremos para criar uma criancinha. Eles quase

chegam a declarar: “Não faça isso! Você não terá condições de ter um bebê!”

Num livro de sociologia, as feministas evangélicas citam um estudo realizado por Thomas J. Espenshade. Veja o que elas dizem:

“Ele constatou que uma família de baixa renda com apenas um filho gastará 40% de sua renda na criação desse filho por um período de dezoito anos. Em contraste, uma família de renda elevada gastará só 26% de sua renda na criação de um filho até os dezoito anos. As despesas vão aumentando com o crescimento da criança [repare na idéia de que os filhos são eternos consumidores e jamais realizam nenhum trabalho produtivo], e como é de esperar, os gastos aumentam com a chegada de mais filhos à família. Contudo, as despesas do primeiro filho são aproximadamente o dobro das despesas do segundo filho numa família de dois filhos” (62).

Esse estudo tem uma *aparência* intelectual bem impressionante. Mas tome cuidado: *esses cálculos, e qualquer outro cálculo semelhante, não têm nada de científico ou exato*. Como é que as famílias de baixa renda gastam 40% de sua renda na criação do primeiro filho e 20% na do segundo e, presumivelmente, 20% na de cada filho que vem depois? Isso significa que *nenhuma* família de baixa renda teria condições de ter mais que três filhos, pois quatro filhos custariam 100% da renda da família! Não dá para acreditar nisso, pois há muitas famílias americanas de baixa renda, com mais de três filhos, que estão vivendo satisfatoriamente.

Como filha mais velha, eu mesma cresci numa família de baixa renda, com meus seis irmãos. Mas nenhum de nós teve de passar fome para aliviar o orçamento da família.

Somos a geração mais rica da História humana, mas somos as pessoas que mais têm medo dos custos da criação de filhos. Talvez seja porque não compreendemos como nossos modos de vida são esbanjadores e que realmente nossos filhos não precisam de muito a fim de crescerem felizes, saudáveis e dedicados a Deus.

A sociedade de consumo em que vivemos nos força a ter poucos filhos a fim de que possamos adquirir mais bens materiais. Para os especialistas, ter uma família grande significa ter muitos gastos e depender dos programas governamentais de assistência social. Mas eles não entendem nada de filhos.

Será que um menino realmente *precisa* de um quarto só dele, caras escolas de educação infantil, calças *jeans* da última moda, montes de CDs para tocar em seu aparelho de som pessoal e todas as outras coisas que os

“entendidos” de hoje consideram indispensáveis para os filhos de todos? A resposta é simples: Não. As crianças não precisam comer bifes todos os dias para sobreviver. Vestir roupas usadas não é o maior escândalo social. Alimento, roupas, um lugar para morar e amor são o suficiente para deixar *qualquer* cristão satisfeito (veja 1 Timóteo 6.8), até mesmo uma criança.

Medo de Escravidão

Quando era feminista, eu cria que os filhos atrapalham a nossa privacidade e os momentos de romance. Outra feminista, que concorda com isso, diz:

“Mesmo que o marido e a esposa tenham a mesma opinião na maneira de criar os filhos, pode parecer um alto preço a pagar, em termos de liberdade pessoal, cumprir de modo concreto as responsabilidades do dia-a-dia na criação deles” (63).

Neste momento você deve estar se sentindo desanimada, imaginando para onde é que foi toda a sua liberdade e desejando que você nunca tivesse tido um bebê em primeiro lugar.

O Apóstolo Pedro tem algo para nos dizer sobre a falsa liberdade que o feminismo nos oferece. Quando li pela primeira vez suas palavras, fiquei pasmada. Pedro estava falando diretamente da minha posição feminista egoísta. Ele aconselhou que eu tomasse cuidado com certos indivíduos dentro da igreja que iriam tentar me levar de volta aos erros dos quais eu tinha acabado de escapar. Ele disse:

“Esses homens são fontes sem água e névoas impelidas pela tempestade. A escuridão das trevas lhes está reservada, pois eles, com palavras de vaidosa arrogância e provocando os desejos libertinos da carne, seduzem os que estão quase conseguindo fugir daqueles que vivem no erro. Prometendo-lhes liberdade, eles mesmos são escravos da corrupção, pois o homem é escravo daquilo que o domina”. (2 Pedro 2.17-19; o destaque é meu).

Vamos examinar por um minuto que tipo de “liberdade” as feministas evangélicas querem nos dar no lugar da maternidade. Elas aprovam o *aborto, o homossexualismo e o divórcio*.

Que “liberdade” os bebês nos custam? Eles atrapalham nossa liberdade de amar e servir a Deus? Não. Eles podem é atrapalhar nossa liberdade de nos entregar aos **“desejos libertinos da carne”**.

Um livro evangélico liberal nos mostra como a busca da liberdade e autonomia da mulher leva ao medo de ter bebês, analisando o seguinte caso:

“Quando Eliana começou a se dedicar a uma carreira profissional fora do lar, sua maneira de ver o seu papel mudou de *tradicional* (ser esposa e mãe é o chamado mais importante da mulher, e a mulher deve subordinar seus interesses aos interesses de sua família) para *igualitário* ou *moderno* (a mulher deve lutar para usar todos os seus talentos e capacidade a fim de se realizar na esfera do mercado de trabalho, tal qual faz o homem). Agora, Eliana não mais tinha aquela vontade de parar de trabalhar fora para gerar e criar filhos. Ela até começou a duvidar se queria ter filhos” (64).

Para a mãe que trabalha fora, a chegada de um bebê que não foi planejado é um “desastre” atacando sua preciosa liberdade. Conforme dizem as próprias feministas evangélicas:

“No sistema de papéis sexuais tradicionais, o marido trabalha para sustentar a família e a esposa se dedica totalmente ao lar. As mulheres que vivem desse jeito poderão talvez achar que uma gravidez inesperada é uma surpresa, mas com toda a probabilidade elas não verão tal acontecimento como um “desastre”, como seria o caso de esposas que vivem conforme o padrão moderno de igualdade sexual. No sistema de igualdade sexual, as mulheres são iguais aos homens e têm o direito de trabalhar em todas as ocupações que os homens trabalham. As mulheres que seguem suas aspirações pessoais (tais como a realização profissional) não podem se dar ao luxo de ser indiferentes às despesas que os filhos causam. Elas têm de planejar cuidadosamente o número de filhos que terão e a época de cada nascimento. Contudo, no caso dos casais que vivem a igualdade sexual e seguem seus próprios interesses, o que acontece se eles tiverem uma gravidez imprevista? Eles são mais inclinados a ver o aborto como uma medida necessária do que os casais de mentalidade tradicional. Entre os casais que sentem que os filhos seriam uma carga financeira e prejudicariam os interesses pessoais, o aborto parece ser uma opção viável no caso de uma concepção “inesperada” (65).

Para defender a permanência das esposas em todas as ocupações no mercado de trabalho lá fora, essas feministas evangélicas estão tentando *fazer o aborto parecer uma opção respeitável*. Mas se, por causa de uma carreira profissional, a chegada de um bebê se torna um “desastre” na vida das esposas, então *as carreiras é que são um desastre*. Os bebês só “são uma prisão para nós” se o desejo real do nosso coração é estar longe do lar. Mas será que trabalhar duro num escritório das 9 da manhã até às 5 da tarde é realmente uma experiência mais maravilhosa do que embalar seu bebê no colo ou ensinar-lhe brincadeiras, enquanto ele grita de alegria?

Sim, os bebês são o flagelo da nossa época — eles são um flagelo para as esposas que estão mergulhadas em “interesses pessoais” egoístas. Infelizmente, essas mulheres não só esqueceram que *suas* próprias mães se sacrificaram para *tê-las*, mas também não querem levar suas cruzes e seguir Jesus. Com isso elas mostram claramente que não merecem ser discípulas de Jesus (Mateus 10.38).

Temores Médicos

A maioria de nós provavelmente já ouviu as seguintes declarações:

- * É muito perigoso ter um bebê depois dos 35 anos de idade.
- * Os defeitos de nascença aumentam 50% nos bebês que nascem de mães com mais de 30 anos.

Ao rejeitar um artigo que o meu marido Bill escreveu sobre o controle da natalidade, o redator de uma prestigiosa revista presbiteriana respondeu: “Afim, há motivos médicos pelos quais a mulher deve acabar dando um basta na maternidade”. Conforme andam alegando, todos os tipos de doenças e desastres horríveis ocorrerão se uma mulher tiver a coragem de continuar engravidando. Há até estudos médicos mostrando números percentuais de defeitos de nascença e de mortes maternas. Tudo para nos assustar.

Como irmã mais velha entre sete irmãos, os quais eram perfeitamente saudáveis e alguns eram campeões de atletismo, eu tinha um pouco de dúvida acerca de tais afirmações. Minha mãe não era nenhuma jovem de 25 anos quando trouxe ao mundo minha irmã mais nova Bárbara. (Embora ela parecesse mais jovem do que as mães de hoje. Diz minha avó que a gravidez mantém a pele jovem.) Em nossa vizinhança, que tinha muitas e muitas famílias cristãs grandes, não me recordo de nenhuma

criança ou mãe sem saúde. Então será que alguém está manipulando as estatísticas médicas a fim de que tenhamos medo de ter bebês?

Admito que a mulher que tem o seu *primeiro* filho depois dos 40 anos de idade provavelmente terá problemas, como acontece com as mulheres que passam anos usando o controle da natalidade e acabam engravidando tarde na vida. Isso não é de estranhar. Seria difícil uma mulher assim se adaptar à gravidez, pois ela passou anos sem conceber e já gastou todos os seus óvulos saudáveis. E sem mencionar os efeitos que o corpo dela sentirá por ter passado anos acumulando substâncias químicas. Por exemplo, quando uma mulher pára de usar a pílula anticoncepcional, os seus hormônios podem ter dificuldade de funcionar normalmente. Mas os estudos médicos invariavelmente se esquecem de levar esses fatores em consideração.

Por que não vemos tem bebês? Perguntei ao meu obstetra quais as chances que eu tinha de ficar com câncer por ter bebês, e ele me disse que não havia necessidade de me preocupar. As mulheres com câncer no útero que ele examinava eram mulheres que nunca tiveram bebês. Como bem dá para ver, Deus escolheu as mulheres para ter bebês e, quando não os temos regularmente, problemas podem surgir. Mas você não tem de confiar só na palavra do meu obstetra. Veja o que Germaine Greer, uma famosa feminista, escreveu:

“Num encontro de debates na Sociedade Real da Inglaterra em 1976, R. V. Short... revelou que as mulheres de hoje representam as primeiras gerações a ovular 13 vezes ao ano a maior parte da vida adulta. Os problemas menstruais que muitas mulheres têm hoje podem indicar que estamos tendo menstruações demais... Há indicações de que o ciclo menstrual causa tensão no organismo feminino, principalmente em certas partes, como os seios, que podem experimentar mudanças imensas quando a mulher menstrua por mais que dez e muitas vezes vinte anos... Short afirma que esses fatores podem ser a causa do câncer de mama e de outras doenças ligadas ao fato de que estamos dando à luz poucos bebês”

(66).

Greer também mostra, ainda citando Short, que o câncer dos ovários e do endométrio “parece ser mais comum nas mulheres que nunca deram à luz” (67).

Assim, até mesmo uma feminista reconhece que o câncer de mama e os problemas menstruais têm origem no stress físico causado por

contínuos ciclos menstruais sem intervalo de gravidez. E a revista Veja de 26 de março de 1997 traz estas informações sobre o assunto:

“Os hábitos das mulheres modernas criam terreno fértil para a manifestação do câncer de mama. Até o início do século XX, a mulher casava por volta dos 16 anos. Tinha uma gestação atrás da outra e amamentava geralmente por mais de um ano. Hoje, por conta dos hábitos alimentares, a mulher começa a menstruar mais cedo. Por conta dos hábitos sociais, engravida mais tarde e, muitas vezes, não amamenta os filhos. Isso altera todo o seu metabolismo. ‘Antigamente, a mulher menstruava 60 vezes durante toda a vida. Hoje, ela passa em média por 400 menstruações’, explica Alfredo Barros, professor da Universidade de São Paulo e diretor científico do Hospital Pérola Byington. Durante o período menstrual, os ovários produzem o hormônio estradiol, que facilita a reprodução das células cancerosas. E, por não engravidar, a mulher deixa de contar com a proteção de outro hormônio (a gonadotrofina coriônica), que inibe o crescimento de tumores, mas só é produzido durante a gestação”

(68).

Quando impedimos que nossos corpos femininos realizem suas funções naturais, corremos o perigo de pegar câncer e ficar estéreis. Sem mencionar os riscos específicos dos métodos de planejamento familiar. O *Dr. Chris Kahlenborn, um pesquisador médico, descobriu em seus extensivos estudos um risco maior de pegar câncer de mama entre as mulheres que usam as drogas hormonais de controle da natalidade, tais como a pílula anticoncepcional, os injetáveis e os implantes. O Dr. Kahlenborn observou os seguintes efeitos da pílula na saúde das mulheres: maior índice de câncer no colo do útero, câncer do fígado, ataques do coração, derrame cerebral, depressão, enxaqueca e perda de cabelo* (69).

De acordo com uma comissão de médicos e farmacêuticos americanos:

“Cinco riscos bem sérios estão associados ao uso dos anticoncepcionais: maior incidência de doenças sexualmente transmissíveis; doença inflamatória pélvica; infertilidade; câncer do colo do útero; e gravidez ectópica. Há também os perigos bem conhecidos de atrofia endometrial e esterilidade permanente”

(70).

Essa comissão também constatou:

“Os potentes esteroides nos anticoncepcionais orais afetam todos os órgãos vitais da consumidora e, se ela conceber e não chegar a sofrer um micro-aborto por causa das substâncias químicas da pílula, todos os órgãos vitais do bebê em gestação também serão afetados” (71).

Anos atrás quando eu tomava a pílula, meu médico jamais me disse isso! Mas esse não é o fim da história. A feminista Germaine Greer diz:

“As mulheres que usam a pílula correm o risco de sofrer infecções fúngicas, incômodo, dor e náusea. O risco de infecção local é muito elevado [para as mulheres que usam a pílula] (72).

Devido ao fato de que os anticoncepcionais causam desordem nos mecanismos de defesa naturais da vagina, a verdade mesmo é que, graças à pílula, até mesmo o casal totalmente fiel um ao outro pode pegar doenças venéreas. As seguintes informações são de Greer:

“O *candida albicans* é um fungo que fazia parte das vaginas saudáveis e cuja função natural era protegê-las, mas as mudanças na proporção de açúcar da vagina devido ao uso da pílula anticoncepcional o transformaram num fungo destrutivo, causador de doenças e infecções, ocasionando inflamações dolorosas nas mulheres e nos homens e mudando por completo a natureza das doenças sexualmente transmissíveis, pois esse fungo pode se tornar um causador de doenças até mesmo em casais que nunca são infiéis. Descobriu-se que as infecções e doenças causadas por esse fungo são a origem das crises de inflamação pélvica aguda nas mulheres. Os pesquisadores constataram uma correlação bem nítida entre o uso de anticoncepcionais e as infecções clamidiais” (73). (O destaque é meu).

Além desses efeitos na saúde da mulher, hoje é um fato científico comprovado que a pílula anticoncepcional não somente impede a ovulação, mas muitas vezes impede que o óvulo fertilizado se implante na parede do útero (74) Conforme o documento evangélico *Silent Abortions* (Abortos no Silêncio), (75) uma das funções da pílula é impedir a implantação e essa função aparece oficialmente reconhecida no Dicionário Universitário Random House:.

“Pílula anticoncepcional: um anticoncepcional oral para mulheres que impede a ovulação, a fertilização **ou a**

implantação de um óvulo fertilizado, causando esterilidade temporária” (76).

O que muitas mulheres não sabem é que o óvulo fertilizado é realmente um ser humano concebido e que, se for impedido de se implantar, ele será automaticamente abortado pelo corpo da mulher. Assim, uma das ações da pílula é causar micro-aborto logo depois da concepção. As drogas hormonais dos implantes e injetáveis (injeções) também têm o efeito micro-abortivo da pílula

¹
(77).

O DIU é outro dispositivo que as mulheres frequentemente usam crendo, erradamente, que impede a concepção e não faz mal à saúde. Uma coisa que talvez elas não saibam é que o DIU não é anticoncepcional. O DIU realmente impede a implantação (78). Além disso, esse dispositivo tem sido responsável por muitos danos à saúde das mulheres, conforme mostram as seguintes informações:

“De acordo com um estudo baseado em pesquisas publicadas entre 1980 e 1995 nas revistas médicas *Contraception* e *Fertility and Sterility*, os problemas associados ao uso atual do DIU incluem: esterilidade, hemorragia, perfuração (do útero, do cólon, da bexiga ou dos intestinos delgado e grosso), gravidezes ectópicas e cervicais, dilacerações cervicais, displasia cervical, encravamento do DIU (um problema grave nos países em desenvolvimento, onde as mulheres usam o dispositivo por uma década ou mais), fragmentação do DIU, dismenorria (menstruação dolorida), menorragia (menstruação excessiva), inflamação dos canais uterinos, doença inflamatória pélvica, aborto séptico, erosão cervical, massas císticas na pélvis e

infertilidade tubária” (79).

Entre 1985 e 1986, duas grandes empresas americanas de anticoncepcionais foram obrigadas a retirar suas marcas de DIU do mercado americano. A empresa farmacêutica Searle sofreu 775 processos de americanas que foram prejudicadas pelo DIU ou que conceberam bebês malformados por causa do dispositivo.

De acordo com o livro *The Facts of Life*, os DIUs têm causado muitos problemas insuperáveis para as indústrias farmacêuticas. O problema maior é o perigo comprovado dos dispositivos. No entanto, nem por isso os fabricantes de DIUs desistiram de seu lucrativo negócio. Agora eles estão

despejando seus produtos nas mulheres pobres dos países em desenvolvimento. Apesar dos quase 1.000 processos por danos físicos causados por seus DIUs às mulheres americanas, a Searle anunciou que continuaria a fabricar DIUs para as mulheres dos países em desenvolvimento, com a ajuda financeira dos programas de controle populacional dos EUA e Europa. Esse exemplo mostra como os países ricos estão dispostos a descarregar nas mulheres pobres de outros países produtos que são perigosos demais para as mulheres americanas e europeias (80).

Outro método de controle da natalidade é a camisinha, que é muito exaltada em nossos dias. Só que ninguém menciona a interrupção deprimente e nada romântica das atividades conjugais que ocorre enquanto o marido está procurando e vestindo a camisinha. Assim, em vez de um sentir um humano quente, a esposa acaba tendo intimidade mesmo é com um pedaço de borracha!

É claro que a pílula, o DIU e a camisinha não são os únicos métodos de controle da natalidade. O comportamento sexual aberrante é, por natureza, contra a fertilidade. Germaine Greer em seu livro *Sexo e Destino* tenta defender a prática do *coito interrompido*, e até propõe o sexo anal como um método talvez superior, em alguns casos, às drogas e dispositivos anticoncepcionais de hoje.

Creio que ela cometeu um erro médico ao levar em consideração o sexo anal. A alarmante rapidez com que a AIDS começou a se propagar na década de 80 revelou para o mundo o fato de que os imundos estilos de relação sexual dos homossexuais (estilos que são copiados pelo moderno comportamento sexual aberrante dos heterossexuais) torna o corpo humano vítima de várias doenças infecciosas e pode acabar completamente com sua defesa imunológica. Quanto ao coito interrompido, o exemplo bíblico de Onã não nos incentiva a imitá-lo.

O que estou querendo dizer em essência não é que alguns métodos contraceptivos são muito mais desagradáveis e perigosos do que outros, ou que alguns bem podem ser mais perigosos ou desagradáveis a longo prazo do que a gravidez normal. O que mais devemos ter em mente é que *nenhum método contraceptivo é totalmente à prova de falha*. Até mesmo pessoas que não se casam pegam câncer, e os métodos de controle da natalidade menos perigosos são também os menos eficientes. Talvez Deus lhe dê o mesmo número de filhos quer ou não você se empanturre de pílulas anticoncepcionais ou enfie seu marido inteiro numa camisinha.

Nesse caso, por que passar desnecessariamente pelo desconforto da contracepção?

Quando você pensa nos riscos de aborto séptico, câncer de mama e do colo do útero, perfuração uterina, infecções fungais, micro-abortos e talvez ainda por cima uma gravidez imprevista no final das contas (riscos que as mulheres que usam a contracepção enfrentam diariamente), a gente chega realmente a suspeitar porque é que os médicos falam de riscos de saúde só para as mães que escolhem ter mais bebês.

Mas mesmo que gerar filhos hoje fosse realmente tão perigoso quanto era séculos atrás (quando as mulheres estavam dispostas a fazê-lo), isso não prova que as mulheres cristãs devem evitar a gravidez. Deus diz por meio do Apóstolo Paulo:

“Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12.1-2).

Será que o meu corpo é minha propriedade? Será que posso fazer o que quiser com ele? Não. Meu corpo pertence a Deus. Veja o que Deus diz:

“As mulheres serão salvas dando à luz filhos” (1 Timóteo 2.15, tradução literal do grego).

“Os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que Ele dá... Como é feliz o homem que tem a sua aljava cheia deles!” (Salmo 127.3,5)

“Sua mulher será como videira frutífera em sua casa; seus filhos serão como brotos de oliveira ao redor da sua mesa. Assim será abençoado o homem que teme o Senhor!” (Salmo 128.3,4).

Se cremos realmente que Deus é o autor dessas declarações, então por que é que você e eu não **“glorificamos a Ele com os nossos corpos”** tendo bebês? (Veja 1 Coríntios 6.20) As feministas dizem que a maternidade sem o controle da natalidade é escravidão. Deus diz: **“Não sabem que, quando vocês se oferecem a alguém para lhe obedecer como escravos, tornam-se escravos daquele a quem obedecem: escravos do pecado que leva à morte, ou da obediência que leva à justiça?... Assim como vocês ofereceram os membros do seu corpo em escravidão à impureza e à maldade que leva à maldade, ofereçam-nos agora em escravidão à justiça que leva à santidade”** (Romanos 6.16,19).

Você e eu não temos uma opção entre escravidão e liberdade desenfreada. Temos a opção de ser escravas dos nossos desejos egoístas ou escravas de Deus.

Nós, evangélicos, sabemos que isso é verdade em outras áreas. Rotineiramente, enviamos missionários para trabalhar em países com climas ruins, sabendo muito bem que provavelmente eles adoecerão de disenteria amébrica, passarão muito calor (ou frio), receberão assistência médica inadequada em hospitais inferiores e em média viverão dez anos menos do que as outras pessoas. Mas nós não desaconselhamos as pessoas a serem missionárias. Pelo contrário, *nós elogiamos os missionários por sua coragem.*

Os missionários vão para países estrangeiros para gerar *mais* cristãos; as mães evangélicas engravidam para gerar *mais* cristãos. Mesmo que o trabalho missionário maternal tenha alguns perigos (e qual é o trabalho missionário que não tem?), a maneira nobre de agir é enfrentá-los com coragem. Da mesma forma, devemos realmente honrar as mulheres com problemas de saúde (diabete, asma, gastrite, paralisia, problemas do coração) que estão dispostas a servir a Deus gerando filhos. Embora não costumem elogiá-las, elas é que são as verdadeiras heroínas da igreja moderna.

Os que amam o pecado sacrificarão tudo o que têm (dinheiro, saúde, reputação) para manter seu estilo de vida. Se a ameaça real de pegar doenças venéreas e AIDS não impede os maus de seguir os seus objetivos, por que é que a ameaça pouco provável dos chamados “problemas de saúde” deveria nos impedir de seguir os nossos? Deus ficará do lado de suas filhas que estiverem dispostas a servi-lo.

Medo da Explosão Populacional

Depois dos temores médicos, o próximo temor na fila é o medo da explosão populacional. Estão querendo jogar a culpa da explosão populacional nas esposas que trabalham em seus próprios lares. Estão querendo culpar as mães de famílias grandes pelos problemas do mundo. Conforme explicam duas feministas evangélicas:

“Houve época em que o marido e a esposa eram considerados egoístas se não escolhessem ter filhos. Agora, é comum ouvir esses casais sendo elogiados. Hoje os classificados como egoístas são os casais que insistem em ter vários filhos, agravando assim os problemas da sociedade por causa das pressões do

crescimento populacional. Trazer filhos ao mundo agora é visto como luxo em vez de dever ou necessidade... Há o temor de que, em nosso planeta de recursos limitados, a chegada de muitos bebês aumentaria demais a população, o que poderia prejudicar seriamente a qualidade da vida humana” (82).

A explosão populacional é a grande desculpa que as feministas usam para não ter filhos. Mais do que isso, é uma frase de propaganda usada para perseguir as mulheres que não estão cedendo ao estilo de vida feminista. O termo explosão populacional transforma um casal que está sacrificando seu tempo, dinheiro e energia por amor aos filhos em pessoas “egoístas” que estão “agravando os problemas da sociedade”.

Façamos uma pergunta para nós mesmas: *De onde está vindo toda essa agitação com relação à explosão populacional?* Está vindo da Bíblia? Não. É interessante que a Bíblia não fale nada sobre os perigos de uma explosão populacional. Aliás, a Bíblia não toma absolutamente nenhuma providência para limitar o tamanho da família. Mas há passagens que ordenam que *os filhos de Deus tenham filhos*.

Tanto antes como depois do Dilúvio, Deus mandou que os casais **“fossem férteis, se multiplicassem e enchessem a terra”**. (Gênesis 1.28;9.1) Deus chama esse aumento populacional de **“bênção”**.

Em Êxodo 23.26, Deus prometeu aos israelitas que, se eles fossem obedientes, nenhuma de suas mulheres sofreria aborto espontâneo e nenhum casal sofreria esterilidade. Isso também é chamado de **“bênção”**.

Em Deuteronômio 28.11, Deus prometeu aos israelitas que, se eles Lhe obedecessem, Ele lhes concederia grande aumento no número de filhos, gado e colheitas. (Tenha em mente que Israel ocupa uma área muito pequena, um pouco menor do que o pequeno Estado de Sergipe. Deus estava lhes prometendo uma explosão populacional numa área limitada com recursos limitados).

Contudo, Deus também avisou os israelitas que estavam se rebelando contra Ele que, embora eles estivessem constantemente se entregando aos prazeres do sexo ilícito, o número de bebês não aumentaria. Já que filhos são uma bênção, e já que Deus estava irado com esses israelitas rebeldes, o aumento da atividade sexual deles não levaria automaticamente a um aumento da população.

Na era do Novo Testamento em que estamos, Deus orienta as esposas a **“ter filhos, administrar suas casas e não dar ao inimigo nenhum motivo para maledicência”**. (1 Timóteo 5.14). (Embora essa passagem

seja inicialmente dirigida às viúvas, por causa da orientação de que elas devem se casar, o resto das instruções de Deus se aplica igualmente a todas as esposas jovens).

Assim, em todas as eras do povo de Deus — tanto no Antigo quanto em o Novo Testamento — os homens e as mulheres de fé tinham tantos filhos quantos Deus lhes dava e se alegravam em sua fertilidade quando Deus os abençoava com filhos.

Entretanto, sem que os escritores da Bíblia viessem a ter conhecimento disso, hoje estamos entrando em outra era — a era da explosão populacional. Os sociólogos descobriram que a terra agora está cheia o suficiente. Aliás, eles dizem que a terra está cheia *demais*.

Segundo a suposição de alguns, os cristãos tinham de obedecer aos mandamentos de Deus de serem férteis e se multiplicarem só até certo ponto. Quando a população da terra alcançasse certo número de habitantes, então subitamente o dever do cristão mudava de ter filhos para não ter filhos. Ninguém sabe exatamente quando ocorreu esse momento, mas vemo-nos diante dos fatos. A terra está, sem dúvida alguma, com gente demais.

Mas será que está mesmo?

Os fanáticos da explosão populacional crêem nas teorias desacreditadas de Thomas Robert Malthus, clérigo inglês do século XVIII. Ele ensinava que as pessoas sempre viviam à beira da fome e que aumentar o abastecimento de alimento só produziria mais pessoas, que então passariam fome por falta de comida. Essa teoria fornece a principal justificativa para a ética do controle da natalidade e do aborto legal. Conforme escreveu em 1795 o francês Marquês de Sade, um entendido nesse tipo de ética:

“O governo sempre será pobre, se sua população ultrapassar seus meios de subsistência... É injusto terminar abruptamente os dias de uma pessoa bem formada. Mas não é injusto, por exemplo, impedir a chegada ao mundo de um ser que certamente lhe será inútil... Ninguém então tem maior direito de matar os

filhos do que aquela que os leva no útero” (83).

Mas Kenneth Mitzner, fundador de uma entidade que defende os bebês contra o aborto legal, pergunta: “Alguém realmente acredita que a França estava tendo uma explosão populacional em 1795? Alguém realmente acredita que o Marquês de Sade [cujo nome deu origem à

palavra “sadismo”] fez essas declarações movido por preocupações humanitárias com o bem-estar da humanidade?” (84).

O principal problema com relação às teorias de Malthus, sem levar em consideração seus objetivos e egoístas e idéias a favor do aborto, *é que jamais funcionaram* (85). De acordo com a teoria malthusiana, os Estados Unidos já eram para estarem destruídos pela fome. Contudo, séculos de saudável crescimento populacional nos trouxeram não desastre, mas um padrão de vida *melhor*. Quando é aplicada a outros países e outros séculos, a teoria malthusiana sempre falha. A História a desmente. Como diz a Bíblia: **“Uma grande população é a glória do rei, mas, sem súditos, o príncipe está arruinado”** (Provérbios 14.28).

Não é só a História que refuta a teoria idolatrada da explosão populacional; a ciência também. Há vários livros de alto nível acadêmico que desmascaram completamente as suposições que servem de base para a “crise da explosão populacional”.

No entanto, você não precisa ficar folheando grossos livros para descobrir os fatos científicos sobre essa questão. A prova de que o aumento populacional não é uma crise, e nem mesmo um problema, pode ser resumida num artigo publicado na revista *Intellect*. Aliás, vou simplesmente transcrever esse artigo, que é intitulado “A Ameaça da Explosão Populacional: Uma Análise dos Fatos”, escrito por Jacqueline R. Kasun, professora de economia na Universidade Estadual Humboldt, na Califórnia:

“Ansley J. Coale, diretor do Departamento de Pesquisa Populacional na Universidade Princeton, declara: ‘Vários países que comumente são classificados como altamente desenvolvidos têm uma taxa de nascimento abaixo do nível de substituição... *Mas, comparando com muitos outros países, tanto a densidade populacional como a taxa de crescimento são relativamente baixas os Brasil. Há aproximadamente 19 pessoas por quilômetro quadrado no Brasil. Em comparação, há 230 pessoas por quilômetro quadrado a Alemanha e 383 na Holanda. Portanto, não há nenhuma explosão populacional no Brasil...*’ (86).

Nessa questão do potencial de aumento mundial de alimento, muitos estudos importantes chegaram a uma conclusão comum, que não apóia o ponto de vista de que a fome em massa é iminente. A conclusão é que há um *potencial muito grande, ainda não utilizado, para a produção mundial de alimento*. Por exemplo, a Universidade da Califórnia publicou os resultados de uma importante pesquisa sobre os recursos mundiais de alimento que mostrava que *o mundo atualmente usa menos que a metade*

de sua terra cultivável disponível... Colin Clark, ex-diretor do Instituto de Economia Agrária da Universidade de Oxford e conhecido autor de livros sobre questões de população e recursos, classificou os tipos de terra mundiais por sua capacidade de produção de alimento e constatou que, se todos os agricultores usassem os melhores métodos de hoje, poderia-se produzir alimento suficiente para fornecer um prato diário de comida, conforme a típica comida americana, *para no mínimo 35 bilhões de pessoas, quase 6 vezes a população mundial em 1997!* (87).

Mas esses elevados níveis de produção de alimentos não exigiriam o plantio de todo centímetro de espaço de terra que há. O método de Clark permitia que quase metade da área da terra permanecesse como área de conservação... Não há nenhuma escassez de fertilizantes, água de irrigação ou energia ameaçando a produção mundial de alimentos, na opinião de Clark e dos pesquisadores da Universidade da Califórnia... Nas décadas recentes, tem havido previsões periódicas do esgotamento iminente de todos os tipos de energia e metais básicos, mas os fatos não apoiam essas previsões. É um princípio químico conhecido que nada “se gasta” — as matérias simplesmente se transformam, adquirindo outras formas... Dois importantes estudos econômicos sobre a disponibilidade de metais básicos e combustíveis não encontraram indicações de aumento de escassez no período entre 1870 e 1972...

No que se refere aos metais, eles existem em quantidades tremendas nas concentrações mais baixas da Terra. Barry Commoner, professor de Fisiologia de Plantas na Universidade de Washington, em St. Louis, e diretor do Centro de Biologia dos Sistemas Naturais, explica que os danos ambientais que vemos nas modernas sociedades industriais são consequência não do crescimento populacional, mas principalmente dos meios tecnológicos altamente poluentes que foram adotados.

Os meios tecnológicos poluentes responsáveis pelos danos. O fato de que as organizações que são contra o crescimento populacional estejam recebendo grande assistência financeira de importantes indivíduos ligados a indústrias bastante poluentes mostra que o pânico da explosão populacional está sendo usado para desviar os ambientalistas sinceros de atacar as verdadeiras raízes da poluição... Apesar das grandes concentrações humanas próximas dos litorais urbanizados, a maior parte do nosso planeta ainda está vazia. Conforme mostra o biólogo Francis Felice: ‘Poderíamos colocar a população mundial inteira no Estado do Texas [que é a metade do nosso Estado do Pará] e cada homem, mulher e criança poderia receber um terreno consideravelmente grande e todo o resto do planeta Terra ficaria vazio’.

O motivo porque nos sentimos tão aglomerados em nosso ambiente moderno é que não estamos usando o espaço com eficiência, principalmente em nossos sistemas de transportes... A solução mais simples seria, em vez de usarem automóveis particulares, as pessoas se locomoverem de ônibus, trens ou a pé. Isso reduziria os congestionamentos e a poluição do ar urbano em 90%.

Em conclusão, deve-se ter em atenção que os filhos não são só consumidores dos recursos sociais. Os filhos não diminuem, mas (assim como os bens materiais) aumentam o bem-estar de quem os tem, e eles criam bem menos problemas ambientais do que os veículos onipresentes das tão chamadas sociedades ‘avançadas’... Portanto... a chamada ‘crise da explosão populacional’ é realmente um mito e desculpa, não um fato... (88).

Não existe explosão populacional. *O que existe é incredulidade.* O único motivo por que muitas pessoas se tornam uma maldição para si mesmas e para os outros é que elas não creem no Senhor Jesus Cristo. *Embora Deus queira que os justos se multipliquem, a vontade dEle é que os maus não deixem descendentes (Salmo 37.28b,38).* (Nessa perspectiva, pode-se dizer que o planejamento familiar, principalmente a esterilização, cumpre perfeitamente o propósito de Deus para os maus. Além disso, eles próprios adoram o controle da natalidade (89). A Palavra de Deus faz uma diferença vital entre os filhos dos justos (dos quais nunca há o suficiente) e os filhos dos maus (dos quais há sempre demais). Os filhos dos justos são abençoados (Salmo 37.26). O homem que teme ao Senhor e tem prazer em Seus mandamentos terá filhos que serão **“poderosos na terra”** (Salmo 112.2). **“Como são felizes os seus filhos!”** (Provérbios 20.7). Por outro lado, os filhos dos maus estão debaixo de maldições (Salmo 109.10-13; 37.28).

Hoje os que estão longe de Deus não querem ter filhos — não muitos, com certeza. Em termos bíblicos, isso bem poderia ser a prova de que eles estão debaixo da maldição de Deus. Mas só porque *eles* não querem ou não podem criar uma nova geração para continuar o que *eles* fazem não é motivo algum para deixarmos de criar uma nova geração para continuar o que estamos fazendo.

Medo de Ter Muitos Filhos

Os alarmistas da explosão populacional vêm convencendo a maioria de nós de que sem o controle da natalidade as pessoas se reproduzem

como coelhos. Se não fosse o planejamento familiar, assim dizem eles, pipocaria um bebê por ano. Os casais, horrorizados só de pensar em vinte ou trinta filhos, vão correndo para as farmácias atrás de pílulas anticoncepcionais.

Mas Deus não concede Suas bênçãos com tanta facilidade assim. Nos tempos da Bíblia, quando ninguém usava o controle da natalidade (exceto Onã), Sara teve só um filho. Raquel teve dois. Rebeca teve dois. A esposa de Zebedeu teve só dois filhos (se tivesse mais, pode apostar que ela tentaria conseguir um lugar especial para eles também no Reino de Cristo!). Noé só teve três filhos — e ele viveu 950 anos!

Pare um pouco para examinar as genealogias da Bíblia e você verá que as famílias realmente grandes são a exceção, não a regra. Embora os casais na Bíblia não usassem o controle da natalidade, nem por isso eles podiam garantir que teriam muitos bebês, pois é Deus quem escolhe as bênçãos que Ele quer dar e as pessoas a quem Ele quer dar. É preciso muito mais do que só desejar ter filhos para que uma nação ou família receba a bênção de Deus.

O Senhor dificilmente manda vinte filhos para um casal cristão. E se Ele lhe desse vinte filhos, não só o processo levaria um bom longo tempo, durante o qual os mais velhos cresceriam e partiriam, mas o Senhor também supriria tudo o que você precisaria para criá-los. Como diz minha avó húngara: “O Senhor não nos dá um cordeirinho sem nos dar um pasto para alimentá-lo”. E minha mãe diz: “Cada filho que temos nos deixa mais fortes”. Tudo isso é verdade.

Medo de Perseguição

Não precisamos ter medo de que nos reproduziremos como coelhas. Deveríamos ter medo, isso sim, dos fanáticos da explosão populacional, pois eles estão tentando obter poder político para perseguir os pais de famílias grandes. Enquanto isso, eles estão usando todos os meios à disposição para espalhar a mensagem de que as famílias grandes são uma vergonha.

Numa vizinhança em que morávamos, as pessoas de algum modo não tinham se deixado infectar pela atitude anticriança de nossa época. Quando saía para andar com nossos três filhinhos, todos diziam: “Que bonitinhos!” Mas há muitas vizinhanças suburbanas, ou zonas de cidades opulentas, onde uma mãe *sentiria vergonha* de ser vista em público com mais que dois filhos.

Pode-se encontrar uma atitude anticriança até mesmo na ala da maternidade! Depois que uma mulher dá à luz seu terceiro ou quarto filho, é prática comum em muitos hospitais as enfermeiras a incentivarem a fazer uma laqueadura nas trompas antes de ela deixar o hospital com seu bebê recém-nascido.

Minha amiga Lesesne, que agora é mãe de cinco, contou-me sua experiência num hospital cujos funcionários tinham a mesma mentalidade dos fanáticos da explosão populacional. Quando ela teve seu primeiro nenê todos sorriram e a fizeram sentir-se bem em ser mãe. Quando teve seu segundo, as enfermeiras disseram: “Que gracinha! Agora você tem um menino e uma menina”. Quando ela teve o terceiro, as sobranceiras se levantaram: “Oh, você quer uma família *grande*”. Lesesne ouviu crianças chorando no andar de cima, e as enfermeiras gritando para elas: “Calem a boca, pirralhos!”. Quando ela descobriu que todos os médicos na ala feminina realizavam abortos, aí deu para entender tudo: *esses sujeitos não gostam de crianças!* Depois disso, ela nunca mais voltou a esse hospital. Agora ela só vai a médicos e hospitais pró-vida.

O bom senso nos recomenda não aceitar um médico que realiza abortos ou um hospital que os permite. Esperar que um médico aborteiro aplique medidas heroicas para salvar a vida de seu bebê, enquanto ele rotineiramente mata centenas de outros nenês, é loucura.

Se minha amiga Lesesne, que vive numa comunidade rural relativamente isolada, sofreu perseguição por ter nenês “demais”, e quanto a nós? Os alarmistas da explosão populacional estão determinados a tratar como “pecado” o papel das mães. Um importante fanático antibebê propôs com toda calma:

“Pode-se dizer que a reprodução exagerada (que é dar à luz mais que quatro filhos) é um crime pior do que a maioria dos crimes. Os governos precisam criar leis proibindo isso. Algumas autoridades sugerem levantar a idade mínima para o casamento, impor penalidades rigorosas para a gravidez ilegítima e aplicar

esterilização compulsória às mães após o quinto parto” (90).

É espantoso como os fanáticos da explosão populacional conseguem com muita calma falar sobre arrancar as nossas liberdades fundamentais. O motivo, conforme diz o famoso psicólogo Frederic Wertham, é que:

“As pessoas supérfluas, e principalmente seus pais, são consideradas como as reais culpadas [do problema da explosão populacional]. Por isso, elas devem ser castigadas. Embora elas tenham o

direito de existir, as leis devem tirar delas o direito de gerar filhos. Contudo, se alguém em posição de autoridade nos diz que não temos o direito de gerar filhos, faltará muito pouco para ele nos dizer que não temos o direito de viver” (91).

O Temor a Deus é o Mais Importante

Não vou dizer que numa época como a nossa, em que o mal é chamado de bem e o bem é chamado de mal, não seremos perseguidas por abraçar nosso papel de mãe com todo o coração. Mas como disse Jesus: **“Regozijem-se nesse dia e saltem de alegria, porque grande é a sua recompensa no céu. Pois assim os antepassados deles trataram os profetas”** (Lucas 6.22-23).

No entanto, não precisamos ficar andando de lá para cá nos encolhendo de medo por causa dos alarmistas da explosão populacional, ainda que sejamos tímidas. Pelo menos, não ainda. Eles falam muito, mas até agora nenhuma de suas novas e magníficas idéias foi transformada em lei. Por isso, agora é a hora de aproveitar ao máximo nossa oportunidade de gerar filhos para Cristo, enquanto as leis ainda não estão nos impedindo.

Não precisamos ter medo de virar mendigas ou coelhas. Não precisamos ter medo da escravidão, da morte, dos problemas de saúde e nem mesmo de perseguição. Como eu disse antes, alguns desses temores são até certo ponto legítimos, outros não. Mas todos eles, se assim posso dizer, estão debaixo de nossos pés como mulheres cristãs. Como declarou o profeta Isaías:

“O Senhor falou comigo com veemência, advertindo-me a não seguir o caminho desse povo. Ele disse: Não chamem conspiração a tudo o que esse povo chama conspiração; não temam aquilo que eles temem, nem se apavorem. O Senhor dos Exércitos é que vocês devem considerar santo, a Ele é que vocês devem temer, dEle é que vocês devem ter pavor. Para os dois reinos de Israel Ele será um santuário, mas também uma pedra de tropeço, uma rocha que faz cair. E para os habitantes de Jerusalém Ele será uma armadilha e um laço. Muitos deles tropeçarão, cairão e serão despedaçados, presos no laço e capturados” (Isaías 8.11-15).

Por que vacilar com relação ao que Deus ensina?

Vamos dizer com fé como Isaías: **“Aqui estou eu com os filhos que o Senhor me deu”** (Isaías 8.18). Só o Senhor é digno de nosso temor. Não os vizinhos maliciosos. Não os ativistas que não querem que tenhamos mais bebês. E, sem dúvida nenhuma, não os bebês.

.oOo.

Bibliografia:

(60) Bob Sheehan, “The Problem of Birth Control”, *Reformation Today*, novembro-janeiro de 1981, p. 22.

(61) Scanzoni, *Men, Woman and Change*, p. 377.

(62) *Ibidem*, p. 374.

(63) *Ibidem*, p. 377.

(64) *Ibidem*, p. 378.

(65) *Ibidem*, p. 393, 396, 397.

(66) Germain Grees, *Sex and Destiny: The Politics of Human Fertility* (New York: Harper & How, 1984), p. 185.

(67) *Ibidem*, p. 186.

(68) Esse texto da Revista *Veja* e o texto anterior em itálico são do tradutor.

(69) Elaine Mueller, “*The Pull: Beauty Aid or Medical Tragedy?*” in HLI Reports (HLI: Front Royal-EUA, agosto de 1999), p. 13. O texto em itálico pertence ao tradutor.

(70) Vários autores, *Infant Homicides Through Contraceptives* (Eternal Life: Bardstown-EUA, 1995), p. 3. O texto pertence ao tradutor.

(71) Vários autores, *Infant Homicides Through Contraceptives* (Eternal Life: Bardstown-EUA, p. 5. O texto pertence ao tradutor.

(72) Germaine Grees, *Sex and Destiny: The Politics of Human Fertility* (New York: Harper & How, 1984), p. 172.

(73) *Ibidem*, p. 173.

(74) Dr. Brian Clowes, *The Facts of Life* (Human Life International: Front Royal-EUA, 1997), p. 70-72. O Dr. Clowes mostra os três principais modos de ação das pílulas anticoncepcionais: **(1) Supressão da Ovulação:** Quando o sistema reprodutor da mulher está funcionando normalmente, o hipotálamo (a parte do cérebro que contém os centros vitais de regulação autonômica) controla a liberação do hormônio gonadotropina (GnRH), o qual envia um sinal para a glândula pituitária para secretar o hormônio luteinizante (LH) que, por sua vez, auxilia a ovulação e coordena a

liberação de estrogênio e progestina dos ovários. As pílulas anticoncepcionais que a mulher toma literalmente bloqueiam seu sistema reprodutor. As pílulas estimulam os ovários a manter um constante e alto nível de produção de estrogênio e/ou progestina, dependendo do tipo e da marca da pílula que está sendo usada. Assim, o organismo da mulher é “trapeçado” a agir como se ela estivesse continuamente grávida. O hipotálamo se ajusta a esse nível de secreção hormonal e acaba suspendendo a produção do GnRH. Portanto, a produção do hormônio luteinizante pela glândula pituitária também é inibida e a ovulação é cessada ou drasticamente diminuída. Nos meses em que a ovulação é suprimida, o modo de ação da pílula é anticoncepcional. **(2) Os Efeitos no Muco Cervical.** Os anticoncepcionais orais também causam alterações na consistência e na acidez do muco cervical, tornando mais difícil ao espermatozóide penetrar e manter-se vivo no colo do útero. Esse é o segundo efeito anticoncepcional. **(3) Os Efeitos no Endométrio.** O terceiro efeito dos anticoncepcionais orais no corpo feminino é causar certas alterações no endométrio (a parte interna do útero), dificultando ainda mais a implantação. Num ciclo em que a ovulação não é impedida e a fertilização ocorre, a pílula causa um “aborto silencioso” (p. 70). O texto em itálico pertence ao tradutor.

(75) Livreto preparado por Julio Severo.

(76) *Idem.* O destaque e o artigo inteiro pertencem ao tradutor.

(77) Dr. Brian Clowes, *The Facts of Life* (Human Life International: Front Royal-EUA, 1997), p. 78-81, 84-85. O texto em itálico pertence ao tradutor.

(78) Germain Greer, *Sex and Destiny: The Politics of Human Fertility* (New York: Harper & How, 1984), p. 193, 194, 204. O DIU (que significa Dispositivo Intra-Uterino) impede a gravidez intra-uterina, e só a gravidez intra-uterina, transformando o ambiente favorável para o blastócito [o óvulo fertilizado] num “esgoto tóxico”... O fato de que “se for inserido depois de um coito desprotegido, o DIU impeça a gravidez de ocorrer”, ou, traduzido no jargão do planejamento familiar, “impeça a gravidez de continuar” ou “impeça a implantação”, é prova clara de que o DIU não impede a concepção. A inserção do DIU como forma de causar aborto bem no comecinho da gravidez é agora uma prática rotineira na Clínica Memorial Marie Stopes e nas clínicas dos Serviços de Aconselhamento para as Grávidas, de Londres... Uma coisa é certa: o DIU impede a implantação, não a concepção. Veja também Dr. Brian Clowes, *The Facts of Life* (Human Life International: Front Royal-EUA, 1997), p. 76.

(79) Dr. Brian Clowes, *The Facts of Life* (Human Life International: Front Royal-EUA, 1997), p. 77. O texto inteiro pertence ao tradutor.

(80) O texto em itálico pertence ao tradutor e foi baseado no livro do Dr. Brian Clowes, *The Facts of Life* (HLI: Front Royal-EUA, 1997), p. 77.

(81) *Ibidem*, p. 128-143, 149-151).

(82) Scanzoni e Hardesty, *All We're Meant to Be*, p. 138.

(83) James Weber, *Grow or Die!* (New Rochelle, NY: Arlington House Publishers, 1977), p. 184).

(84) *Ibidem*.

(85) *Ibidem*, p. 15-149, principalmente as p. 15, 16.

(86) Esse texto em itálico foi adaptado e atualizado pelo tradutor.

(87) Esse texto em itálico foi adaptado e atualizado pelo tradutor.

(88) *Ibidem*, p. 412-414.

(89) Esse texto em itálico pertence ao tradutor.

(90) *Ibidem*, p. 170.

(91) *Ibidem*, p. 183.

.oOo.

6

A Verdade Sobre o Planejamento Familiar

Amar nossos filhos significa não rejeitá-los. No entanto, se não estou enganada, a rejeição aos filhos é um elemento oculto muito importante por trás da tendência feminista de as esposas seguirem uma carreira profissional fora do lar. As mulheres declaram: “Não queremos ficar presas a uma casa e filhos!” Mais de uma vez, mulheres me disseram sem rodeios: “O motivo por que trabalho fora é que eu enlouqueceria se ficasse em casa o dia inteiro com as crianças”.

Não é coincidência os evangélicos que apoiam a entrada das esposas no mercado de trabalho lá fora também dizerem as coisas mais negativas sobre as crianças. Por exemplo, certa feminista evangélica, em seu livro de sociologia sobre a família, fez uma lista dos gastos que os filhos dão e

elogiou um estilo de vida sem filhos. Ela mostra, entre outras coisas, o que significa ter filhos:

“Ter bebês é só uma questão de tapeação da natureza, onde as pessoas são transportadas pelo êxtase do prazer sexual só para serem rudemente despertadas por uma amolante, chorona e exigente criança que nasce para zombar dos amantes com uma atitude de: “Ahá! Pensavam que só estavam se divertindo, mas vejam o que conseguiram em vez disso — eu!” (92).

Para essa feminista evangélica, os bebês só choram e amolam. Além disso, eles são capazes de arruinar a carreira profissional da mãe. Longe de amar nossos filhos, o feminismo tenta nos fazer odiá-los como o principal obstáculo para a nossa total liberação, e devemos tratá-los sem piedade. Devemos lutar contra eles e repeli-los antes que eles consigam invadir as nossas vidas. É por isso que em todos os países o feminismo defende “os direitos reprodutivos”.

Um documento do governo brasileiro diz:

“Os direitos reprodutivos constituem um direito humano fundamental e as mulheres devem ter acesso à mais ampla variedade de métodos contraceptivos... assim como lhes deve ser assegurada a maternidade como direito e como opção” (93).

Esse mesmo documento mostra o que significa o termo direitos reprodutivos:

“O movimento feminista se preocupa muito com a questão do aborto e a forma em que se verifica no Brasil. Embora o aborto seja ilegal no Brasil, exceto em casos muito especiais... o movimento feminista defende a sua legalização como uma das conquistas mais importantes para o livre exercício dos direitos reprodutivos” (94).

Já que as feministas acham que a legalização do aborto resolverá muitos problemas na sociedade brasileira, vamos ver o que aconteceu quando o aborto foi legalizado na sociedade americana.

O Sangue dos Filhos

O aborto deliberado é a rejeição máxima de um bebê. Nos abortos que são realizados legalmente em hospitais e clínicas dos EUA, os bebês são cortados em pedaços, dilacerados por sucção, envenenados, etc. Às vezes,

eles são removidos vivos da barriga da mãe, mas, mesmo assim, são mortos de modo doloroso e demorado. É dessa forma que os “bondosos” médicos estão querendo ajudar as mães a realizar suas ambições no mercado de trabalho. Durante tudo isso, *os bebês sentem dor*.

Mas o que acontece durante o aborto é só metade da história. Por causa da venda dos corpos desses pobres bebês mutilados para serem usados em pesquisas ou em cosméticos, os abortos agora são tremendamente lucrativos. Como diz a Dra. Olga Fairfax:

“Já que são feitos 1 milhão e meio de abortos legais todos os anos nos EUA, há abundante fonte de fetos para uso comercial. Os empresários e os médicos lucram de três formas: (1) Os procedimentos médicos do aborto legal (avaliados em meio bilhão de dólares por ano pela revista *Fortune*). (2) A venda dos corpos dos bebês abortados. (3) Os cosméticos que as ingênuas consumidoras compram” (95).

Antes que os médicos aborteiros compreendessem que podiam ganhar muito dinheiro com os corpos dos bebês, as crianças abortadas eram tratadas como lixo. Uma clínica de abortos na cidade de Richmond enchia sua comprida caixa de lixo com sacos plásticos contendo os restos de dezenas de bebês abortados...

Certa mãe conta o que viu:

“Cães famintos apareciam e arrastavam os sacos. As brigas de cães eram frequentes e era comum o conteúdo dos sacos se espalhar pelas ruas até que os cães separassem a gaze e os pedaços de pano e devorassem a placenta, os ossos e a carne dos bebês” (96).

Não é particularmente agradável vermos notícias de cães de cidade sendo treinados para apreciar o sabor da carne humana. Pior ainda, porém, é o gosto pela tortura humana que respeitadores homens da medicina estão cultivando:

O Dr. Robert Schwartz, chefe de pediatria no Hospital Metropolitano de Cleveland, declarou que:

“Logo que o bebê nasce, enquanto ainda está unido à sua mãe pelo cordão umbilical, eu tomo uma amostra de sangue, corto o cordão e então, tão rápido quanto possível, *retiro os órgãos e os tecidos da criança*” [o destaque é meu].

“Uma verba de 6 milhões de dólares do Instituto Nacional de Saúde do governo dos EUA possibilitou que um bebê vivo (entre muitos outros, num

experimento feito na Finlândia) fosse cortado e aberto sem anestesia a fim de lhe retirar o fígado. O pesquisador encarregado disse que o bebê estava completamente formado e ‘estava até secretando urina’. Ele afirmou que não havia nenhuma necessidade de anestesia, pois bebês abortados vivos são só lixo” (97).

E ainda há mais...

“O procurador geral do Estado de Connecticut apresentou ao Supremo Tribunal dos EUA denúncia de que um médico disseccionou sem anestesia um bebê vivo. O jornal *Washington Post* também denunciou que um médico chefe de pediatria de Nova Iorque faz experiências ‘injetando substâncias químicas radioativas no cordão umbilical de fetos... Enquanto o coração deles ainda está batendo, ele lhes retira o cérebro, os pulmões, o fígado e os rins para estudos... E uma revista médica denunciou experimentos realizados em fetos nascidos vivos [isto é, bebês vivos] que foram decapitados [isto é, suas cabeças foram decepadas] a fim de que suas cabeças fossem usadas para estudos...” (98).

Não deixe que essa linguagem médica de alto nível engane você. Depois que o aborto foi legalizado nos EUA, médicos americanos começaram a realizar experimentos cortando a cabeça de bebês e mantendo-as *vivas* durante meses. Eles também começaram a torturar bebês retirando-lhes os órgãos ou cortando-os em pedaços, enquanto eles ainda estavam *vivos* e podiam *sentir dor*.

“E as atrocidades continuam. Médicos americanos e europeus já aceitam a possibilidade de considerar as crianças em gestação como convenientes fontes de órgãos para transplante e para tratamento de certas doenças. Será que nossos irmãos e irmãs que ainda não saíram da barriga de suas mães vão se tornar fontes de “peças sobressalentes” para uso da medicina? Preste atenção no modo como os apresentadores de noticiários estão preparando o caminho para isso — eles já estão apelando e dizendo que há uma grande necessidade de órgãos para transplante...” (99).

O uso de bebês vivos para “tratamento” médico não é apenas teoria. Um engenheiro de 28 anos, que sofria de hemofilia, achava insuportável a vida numa máquina de diálise. Ele não podia ter um transplante de rins de um membro da família, já que ele havia sido adotado e não sabia quem

eram seus pais naturais. Então ele imaginou uma solução nova para o seu problema. “A esposa dele engravidaria e, depois de cinco ou seis meses, faria um aborto. Os rins de seu próprio filho pré-nascido seriam então transplantados para ele” (100). Sua ideia é digna de atenção não só porque o próprio pai tramou a morte do próprio filho, mas também porque chegamos ao ponto em que os meios de comunicação *respeitam* idéias desse tipo.

Bebês Também São Gente

Os indivíduos a favor do aborto legal levantam um nevoeiro espesso sobre seus atos nefastos, já que eles se negam a utilizar a palavra portuguesa apropriada para a pessoa que o aborto mata — “bebê”. Em vez de bebê, eles preferem dizer “embrião” ou “feto” (a verdade é que *feto* é uma palavra latina que significa *criança*).

Contudo, a Bíblia deixa claro que o bebê é um ser humano feito conforme a imagem de Deus desde o momento da concepção. Davi afirma que ele era. **“Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe.”** (Salmo 51.5). Ele não disse que se tornou Davi só depois de sair da barriga de sua mãe. Jeremias era Jeremias dentro do útero de sua mãe, onde Deus já o havia escolhido para profetizar contra um país bem parecido com o nosso (Jeremias 1.5).

A Bíblia descreve de modo maravilhoso e emocionante Deus nos formando dentro da barriga de nossas mães (Salmo 139.13). E em Provérbios 23.22, a suprema passagem pró-vida, Deus declara: **“Ouça o seu pai, que o gerou...”** Deus não diz: “Sua *mãe*, que o gerou”, mas “seu *pai*”. Os bebês não são propriedade exclusiva de suas mães, e elas não são Deus para ter total poder sobre eles. Desde o momento da concepção (que é a única ocasião em que o pai tem envolvimento direto na criação de um bebê) o bebê recebe vida de Deus.

A decisão jurídica de 1973, que legalizou o aborto nos EUA, foi não só um pecado contra todas as crianças americanas em gestação, tornando-as escravas absolutas de suas mães, mas foi também um pecado contra todos os pais americanos, destituindo-lhes o direito que Deus lhes deu de proteger e criar os próprios filhos.

Portanto, sabemos que a Bíblia diz que um bebê é uma pessoa desde o momento da concepção. É nesse ponto que muitos cometem um grande erro. As pessoas que defendem a vida humana contra o aborto e a eutanásia supõem que o motivo porque as mulheres recorrem ao aborto é

que elas não compreendem que a criança que elas estão matando é uma pessoa de verdade. Bem, os que acreditavam nisso estão errados.

Num debate sobre o aborto legal na Faculdade de Direito Emory, na cidade de Atlanta, muitas estudantes expressaram a opinião de que a criança dentro do útero é uma vida humana, mas tirar essa vida é justificável se as razões sociais forem “elevadas o suficiente” (101).

E elas deram as seguintes razões “elevadas o suficiente” para uma mãe matar seu bebê:

“Proteger as adolescentes grávidas do sofrimento psicológico de dar à luz uma criança, ajudar as mulheres pobres que não têm condições de cuidar de modo adequado de um filho e impedir a vinda ao mundo de crianças ‘indesejadas’” (102).

Portanto, finalmente podemos ver claramente o verdadeiro motivo para a existência de leis que permitem o aborto deliberado. As mulheres estão dispostas a matar seus bebês porque *elas não os querem, e elas não se importam se o “feto” é um bebê vivo ou não*. Elas têm suas próprias ambições, que elas chamam pelo suave termo de “elevadas razões sociais”. Uma dessas ambições é passar pela Faculdade de Direito sem ter filhos.

De acordo com a filosofia feminista, a mulher é o centro de todas as coisas. Já que ela se considera deusa, ela acha que tem o direito de matar e dar vida e que não tem de prestar contas a ninguém a não ser a si mesma. Ela pode ou não compreender a magnitude do crime de destruir a vida de seu próprio bebê, mas, em primeiro lugar, suas ações não são baseadas no respeito a nenhuma outra pessoa.

Então o pecado principal por trás dos 1 milhão e meio de abortos que são legalmente realizados nos EUA todos os anos é o egoísmo. E as primeiras pessoas a confessarem isso são as mulheres que, antes de se converterem, fizeram aborto. Elas sabem que não abortaram por elevados motivos filosóficos, mas para servir seus próprios desejos egoístas. Elas não queriam perguntar: “Há mesmo um bebê se desenvolvendo dentro de mim?” Em alguns casos elas sabiam que era um bebê, e em outros elas fizeram tudo para evitar descobrir esse fato. Entretanto, mesmo nos casos em que uma cristã nova convertida não sabia, antes de ser salva, que seu “feto” era um bebê, ela sabe que fez aborto não por amor inocente, mas por egoísmo. Ela ficava pensando: “O que será melhor para mim?” Ela foi responsável por seu pecado.

Devemos dar graças a Deus, porque até mesmo o horrível pecado do aborto pode ser perdoado, e a mulher que dele se arrepende e crê em Cristo torna-se sua e minha irmã tanto quanto qualquer outra cristã.

Contudo, há uma pergunta profunda que precisa ser feita e respondida: Por que tantas mulheres americanas recorrem ao aborto? Qual é a causa dos milhões de abortos realizados legalmente nos EUA?

Ray Joseph, redator da revista *Christian Statesman*, expressa isso com muito sentimento:

“Eu estava acompanhando um conferencista pró-vida a uma reunião na cidade de Pittsburgh... Reunimo-nos com um pequeno grupo de evangélicos, os quais se achavam na posição estranhamente incômoda de serem considerados obstáculos e antiquados pela sociedade. Quando o aborto foi legalizado pelo mais elevado tribunal dos EUA, esses poucos crentes dedicados se sentiram perplexos e desnorteados ao ver com os próprios olhos o começo do derramamento de sangue nos abortos que agora estavam sendo realizados...

O conferencista pró-vida disse: ‘A sociedade americana de hoje mudou suas convicções’. Mudou mesmo. E por que razão isso aconteceu?

As igrejas evangélicas costumavam ser a influência mais importante dentro da sociedade americana. Mas hoje elas se tornaram quase que impotentes. O que foi que aconteceu? Que tipo de mentalidade, que tipo de ensinamento é responsável por essa enorme mudança que tornou impotentes as igrejas que antes eram importantes? Onde foi que os evangélicos americanos

erraram?” (103).

Tentaremos agora dar uma resposta a essas perguntas.

Onde Está a Causa?

Creio que o motivo porque os cristãos americanos não conseguiram até agora derrubar as leis que permitem o aborto nos EUA é porque eles ainda não entenderam e confessaram que tiveram *parte na legalização desse crime*. Normalmente, os cristãos entendem o aborto assim: “O problema principal com relação ao aborto é a questão da vida humana. Mas os indivíduos e os grupos a favor do aborto creem que o feto não é um ser humano” (104). Contudo, como já vimos, todo o mundo sabe que os “fetos” são humanos. Aliás, estão fazendo todos os tipos de campanha para que haja mais experiências científicas e transplantes de órgãos desses pobres nenenzinhos, justamente porque eles são humanos.

Entretanto, as mulheres continuam fazendo abortos. E os médicos aborteiros profissionais também não se têm arrependido de seu lucrativo negócio de meio bilhão de dólares por ano só porque a exposição diária ao que eles chamam de “produtos da concepção” prova conclusivamente que aquilo que eles estão tocando com as próprias mãos são realmente cabeças, mãos, pés e dedos de um ser humano.

Agora que os cristãos americanos fiéis à Bíblia estão começando a ver a monstruosidade do aborto legal, será que isso é suficiente para acabar com esse crime e torná-lo ilegal de novo? Embora seja uma prática protegida por lei nos EUA, isso significa que *inevitavelmente* mais e mais mulheres vão recorrer ao aborto? A resposta a essas perguntas é *não*. Então, algo deve estar errado com o modo como estamos reagindo à questão do aborto.

Normalmente, os cristãos fiéis à Bíblia reagem do jeito que o Rev. Dean Smith esboçou num artigo intitulado “Aborto: Fazendo Justiça e Pregando Paz”.

“Como nós cristãos vamos reagir à questão do aborto? Primeiro, fazendo justiça.”

Ele pede que reconheçamos a nossa responsabilidade de proteger os fracos e inocentes. Ele nos chama para desafiar a terminologia abortista mentirosa, para empregarmos ações políticas e para lutarmos para que os homens assumam a sua responsabilidade para com os seus filhos.

“Segundo, pregando graça... apelando para que as pessoas se arrependam do pecado.”

Tudo bem até o momento.

“Pregar graça e bondade significa oferecer alternativas compassivas às mulheres que estão passando por uma gravidez difícil. Será que estamos dispostos a oferecer uma atmosfera encorajadora e hospitaleira para as mães solteiras?... Quantas mulheres de igrejas cristãs têm feito aborto em vez de se apresentarem na igreja como mães solteiras? A mãe solteira pode precisar de um lugar para morar. Por isso, como indivíduos e comunidade, devemos estar prontos para oferecer hospitalidade, ajuda financeira e outros tipos de assistência... Uma mãe pode precisar trabalhar fora. Por isso, as igrejas precisarão providenciar creches... O que Deus quer que você faça em resposta a essa mensagem? Primeiro, Ele quer que você se envolva. Ele quer que você ore pela causa da defesa da vida. E Ele quer que você sustente com suas orações e recursos financeiros as organizações cristãs que defendem a vida humana contra o aborto e a eutanásia.

Escreva para os senadores, deputados federais e estaduais, vereadores...” (105).

A resposta cristã típica, que esse artigo expressa, é que os nossos pecados são (1) falta de envolvimento político e (2) falta de acolhimento às mães solteiras. Isso não está correto. Assim como nem todo o mundo foi chamado para ser pastor, assim também nem todos foram chamados para ser políticos ou lobistas. Além disso, não temos a *obrigação* de providenciar dinheiro, um lar, uma creche e um emprego (sem mencionar as tentações a esse estilo de vida feminista de seguir uma carreira profissional fora do lar) para todas as mães solteiras. Devemos ter misericórdia? Sim, das pecadoras *arrepentidas*. Devemos ter compaixão? Sim, das que *pedem ajuda*.

É claro que precisamos nos arrepender de nossos pecados diante de Deus. Mas precisamos entender que nosso forte posicionamento evangélico contra as relações sexuais antes do casamento não é pecado. Nossa ingenuidade política também não é pecado. Se existem leis a favor do aborto, não é simplesmente porque não sabemos nos envolver na área política para combatê-las.

As igrejas americanas não estão conseguindo combater eficazmente as leis que permitem o aborto e não estão sendo mais uma importante influência na sociedade americana por causa do *egoísmo*, a *falta de amor* e a *indisposição de ver os filhos como bênçãos absolutas*. Em resumo, elas estão sendo sal inútil e sem sabor por causa do *controle da natalidade*.

Criando Uma Geração Indesejada

O assassinato começa no coração, conforme nos faz lembrar Cristo (Mateus 15.19). O aborto deliberado é antes de mais nada uma *atitude do coração*: “Eu em primeiro lugar”, “Minha carreira profissional primeiro”, “Minha reputação em primeiro lugar”, “Meu conforto primeiro”, “Meus planos financeiros em primeiro lugar”.

E essas *mesmas escolhas* são a essência *exata* do controle da natalidade, que é aceito em muitas igrejas de hoje.

As mulheres, até mesmo as evangélicas, abortam seus bebês por dois motivos: *egoísmo* e *miopia espiritual com relação ao valor dos filhos*. O segundo motivo é a causa mais importante, pois nenhuma quantidade de egoísmo faria uma mulher se privar de algo que ela acredita ser uma bênção. Mas como é que elas acreditarão no valor dos filhos se as igrejas

não lhes pregarem essa mensagem? As igrejas cristãs em todas as épocas sempre pregaram que a Palavra de Deus valoriza os filhos e a família grande como bênção. No entanto, ao apoiar o controle da natalidade para os casais cristãos, as igrejas modernas, sem perceberem, estão contradizendo essa mesma mensagem.

As esposas só poderiam se lançar totalmente numa carreira profissional fora do lar sem medo de “interrupções” (106) quando optassem decididamente por parar de ter filhos. Isso só se tornou verdadeiramente possível quando as igrejas resolveram aprovar as ideias feministas acerca do controle da natalidade e dos empregos fora de casa para as mulheres.

O fato mais importante é que, trabalhando fora, as esposas passaram a ter condições financeiras de se sustentar sozinhas. Então elas começaram a depender menos dos maridos, o que levou a tensões dentro do casamento, pois agora elas se sentiam mais livres para decidir o que quisessem sem se incomodar em consultá-los. Isso produziu certos efeitos. Epidemia de divórcios, aborto legalizado, abuso sexual contra as crianças, a popularidade do homossexualismo (com as mulheres tentando viver igual aos homens, quem é que não ficaria confuso?), assassinato de recém-nascidos, etc. Tudo porque os filhos não mais são considerados bênção.

Isso não é afirmar que as igrejas americanas são totalmente responsáveis pela legalização do aborto e pelo males sociais que inevitavelmente seguem seu rastro.

No entanto, muitos líderes evangélicos liberais *estavam* ligados a organizações que ajudaram a legalizar o aborto nos EUA. Mas as igrejas não conseguiram confrontar esses grupos, justamente porque não puderam se manter firmes na posição de que os filhos são bênção *absoluta*. Assim, sem quererem, as igrejas colaboraram com a esmagadora atitude anticriança que acabou levando ao aborto legal. E enquanto essa mentalidade anticriança estiver enraizada na sociedade e nas igrejas evangélicas, será muito difícil acabar com os 1 milhão e meio de abortos legais que ocorrem nos EUA anualmente.

Por isso, os cristãos têm a responsabilidade de parar de falar e agir como se filhos fossem obstáculos para as suas ambições profissionais, para o sexo recreativo, etc. Enquanto os cristãos mantiverem os mesmos estilos de vida de busca de prazer que o mundo (com isso mostrando que o que realmente importa para nós é o nosso próprio bem-estar material) nossa suposta preocupação em defender os bebês contra o aborto legal parecerá irracional ou hipócrita.

Só poderemos fazer um manifesto genuinamente profético e convincente com relação à questão do aborto quando vivermos vidas fiéis aos princípios da Bíblia acerca dos filhos. Aí então o mundo ao nosso redor dará atenção à nossa mensagem.

Os cristãos usam dois métodos para planejar suas famílias: (1) espaçamento e (2) limitação do tamanho da família. Esses métodos têm uma coisa em comum: *põem um limite na quantidade de bênçãos que o casal está disposto a aceitar*. Será que alguém poderia encontrar um só versículo na Bíblia que declare que os cristãos devem recusar as bênçãos de Deus? Filhos são bênção *absoluta*, de acordo com a Bíblia. Mas o único modo de o mundo algum dia chegar a saber disso é vendo os casais cristãos dispostos a ter e gozar famílias grandes.

Vamos examinar esses métodos um por um. A *limitação*, como método de planejamento familiar, separa o sexo da reprodução. Produz a mesma atitude mental dos casais que não querem nenhum filho já que, uma vez que se tenha alcançado o número desejado, há a mesma busca de esterilização e a mesma indisposição de conceber. A limitação cria nas esposas mais jovens atitudes contra uma vida dedicada ao papel de mãe, pois a mulher que já teve um ou dois filhos e não quer mais passa a ser vista como entendida pelas jovens que ainda não têm filhos. Elas acham que ela tem muita experiência, e elas próprias começam a ter receio de ser mãe de vários filhos. Elas dizem: “Isso é tudo o que queremos — só dois (ou quatro, ou um)”.

Quem fica desanimado com isso são os filhos e filhas que já nasceram, pois eles têm de ouvir os próprios pais explicarem como os filhos (querendo dizer *eles*) são um transtorno grande demais para se querer mais.

O *espaçamento* tem os mesmos efeitos que a limitação, por um rumo levemente diferente. O espaçamento é uma tentativa de usurpar a soberania de Deus formando a família com as próprias mãos. Mas será que nós temos a capacidade de saber quando uma combinação especial de genes produzirá o maior pregador de reavivamento que o mundo já viu, ou o maior músico, ou a mãe mais maravilhosa?

Ao rejeitarmos, mês após mês, nossas oportunidades para reprodução, não estamos só limitando o tamanho da nossa família mas também limitando as oportunidades de Deus *escolher os melhores filhos para nós*. É verdade que Deus pode anular as nossas tentativas de controle da natalidade. Mas Ele muito prefere cooperar conosco, e geralmente Ele não escolhe atordoar-nos atirando sobre nossas cabeças bênçãos que não desejamos.

O Salmo 127, que diz que os filhos são uma herança e recompensa do Senhor, também nos previne que **“se não for o Senhor o construtor da casa, será inútil trabalhar na construção”**. Em termos bíblicos, nossa “casa” é o nosso lar. Contudo, o mundo ao nosso redor, que não vive conforme os ensinamentos da Bíblia, constrói suas famílias conforme suas próprias ambições e conveniências. É por isso que o planejamento familiar é tão popular entre eles. Mas tudo isso tem consequências.

De acordo com o líder presbiteriano George Grant, foi Margaret Sanger, feminista americana adepta da teosofia e do espiritismo, quem inventou o termo “controle da natalidade” e fundou a maior organização mundial especializada nessa área, a Federação Internacional de Planejamento Familiar. Ela não só esteve por trás da invenção da pílula anticoncepcional, mas também por trás das primeiras campanhas para convencer os governos a fornecer o planejamento familiar através de seus serviços de saúde. Ela cria que a aceitação do planejamento familiar acabaria levando à realização de um de seus maiores sonhos para a total liberação das mulheres: a legalização do aborto. Para ela e seus amigos socialistas, o aborto deliberado nada mais era do que uma prática de controle da natalidade para libertar as mulheres de uma vida dedicada à família. Coincidência ou não, o aborto é legal e amplamente praticado hoje justamente nos países avançados que mais usam os métodos de planejamento familiar e onde as mulheres são mais liberadas! (106).

O aborto legal só recebeu apoio popular nos EUA *depois* que uma geração inteira foi sistematicamente educada a ver que, usando o controle da natalidade, os casais podem planejar os filhos de acordo com seus interesses pessoais. Logo que os casais americanos foram educados a ver os filhos como criaturas que eles próprios fazem, criaturas que eles podem planejar em suas vidas conforme decidam ou não, perdeu-se todo o respeito pela vida humana. É por isso que nos EUA o aborto é protegido por lei durante os nove meses de gravidez, até mesmo no próprio momento do parto! Uma coisa é ver filhos como presentes de Deus, os quais humildemente recebemos. Outra coisa é ver filhos como se fossem produtos fabricados por nós mesmas. Nós podemos fazer o que quisermos com o que nós mesmas fabricamos.

“Os filhos hoje existem somente para satisfazer os desejos de seus pais. Por isso, eles são excluídos de tudo o que os adultos fazem (inclusive o culto de adoração de domingo), colocados na

creche desde a infância e até abusados sexualmente dentro da própria família” (108).

Deus tenha misericórdia dos filhos da era do planejamento familiar: a geração pobre, abusada e indesejada.

A Família Desejada

Há uma opção que você pode escolher em vez de ficar tramando quantos bebês ter e quando tê-los. Pode ser resumida em duas palavrinhas: *confiança* e *obediência*. Se Deus deseja planejar a minha família para mim (e todos nós cristãos cremos que Deus nos ama e tem um plano maravilhoso para as nossas vidas), então por que é que eu deveria atrapalhar Seu plano com minhas ideias? Só Deus conhece o futuro. Só Ele sabe quanto dinheiro teremos no próximo ano, ou quando chegaremos à menopausa, ou quando Seu Reino terá extrema necessidade dos talentos específicos do meu filho ou filha que ainda conceberei. Por que não deixar que Ele dirija?

Naturalmente, os casais ficam imaginando o que acontecerá se eles lançarem suas pílulas anticoncepcionais descarga abaixo no vaso sanitário. Vamos, por trás dos bastidores, ver um casal que fez isso: Bill e eu.

Quando descobri que a Bíblia ensina que ter vários filhos é bênção, não maldição, eu tinha uma excelente carreira profissional e algumas noções vagas sobre fertilidade. Estava certa de que, se parasse de usar a pílula, eu ficaria grávida imediatamente.

Eu estava errada.

Por três longos anos absolutamente nada aconteceu. *Nada!* Isso não é raro. Os especialistas em fertilidade têm muitos clientes que triunfantemente decidiram conceber... e então descobriram que não podiam. Tentamos isso, aquilo, e tudo o mais. Nada funcionou. Finalmente cogitamos de realmente reconhecer que Deus estava no controle da situação e começamos a *orar* pedindo um bebê. Talvez você ria, mas a ideia de que começam a pipocar bebês automaticamente quando os casais não estão usando o controle da natalidade estava tão enraizada em nós dois que nunca havíamos pensado nisso como assunto para oração! Seis semanas depois descobri que estava grávida.

Nessa época a nossa situação financeira estava longe do ideal. Estávamos para entrar numa Faculdade de linguística no escaldante Estado de Oklahoma com apenas 200 dólares. Mas, entenda, nossas

circunstâncias na época da concepção não tinham nada a ver com nossa situação financeira na época do parto. Aliás, de acordo com a Bíblia, a situação financeira presente de *ninguém* é um sinal infalível da sua situação no ano seguinte, ou até mesmo amanhã (Tiago 4.13-16).

Deus cronometrou esse bebê para nos afastar de uma carreira missionária que hoje vemos não era o lugar para nós. Ele também foi fiel e supriu as nossas necessidades quando estávamos esperando um filho e estávamos sem um centavo e sem lugar para morar. Não tínhamos dinheiro algum; mas Deus nos deu um lugar para ficar e um emprego para meu marido Bill. Não tínhamos seguro médico; mas o plano médico do Bill foi mudado no último instante para cobrir minha gravidez pré-existente. (Isso foi um milagre, pois o empregador do Bill era o Estado de Nova Iorque e os chefões encarregados do seguro nem sabiam que existíamos!).

Desde então, Deus em Sua bondade, nos deu mais filhos. Todas as gravidezes que tive foram graças à oração. Mas nossos filhos nasceram em intervalos. Deus reservou nove meses de gravidez e um ano ou dois para que as mulheres amamentem seus nenês. Por isso, depois de conceber um bebê, a maioria das mulheres terá um tempo razoavelmente longo antes de poderem conceber outro. Nos países em que as mulheres não têm medo de conceber, a média de filhos por família a vida inteira é só cinco ou seis. Minha experiência com as famílias de minha vizinhança quando eu era criança comprova isso. Os Sullivans, com doze filhos, tinham de longe a maior família. (Eu poderia acrescentar que eles também tinham orgulho disso!). A maior parte das famílias tinha quatro ou sete filhos. Ninguém tinha vinte ou trinta.

Se você permitir que Deus planeje a sua família, ninguém poderá dizer exatamente qual será o plano dEle — exceto que a bênção de uma família extremamente grande é rara, como raras são todas as bênçãos especiais. Normalmente, você poderia esperar ter filhos em intervalos de dois a três anos, se você e seu marido não vierem a sofrer nenhum problema grave de saúde ou acidentes sérios que comprometam o sistema reprodutivo. Em tal caso, você teria só mais alguns filhos ou talvez nenhum.

Quando os filhos mais velhos ficarem crescidos, eles poderão ajudar a cuidar dos mais jovens e diminuir muito o seu trabalho de casa. Logo os mais velhos se casarão. Por isso, você não deve ficar supondo que terá dezenas de filhos dentro de casa de uma só vez, ainda que tenha uma família grande. Enquanto as outras mulheres estiverem experimentando os efeitos “agradáveis” do início da menopausa, você estará levando uma

vida serena e tranquila com sua aparência de jovem (embora talvez sem uma cintura de jovem!).

Enquanto as outras mulheres estiverem sofrendo pela ausência dos filhos em casa, com as crises da meia-idade e com todas aquelas outras doenças modernas que atacam as mulheres cujo papel de mãe só dura até os quarenta anos de idade, você ainda terá pequeninos que precisam de você. Quando suas forças começarem a diminuir, o caçula já estará crescido, e você será uma verdadeira especialista em como ser uma boa mãe, qualificada para dar sua inestimável ajuda na criação de seus netos e dos filhos das mulheres mais jovens da igreja.

Sei de um único caso onde um casal teve cinco filhos em seis anos. Por vários motivos a esposa não podia amamentar, e os filhos só foram aparecendo. No entanto, nesse caso se não tivessem tido filhos a intervalos tão curtos eles jamais chegariam a tê-los. A esposa ficou com câncer no útero após o nascimento de seu sexto bebê, e seu útero teve de ser retirado. Quando era menina na Polônia, ela quase morreu de fome, e sua infeliz experiência de subnutrição na infância e adolescência foi provavelmente a causa porque ela perdeu o útero em idade tão jovem.

É ridículo presumir que porque sou fértil hoje serei fértil amanhã. Não podemos supor que a nossa fertilidade vai durar para sempre. Creio que, quando formos mais realistas e começarmos a olhar para nossa fertilidade vendo-a como uma bênção frágil e especial que muita gente nunca terá e que todos vão acabar perdendo um dia, nós teremos um respeito mais elevado pelos bebês. Se pudéssemos realmente fabricar filhos a qualquer hora que quiséssemos, seria uma história diferente. Mas decidir com arrogância que podemos produzir um bebê a qualquer momento que quisermos, quando a concepção está além da nossa capacidade, é afrontar a realidade.

Se não desejo um bebê hoje, mas amanhã, talvez eu venha a descobrir quando chegar o amanhã que já perdi minha única chance.

Evangelismo Através da Reprodução

Às vezes, nós evangélicos não somos coerentes. Nós lutaríamos e gritaríamos alto se alguém tentasse criar leis para proibir nossas campanhas evangelísticas. Mas por que será que não estamos nos sentindo incomodados com o fato de que, graças ao planejamento familiar, o número de cristãos para a próxima geração está sendo reduzido *por iniciativa dos próprios casais evangélicos?*

Digamos que os evangélicos sejam 20% da população. Se cada família evangélica tivesse seis filhos, e os humanistas e as feministas continuassem tendo uma média de só um filho (que está bem de acordo com a realidade, já que eles desprezam o casamento e as famílias grandes), então em vinte anos haveria sessenta de nós para cada quarenta deles. Em quarenta anos *90% dos EUA seriam evangélicos!* Isso tudo *sem* evangelizar ninguém no mundo lá fora. Tudo o que teríamos de fazer seria ter filhos e criá-los para Cristo. Ainda que os evangélicos fossem apenas 2% da população (que acredito ser uma percentagem mais exata), então em duas gerações, conforme as taxas de reprodução que mencionei, seríamos 40% da população.

Norman Podhoretz, editor da revista *Commentary*, observou:

“O diabo, se ele existe, não manda que sejamos férteis e nos multipliquemos. Se ele existe, seu propósito é seduzir o maior número possível de pessoas e fazer com que elas não queiram gerar a vida...

Assim como ele nos seduz ao suicídio, não com o elogio à morte mas com o sonho de uma fuga da morte, assim também ele nos seduz à esterilidade não com críticas ao ato da procriação mas com a promessa das riquezas e prazeres sexuais...

Mas será que até mesmo ele, com toda a sua astúcia, alguma vez imaginou que tantos viriam a pregar a esterilidade e até mesmo a

esterilizar a si mesmos?” (109).

O diabo existe e ele está nos enganando. Ele quer nos fazer renunciar ao papel que Deus nos deu como *as maiores evangelistas do mundo*, tudo em troca de míseras carreiras profissionais fora do lar. Os inimigos da Igreja de Jesus Cristo sabem o que estão fazendo quando pregam a favor da entrada das esposas cristãs no mercado de trabalho lá fora. Eles sabem que estão tentando nos tornar esposas indispostas a ter filhos. Como diz Garret Hardin, biólogo da Universidade da Califórnia:

“Para podermos reduzir o tamanho da população, devemos usar a persuasão. As meninas de hoje, que serão mães no futuro, devem ser educadas a buscar carreiras profissionais fora de casa em vez de quererem ser mães de vários filhos. Devemos também estabelecer creches comunitárias a fim de dar às mulheres total

liberdade para trabalharem fora do lar” (110).

A Federação Internacional de Planejamento Familiar, que tem o apoio da ONU, propôs as seguintes estratégias para reduzir o tamanho da população mundial e para que os casais tenham menos filhos:

- * Aumento do homossexualismo;
 - * Crise econômica;
 - * Estabelecimento de creches;
 - * Leis que *levem as mulheres a trabalhar fora* ;
 - * Aborto compulsório para as gravidezes ilegítimas;
 - * Esterilização compulsória para todos os casais que já têm dois filhos (menos para alguns que teriam permissão especial de ter três);
 - * Limitar a maternidade a um número reduzido de mulheres;
- * Licenças oficiais para ter filhos (111). (O destaque é meu).

Não é por acaso que a própria organização que se chama Federação Internacional de Planejamento Familiar seja a maior força por trás da popularidade do aborto legal nos EUA e na Europa e a maior força por trás das campanhas para legalizar o aborto nos países em desenvolvimento, inclusive o Brasil. O planejamento familiar, conforme prova essa mesma organização especializada nessa área, acaba não só ajudando as esposas a entrar no mercado de trabalho lá fora, mas também acaba levando à legalização do aborto, homossexualismo, crise econômica e outros tipos de males.

Tenho meus próprios pecados a confessar. Eu era feminista e pregava ideias desse tipo. Mas você e eu juntas podemos ganhar muita esperança com esta promessa de Deus:

“Se o Meu povo, que se chama pelo Meu Nome, se humilhar e orar, buscar a Minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra” (2 Crônicas 7.14).

Embora tenha sido dada primeiro ao povo de Israel, essa promessa é para o povo de Deus em todas as épocas. O povo de Deus às vezes se desvia. Mas Deus promete que sarará sua terra, se tão somente nós, o Seu povo, nos arrependermos.

Neste capítulo vimos o problema sério do aborto na sociedade americana. Os cristãos americanos estão cometendo o erro de atacar o crime dos milhões de abortos legais nos EUA e a destruição da família sem primeiro parar para perguntar se Deus os apoia no que eles estão fazendo com suas próprias famílias. Eles agem como se não tivessem cometido mal algum e não tivessem nada a confessar.

Mas se a sociedade americana, com toda a sua tradição evangélica, está se corrompendo, a culpa está no testemunho das igrejas. Se as igrejas dessem um testemunho fiel aos princípios cristãos, os próprios evangélicos não estariam tão mergulhados na epidemia de aborto, divórcio e outras tragédias na sociedade (veja Mateus 5:13).

Contudo, nosso exemplo pode fazer uma grande diferença. Por isso, precisamos ensinar às nossas filhas o papel da mulher, o valor da maternidade e a soberania de Deus sobre os nossos corpos, em vez de apoiarmos as ideias feministas que defendem o “direito de as mulheres fazerem o que quiserem com o próprio corpo”.

Além disso, precisamos nos humilhar, confessar os nossos pecados, orar e buscar a face de Deus. Temos de nos converter de nossos caminhos maus e abraçar nosso papel como mães dispostas e alegres.

O papel da mulher é muito mais do que só ter bebês. Mas viver nosso papel de mãe é o que faz a imensa diferença entre a feminilidade bíblica e o feminismo, com seu dilúvio de sangue através do aborto legal. Sim, devemos fazer protestos em frente das clínicas e hospitais que realizam aborto, fazer doações para os grupos pró-vida e escrever para os líderes políticos do Congresso Nacional. Devemos, principalmente, pregar *contra* as relações sexuais fora do casamento e pregar *a favor* da fidelidade conjugal.

Mas eis o que devemos fazer *primeiro*. Muitos casais evangélicos endureceram o coração contra os filhos que Deus havia planejado lhes dar. Portanto, as mulheres cristãs e seus maridos em toda esta nação precisam se prostrar para suplicar o perdão de Deus. Eles também precisam fazer o compromisso de começar a ter e criar tantos filhos quantos Ele lhes der. Assim, realmente creio que Ele sarará a nossa terra e enviará um reavivamento. Quando o coração dos pais se volta para os filhos, a terra não mais tem de sofrer maldições (Malaquias 4.6).

Na próxima parte vamos aprender como criar nossos filhos e saber o motivo por que Deus deu essa tarefa aos pais, não às instituições.

.oOo.

Bibliografia:

(92) Scanzoni, *Men, Woman and Change*, p. 362.

(93) Relatório do Brasil para a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, República Federativa do Brasil, Brasília, 1993, p. 43.

(94) *Idem*, p. 38, 39.

(95) “101 Uses for a Dead (or Alive) Baby”, *A.L.L. About Issues*, janeiro de 1984, p. 6. Veja também o artigo Aborted Babies Dissected and Sold, by U. S. Companies, HLI Reports (HLI: Front Royal-EUA, novembro de 1999), p. 1.

(96) *Ibidem*, p. 7.

(97) *Ibidem*, p. 8, 9.

(98) Donald Demarco, “On Human Experimentation”, *Human Life*

Review, Fall 1983.

(99) “101 Uses”, p. 9. Citação atualizada com informações de Dr. Brian Clowes, *The Facts of Life* (Human Life International: Front Royal-EUA, 1997), p. 235-249.

(100) “On Human Experimentation”.

(101) “Students Defend Abortion For ‘High’ Social Reasons”, *Rutherford Institute*, janeiro-fevereiro de 1984, p. 8.

(102) *Ibidem*, p. 8.

(103) “Reflections After a Pro-Life Talk”, (editorial), *Christian Statesman*, janeiro-fevereiro de 1984, p. 5, 7.

(104) Dean R. Smith, “Abortion: Doing Justice and Preaching Peace”, *Christian Statesman*, março-abril de 1984, p. 6.

(105) *Ibidem*, p. 6, 7, 15.

(106) Nota do tradutor: *Interrupção* é o termo que as feministas empregam para designar uma *concepção inesperada*.

(107) Esse texto em itálico pertence ao tradutor e foi baseado em dois livros escritos pelo Rev. George Grant: *Killer Angel: a biography of planned parenthood’s founder Margaret Sanger* (Anjo Assassino: a biografia de Margaret Sanger), [a fundadora do planejamento familiar], publicado em 1995 por Ars Vitae Press & Reformed Library e *Grand Illusions: The Legacy of Planned Parenthood* (Grandes Ilusões: O Legado do Planejamento Familiar), publicado em 1992 por Adroit Press.

(108) “Emerge das Sombras a Violência dentro da Família”, *U. S. News and World Report*, 23 de janeiro de 1984, p. 66 (citação do psicólogo Henry Giarretto, da entidade *Parents United*, uma entidade da Califórnia que trabalha com vítimas de incesto e estupradores). Giarretto afirma que o incesto ocorre em uma de cada seis famílias americanas, mas raramente o agressor é a mãe, a filha ou a irmã. Os programas de entretenimento da

TV dão ênfase ao incesto iniciado pela mulher, não porque é realmente mais comum, mas a fim de amortecer nossa revolta e nos preparar para o incenso de verdade, iniciado pelo homem.

Tenha em mente que o Dr. Giarretto trabalha na Califórnia e que esse crime é muito mais comum entre famílias com padrasto, onde o criminoso não é realmente parente de sangue da vítima. Qualquer quantidade de incesto é revoltante, mas esse crime está aumentando tanto que estes pervertidos estão querendo imitar os gays, as lésbicas e os fornicadores, reivindicando seu direito de cometer perversão. E parece que a televisão, os livros e as revistas estão tentando ajudá-los a alcançar esse direito.

(109) “Speak of the Devil”, *Commentary*, abril de 1971, p. 6. Citado em *Grow or Die!*, p. 194, 195.

(110) Weber, *Grow or Die!*, p. 179.

(111) *U. S. Population Growth and Family Planning: A Review of the Literature* (New York: Planned Parenthood-World Population), p. viii, citado in *Grow or Die!*, p. 180.

.oOo.

PARTE 3

DE VOLTA AO PAPEL DE MÃE

“... orientar as mulheres mais jovens

a... amarem seus filhos..."

Tito 2.4

7

Quem é Dono de Nossos Filhos?

Hora do parto. A ansiedade toma o lugar da dor quando o bebê nasce: Será que está tudo bem com ele? Você fica atenta, e enche-se de alívio quando seu bebê solta um choro. O médico lhe diz: “É uma menina!” Você pensa “uma filha”, e glorifica a Deus por esse pequeno milagre — não, esse *grande* milagre, que um ser humano tão pequeno tenha vindo de dentro de você. Rapidamente você conta os dedos das mãos e dos pés — todos estão ali. De novo, você agradece a Deus, ainda que, se não estivessem, você consideraria uma honra amar e criar essa criancinha nova que já está se acalmando em seu peito. “Meu bebê!”, você pensa com orgulho e cheia de alegria.

O médico ou a parteira está sorrindo, seu marido está sorrindo e você está sorrindo. Mas há indivíduos que não estão contentes com o seu momento de alegria. Podemos classificá-los como “utopistas coercivos” (112).

Eles são os fanáticos da explosão populacional, as feministas e os socialistas — embora seus rótulos sejam diferentes, seus planos são os mesmos. Eles se consideram entendidos no que é melhor para os filhos de todo o mundo. Até “sabem” quantos filhos nós deveríamos ter. Eles querem total controle sobre todas as pessoas, inclusive sobre os nossos filhos.

Veja o que os fanáticos da explosão populacional pregam:

“O direito de procriar sugere que os filhos são propriedade dos pais. Não se pode mais aceitar idéias desse tipo, pois é o governo que paga uma parte cada vez maior do custo da criação e educação dos filhos” (113).

Numa época em que se precisa de licença do governo para fazer quase tudo, o papel de mãe, como mostra Alvin Toffler em seu livro *Future Shock*, é a última esfera em que o ser humano tem liberdade de entrar sem precisar de um diploma ou de autorização do governo. Os adeptos do

controle total do governo sobre as nossas vidas não suportam que as pessoas tenham tanta liberdade. Eles acreditam que só os especialistas (isto é, eles mesmos) deveriam ter o direito de fazer algo tão importante como criar uma vida humana. Impressionadas com as credenciais desses especialistas, as famílias estão entregando seus direitos às instituições. Qual é a consequência disso? Se é o governo que paga tanto do custo de criar os nossos filhos, então é claro que devemos ser completamente submissos e deixar o governo fazer tudo.

Incentivado pela disposição de as famílias lhe entregarem seus filhos, o governo está trabalhando para “ocupar o lugar das mães” na vida das crianças. Isso vem ocorrendo de duas maneiras: (1) tentativa deliberada de dar ao governo toda a autoridade dos pais, e (2) tentativa simultânea de tirar fisicamente os filhos da custódia de seus pais sob a máscara da “educação”. Vamos ver como é que isso é feito.

Os Direitos das Crianças e o Governo como Mãe

Vemos muitas notícias hoje sobre abuso contra as crianças. Geralmente, os meios de comunicação defendem o aborto legalizado e não se importam com a vida e os sentimentos de uma criança dentro da barriga da mãe. No entanto, ficam elogiando os direitos dessa criança quando ela consegue dar um jeito de nascer e provar que não é deficiente física de nenhum modo que a sociedade ache inaceitável. Diariamente as revistas, os jornais e a TV nos enchem de histórias de horror de crianças judiadas e apelam para que todos os menores sejam protegidos desse tipo de abuso.

Para quem não está alerta, isso tudo soa muito inocente.

Quem poderia ser a favor do abuso contra as crianças? Mas o movimento dos “direitos das crianças” tem só um objetivo em mente: o governo ocupando o lugar das mães.

Quando você examina cuidadosamente o tipo de linguagem que eles empregam, você vê que o argumento deles é mais ou menos assim:

(1) Alguns pais maltratam seus filhos.

(2) Não achamos que isso seja certo.

(3) Por isso, o governo deve assumir o controle sobre as famílias para garantir que os pais não maltratam seus filhos .

(4) O governo tirará os filhos dos pais que os maltratam.

(5) *E, é o governo quem definirá o que é “abuso” e “maus-tratos”.*

Do ponto (3) em diante, esses argumentos não têm base na Bíblia.

Estranho como possa parecer para nós hoje, a Bíblia não dá a ninguém o direito de tirar os filhos da custódia de seus pais, seja por abuso ou não. Nos tempos do Antigo Testamento, se um dos pais matasse ou estuprasse um dos filhos, ele seria executado. (Levítico 18.6,17,24). Sem dúvida alguma, as leis da Bíblia eram suficientes para desencorajar os pais de cometer abusos graves contra os filhos. Além disso, se um pai causasse danos físicos permanentes em seu filho, a lei dizia: “Olho por olho, dente por dente” (Levítico 24.20).

Em contraste com o modo humano da Bíblia, que controlava o abuso de autoridade dos pais e, ao mesmo tempo, mantinha a criança *dentro* da família, o objetivo do moderno movimento dos direitos das crianças é *tirar* a criança da família. Mesmo que um dos pais tenha cometido horrendos pecados sexuais, ele não é punido. Em vez disso, ele é apenas condenado a tratamento psiquiátrico.

Isso só faz sentido quando vemos que a justiça e os melhores interesses das crianças não são o que os defensores dos “direitos das crianças” estão querendo. *Eles só querem uma coisa: controlar os nossos filhos.* Os apelos sentimentais que eles empregam contra o abuso infantil são apenas um argumento para enfraquecer as famílias e distanciar os filhos da autoridade dos pais.

O que acontece quando esses indivíduos conseguem realizar o que querem? Na Suécia, que é uma democracia socialista, já foram implementadas leis concedendo direitos especiais às crianças. Embora a Bíblia nos instrua a disciplinar nossos filhos (cf. Provérbios 13.24; 23.13,14), os pais suecos não mais têm esse direito. A Embaixada da Suécia no Brasil informa que em seu país a “disciplina física dos filhos é legalmente proibida” (114). Aliás, as leis suecas consideram “abuso” a mãe repreender o próprio filho! Nas escolas as crianças são sistematicamente instruídas nos seus direitos e incentivadas a delatar seus pais se eles fizerem algo errado. Talvez não seja coincidência que as crianças suecas tenham um dos índices mais elevados de suicídio no mundo inteiro.

Para nós, pais cristãos, isso é importante, pois os direitos das crianças são uma estratégia usada para *diminuir* a autoridade dos pais e *aumentar* a autoridade do governo na vida de *nossos filhos, de modo que poderemos educá-los somente conforme o governo nos permitir.* Qualquer tentativa de o pai ou a mãe controlar a criança, discipliná-la fisicamente, enviá-la a uma escola cristã ou mandar que ela vá para seu quarto, se

torna desculpa para o governo classificar isso de abuso e intervir para tirá-la do meio da família.

Nos países em que as leis de direitos das crianças estão em vigor, os pais têm sido condenados por coisas ridículas como proibir seus filhos de ir ao cinema. Pais que ensinam os filhos em casa estão sendo rotineiramente processados por “negligência educacional”, até mesmo quando os pais em questão têm um diploma universitário e seus filhos se saem melhor nas provas oficiais do que os alunos das escolas públicas. Considera-se negligência educacional os pais tentarem ensinar os próprios filhos, em vez de *deixarem o governo fazer isso*.

Abuso, em resumo, é criar nossos filhos de algum modo que as autoridades não aprovem — tal como criá-los de acordo com os princípios cristãos.

Por que Joãozinho está na Escola Pública?

Entretanto, o governo *já* controla, através das escolas públicas, a vasta maioria das crianças. A educação pública foi o primeiro passo em direção ao socialismo. Samuel Blumenfeld, autor do livro *A Educação Pública É Necessária?*, diz:

“Hoje, a maioria dos jovens que estão se formando nas escolas públicas lê com dificuldade, escreve de modo deplorável, tem vocabulário atrofiado, sabe pouco de matemática, de geografia e menos ainda de história... Nas escolas eles caem sob a forte pressão dos colegas, são levados a experimentar drogas e a se envolver em vários relacionamentos sexuais imorais, enquanto seus professores pregam o relativismo moral do humanismo secular...” (115).

Embora os EUA já tivessem uma educação excelente muito antes das escolas públicas, no Brasil o sistema de educação pública foi estabelecido porque a maioria das crianças não tinha acesso à alfabetização. As razões para o surgimento das escolas públicas no Brasil e nos EUA são diferentes, mas os problemas agora são os mesmos, pois tanto governo brasileiro quanto o americano estão mais preocupados em transmitir valores do que em dar uma educação básica e saudável para as crianças.

As escolas públicas existem hoje não só porque as crianças precisam ser alfabetizadas, mas também porque uma elite quer que o governo

controle as convicções morais das crianças. O governo da Suécia, por exemplo, é pioneiro no uso da educação sexual como meio de moldar e mudar a mentalidade das crianças. Nas escolas públicas, os estudantes suecos são obrigatoriamente expostos a uma educação sexual liberal, cuja finalidade é apresentar o sexo como “fonte de alegria e intimidade” (116).

Essa educação inclui o acesso a anticoncepcionais, camisinhas e aborto legal para proteger o prazer e a liberdade sexual dos menores. Embora as crianças brasileiras não tenham esses direitos, entidades dos EUA e Europa querem alcançar as crianças de nações como o Brasil. Para isso, eles se utilizam da força de documentos das Nações Unidas. Certa entidade da capital dos Estados Unidos, por exemplo, instrui seus seguidores:

“Use os meios legais existentes para ampliar o acesso dos adolescentes à contracepção e ao aborto... A Convenção dos Direitos da Criança da ONU... deve ser explorada ao máximo para que possamos dar aos adolescentes informações e serviços de planejamento familiar e, onde for possível, serviços de aborto seguro. Além disso, a nível local em países com leis que dão acesso ilimitado ao aborto (no caso de estupro ou incesto ou somente com aprovação dos pais ou juiz), os defensores [dos direitos das crianças e dos adolescentes] devem tirar vantagem dessas partes da lei para promover mais acesso ao aborto seguro. Em outros casos, a legislação nacional dos direitos das crianças e dos adolescentes, tal como o Estatuto da Criança e do Adolescente do Brasil, pode dar meios de aumentar o acesso dos adolescentes ao... planejamento familiar” (117).

Várias entidades estrangeiras com esse tipo de mentalidade dão treinamento para educadores brasileiros e mandam verbas para organizações de educação e saúde do Brasil, as quais atuam em muitas escolas públicas. Uma dessas organizações, da cidade de São Paulo, declara:

“Com o apoio do Programa Nacional de Controle das DSTs/AIDS do Ministério da Saúde, da entidade *Advocates for Youth* e da *Fundação MacArthur*, a ECOS iniciou, em 1994, o Projeto *Boletim Transa Legal*... O projeto envolveu 27 escolas municipais de 1º grau, 10 escolas estaduais de 1º e 2º graus e uma escola particular de 1º e 2º graus, aproximadamente 6 mil estudantes e 110 professores e coordenadores pedagógicos” (118).

ECOS crê e ensina que todas as crianças devem aprender que “só é possível prevenir a contaminação pelo vírus da AIDS usando o preservativo

(camisinha) em todas as relações sexuais” (119). ECOS acha que os professores e alunos devem falar francamente sobre qualquer questão sexual e “desmistificar crenças, tabus e preconceitos que existem sobre os diferentes aspectos da sexualidade” (120). Para desinibir estudantes já a partir dos sete anos, ECOS recomenda que o professor “ensine” higiene sexual. O professor deve falar abertamente, na presença de alunos e alunas, que para lavar os órgãos sexuais externos “os meninos devem puxar o prepúcio para trás e as meninas devem limpar bem todas as dobrinhas da vagina” (121).

Para “acabar com os mitos, desinformações e preconceitos que ainda cercam a sexualidade” e o uso da camisinha, ECOS emprega a abordagem da autoestima e outros meios psicológicos, a fim de “estimular os adolescentes a adquirirem novas habilidades e atitudes através de atividades como dramatizações e dinâmica de grupo” (122). Seu boletim *Transa Legal* ensina os estudantes a transarem “livres” da gravidez e do casamento, com a proteção da camisinha e outros métodos de controle da natalidade.

ECOS publica também materiais para educadores, alguns dos quais encorajam atitudes favoráveis à prática do aborto entre as adolescentes. Para que as adolescentes se sintam à vontade com relação à questão do aborto deliberado, o professor é instruído a utilizar psicodramas. Se o educador enfrentar o caso de alguma adolescente grávida na sala de aula, ele não deve impor a ela suas opiniões pessoais nem deve fazê-la pensar que a maternidade é o único caminho. Seja o que for que ele saiba acerca da situação, ele é instruído a não entrar em contato com os pais sem a aprovação da menor (123).

ECOS e vários grupos brasileiros usam as escolas públicas para “evangelizar” as crianças com seus ensinamentos contrários à Bíblia. Eles são a favor das escolas públicas porque o governo tem autoridade para que as crianças e adolescentes do Brasil sejam sistematicamente e obrigatoriamente educados para adquirir os valores, crenças e opiniões “aprovados” pelo Ministério da Educação (MEC).

Vamos agora ver quais são esses valores, crenças e opiniões. O MEC, em um currículo escolar para professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (124) apresenta uma educação sexual que aceita todas as formas de “expressão sexual” fora do casamento e exclui totalmente a preparação para o casamento, mas inclui o termo “direitos reprodutivos” (125).

O eufemismo “direitos reprodutivos” é muito usado pela ONU e pela Federação Internacional de Planejamento Familiar e significa, entre outras

coisas, que todo ser humano tem “direito” à contracepção, ao aborto legal e ao prazer sexual, com ou sem casamento. Em países desenvolvidos como os EUA, onde as leis defendem os direitos reprodutivos, meninas menores de idade recebem anticoncepcionais das clínicas escolares e até são encaminhadas para clínicas de aborto sem o consentimento e conhecimento dos pais.

Mas por que o MEC está tão interessado em ensinar direitos reprodutivos para as crianças do Brasil? Em nome dos direitos das crianças, o governo quer forçar todas as crianças a ir para a escola pública, sob o argumento de que toda criança tem “direito” à educação... E depois que todas elas já estiverem na escola, quais outros “direitos” o governo vai querer lhes dar?

É verdade que toda criança tem direito à educação. Mas o governo tem em mente uma educação que segue as opiniões do Ministério da Educação. Há anos o governo dos EUA dá esse tipo de educação para as crianças e muitos pais americanos se sentiam incapazes de protegê-las dos ensinamentos errados das escolas públicas. Por isso, eles resolveram fundar o *homeschooling*, um movimento de *escola em casa* em que os pais, na maioria evangélicos, têm o direito de ensinar os filhos em casa.

A vantagem do *homeschooling* é que os pais têm controle direto sobre a formação moral e ética dos filhos. E as crianças educadas em casa não são expostas às drogas, aos ensinamentos imorais, à violência e à permissividade tão comuns nas escolas públicas. Além disso, existem excelentes livros didáticos desenvolvidos especificamente para esse tipo de educação. As crianças que estudam em casa recebem normalmente o diploma, pois esse sistema educacional é legalmente reconhecido pelo Ministério da

Educação dos EUA. Atualmente há quase 2 milhões de crianças americanas estudando em casa.

Contudo, por motivos óbvios, muitos governos modernos não gostam de ficar sem o controle da área da educação. Uma autoridade educacional dos EUA, por exemplo, chegou a deixar claro que o governo não deveria permitir a existência de escolas particulares e de escolas nos lares que “ensinam ideologias contrárias à opinião do governo” (126). Mal preciso mencionar que a opinião do governo não é cristã, e que os pais americanos estão recorrendo às escolas particulares e ensinando os filhos em casa precisamente para *escapar* ao treinamento “moral” compulsório que eles sabem que seus filhos receberão nas escolas públicas.

Autoridades da área da educação estão fazendo tudo o que podem para que as crianças de 6 anos para baixo sejam obrigadas a ir para a escola e sejam também obrigadas a permanecer mais horas diárias e mais

anos estudando. Mas alguém realmente acha que as mesmas escolas que não estão conseguindo ensinar as crianças a ler e escrever de repente começarão a produzir pessoas inteligentes se tão somente puderem forçar as crianças a entrar na escola em idade o mais jovem possível e a permanecer na escola mais horas? As escolas públicas têm demonstrado que são incompetentes. Agora estão usando sua própria incompetência como pretexto para exigir *mais* poder, *mais* dinheiro e *mais* controle sobre os nossos filhos!

Não se deixe enganar — a questão aí não é educação. A questão é (1) mais dinheiro e empregos para os professores e diretores, (2) influência sobre a mente dos nossos filhos, e (3) creches grátis para os filhos das esposas que trabalham fora. Logo que todo o mundo começou a ver como normal as mães de crianças de 6 anos para baixo trabalharem fora, começaram as campanhas para que as crianças fiquem mais horas diárias e mais anos nas escolas. Enfim, a escola como babá de tempo integral! E estão querendo os nossos filhos em idade o mais jovem possível. Idéias desse tipo jamais teriam sido aceitas no passado, pois as mães gostavam que seus filhos ficassem em casa. Mas agora até os próprios cidadãos que pagam impostos e os custos das creches acham essas ideias maravilhosas. É com o dinheiro do bolso deles que as feministas estão conseguindo sustentar financeiramente sua revolução.

Por favor, observe que a questão aqui é educação obrigatória. O governo não deseja simplesmente providenciar mais salas de aula para os pais que querem mandar seus filhos de 6 anos para baixo para a escola. O governo quer *forçar* todos os pais a fazer isso, quer eles queiram quer não.

Por que todo esse esforço para colocar restrições na liberdade dos pais?

Isso tudo mais uma vez tem a ver com os utopistas coercivos: aqueles indivíduos que querem que nós, esposas, saíamos de casa para trabalhar e que querem nos forçar (ou pelo menos as nossas filhas) a não ter filhos.

“Em qualquer campanha para limitar o índice de nascimentos’, afirma Kingsley Davis, o governo tem “um instrumento poderoso: sua autoridade sobre a área da educação... As escolas é que definem os papéis dos homens e das mulheres dentro da família e desenvolvem seus interesses vocacionais e recreativos. Então as escolas poderiam redefinir os papéis sexuais, fazer com que os meninos e as meninas se interessem por vocações fora do lar e transmitir ensinamentos “realistas” (em vez de morais) sobre o casamento, a conduta sexual e os problemas relativos à explosão populacional” (127).

Como dá para ver, os utopistas coercivos usam as escolas públicas para “evangelizar”. Já que eles costumam não ter muitos filhos, a educação pública se torna o meio de eles passarem suas idéias para a próxima geração — por meio dos filhos das outras pessoas. A escola pública é a escola particular deles. Através das escolas públicas, os utopistas coercivos querem ensinar a liberdade sexual em vez da integridade moral, o socialismo em vez do mercado livre e o feminismo em vez do papel de mãe da mulher. E eles estão usando os currículos escolares e os livros didáticos para impor suas idéias nos estudantes.

Michael Levin, professor de filosofia em Nova Iorque, comentou que “em nome da igualdade sexual os livros didáticos e os currículos em todos os níveis educacionais estão sendo transformados com o objetivo de convencer as crianças de que os meninos e as meninas são iguais”. O governo federal está atualmente investindo centenas de milhares de dólares com o propósito de reescrever os livros didáticos de um modo que reflitam o ponto de vista feminista, socialista, etc. (128).

A maioria dos pais espera que as escolas públicas se encarreguem de moldar os valores de seus filhos. O Ministério da Educação (MEC) do Brasil, que pensa exatamente dessa forma, diz: “Mudar mentalidades... A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo” (129). Mas as tristes consequências desse erro estão aparecendo, pois as escolas públicas estão exigindo o direito de educar sistematicamente as crianças em valores que podem ser diretamente *contrários* aos valores dos pais.

As aulas de educação sexual, por exemplo, são planejadas especialmente para fazer lavagem cerebral nas crianças e condicioná-las a aceitar o homossexualismo e a relação sexual antes do casamento, destruindo assim os conceitos bíblicos de um certo absoluto e de um errado absoluto. Na opinião de diversas autoridades brasileiras da área da educação, os jovens das escolas devem ser expostos à educação sexual, à camisinha e a outros métodos de planejamento familiar a fim de que aprendam a gozar o prazer sexual sem se preocupar com gravidez, casamento e moralidade. O MEC diz:

“A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade...” (130), tais como “aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia”, etc. (131).

Nessas questões, o MEC alerta, “o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios

ou verdades absolutas” (132), presumivelmente mesmo que sejam princípios e verdades da Bíblia.

A fim de mudar a mentalidade das crianças com relação ao papel masculino e feminino e ensiná-las que as mulheres podem trabalhar em todas as ocupações dos homens e vice-versa, os professores das escolas públicas são instruídos a transmitir os valores, crenças e opiniões do MEC. O currículo do MEC os instrui a “trabalhar as relações de gênero em qualquer situação do convívio escolar” (133). Por exemplo, quando os alunos acham que algumas brincadeiras, atividades e condutas são só para meninos e outras só para meninas, “o professor... pode intervir para combater as discriminações e questionar os estereótipos associados ao gênero” (134).

O termo gênero, que o MEC usa no lugar da palavra sexo, expressa a idéia de que qualquer variedade sexual é aceitável e normal, inclusive a homossexualidade. Os educadores que creem nessa teoria empregam o conceito gênero para ensinar que os papéis masculinos e femininos tradicionais são pura invenção da sociedade. Conforme mostra o MEC:

“O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade” (135).

Assim é que, para combater a chamada “discriminação de gênero”, eles invertem a imagem do homem e da mulher. Em nome da igualdade sexual, princípios socialistas e feministas são sutilmente ensinados em muitas salas de aula do Brasil. Eles mostram o seguinte para as crianças: mães casadas trabalhando fora e maridos em casa cuidando dos deveres domésticos (136). Mostram também como normal um menino se envolver em atividades de menina (137). Tudo isso porque o governo estabeleceu “o compromisso de o Brasil não aceitar livros [didáticos] que contenham posturas tradicionais em relação ao papel do homem e da mulher” (138). O governo brasileiro está assim atendendo diretamente as recomendações das feministas na ONU (139).

No entanto, essas mudanças também estão ocorrendo por pressão dos grupos feministas nacionais que atuam no Congresso Nacional em Brasília. Em sua edição de janeiro de 2000, o jornal do Centro Feminista de Estudos e Assessoria de Brasília elogia o plano do governo para todas as escolas do Brasil:

Plano Nacional de Educação

Ganha Perspectiva de Gênero

O Plano Nacional de Educação, aprovado na Comissão de Educação da Câmara dos Deputados... ganha três emendas que chamam a atenção para a necessidade de se *trabalhar as relações de gênero* na educação brasileira (140).

Esse mesmo jornal diz que a legalização do “aborto traria mais democracia” para o Brasil (141). As parlamentares integrantes do Centro Feminista de Estudos e Assessoria destacam-se no Congresso Nacional não só pelo forte apoio aos projetos de lei a favor do aborto, mas também da união dos chamados “casais” *gays*.

Para as feministas, trabalhar as relações de gênero nada menos é do que eliminar as diferenças tradicionais entre homens e mulheres. O feminismo luta para que seja censurada e eliminada das escolas e dos meios de comunicação toda imagem do homem como pai trabalhando para sustentar a família e da mulher como mãe totalmente ocupada com seu lar e filhos. A jornalista Dale O’Leary revela:

“...As feministas exigem que os ‘estereótipos’ e as ‘imagens tradicionais’ sejam removidos dos materiais educacionais e dos meios de comunicação. A fim de alcançar a meta de que os homens e as mulheres tenham igualmente os mesmos desejos e interesses, as feministas exigem que os livros escolares, os desenhos, as comédias, os anúncios comerciais e as peças teatrais mostrem os homens e as mulheres trabalhando em número igual como soldados, cientistas, bombeiros e motoristas de caminhão, até mesmo quando isso não tem nada a ver com a realidade. As atividades em que só há a participação de homens deverão ser classificadas como más, opressivas e discriminatórias. As mulheres nunca deverão ser mostradas como mães e donas de casa de tempo integral, a não ser como vítimas de violência doméstica, mulheres com distúrbios mentais e comportamento antissocial ou esposas casadas com maridos fanáticos religiosos” (142).

O livro *O Movimento Homossexual* comenta:

“A eliminação das diferenças entre o sexo masculino e o feminino é extremamente prejudicial à saúde psicológica das crianças. Foi o que notou, por exemplo, certa mãe cuja filha de dez anos voltava da escola com atitudes cada vez mais hostis em relação ao trabalho doméstico como função da mulher. Depois de muito

pesquisar, ela acabou descobrindo algo. Na sala de aula, a professora, sem o conhecimento dos pais, apresentava uma boneca e um boneco de papel nus. Os estudantes deveriam vestir-lhes uma roupa masculina de trabalho a fim de mostrar que ambos os sexos podem escolher qualquer profissão. Além disso, os livros didáticos só apresentavam figuras opostas aos papéis tradicionais, como a de um pai dando mamadeira ao bebê e a de uma mãe trabalhando como bombeiro. Tudo feito em nome da ‘igualdade sexual’” (143).

No padrão bíblico para os comportamentos humanos, homens e mulheres são iguais em valor diante de Deus, porém têm funções e papéis diferentes. Contudo, a igualdade sexual que as feministas estão impondo está produzindo uma sociedade onde homens e mulheres ocupam um a função do outro e perdem a referência bíblica de identidade sexual masculina e feminina. Essa tendência unissex para os comportamentos está criando muita confusão sexual e favorecendo a homossexualização social.

O fato é que os movimentos homossexual e o feminista estão tentando minimizar as diferenças entre os homens e as mulheres no trabalho, lazer e moda. A finalidade é demolir os padrões sexuais tradicionais e criar um ambiente favorável à homossexualização da sociedade. Conforme diz o Dr. James Dobson, conhecido psicólogo americano:

“A tendência de misturar os papéis masculinos e femininos está em moda na sociedade atual. As mulheres jogam futebol e usam calças. Os homens assistem a novelas e usam brincos. Vê-se pouca identidade sexual no comprimento de seus cabelos, em suas maneiras, interesses ou ocupações, e a tendência é se igualar ainda mais. Tal falta de distinção entre os homens e as mulheres causa muita confusão na mente das crianças com relação à sua própria identidade de papel sexual. Elas ficam sem um modelo claro para imitar e acabam tendo de andar sozinhas como que cegas, à procura da conduta e atitudes apropriadas para elas. É quase certo que esse obscurecimento dos papéis sexuais está contribuindo para a explosão do homossexualismo e da confusão sexual que enfrentamos hoje. A História mostra que as atitudes unissex sempre apareceram antes da deterioração e destruição das sociedades que se deixaram levar por essa tendência. O Dr. Charles Winick, professor de Antropologia na Universidade Municipal de Nova Iorque, estudou duas mil culturas diversas e encontrou cinquenta e cinco que se

caracterizavam pela ambiguidade sexual. Nenhuma delas sobreviveu...” (144).

O currículo do MEC declara com relação ao ensino de 1^a a 4^a série nas escolas:

“... A abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser explícita...” (145). “Convém lembrar que, por se tratar de ensino fundamental regular (portanto de crianças, pré-adolescentes e adolescentes) é preciso especial atenção para trabalhos voltados para a formação de novas mentalidades...” (146).

Veja a maneira como o currículo escolar do governo brasileiro pretende formar nas crianças novas mentalidades com uma educação sexual explícita:

“... O professor deve manifestar a compreensão de que as manifestações da sexualidade infantil são prazerosas e fazem parte do desenvolvimento saudável de todo ser humano. ...tais manifestações não devem ser condenadas ou julgadas segundo doutrinas morais. Dessa forma o professor contribui para que o aluno reconheça como lícitas e legítimas suas necessidades e desejos de obtenção de prazer...” (147). “O professor não deve emitir juízo de valor sobre essas atitudes...” (148). “Por exemplo, se o professor disser que uma relação sexual é a que acontece entre um homem e uma mulher após o casamento para se ter filhos, estará transmitindo seus valores pessoais (sexo somente após o casamento...). É necessário que o professor possa reconhecer... a legitimidade de valores e comportamentos diferentes dos seus” (149).

Já que a bibliografia desse currículo contém livros que aprovam a masturbação, o sexo oral e anal, o incesto e o sexo antes do casamento (150). isso significa que o professor cristão não poderia transmitir seus valores na sala de aula? Ele não poderia ensinar às crianças que esses comportamentos são errados? O currículo diz que na educação sexual a postura do professor “deve ser pluralista e democrática” (151).

Além disso, o MEC pretende cultivar na mente das crianças das escolas a “valorização das diversas culturas presentes na constituição do Brasil” (152) entre as quais o candomblé, cujos ritos devem ser tratados respeitosamente na sala de aula (153). Confirmando essa tendência do governo, a revista *Época* de 21 de dezembro de 1998 escreveu o artigo “Candomblé: Culto que é Cultura” (154).

Nesse artigo o Ministério da Cultura anunciou a decisão de tornar alguns terreiros patrimônio histórico e cultural do Brasil e protegê-los com leis e verbas especiais. Já que as práticas de feitiçaria dos descendentes de negros são agora consideradas como cultura pelo governo, o MEC acha que todos os estudantes devem aprender a “reconhecer e respeitar seus modos de vida e suas expressões culturais” (155).

Nada disso pode, nem de longe, “treinar uma criança no caminho em que ela deve ir”. O que poderia ser mais difícil de entender é que, falando em termos bíblicos, jamais é tarefa das escolas ensinar valores.

A Responsabilidade Esquecida

Deus deu aos pais, e só aos pais, a tarefa de moldar os valores de seus filhos. Depois de entregar os Dez Mandamentos ao povo de Israel, Moisés disse:

“Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar” (Deuteronômio 6.4-7; o destaque é meu).

Para dar mais ênfase, Deus repete esse mandamento em Deuteronômio 11.19:

“Ensinem-nas a seus filhos, conversando a respeito delas quando estiverem sentados em casa e quando estiverem andando pelo caminho, quando se deitarem e quando se levantarem”.

Nossa responsabilidade de ensinar valores morais e espirituais aos nossos filhos não pode ser entregue a outras pessoas.

Tanto Deuteronômio 6.7 quanto 11.19 deixam claro que esse treinamento deve ocorrer no lar, durante todo o curso da vida diária da família. Nenhum professor de escola pública, nenhum professor de escola dominical está ali para ensinar seu filho quando ele se deita para dormir, quando se levanta de manhã e quando se senta em casa durante o dia. E também os professores geralmente não estão ali para dar aulas quando seu filho está caminhando pela estrada. Se quisermos criar filhos dedicados a Deus, temos de assumir essa responsabilidade de volta.

O único motivo por que o governo quer controlar totalmente a área da educação é que os pais estão dispostos a renunciar à sua responsabilidade para com seus filhos. Se os pais começarem a se recusar a deixar que seus filhos lhes sejam tirados, nenhuma autoridade poderá fazer nada. Nós somos em maior número, e, além disso, temos o poder do voto. Por outro lado, a ideia de colocar crianças de 6 anos para baixo em escolas foi criada especialmente para os casais que estão procurando um jeito de se livrar de seus filhos sem serem criticados pela sociedade. Se a sociedade continuar nesse rumo, o passo seguinte seria colocar as crianças em instituições de ensino já a partir do nascimento, para que os pais tenham liberdade para seguir seus estilos de vida sem nada para atrapalhá-los à noite e nos fins de semana.

As Instituições Cristãs Não São a Resposta Perfeita

Alguns pais cristãos têm recorrido às escolas cristãs depois de ver com os próprios olhos a extinção da moralidade e dos padrões acadêmicos na educação pública. Isso é muito bom enquanto as escolas cristãs estiverem envolvidas apenas na comunicação de bons conhecimentos e fatos. Mas parece-me que às vezes a escola cristã se torna fonte de treinamento moral e espiritual de um modo prejudicial à autoridade dos pais cristãos. Jay Adams escreve com referência à escola cristã:

“O ambiente da sala de aula é ideal... para estabelecer e mudar padrões de vida” (156).

Isso muito preocupa a nós que acreditamos que só os *pais* devem estabelecer e mudar os padrões de vida dos próprios filhos. Se o professor tentar mudar meu filho, ele estará assumindo minha autoridade, talvez para mudar os próprios valores que estou tentando implantar no meu filho. Sem perceber, Adams está convidando os professores a subverter a autoridade dos pais:

“Se o professor não ajudar seus estudantes a desenvolver novos padrões e mudar os errados e assim influenciar as atividades da criança tanto dentro como fora do ambiente escolar, os padrões errados de fora exercerão uma influência nociva dentro da sala de aula. Não há escapatória. A posição do professor deve ser: *ataque ou seja atacado*” (157).

Adams não está dizendo que o professor deve se dirigir aos pais e pedir sua ajuda, mas que ele deve “atacar” o que ele vê como “padrões errados” que a criança “traz de fora” da escola. No entanto, o que a criança aprende fora da escola é responsabilidade direta dos pais, e talvez até seja fruto dos esforços intencionais dos pais.

Se os professores cristãos então agirem sem consultar os pais cristãos eles estarão atacando a autoridade dos pais.

Os professores não são pastores ordenados. Acredito, com C. S. Lewis, que os professores que assumem a responsabilidade de dirigir espiritualmente a vida de nossos filhos são “injustos com os pais cristãos... que acabam achando que os professores profissionais são melhores do que os próprios pais” (158).

É também injusto esperar que os professores que gostam de ensinar consigam fazer papel de mãe para trinta crianças de uma vez.

Contudo, muitas escolas cristãs dizem que “formam o caráter da criança e a treinam para se conduzir como um cristão”. Mas o fato mesmo é que *essa tarefa não compete a escola nenhuma*, a não ser que seu alvo seja alcançar as crianças de pais descrentes. Nós, mães cristãs, mandamos os nossos filhos para a escola (pelo menos, deveríamos mandar os nossos filhos para a escola) para aprenderem a ler, a escrever e às vezes para aprenderem a falar uma língua estrangeira, coisas que sentimos que nós mesmas não temos condições de ensinar-lhes ou que não temos tempo suficiente para ensinar.

As qualidades do caráter como a persistência, a integridade e a responsabilidade pessoal eles devem aprender em casa.

A Diferença Entre Discipular e Ensinar

Alguns dizem que discipular e ensinar são a mesma coisa, e que o professor da criança deve assumir o papel dos pais na tarefa de discipulá-la.

Mas discipular *não* é o mesmo que ensinar. Se fosse assim, seu marido teria de descobrir qual é a religião do conferencista, antes de assistir a uma conferência sobre informática. Se ensinar fosse discipular, ele poderia acabar sendo “discipulado” por um testemunha-de-jeová ou espírita se por acaso o conferencista for um! Se ensino e discipulado espiritual são a mesma coisa, os cristãos não devem ler livros escritos por

descrentes, nem pedir a seus vizinhos descrentes que lhes mostrem como ligar o computador em casa.

Discipular não é o mesmo que ensinar. *O discipulado espiritual só ocorre quando (1) duas pessoas concordam em formar um relacionamento discipulador/discípulo na área espiritual, e (2) o discipulador tentar transferir seus valores para o discípulo.* Seu filho *pode* aprender matemática sem ser discipulado espiritualmente. O problema surge quando um professor de matemática quer realizar mudanças morais e espirituais na vida de seus estudantes.

O outro lado da questão é que não estamos fazendo nenhum favor aos professores de nossos filhos quando esperamos que eles façam o nosso trabalho por nós. Se você às vezes acha difícil orientar espiritualmente apenas um filho, imagine como é que deve ser estar numa sala de aula com trinta crianças todas precisando de sua atenção dia após dia! Não há *tempo* para ensinar conhecimentos acadêmicos para trinta crianças e também discipulá-las.

Ensinar em Casa

Há muitas coisas mais que precisam ser ditas acerca das desvantagens das escolas. Em primeiro lugar, há a questão da *pressão dos colegas*. De longe a maior influência discipuladora na vida das crianças em escolas públicas e cristãs são os colegas. Se nem mesmo o professor cristão tem autorização de Deus para discipular meu filho, muito menos os amigos ignorantes de meu filho! De que adiantará gastarmos milhares de dólares para que nossos filhos estudem em excelentes escolas cristãs se eles passarem os intervalos amontoados sobre revistas pornográficas no lavatório? No entanto, essa própria dependência para com os outros estudantes é louvada como convivência social positiva.

Em seguida há a questão do *dinheiro*. O grande motivo por que as esposas cristãs estão sendo forçadas a sair de casa para trabalhar é “pagar as despesas da escola cristã dos filhos”. Minhas irmãs, não deveria ser assim. As escolas cristãs foram criadas para promover o bem-estar da família, não para forçar as mães a se envolverem com o controle da natalidade e com um emprego fora do lar. Se essas escolas se tornaram tão caras assim, é hora de procurar uma alternativa.

E, por coincidência, agora existe a educação escolar em casa, um movimento que está aumentando cada vez mais. Algumas famílias não têm realmente condições de arcar com as despesas de uma escola cristã. Mas

muitas outras famílias leram os livros *Melhor Tarde do que Cedo, a Escola Pode Esperar e Filhos Amadurecidos em Casa*, do Dr. Raymond Moore e se convenceram de que, antes de seus filhos alcançarem maturidade e serem capazes de raciocinar de maneira satisfatória, o lugar certo para eles não é o ambiente institucional. Isso, para mim, faz sentido.

Até que eu tenha certeza de que eles serão capazes de se conduzir como cristãos maduros, não vou enviar meus filhos para uma situação onde eles irão enfrentar provável tentação sem minha ajuda. Quando meu filho for espiritualmente tão forte quanto Daniel, então que ele vá para Babilônia. E nem um minuto mais cedo.

A educação escolar em casa desfaz o controle exclusivo que as instituições, principalmente as públicas, têm na área da educação. Embora alguns casais tenham condições financeiras de optar por caras escolas particulares para seus filhos, a única opção para famílias de renda baixa e média são as escolas públicas. Esse tipo de monopólio não é saudável para os pais. E também não é saudável o fato de que muitas escolas particulares imitam os currículos usados nas escolas públicas.

Quando há muitas opções, uma escola procura mostrar mais integridade e qualidade do que a outra. A competição das escolas particulares nos EUA já está forçando as escolas públicas a mostrarem um pouco mais de interesse em ensinar a ler e a escrever, em vez de se ocuparem em transmitir valores para as crianças. A escola em casa oferece ainda maiores possibilidades de melhorar o nível da educação (159).

Para pais e filhos, os benefícios da educação escolar em casa são óbvios: as possibilidades acadêmicas de melhor educação das particulares ao custo mínimo, sem ter de se preocupar com a segurança moral ou física dos filhos. O currículo para dar aulas em casa custa mais ou menos entre 100 e 400 dólares ao ano nos EUA, e cada mãe pode desenvolver seu próprio programa de ensino por quase nada com a ajuda de livrarias de livros usados e a biblioteca pública.

Há também a grande economia de tempo. Uma amiga minha contou: “Estou economizando três horas por dia porque não mais tenho de ficar levando e buscando as crianças na escola, sem mencionar que agora tenho uma rotina *saudável* de família que não está sendo desnecessariamente interrompida por causa de todo aquele leva e traz. Hoje tenho sobre minha vida e meu modo de viver um *controle* que outras mulheres não têm por causa dos agitados horários de escola dos filhos!”.

Entretanto, mais do que isso, dar aulas em casa dá aos pais liberdade de controlar o desenvolvimento espiritual de seus filhos. Sem a opção da escola em casa, os pais cristãos ficam sem liberdade e são obrigados a

utilizar as instituições que houver na cidade, as quais podem não ser boas. Mas, mesmo quando são boas, não são a mesma coisa que o disciplinado pessoal no lar. William McGuffey, autor do famoso livro escolar *McGuiffey's Readers* (que vendia aos milhões um século atrás), tinha isto a dizer com relação ao desenvolvimento espiritual das crianças:

“Mas, embora nós, professores, amemos e devamos amar as crianças que nos são entregues aos nossos cuidados, elas são só nossos alunos, não nossos filhos... Ninguém, a não ser os pais *naturais*, pode sentir aquela afeição natural, que é conveniente para os deveres de *educar de modo correto* uma mente imortal..

O professor, repito, deve saber melhor do que qualquer outra pessoa como produzir determinado resultado no treinamento mental da criança. Mas só os pais (que são os responsáveis naturais) ou, na falta deles, pessoas especialmente autorizadas, têm o direito de dizer qual deverá ser esse resultado...

Os professores não só devem aceitar as crianças como elas são; mas também devem deixar que elas permaneçam como eram, nos aspectos que acabei de indicar. Pois qual é o pai que com tranquilidade permitirá que algum professor apague aquelas impressões, ou mude aquelas características, ou interfira com a formação daqueles hábitos, em seus filhos, que ele está tanto querendo produzir e proteger?...

Devemos, até onde for possível, organizar de tal maneira as coisas em nosso lar, que os nossos filhos já cheguem até o professor na escola como crianças dóceis, ingênuas, carinhosas, inteligentes, honestas, generosas, sensatas, conscienciosas e dedicadas a Deus. de de cuidar disso ele mesmo? Qual a mãe que gostaria que seu filho alcançasse idade suficiente para frequentar a escola sem que ela tivesse cultivado e implantado em sua mente em desenvolvimento cada um dos princípios mostrados acima?...

Algumas das qualidades acima são *hábitos* — e todas precisam ser nutridas primeiramente pelos *próprios pais*. Do contrário, será um milagre se essas qualidades conseguirem sobreviver à cultura rude e à atmosfera indiferente da escola pública. Elas devem ser nutridas no lar. Muitas famílias conseguem nutri-las com sucesso. Mas desafiemos o mundo e peçamos-lhe que nos dê só alguns exemplos de qualquer outra área fora da família em que essas qualidades foram cultivadas com sucesso” (160).

Assim fala um professor de uma época em que as mães e os pais ainda se sentiam responsáveis pelo treinamento moral e espiritual de seus filhos. Naquele tempo, as crianças se conduziam moral e academicamente muito melhor do que as crianças de hoje.

A questão é: os cristãos devem colocar seus filhos numa escola pública? Há pontos de vista de ambos os lados. Para mim, a questão é muito mais profunda do que apenas decidir se a criança deve ser colocada em determinada escola ou não. Conforme vejo na Bíblia, *a educação pública jamais é função do governo*. Deus nos deu governantes para castigar os maus e incentivar os que querem fazer o bem (Romanos 13.3,4). Não é tarefa do burocrata e do político “fazer o bem” com o dinheiro das outras pessoas. “Fazer o bem” é dever dos cidadãos (161). O que mais precisamos ter em mente, porém, é que Deuteronômio 11.19 e 6.7 deixa claro que *os pais* é que são responsáveis pela educação da criança, não o governo. É por isso que não é de surpreender o atual colapso da educação pública. O governo não foi criado para cuidar dessa área.

Além do fato de que a educação pública não é função do governo, ainda há uma triste realidade: o atual sistema de educação pública ensina princípios anticristãos. E a presença de professores cristãos na sala de aula não muda quase nada, pois eles recebem ordens de ensinar currículos que incluem a educação sexual, mas nada sobre os Dez Mandamentos; que incluem o feminismo, mas nada sobre o papel das mães e sobre o trabalho doméstico. O professor só pode usar livros didáticos “aprovados” pelo Ministério da Educação. Esses livros são bastante interessantes como exemplos de pregações medíocres a favor do feminismo, do socialismo, etc.

Se os alunos tivessem a oportunidade de conhecer a pregação cristã autêntica, eles conseguiriam detectar a diferença e ver que estão sendo “evangelizados” pelo governo. Contudo, os livros didáticos não têm de passar por essa prova, já que o governo considera suas pregações apenas “fatos” neutros. Por isso, não faz muita diferença enviar uma criança cristã para uma escola que usa típicos currículos e livros didáticos de escolas públicas ou para uma escola mórmon ou muçulmana. A única diferença é que, pelo menos, as escolas mórmons e muçulmanas seriam francas sobre suas inclinações religiosas, ao passo que a escola pública disfarça suas pregações como “neutralidade científica”.

Para resumir, não acredito que o ambiente da escola institucional seja o lugar apropriado para crianças que ainda não alcançaram idade suficiente para assumir convicções morais corajosas e independentes. O

que acredito é que os futuros líderes cristãos de nosso país vão surgir de todas os lugares, *menos* do sistema de escolas públicas. A moderna educação pública foi planejada para destruir os cristãos, não para produzi-los. Não vejo motivo porque devemos enviar os nossos filhos para a escola pública e então nos preocupar em como neutralizar sua influência quando podemos simplesmente evitá-la por completo.

Tenho suficiente fé no poder do Espírito Santo para deixar você discordar de mim, ao menos por agora! A maioria das minhas amigas que hoje dão aulas em casa riu da ideia quando a ouviram pela primeira vez. Poderia-se dizer o mesmo de muitos pais que agora mandam os filhos para escolas cristãs. *Se investigar os fatos, você descobrirá a chocante realidade de que as escolas públicas não oferecem nenhum tipo de segurança moral, espiritual e física para as crianças.* Daí a importância das escolas cristãs ou de ensinar os filhos em casa mesmo. Acho que você concordará então que as mães cristãs têm realmente boas razões para permanecer no lar.

Estamos numa guerra violenta que decidirá quem é dono de nossos filhos. As escolas cristãs e as escolas nos lares estão desafiando as leis que obrigam as crianças a frequentar as escolas públicas e estão desafiando o próprio conceito de controle governamental sobre a educação. Os utopistas coercivos e os defensores dos direitos das crianças estão contra-atacando com todas as forças que têm. Eles estavam certos de que conseguiriam sutilmente moldar e mudar os nossos filhos através das escolas públicas e das creches sem que ninguém percebesse, mas alguns líderes cristãos alertas estão corajosamente nos prevenindo de suas tramas. Será que devemos entregar os nossos filhinhos às creches para que possamos trabalhar fora? Não seria melhor sermos guardiãs do lar? Nossos filhos só não poderão ser criados em casa (até que sejam espiritualmente maduros) se não houver *ninguém em casa para criá-los.*

Quem é dono de nossos filhos? Deus é dono de nossos filhos. E Ele deu a nós mães (e aos pais também) a responsabilidade de cuidar para que eles venham a ser filhos dEle. Nos próximos capítulos vamos ver como fazer isso e o que significa ser *mãe no lar.*

.oOo.

Bibliografia:

(112) Nome de um livro escrito por Rael Jean e Erich Isaac, que desmascara quase todos os movimentos utópicos de nosso país, com exceção, infelizmente, do feminismo.

(113) Weber, *Grow or Die!*, p. 179.

(114) Información Sobre Suecia, outubro de 1944 (publicação disponível através da Embaixada da Suécia no Brasil).

(115) (Old Greenwich, CT: Devin-Adair, 1981), p. ix, x, 1.

(116) Información sobre Suecia, novembro de 1944 (publicação disponível através da Embaixada da Suécia no Brasil).

(117) *Adolescentes and Unsafe Abortion in Developing Countries*, CPO. Washington, DC, EUA, 1990.

(118) Boletim Transa Legal para Educadores, Anlo 2, N° 4.

(119) Boletim Transa Legal para Educadaores, Ano 2, N° 6.

(120) Boletim Transa Legal para Educadores, Ano 2, N° 6.

(121) Boletim Transa Legal para Educadores, Ano 3, N° 7.

(122) Boletim Transa Legal para Educadores, Ano 1, N° 2.

(123) Uma questão delicada, publicado por ECOS e financiado por IPAS [IPAS é uma organização americana que, com a ajuda financeira do governo dos EUA, promove clínicas de aborto e esterilização em outros países], em 1995, p. 25.

(124) Parâmetros Curriculares Nacionais (Pluralidade Cultural e Orientação Sexual), Vol. 10, Ministério da Educação, Brasília, 1997. Atenção: Ensino Fundamental de 1 à 4 série.

(125) *Idem*, p. 47.

(126) “2.000 Attend Wisconsin Legislative Hearing”. *Parent Educator and Family Repport*, Março de 1984, p. 5.

(127) *Grow or Die!*, p. 180.

(128) Cal Thomas, *Book Burning* (Crossway Books: Westchester-EUA, 1983), p. 63, 64, 67.

(129) Parâmetros Curriculares Nacionais (Pluralidade Cultural e Orientação Sexual), Vol. 10, Ministério da Educação, Brasília, 1997. Atenção: Ensino Fundamental de 1ª à 4ª série, p. 23.

(130) *Idem*, p. 122.

(131) *Idem*, p. 129.

(132) *Idem*, p. 123.

(133) *Idem*, p. 145.

(134) *Idem*, p. 145.

(135) *Idem*, p. 144.

(136) *Idem*, p. 152.

(137) *Idem*, p. 126.

(138) Relatório Geral sobre a Mulher na Sociedade Brasileira, República Federativa do Brasil, Brasília, 1994, p. 50.

(139) Relatório Geral sobre a Mulher na Sociedade Brasileira, República Federativa do Brasil, Brasília, 1994.

(140) Jornal *Fêmea*, publicado pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria de Brasília, janeiro de 2000, p. 5.

(141) Jornal *Fêmea*, publicado pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria de Brasília, janeiro de 2000, p. 8.

(142) Esse texto inteiro em itálico pertence ao tradutor e foi baseado no livro da jornalista Dale O'Leary, *The Gender Agenda* (Lafayette-EUA: Vital Issues Press, 1997), p. 130.

(143) Julio Severo, *O Movimento Homossexual* (Editora Betânia, 1998), p. 86.

(144) Julio Severo, *O Movimento Homossexual* (Editora Betânia, 1998), p. 86.

(145) Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 127.

(146) Idem, p. 25.

(147) Idem, p. 154.

(148) Idem, p. 153.

(149) Idem, p. 153.

(150) Idem, p. 155-61. A bibliografia também contém livros socialistas radicais.

(151) Idem, p. 153.

(152) Idem, p. 59.

(153) Idem p. 76-78.

(154) Idem, p. 20.

(155) Idem, p. 91.

(156) *Competent to Counsel* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1970), p. 253. No entanto, há muito mais coisas de valor neste livro.

(157) Ibidem, p. 255, 256.

(158) *The Abolition of Man* (New York: Macmillan, 1947), p. 23.

(159) Quem estiver interessado na legalidade da educação escolar em casa deve ler o livro escrito pelo jurista constitucional evangélico John Whitehead, *Home Education and Constitutional Liberties* (Westchester, IL: Crossway Books, 1984).

(160) John H. Westerhoff III, *McGuffey and His Readers* (Milford, MI: Mott Media, 1982), p. 182, 185-187.

(161) A Versão do Rei James traduziu Romanos 13.4 corretamente: "Porque ele é para ti ministro de Deus para o bem". Ainda mais

literalmente, a passagem diz: “Por que ele é para ti servo de Deus em favor do bem”. É uma tragédia que a Nova Versão Internacional, em inglês, traduza este versículo como: “Porque ele é servo de Deus para lhe fazer o bem”. O versículo não diz absolutamente nada sobre o governante fazer o bem, nem nas próprias palavras nem no contexto. O versículo anterior nos diz que o governante nos elogiará se nós fizermos o que é bom. Porquê? Porque ele é servo de Deus para nós em favor do bem. A responsabilidade do governante é estabelecer uma atmosfera na qual as boas obras de cada pessoa sejam incentivadas e as más ações sejam reprimidas. Obviamente, se o governante começar a sentir que é dever dele fazer todas as boas ações, ele não vai querer elogiar as boas ações dos cidadãos. Além disso, ele fará tudo o que puder para reprimi-las, já que as boas ações dos cidadãos estarão rivalizando com os planos do governo e usurpando sua autoridade. Essa sempre foi a situação dos países socialistas (como a ex-União Soviética), cujas leis proibiam as instituições de caridade particulares. A afirmação de que o governante é servo de Deus para nos fazer o bem, através das entidades de assistência social do governo, não tem base bíblica, pois esse tipo de raciocínio contradiz tanto o texto quanto o contexto de Romanos 13.4.

.oOo.

8

O Papel dos Pais na Educação dos Filhos

Meu marido e eu nos mexíamos desconfortavelmente nos bancos de trás do auditório da escola. Nossos três filhos de menos de 6 anos de idade estavam sentados conosco, mas o motivo de nosso incômodo não era que estávamos tentando mantê-los sob controle.

Eles estavam se comportando muito bem. Era o que o palestrante estava dizendo que estava nos deixando inquietos.

Dirigindo-se a uma audiência de pais de estudantes de escola cristã, ele falou sobre como abrandar o desejo insaciável de nossos filhos de se adaptarem ao modo de o mundo se vestir e se comportar. Ele nos deu

sugestões sobre como lidar com um rapaz de 16 anos que costuma beber até se embriagar ou com uma menina de 15 anos que insiste em permanecer fora de casa quando já passam das 11h da noite.

Quando ele nos avisou que seria melhor jogarmos fora nossos livros pornográficos e manuais sexuais porque as crianças certamente os achariam se os guardássemos, houve muito arrasto de pés e cabeças baixas.

Eu estava mais inquieta do que as outras pessoas, não porque tínhamos alguma revista ou livro pornográfico em casa, mas porque alguns daqueles pais evidentemente *tinham*.

Fora do auditório, notei que na parede dessa escola cristã estavam rabiscados nomes de namorados. Cada menino ou menina tinha um apelido com forte conotação sexual. Eu estava ficando vermelha de vergonha por causa dos valores cristãos que esses apelidos estavam desprezando de maneira tão ingênua.

Tímida como sou diante de muitas pessoas, queria ter tido uma oportunidade de falar depois do palestrante que ouvimos naquela noite. Ele mencionou drogas, sexo, rebelião, casamento muito cedo e egoísmo como problemas inevitáveis nos anos da adolescência. Mas o que *causa* ou *piora* esses problemas é justamente a educação mundana “normal” que essa escola cristã e alguns daqueles pais pareciam estar ansiosos para copiar. A criança é formada de acordo com a educação que lhe damos. A tragédia é que em nossos dias as mulheres estão sendo ensinadas, mediante lavagem cerebral, a não se dedicar totalmente a seus filhos, porque *elas acham que não fará diferença alguma*.

Um dos grandes argumentos usados para desanimar os cristãos de querer famílias grandes é que “é inútil nos sacrificar pelos filhos, pois não há garantia de que eles serão cristãos quando se tornarem adultos”. Essa se torna uma profecia que acaba se cumprindo em suas próprias vidas quando os pais, quase que inconscientemente, desistem de se empenhar totalmente no que eles veem como causa perdida. Chegamos ao ponto em que estamos aceitando como normal os nossos filhos abandonarem os valores cristãos.

Os adolescentes que preferem a pervertida música rock em vez da música cristã não são considerados esquisitos, mas *normais*. Considera-se também normal imitar servilmente os modos (até mesmo os indecentes) como o mundo se veste, fala e se conduz. Quem hoje espera que seus filhos prefiram ler os livros evangélicos que dão exemplos de integridade, honestidade e fé em vez de assistir a um seriado de TV recheado de

sensualidade? Ou que suas filhas tenham mais interesse em ajudar os necessitados do que ficar namorando dentro de automóveis?

Entretanto, uma considerável parte dos grandes líderes cristãos sempre veio de lares cristãos. Vem-me à mente Jonathan Edwards, líder do maior reavivamento dos EUA. Vêm-me também à mente os filhos e netos de Edwards, que foram também líderes cristãos, assim como eram o pai e o avô de Edwards. Vêm-me à mente John e Charles Wesley, cuja mãe foi um bom exemplo de dedicação a Deus. Será por acaso que Matthew Henry, o grande comentarista bíblico, era filho de Philip Henry? Philip era tão dedicado a Deus que sua noiva se sentiu inspirada a dizer:

“É verdade, não sei de onde veio o Sr. Philip Henry, mas sei para onde ele está indo e quero ir para lá com ele”. E quando nosso Senhor e Salvador veio ao mundo, Deus não escolheu “qualquer” casal para criá-lo, mas duas pessoas que eram exemplos resplandecentes de obediência consagrada a Deus.

Tantas e tantas vezes nos dizem que o pai e a mãe não devem levar a culpa pelo comportamento dos filhos que acabamos realmente acreditando que os pais não têm controle sobre a maneira como seus filhos se tornarão. Mas nem a Bíblia nem a História apoiam isso. As pessoas falam hoje sobre “fases”, “rebelião natural da adolescência” e coisas desse tipo, porém tudo isso simplesmente leva ao fato de que os métodos modernos e progressistas de criação de filhos *não funcionam*.

Há indivíduos que insistem em que devemos nos adaptar totalmente à cultura moderna porque “as coisas agora são muito diferentes” e porque “os métodos do passado não funcionam”. Mas eles têm de explicar a grande diferença no comportamento das crianças de nossa época. Há 100 anos, por exemplo, os alunos nem mesmo sabiam o que era maconha e a conduta mais séria deles era a brincadeira de passar tinta nas tranças dos cabelos das meninas. Contudo, hoje eles usam drogas e até estupram as meninas no banheiro da escola.

O método moderno de criar filhos, de acordo com os ensinamentos dos especialistas, é dar-lhes muita liberdade e nunca aplicar nenhuma disciplina física. Embora esse método esteja ajudando a propagar a delinquência juvenil e a epidemia de doenças venéreas entre os adolescentes, esses mesmos especialistas liberais estão agora nos culpando de seus fracassos. Segundo eles, nós, mães, não temos “experiência o suficiente” para criar filhos nesta “sociedade difícil”. Por isso, devemos ser submissas, sair do caminho e deixar o governo fazer isso.

No entanto, não é impossível ser uma boa mãe. Você só precisa de três coisas. Primeira, *confiança*. O que quero é dar para você um pouco de confiança examinando o que a Bíblia diz sobre como devemos criar os filhos. Segunda, *resultados*. Sem uma maneira de avaliar o progresso que estamos tendo ou não, não podemos fazer nada. Creio que Deus nos dá os resultados por meio da conduta de nossos filhos. Quando nos responsabilizamos pela conduta deles, então estamos na posição certa para mudá-la. Terceira, *a bênção de Deus*. **“Sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma”**, disse Jesus (João 15. 5). A Bíblia mostra que Deus está mais do que disposto a abençoar os filhos de Seu povo, *a partir do momento em que Seu povo se dispuser a criá-los conforme Deus quer*.

Vamos, então, estudar essas três coisas (confiança, resultados e a bênção de Deus) para ver porque os métodos liberais de criar filhos *não funcionam*, e como os pais que voltam a assumir responsabilidade pessoal pelos filhos conseguirão criar uma geração de grandes líderes cristãos.

Medo de Filhos Estragados

Todas as promessas de Deus acerca dos filhos só são para os pais que são “justos” — isto é, não são para qualquer pessoa salva, mas só para os que fazem *o que é certo* nessa área específica, por mais rebeldes que sejam os filhos. *Nem toda pessoa salva é um pai justo ou uma mãe justa*. Um pai ou uma mãe pode ter Jesus como Salvador e Senhor, mas, ao mesmo tempo, ser desobediente por não criar os filhos do jeito que Deus quer. A Bíblia nos avisa que os pais cristãos são perfeitamente capazes de desobedecer às instruções de Deus para a criação dos filhos. É por isso que Deus insiste em dizer ao Seu povo, que lê e conhece a Bíblia, que **“a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe”** e **“quem se nega a castigar seu filho não o ama”** (Provérbios 29.15; 13.24).

Deus diz: **“Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles”** (Provérbios 22.6). Se você ainda teme que seus filhos não se tornarão adultos cristãos, apesar de seus melhores esforços, você já foi infectada pela opinião comum de “que ninguém é responsável pela conduta dos filhos”.

Todas nós conhecemos famílias cujos filhos não se saíram bem. Preferimos aceitar o ditado popular de que “nenhum pai ou mãe deve ser responsabilizado pelo comportamento dos filhos”, pois tememos magoar os sentimentos de alguém sugerindo que talvez os pais tenham falhado.

Afinal, até mesmo na Bíblia não encontramos famílias cujos filhos rejeitaram a Deus? Esaú, filho de Isaque. Amnom e Absalão, filhos de Davi. Jeorão, filho de Josafá... Se nossos filhos pertencem a Deus, como é que pôde acontecer isso com os filhos de Isaque, Davi e Josafá?

Para responder a isso, vamos primeiramente examinar os exemplos de filhos que não eram salvos na Bíblia. Por um minuto, pare para pensar como Isaque, Davi e Josafá desempenharam seu papel de pai. Isaque mostrou favoritismo por Esaú e, por causa de uma boa refeição, tentou anular a profecia de Deus para Jacó. Davi cometeu adultério e assassinato, que *não* são bons exemplos, e não quis disciplinar seus filhos pela conduta criminosa deles. Josafá era tão negligente que casou seu filho com a filha da pervertida Jezabel! Você acha que conseguiria bater esses recordes?

Isaque, Davi e Josafá praticavam a justiça em outras áreas de suas vidas, mas não a praticavam em suas responsabilidades como pais. No entanto, podemos aprender com os erros deles. Deus colocou o exemplo deles na Bíblia não a fim de nos desanimar, mas para que *nos conduzamos melhor* (1 Coríntios 10.6, 11). Quanto aos casais cristãos que você talvez conheça cujos filhos não se tornaram um bom exemplo, permita-me perguntar-lhe isto: Se os pais não são os culpados, então *quem é?* A sociedade? Deus? Deus nos diz que filhos são bênção e então nos dá filhos para servirem de combustível para o inferno? Será que Ele realmente não tem vontade de nos dar os meios necessários para cumprir Sua própria promessa de que uma criança treinada no caminho em que deve ir não se desviará dEle?

Se é verdade mesmo que a mãe ou o pai cristãos podem fazer tudo certo e tudo sair errado, então não há esperança alguma para os filhos rebeldes. Mas, se os pais estiverem errando de algum modo, eles podem se arrepender e implorar o perdão de Deus.

Não é totalmente ruim descobrir que você é parte do problema. Só quer dizer que você pode também ser parte da *solução!* Há espaço para *esperança!*

A Fantástica Promessa de Deus

Provérbios 22.6 diz: **“Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela e, mesmo com o passar dos anos, não se desviará deles”**. Isso soa simples e direto: Cumpra seu dever e tudo dará certo. Mas

alguns indivíduos estão tentando desanimar as mães cristãs de reivindicar essa promessa. Eles atacam Provérbios 22.6 de duas maneiras:

(1) Eles dizem que **“com o passar dos anos não se desviará deles”** significa que só depois de anos de pecado o filho voltará para o Senhor. De acordo com essa teoria, a promessa não diz nada sobre os anos de *juventude* de seu filho. Ele será salvo quando você já estiver no túmulo, mas, no meio tempo, ele poderá deixar você com os nervos totalmente abalados.

Essa teoria está errada. Provérbios 22.6 jamais faz menção de desvio do Senhor. Fala sobre não se desviar do Senhor. Não diz: “Instrua uma criança no caminho em que deve ir, e embora se desvie do Senhor ela acabará voltando para Deus quando envelhecer”. O verdadeiro significado da promessa é que, mesmo quando seu filho “envelhecer” (isto é, se tornar maduro e independente de você), ele *continuará* a fazer o que é certo!

É claro que as mães e os pais se preocupam com o que acontecerá quando seus filhos forem livres para fazer suas próprias escolhas. “Será que eles terão um bom comportamento quando não estivermos perto deles para *encorajá-los* a se conduzir bem?” os pais ficam pensando. Deus quer nos aliviar de nossas aflições e preocupações. Sim, eles terão um bom comportamento mesmo quando se tornarem adultos... contanto que nós os treinemos como se deve.

(2) O segundo ataque contra a promessa de Deus em Provérbios 22.6 é mais sutil. Alguns indivíduos chegam ao ponto de afirmar que Provérbios 22.6 não é uma promessa! Eles dizem que esse versículo quer dizer que, se a criança for treinada no caminho em que ela por inclinação natural quer ir, você não conseguirá resgatá-la de seus maus caminhos. Eles fazem o versículo parecer assim: “Deixe a criança entregue ao seu caminho natural e ela não se desviará do pecado”.

Lamento estar tomando seu tempo refutando tal incrível interpretação errada dessa passagem. Não teria acreditado que alguém pudesse com seriedade ensinar tal coisa se eu mesma não tivesse lido isso num livro escrito por um importante escritor evangélico. Aliás, já ouvi dois pregadores ensinando a mesma coisa e me encontrei com uma mulher que havia aprendido isso em seu grupo de estudo bíblico feminino.

Pegue uma concordância e um dicionário bíblico e confira esse ensino por você mesma. Não há jeito de esse ensino estar certo. Antes de mais nada, a Bíblia diz: **“Instrua a criança”**. Não diz: “Deixe-a entregue a si mesma”. A palavra hebraica original que é traduzida “instruir” na Bíblia vem de uma raiz que significa “reduzir” algo. Treinar um filho quer dizer *reduzir* as tendências dele ao pecado, em vez de permitir que ele

desenvolva *mais* dessas tendências! Além do mais, ninguém precisa *instruir* um filho a desobedecer. As crianças desobedecem por inclinação natural. As mãozinhas de seu filhinho estarão no pote de biscoitos antes mesmo que ele saiba pronunciar o 8º Mandamento: “**Não furtarás**” (Êxodo 20:15). Não faz sentido algum falar sobre “instruir” filhos a fazer o que eles por inclinação natural fariam sem nenhum treinamento! Em análise final, esse ponto de vista contradiz os ensinamentos da Bíblia.

A conclusão lógica a que chegamos é que esse ponto de vista quer dizer que toda criança criada em lares com muita liberdade está condenada à perdição eterna, sem esperança de salvação, pois ela “não se desviará” do comportamento sem juízo que aprendeu. Mas não é bem assim!

Diariamente, milhares de pessoas que tiveram uma experiência de vida cheia de liberdade estão aceitando Jesus como Salvador.

Por que será que alguns querem tanto dismantelar Provérbios 22.6? É porque eles não gostam de seu lado menos interessante. Eles simplesmente não querem admitir que a contínua má conduta de um filho poderia ser devida à falta de disciplina de seus pais.

Os pais não são a *causa* dos pecados de seus filhos. A Bíblia deixa isso bem claro. Todo bebê nasce com uma natureza pecadora e com pecados sem precisar que seus pais o forcem a pecar (Romanos 3.9-20). Contudo, Deus ordena que os pais instruaem seus filhos e expulsem deles sua falta de juízo natural. Se a falta de juízo de uma criança *persistir*, é porque seus pais não estão cumprindo seu dever. Se eles forem *fiéis* em seu dever, seus filhos não se tornarão adultos sem juízo. Deus prometeu.

Mais Promessas

A opinião de que os pais não são responsáveis pelo comportamento dos filhos não é mais poderosa do que a promessa de Provérbios 22.6. Mas gostaria de lhe dar mais alguns motivos bíblicos para não aceitar esse tipo de opinião.

Em primeiro lugar, pense por um minuto nos muitos, muitos versículos bíblicos que orientam os pais no modo como criar seus filhos. Só o Livro de Provérbios contém quarenta e um versículos sobre como instruir os filhos. Não seria estranho Deus frisar tanto o modo de criar os filhos do jeito certo — o jeito *dEle* — se nada disso vai fazer diferença no tipo de adultos que eles vão se tornar?

Em segundo, Deus requer que todo líder tenha filhos **“sujeitos a ele, com toda a dignidade”** (1 Timóteo 3.4). Os filhos de um líder também devem ser crentes que **“não sejam acusados de libertinagem ou de insubmissão”** (Tito 1.6). O motivo é: **“Se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus?”** Portanto, (1) Deus quer que o homem tenha capacidade de governar sua família; e (2) quando os filhos são governados como se deve, eles crerão e obedecerão com toda dignidade. Dirigir os filhos como se deve é algo que um homem *pode e deve* aprender antes de tentar dirigir uma igreja.

Em conclusão, ainda que seja difícil ser uma boa mãe porque **“a insensatez está ligada ao coração da criança”**, contudo **“a vara da disciplina a livrará dela”** (Provérbios 22.15). Esse versículo nos mostra a causa e o efeito. A criação que é feita de acordo com os ensinamentos e a vontade de Deus (a causa) produz filhos dedicados a Deus (o efeito). Em Provérbios, a sabedoria é o contrário da falta de juízo.

É claro que Deus é soberano, e sem Sua bênção ninguém se salva. Mas Deus não age por meros caprichos; Ele sempre escolhe abençoar os meios que Ele estabeleceu. Ele não nos dá mandamentos sobre como criar nossos filhos e então se esquece de abençoar e ungir nossos esforços diligentes.

“Como é feliz o homem que teme o Senhor e tem grande prazer em Seus mandamentos! Seus descendentes serão poderosos na terra, serão uma geração abençoada, de homens íntegros” (Salmo 112.1-2).

O propósito de Deus não é simplesmente que os pais criem filhos que serão cristãos por um triz. A vontade de Deus é que criemos filhos que se tornarão *líderes* — “poderosos na terra”.

Se levar a sério sua responsabilidade e as promessas de Deus, você terá todo motivo para experimentar sucesso.

.oOo.

9

Criando Filhos Sem Confusão

Um dos maiores motivos por que as mães de hoje estão querendo tanto conseguir um emprego é simplesmente a fim de escapar dos filhos.

Se me dessem um centavo por cada mãe com um filho na creche que foi trabalhar fora “para escapar de casa”, eu poderia comprar o Estado de São Paulo inteiro. Isso nos dá muita coisa para pensar. Por que mulheres adultas estão sendo incapazes de cuidar de seus próprios filhos por mais que algumas horas por dia?

O motivo, naturalmente, é que *não é brincadeira ter crianças por perto*. Crianças que amolam e se comportam mal esgotam qualquer um. A perspectiva de enfrentar toda aquela incessante gritaria sozinha por dezoito anos é de dar medo. Essa é a razão do sucesso das creches, das babás, do trabalho das mães fora de casa, etc.

Eu poderia dizer várias coisas sobre essa situação. Poderia mostrar, por exemplo, que, se Deus nos dá uma responsabilidade não temos o direito de evitá-la, ainda que a achemos desagradável. Poderia falar sobre levar nossas cruces e negar-nos a nós mesmas. Mas realmente não penso que viver nosso papel de mãe seja tal cruz... se soubermos entender e viver esse papel.

O Fatalismo e as Metas Falsas

As mães de hoje estão sendo ensinadas, mediante lavagem cerebral, a esperar fracasso. Estamos gradualmente perdendo nossa visão espiritual e chegamos ao ponto em que, se os nossos filhos conseguirem passar pela Faculdade sem matar ninguém de problemas, consideramos isso vitória. Tudo porque a implacável e contínua infiltração das filosofias pagãs nas igrejas evangélicas de hoje está corroendo as nossas *metas* e os nossos *métodos*.

Como mães cristãs, nossa meta deve ser produzir filhos sábios que tenham motivação própria para fazer o bem e se afastar do mal. Não nos sacrificamos simplesmente para que nossos filhos recebam uma educação escolar e ganhem experiência em alguma área profissional, mas para que eles tenham um *coração dedicado a Deus* e uma *conduta amorosa*. Como afirma o Apóstolo Paulo: **“O objetivo desta instrução é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera”** (1 Timóteo 1.5).

Essa meta pode parecer bem evidente. Contudo, embora a dedicação a Deus seja a nossa meta prioritária, os pais cristãos de hoje estão sob grande pressão para pôr metas menos importantes na vida dos filhos. Por exemplo: esportes, beleza, popularidade, etc. Pregam por aí que tudo isso “ajuda nossos filhos a alcançar seu potencial”.

A sociedade atual faz com que os pais se sintam culpados se não investirem tudo no sucesso educacional dos filhos. E quanto à popularidade, chegamos ao ponto em que alguns pais cristãos *temem* fazer seus filhos parecerem diferentes dos descrentes! A jovem Márcia *deve* participar das atividades esportivas que exigem saias e camisetas bem curtas. Do contrário, ela será isolada pelas outras adolescentes. O jovem Marcelo deve fazer parte do time de futebol, ainda que joguem nos domingos. Eles devem namorar, beber e ir a bailes — não porque seus pais crêem que essas atividades edifiquem espiritualmente, mas simplesmente para que eles sejam “normais”.

Os resultados dessas metas falsas não são muito bonitos. Muitas adolescentes populares têm naufragado moral e espiritualmente. Muitos esportistas famosos têm caído na bebedeira, drogas e até hábitos piores por causa do exemplo de seus amigos no time.

A meta de Deus para nossos filhos e filhas, por outro lado, não leva ninguém à degeneração moral. Ele quer que eles *sejam como Jesus*.

Os Especialistas e Seus Métodos

Possivelmente nada tem causado tanto mal às famílias em nossa época quanto os especialistas. Como diz Thomas Sowell, um economista negro que vê a maioria das coisas com clareza:

“Já reparou quantos desastres seguem no rastro dos ‘especialistas’? O período desde a 2ª Guerra Mundial tem sido a grande era dos especialistas na área de criar filhos. Ninguém conseguia ligar o rádio ou o televisor, ou abrir um jornal ou revista, sem se deparar com um exército de especialistas nessa área.

A primeira coisa que esses especialistas frisavam é que os pais comuns estavam totalmente errados em sua maneira de lidar com a questão. O que era necessário era um modo moderno e sofisticado de lidar com crianças, não os métodos simplistas ou tradicionais. O que ocorreu em seguida foi um aumento sem precedentes na delinquência juvenil, no crime, no suicídio e na gravidez entre as adolescentes. A única coisa que diminuiu foi o bom desempenho das crianças na escola” (162).

Rara hoje é a mãe que ousa cuidar de seu bebê sem uma montanha de livros do Dr. Sabetudo, do Dr. Infalível e de todos os seus colegas. E, é claro, ela não conseguiria *ser* uma mãe de verdade sem as revistas sobre

pais e filhos, que são campeãs em convencer as mães e os pais a aceitar passivamente suas ordens, fazendo-os achar que eles não sabem nada sobre criar filhos. Tais revistas criticam isso e recomendam aquilo com tanta autoridade como se estivessem no lugar do próprio Deus dos Dez Mandamentos.

Recebi um anúncio pelo correio, por exemplo, que me oferecia uma revista com respostas “competentes” a questões sobre as crianças, inclusive ensinando as mães a não serem “superprotetoras” e a não disciplinarem os filhos fisicamente. Esse anúncio me garantia uma revista com “artigos escritos por respeitados psicólogos, obstetras, pediatras e outros especialistas na área de criação de crianças”. Esses especialistas se consideram competentes até para dizer se as mães devem ter mais um bebê ou não. A revista apóia totalmente as mães a voltar a trabalhar fora, dando orientações específicas, inclusive sobre o controle da natalidade e escolas de educação infantil.

Você acha estranho que as publicações para os pais se considerem “competentes” para dar conselhos sobre o controle da natalidade? Isso tudo acontece porque *a adoração aos especialistas é parte da religião humanista/feminista*. Quando os seres humanos não aceitam os mandamentos de Deus, eles se tornam deuses para si mesmos e decretam suas próprias leis.

A sociedade inteira está se prostrando diante dos especialistas, principalmente dos “doutores” das supostas ciências da psicologia e sociologia. O resultado é que os ensinamentos do homem (“Dr. Infalível disse isso!”) chegam a ser exaltados *acima* dos ensinamentos de Deus.

Ora, não me entenda mal. Não tenho nada contra os especialistas. Mas por favor, gente, vamos reconhecer que a psicologia e a sociologia *não* são ciências. A psicologia é uma arte e, como qualquer outra arte, o artista a utiliza de acordo com as suas percepções pessoais.

Eu poderia mencionar quantos psicólogos acabaram mostrando no final que eles estavam errados, quantas vezes eles se contradizem uns aos outros e como muitas vezes os seus dados são tendenciosos e preconceituosos. (Quantos cristãos você acha que participaram de todos aqueles testes de “reação sexual” que eles fazem? Você deixaria algum especialista registrar as reações do seu corpo enquanto você estivesse tendo relações sexuais com vinte indivíduos estranhos? Não? Bem, então por que é que deveríamos dar alguma atenção aos especialistas degenerados que fazem tais testes?) Mas vamos dar uma olhadinha para

ver se, como as outras ciências, a psicologia produz os resultados que os psicólogos predizem:

“A primeira indicação de que a psicologia poderia ser ineficiente apareceu em 1952 quando o Dr. Hans Eysenck do Instituto de Psiquiatria da Universidade de Londres descobriu que as pessoas neuróticas que não recebem terapia têm tanta probabilidade de se recuperar quanto as que recebem. Estudos adicionais realizados por outros pesquisadores mostravam resultados semelhantes. Então o Dr. Eugene Levitt da Faculdade de Medicina de Indiana, EUA, constatou que as crianças com distúrbios que não eram tratadas se recuperavam no mesmo grau que as crianças com distúrbios que eram tratadas. Uma indicação adicional do problema foi revelada nos resultados do extenso Estudo de Jovens Cambridge-Somerville. Os pesquisadores notaram que os delinquentes juvenis que não recebiam aconselhamento tinham um grau mais baixo de distúrbios e problemas do que os que eram aconselhados. Outros estudos mostraram que, no tratamento de pacientes, as pessoas comuns (que não têm nenhum curso de aconselhamento ou psicologia) conseguem resultados tão bons quanto os psiquiatras ou os psicólogos clínicos. E os estudos Rosenham indicaram que os funcionários de hospitais mentais não conseguiam nem mesmo distinguir a diferença entre as pessoas normais e as que tinham mesmo distúrbios... A ajuda dos psicólogos, então, não tem nada de especial” (163)

William Kirk Kilpatrick, autor da citação acima, é doutor em psicologia educacional. Ele tem mais a dizer sobre o assunto:

“A psicologia e as outras ciências sociais podem estar prejudicando seriamente nossa sociedade... Os valores psicológicos, em grande parte, não respeitam os valores tradicionais. E há motivos para acreditarmos que os valores psicológicos podem ser destrutivos... Um exemplo um tanto gritante... vem da Suécia, talvez o país que mais utilize terapias psicológicas no mundo, onde passaram uma lei proibindo os pais de disciplinar seus filhos fisicamente. Além do mais, é crime ameaçar... ou de algum modo “abusar psicologicamente” dos filhos. Presumivelmente, isso significa que os pais não mais podem levantar a voz para os filhos ou mandar que não saiam do quarto. Mas não há prova alguma de que a psicologia tornou a

Suécia um país mais feliz. Todos os relatos mostram que os jovens suecos estão mais deprimidos do que nunca (164).

A psicologia só é útil como meio de *registrar as observações que fazemos do comportamento humano*. É dessa forma que ela sempre existiu e muitas vezes nos ajudou. No passado, um homem idoso costumava sentar-se à entrada da cidade para observar as pessoas passarem e para conversar com outros homens idosos. Desse jeito ele acumulava experiências que o ajudavam, por exemplo, a concluir que os esquimós não gostam de comprar gelo. Com essas observações, ele então podia dar recomendações para os outros, tais como: “Jamais tente vender gelo a um esquimó”. Contudo, suas recomendações não eram consideradas verdades científicas absolutas e ele não procurava ser mais do que realmente era: **“Já fui jovem e agora sou velho”** (veja Salmo 37.25).

Os psicólogos, os sociólogos e outros especialistas podem nos dizer o que veem, mas eles não têm autoridade nenhuma para nos dizer o que devemos *fazer*. Daí a nossa confusão. Se sua filha costuma vomitar às sextas-feiras, os psicólogos podem lhe dar palpites sobre como parar isso. Mas, *como psicólogos*, eles não podem provar que os meios que eles sugerem são moralmente corretos. A Bíblia deve ser nossa fonte de opiniões e ações morais.

Posso agora imaginar um dilúvio de cartas chegando ao meu endereço perguntando: “E quanto aos psiquiatras e psicólogos *cristãos*?” Respondo: “O que é que há com eles?” Qualquer cristão pode dar sua opinião sobre o que a Bíblia diz. Qualquer psicólogo pode passar para nós suas observações. O perigo surge quando cometemos o erro de pensar que há algo de sagrado e ungido no ensino de um irmão cristão só porque ele tem um diploma de doutor. Se não estou enganada, essa adulação aos doutores é exatamente o que Jesus tinha em mente quando nos preveniu a não chamarmos nossos irmãos cristãos de **“Rabi”** (Mateus 23.8).

Dra. Mamãe

Deus diz que as mulheres mais jovens devem receber seu treinamento das mulheres mais velhas, não dos doutores (Tito 2.4). Será que nós, *mães*, não somos as verdadeiras especialistas em como cuidar de crianças?

O que é que os especialistas têm a oferecer, afinal de contas? Eles só oferecem ensinamentos de livros (de livros escritos por outros especialistas). Além disso, normalmente eles observam crianças só em ambientes

institucionais — tais como creches e escolas públicas. Eles não sabem observar um menino no gramado de sua casa, ao menos não sem atrapalhar a espontaneidade dele. E é mais que óbvio que eles não têm tempo suficiente para estudar pacientemente cada criança. A maior parte dos especialistas nunca viu um menino que não assiste à TV. Alguns nunca entrevistaram uma criança de um lar verdadeiramente cristão.

A Bíblia, por outro lado, não mostra que os ensinamentos de livros e a experiência de aconselhamento psicológico são qualificações para ensinarmos as outras pessoas a criar seus filhos. Para os líderes da igreja, a qualificação é que *eles tenham conseguido criar seus filhos com sucesso*. Os pastores e as mulheres mais velhas devem preencher essa qualificação antes de serem indicados para posições de função na igreja (1 Timóteo 3.4,5; 5.10; Tito 1.6). Isso faz muito sentido.

Alguns acham que o único modo como podemos avaliar o ensino de um especialista é se o que nós lemos ou ouvimos dele *soa* bom ou não. Contudo, a Bíblia mostra que podemos conhecer um bom ensino pelos frutos que *vemos* na vida das pessoas que ensinam. Uma mulher mais velha tem filhos dedicados a Deus? Bem, então podemos ouvi-la com um bom grau de confiança.

Os retornos são garantidos. Seja lá o que foi que ela fez, pelo menos não fez mal. Já que ela é apenas uma esposa e mãe como nós, não uma psicóloga, não nos sentiremos intimidadas a adotar seus ensinamentos como se fossem sagrados nem os adotaremos sem colocá-los à prova diante da Bíblia.

A mulher mais velha não só é uma *mestra*, mas também um *exemplo*. Você e eu podemos esperar ocupar sua posição algum dia e ensinar as mulheres mais jovens. Com os especialistas já não ocorre isso. Em conclusão, os anos de experiência dela em situações que todas nós, mães, enfrentamos a tornaram uma rica fonte de sugestões, idéias e conselhos para colocarmos em prática as normas da Bíblia. Ela mesma passou por tudo o que nós passamos. Ela fala de experiência própria.

Mas quem é que sabe como os filhos de um especialista se conduzem? Nós o vemos na TV ou lemos seus livros, mas jamais nos *encontramos* com ele. Se for um daqueles indivíduos que ganham uma parte substancial de sua subsistência fazendo viagens pelo país, talvez ele nem mesmo esteja criando seus filhos. Se eles estão se saindo bem, sua *esposa* é que deveria receber toda honra!

Além disso, a fim de se tornar um especialista credenciado um homem ou mulher teve de passar anos aos pés dos ateístas. Ele ou ela teve de absorver os ensinamentos de Freud, Jung, Fromm e todos os seus

descendentes. É difícil alguém passar anos mergulhado na literatura anticristã sem nada o contaminar. O fato é que muitos que seguem esse caminho sucumbem ao fermento dos fariseus. Veja como os encontros de casais de tantos psicólogos cristãos imitam o mundo, principalmente com suas técnicas de comunicação conjugal e de criação de filhos com muita liberdade.

Isso significa que todos os psicólogos cristãos são maus ou ineptos? Claro que não. Alguns talvez até tenham as qualificações de um pastor, e *nessa base* eles podem ensinar em suas igrejas locais. *Nessa base* eles podem escrever seus livros e falar em seus programas de rádio. Mas um especialista distante é ainda um fraco substituto para uma mãe perto. E seu diploma de doutor não é o que o qualifica a nos ensinar como criar nossos filhos. Sua qualificação são seus filhos.

Tudo o Que as Mães Precisam

A confusão que temos hoje sobre criação de filhos (evidente nos muitos livros sobre o assunto que são vendidos) é consequência da nossa dependência para com os especialistas. A solução em parte é incentivar as mulheres mais velhas a transmitirem suas habilidades para as mulheres mais jovens. Mas e se você não conhece nenhuma mulher mais velha de confiança? Se a geração de nossas mães e avós tivesse sido obediente à Bíblia, não estaríamos agora em tal confusão. Mas *estamos* no meio da confusão, vendo com os próprios olhos o fracasso da geração passada. Portanto, não é prudente simplesmente pedir que qualquer mulher evangélica mais velha seja sua orientadora espiritual. E é difícil achar uma avó cristã boa e de confiança.

Era a vontade de Deus que o papel bíblico de mãe fosse transmitido de geração para geração. Mas a nossa geração não conseguiu aprender como se devia. Por isso, é nossa responsabilidade — sua e minha — aprender tudo novamente. Temos de fazer mais do que seguir os passos de nossas mães. Temos nós mesmas de ir diretamente à Bíblia, sem acreditar em nada de nossa experiência, e *redescobrir a arte perdida de como viver o papel de mãe*.

Será que isso é difícil? Às vezes. É mais difícil nadar contra a maré do que deixar-se levar pela corrente. Mas não é complicado. Em vez dos estilos ultramodernos e complicados de criação de filhos, nós temos só um mestre para seguir: Jesus.

E Jesus — glorificado seja o Seu Nome — é simples em todas as coisas. Sua Palavra é como luz que brilha cada vez mais forte, não como denso nevoeiro no qual mal se consegue andar.

A Bíblia divide a criação de filhos em duas categorias: *o que devemos fazer e de que modo devemos fazer.*

O que devemos fazer: Nós devemos gravar os mandamentos de Deus no coração de nossos filhos. Devemos ajudá-los a conhecer a história da Bíblia e fazer todo o possível para que eles adquiram a experiência necessária para viverem uma vida produtiva.

De que modo devemos fazer: Devemos ser rigorosas com todo pecado, pacientes e bondosas com toda fraqueza genuína e devemos incentivar todo ato de boa conduta. Nós também devemos viver um bom exemplo diante deles. As mães têm um chamado especial para ser pacientes e bondosas. E os pais são de modo especial orientados a ser incentivadores. Mas, enquanto a misericórdia estiver misturada com a justiça, para a criança isso significará amor. E é o amor que ganhará o coração dela.

Todas as teorias psicológicas ostentosas que estão sendo ensinadas por aí estão longe do perfeito plano de Deus. Muitas vezes até atrapalham. Um especialista afirma que um pouquinho de tempo de qualidade à noite é muito melhor do que a mãe passar o dia inteiro com seus filhos, gravando os mandamentos de Deus neles, etc. Outro diz que devemos aplicar a disciplina física, mas se esquece de mencionar o incentivo. Outro ainda nos manda incentivar, mas vê a disciplina física como último recurso.

Em nossos tempos modernos, todos querem um método instantâneo de produzir filhos maravilhosos, e esse é o motivo por que há um número enorme de especialistas. Mas a Bíblia nos orienta a sermos pacientes e a nos esforçarmos em nossa obediência ao que Deus diz. Criar filhos corretamente é um trabalho duro; não há como evitá-lo. Mas não precisa ser um trabalho complicado. Para criar filhos certo, nós só temos de criá-los... certo?

Criar filhos cristãos não é realmente tão difícil. *A menos* que desnecessariamente os entreguemos a substitutos e especialistas. Eles são diferentes das mães, pois só elas têm real amor pelos filhos. Além disso, na área de criação de filhos, Deus só dá promessas de sucesso aos pais. No capítulo seguinte vamos ver como as mães (e os pais) são insubstituíveis.

.oOo.

Bibliografia:

(162) “Expert Faiulures”, *Pink and Brown People, and Other Controversial Essays* (Stanford, CA: Hoover Institution Press, 1981), p. 35.

(163) William Kirk Patrick, *Psychological Seduction: The Failure of Modern Psychology* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1983), p. 29.

(164) *Ibidem*, p. 30.

.oOo.

10

O Lar Como Estufa Para Plantas Novas

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA! Hoje num hospital da cidade registrou-se um nascimento muitíssimo fora do comum. A Senhora Nãoparo de Trabalharfora deu à luz um filho de 18 anos de idade! Falando sobre essa experiência sem precedente com os repórteres, a Senhora Nãoparo de Trabalharfora disse: “Acho que vai se tornar a moda do futuro. Qual a mãe que não preferiria um bebê que já soubesse ir ao banheiro sozinho e que, em vez de mantê-la afastada do emprego, tivesse ele próprio um emprego?” De acordo com os que presenciaram o evento, o jovem João Trabalharfora saiu do corpo de sua mãe completamente vestido com um terno de homem de negócios. Depois de sorrir para as câmaras, ele pegou sua pasta (que havia sido atenciosamente colocada ali pelo orgulhoso pai) e saiu dirigindo-se direto para o trabalho.

Há alguma mãe no mundo que iria acreditar nessa estória? Duvido. Qualquer uma de nós que já teve filhos sabe que um bebê humano é a mais frágil de todas as criaturas. Parece um milagre que uma criança tão pequena e delicada, toda coberta de sangue e com a boca cheia de muco, consiga sobreviver. No nascimento, o bebê não consegue levantar a cabeça. Ele não consegue se arrastar em direção ao peito da mãe, algo que os filhotes de todas as espécies conseguem fazer. Que tremendos pensamentos lhe passam pela mente, olhando para aquele rugoso rostinho

vermelho (ou pardo ou amarelo), sabendo que, se você não lhe trocar as fraldas, não o alimentar e não o amar, ele morrerá.

Mãe Superprotetora ou a Fábula da Estufa Prejudicial

Mas a sociedade humanista de hoje, em sua constante luta contra a realidade, tenta não ver que os bebês realmente são criancinhas dependentes que não podem ajudar a si mesmas. As Senhoras Nãooparo de Trabalharfora deste mundo querem ardentemente crer que as crianças já nascem adultas. O instinto natural de proteção que a mãe tem agora é chamado de “amor superprotetor”. A ideia é que os filhos terão algum dia de enfrentar o mundo, de maneira que eles bem que poderiam ser empurrados agora para ele. Aliás, *devemos* empurrá-los agora para o mundo. Isso os ajudará a “amadurecer” mais rápido. Alguns acham que os filhos não precisam da proteção de seus pais, pois eles podem se sair tão bem no mundo quanto os adultos.

Fala-se muito hoje sobre o “amor superprotetor” e a encantadora “independência” das crianças de creche e das crianças que têm de ficar trancadas em casa sem ninguém para cuidar delas enquanto os pais estão trabalhando fora. Mas tudo se resume nisto: os pais *não devem* controlar o ambiente de seus filhos. É seu *dever* entregar os filhos a outros indivíduos, sejam eles babás, professores, coleguinhas ou então deixar que as próprias crianças decidam o ambiente que elas querem. Alguns acham que isso é muito melhor do que a “antiquada” boa criação que os próprios pais têm para oferecer.

Será que é melhor mesmo que as crianças enfrentem o mundo sem a ajuda de seus pais? A atmosfera de “estufa” do lar realmente *prejudica* as crianças? Costumam aplicar o argumento da “estufa prejudicial” às escolas cristãs, mas o Dr. Paul A. Kienel, diretor executivo da Associação Internacional de Escolas Cristãs, desfaz esse argumento. Suas palavras também se aplicam muito bem ao lar como “estufa”:

“As escolas cristãs muitas vezes são vistas como estufas que criam um ambiente protegido para as crianças. Muitos acham que uma estufa é boa para plantas novas e delicadas, mas que de algum modo o ambiente semi-protegido das escolas cristãs não é bom para as crianças. A comparação das plantas que crescem em estufas traz consigo alguns

paralelos interessantes. Todo o mundo sabe, por exemplo, que o propósito da estufa é dar uma vantagem inicial às plantas novas. O ambiente ideal da estufa protege as plantas contra os elementos destruidores durante o delicado começo de seu período de crescimento e lhes dá condições adequadas para alcançar maturidade máxima. No tempo certo as plantas novas chegarão a um ponto onde estarão prontas para ser replantadas no ambiente natural. O resultado final é que elas serão maiores, mais fortes, mais produtivas e melhor preparadas para repelir as doenças de plantas e sobreviver sozinhas do que outras plantas semelhantes que tiveram seu começo de crescimento nas matas do campo.

O paralelo é óbvio. Se as plantas novas ficam melhor preparadas para enfrentar o mundo quando têm seu começo numa estufa, então as crianças novas que são educadas num genuíno ambiente de escola cristã (que expõe os estudantes aos erros do mundo mas não lhes ensina os caminhos do mundo) serão bem mais fortes do que as crianças novas que estudam em escolas do mundo” (165).

Tudo o que o Dr. Kienel disse sobre a escola cristã se aplica em dobro ao lar cristão. A Bíblia ensina que o lar cristão *foi criado* para ser uma estufa de plantas novas. **“Seus filhos serão como brotos de oliveira ao redor da sua mesa”**. (Salmo 128.3). **“Então, na juventude, os nossos filhos serão como plantas viçosas, e as nossas filhas, como colunas esculpidas para ornar um palácio”**. (Salmo 144.12). Esses dois Salmos, que falam sobre os filhos como plantas novas nutridas no lar, são Salmos de bênção. O Salmo 128 é sobre o *homem* abençoado. O Salmo 144 é sobre a *nação* abençoada. A família e a nação que Deus pretende abençoar criará seus filhos no lar.

Vamos mais uma vez dar uma olhada nessa ideia de que não devemos proteger as crianças contra o mundo exterior. Protegemos os nossos filhos em *outras* áreas. Escondemos os remédios deles. Cobrimos as tomadas elétricas. Mas digamos que apareça um especialista nos dizendo que isso está totalmente errado. “As crianças precisam explorar”, diz ele. “Deixe que elas enfiem garfos nas tomadas elétricas e comam remédios. Como se sabe, a eletricidade e os remédios são parte do mundo real e as crianças precisam ter oportunidades de contato com essas coisas”. Isso parece um conselho inteligente? Imagine o menino Rafael dizendo à mãe em pleno inverno: “Quero vestir minha roupa de banho e dormir lá fora”. Imagine agora a mãe dizendo: “Tudo bem, querido. Você é um menino grande. Confio na sua capacidade de decisão. Longe de mim ser superprotetora com você. Vá em frente!” Se o Rafael é tão independente, por que ele precisa de tanta proteção de suas próprias ideias sem juízo?

Fisicamente, nós alimentamos e guardamos nossos filhos de todo mal. Então por que é que devemos acreditar que *espiritual e emocionalmente* eles não precisam de proteção?

A Creche e a Criança Desprotegida

Entretanto, as coisas chegaram a tal ponto que as mães que não colocam seus filhos na creche são consideradas “superprotetoras”. Minha amiga Dot estava praticamente chorando quando me contou a experiência que ela teve no berçário de sua igreja. As outras mulheres, que são esposas que trabalham fora e sabem muito bem que Dot permanece no lar para ficar com sua filha, passaram uma hora inteira conversando alto umas com as outras. Elas estavam comentando que, por causa da creche, seus filhos iam se tornar “independentes”. Elas também diziam estar felizes porque não estavam sendo superprotetoras com eles ficando em cima deles o dia inteiro. Em harmonia com esse tipo de mentalidade, um editorial de jornal declarou: “As mulheres que permanecem em casa mostram um egoísmo insensível” (166).

Vamos falar franca e abertamente. Pôr uma criança na creche é simplesmente *entregar a supervisão dessa criança a alguém que não é sua mãe*. Se a creche é melhor para as crianças do que ficar em casa com a mãe, isso significa que *pessoas totalmente estranhas são melhores mães* do que a mãe natural. Ou se admitirmos que ficar atolado numa sala com 100 crianças e quatro funcionárias não é tão bom quanto a atenção da mãe, então fica claro que a questão real não é o que é melhor para o bebê, mas o que a própria mãe está querendo.

Quanto às críticas de “superproteção”, qualquer mãe que se alegre de não estar sendo superprotetora com seus filhos em casa está realmente confessando que *a creche não é um ambiente tão protegido quanto o lar*. Ela sabe que na creche não tomarão conta de seu bebê ou filho de três anos com tanto cuidado e atenção quanto ela, e tem coragem de se gloriar disso!

Tudo o que posso dizer é que no tempo do Novo Testamento as únicas mulheres que a igreja considerava dignas de assistência financeira eram as viúvas que haviam “criado filhos”, termo que na língua grega original tem o significado de *a própria mãe cuidar com carinho* dos filhos (veja 1 Timóteo 5.10). Tenho também de mencionar que o moderno conceito de creche foi inventado por um indivíduo *playboy* que queria dar às mães liberdade para levarem uma vida sexual promíscua (167). Além disso, os ateístas e os defensores do “sexo livre” foram a principal força de apoio às

primeiras creches. Hoje até mesmo as igrejas cristãs as apóiam. Mas você precisa conhecer alguns fatos acerca das creches com pouca proteção que estão salvando as crianças da temível doença da superproteção.

A revista *Washington Monthly* declara:

“A maior parte das instalações das creches mantidas pelo governo não preenche os padrões amplamente aceitos de qualidade, saúde e segurança. Aliás, a vida das crianças corre perigo em algumas das creches...” (168).

Um artigo de jornal certa vez contou a notícia de uma bonita menina que hoje está com danos no cérebro por causa do espancamento que sua babá lhe dava. A mãe foi um dia pegar sua filha e a babá lhe entregou uma garotinha inconsciente. As investigações revelaram que a menina, que não sabia falar, era espancada regularmente. Pela lei, os pais nem mesmo conseguiram impedir essa mulher de continuar cuidando de crianças — tudo o que puderam fazer foi processá-la. A questão real da história foi mostrada por uma autoridade que afirmou: “É incrível, mas temos dificuldades de aplicar até mesmo as medidas necessárias para atender denúncias desse tipo, pois muitos pais nem conhecem direito a babá de seus filhos”. Ele ficou transtornado com o fato de que os pais sejam tão ingênuos a ponto de entregarem seu bebê aos cuidados de uma pessoa estranha.

A prática de maus-tratos está se tornando um problema comum entre as babás e outras assistentes que cuidam de crianças. Isso é de *esperar* quando uma criança é entregue a alguém que não a ama e quando a pessoa encarregada está sobrecarregada com o peso de cuidar de talvez umas dez ou vinte crianças novas ao mesmo tempo. Um bebê que chora alto e grita com a babá, mas que não sabe contar a seus pais o que está acontecendo, é uma vítima perfeita para a pessoa sádica (ou não muito equilibrada) que pode preferir dar pancadas em vez de dar carinho.

Mesmo as crianças mais velhas podem se tornar vítimas de uma babá sem princípios morais. Quando vivíamos em Connecticut, me lembro de ter lido uma notícia de jornal a respeito de uma gangue de pornografia infantil. A polícia conseguiu acabar com essa gangue quando descobriu o que uma babá adolescente fazia com as crianças que estavam sob seus cuidados. Ela levava as crianças à casa de um amigo, onde elas eram usadas sexualmente e filmadas. As ameaças as mantiveram em silêncio até que uma mãe inteligente acabou descobrindo a origem da inexplicável angústia de sua filha.

“Um relatório do governo dos EUA indicou que há mais de 1 milhão de jovens americanos menores de 16 anos sendo usados na pornografia ou na prostituição...

Pesquisadores médicos da Califórnia descobriram um número chocante de crianças com menos de 5 anos que estavam com doenças venéreas, e uma autoridade estadual relata que em 1983 foram fechadas dez vezes mais creches do que em 1978, por causa de crimes sexuais.

Os especialistas na área de maus-tratos de crianças sempre insistem em que os pais devem tomar cuidado quando deixam os filhos aos cuidados de adultos, até mesmo de indivíduos bem conhecidos da família. O Dr. Ronald Summit, psiquiatra da Universidade da Califórnia em Los Angeles, observou que “não há dúvida, conforme mostram todas as pesquisas, que o perigo de a criança ser maltratada e violentada aumenta assim que ela é afastada da atenção de sua mãe natural” (169).

“Mas nós colocamos nossos filhos numa creche cristã!”. “Mas nós deixamos nosso bebê com uma mãe cristã!”. Vamos supor, por um momento, que a babá ou as funcionárias da creche sejam de fato cristãs sinceras. Isso ainda não significa que Deus deu a elas os mesmos hormônios e instintos maternos que você possui, nem que seu filho sentirá com elas a mesma alegria que ele sente quando está com você em casa. Principalmente no caso das creches, há problemas inerentes que ninguém pode resolver.

Para a criança nova, é um trauma emocional ser deixada no meio de um grupo numeroso de crianças que não são parentes dela e ser supervisionada por um grupo de adultos que também não são parentes dela. Mas mesmo que você não se preocupe com isso, pelo menos leve em consideração a segurança física de seu filho. É uma situação tão difícil que, às vezes, nem mesmo uma funcionária de creche sabe o que fazer (170). Ninguém tem oito olhos. Acidentes podem e acontecem que jamais ocorreriam se os olhos atentos da mãe estivessem em seu próprio menino ou menina.

Anos atrás um menininho que estava sob os cuidados da creche de uma igreja morreu. Num dia de 40°C as babás, todas cristãs bem intencionadas, levaram as crianças para fazer uma excursão. Com tantas crianças juntas, acabaram esquecendo o menininho dormindo no ônibus fechado, onde ele morreu sufocado.

Lamento amedrontar você com essas histórias trágicas. Mas acho que é hora de os pais despertarem para a realidade. A creche não é o paraíso infantil que gostaríamos que fosse. Crianças já foram e continuam sendo maltratadas, estupradas e negligenciadas pelos que trabalham em creches

ou por outros adultos que ganham acesso às suas instalações. Será que me esqueci de mencionar que mesmo quando as funcionárias da creche ou a babá preenchem todos os requisitos da fiscalização do governo, isso não garante que os amigos e parentes delas, ou até mesmo estranhos das ruas, não poderiam entrar na situação?

Sobre essa questão, o deputado Dick Bond, do Estado de Washington, deu o melhor conselho que uma mãe podia ouvir. Depois que a filha de um ano e sete meses de um casal de Washington sofrera violência sexual por parte do *filho* da diretora de uma creche credenciada pelo governo, eles escreveram para cada um de seus legisladores estaduais pedindo leis mais rigorosas de licença para as creches. O deputado Bond respondeu por carta: “Nenhuma licença ou lei do mundo pode impedir o que aconteceu no caso de vocês. Mas criar os filhos em casa pode impedir isso. Pensem nisso” (171).

Deus deu seus filhos a *você*, não a uma mulher substituta. *Você* é a pessoa responsável de ser a mãe deles. Se eles precisam de cuidado e atenção de mãe (e a existência da creche também mostra implicitamente que os filhos precisam de algum tipo de cuidado), eles precisam do cuidado e atenção que *você* tem para dar.

Mães são importantes. Relacionamentos são importantes. Pense nisso da seguinte forma. Como *você* se sentiria se tivesse de levar para casa uma criança diferente a cada dia? Será que, para *você*, não faria diferença alguma, se fosse seu próprio filho ou não, dar banho e ler livros para uma criança diferente a cada noite? Bem, se *você* não quer qualquer criança a não ser a sua própria, por que é que seu filho deveria querer qualquer mãe a não ser *você*?

Até mesmo as pessoas que trabalham nas creches conseguem ver que as crianças só querem suas mães. Uma funcionária de creche escreve:

“Estou tão preocupada com as crianças cujas mães trabalham fora em tempo integral. Venho trabalhando numa creche, escola dominical e escolinha para crianças há cinco anos e às vezes tenho vontade de chorar. Algumas famílias precisam de duas pessoas trabalhando fora para sustentar o lar, mas outras não. É de deprimir. Essas crianças precisam tanto de amor e atenção (individualmente), mas não recebem. A maior parte delas quer ir para casa para ficar com a mãe logo depois da escola. Elas querem abraçá-la e beijá-la. Elas querem conversar e se exibir para o pai. Mas tudo o que elas conseguem é eu. Procuo fazer o melhor que posso e eu amo muito essas crianças; mas eu não sou a mãe delas” (172).

“Deus dá um lar aos solitários”. (Salmo 68.6). Não é a vontade de Deus fazer com que algum membro da família fique solitário. Enquanto a

criança é nova o suficiente para precisar do cuidado e amor da mãe, ela precisa de sua mãe.

A Escola como Babá

A creche, porém, é só um dos males da sociedade moderna. Até mesmo as mães que se opõem às creches foram treinadas a ver como natural entregar seus filhos a substitutos quando eles chegam à “idade escolar”. Linda Burnett, por exemplo, ajudou a escrever *The Unwanted Generation* (A Geração Indesejada), um livro que adota um firme posicionamento contra as creches. Ela diz: “Como mães, ficaremos com nossos filhos em casa sob o nosso cuidado direto só por quatro ou cinco anos” (173).

O aumento no número de creches pode em parte ser entendido como uma extensão da mentalidade “entregue os filhos à escola”. Se os entregamos aos quatro ou cinco anos de idade, por que não aos dois ou três?

Já mostrei num capítulo anterior como as escolas modernas trabalham para arrancar o direito de os pais moldarem os valores de seus filhos. Agora gostaria de examinar o outro lado da questão — a disposição dos pais de jogar sua responsabilidade pelos filhos nos pobres, infelizes e superatarefados professores de escola.

A Bíblia deixa claro que os pais são responsáveis pelo treinamento de seus filhos. Devemos gravar os mandamentos de Deus no coração de nossos filhos em casa em todas as horas do dia. Isso claramente nos impede de entregar seu treinamento moral e espiritual a substitutos.

Mas hoje os pais esperam que os professores de escola criem seus filhos. Recordo-me que anos atrás a escritora Erma Bombeck afirmou que o motivo verdadeiro por que a educação pública jamais seria abolida é que as mães não conseguiriam aguentar ficar com seus filhos em casa junto com elas. As escolas estão sendo usadas como creches, para o prejuízo dos pais, crianças e professores.

Nem sempre foi assim. William McGuffey, autor do livro escolar *McGuffey's Readers* e campeão na educação pública americana do século XIX, insistia energicamente em que os pais não só supervisionassem mas também acompanhassem seus filhos nos estudos da escola (174). Em sua época comumente as crianças eram enviadas pela primeira vez à escola aos oito ou dez anos de idade, tendo já aprendido no lar a ler e escrever e tendo já seu caráter bem desenvolvido.

Hoje nós estamos numa encruzilhada. As autoridades públicas, junto com o *lobby* feminista, querem educação para *crianças cada vez mais novas* e querem mantê-las na escola *mais horas e mais anos*, numa estratégia para controlar totalmente nossos filhos. Por outro lado, importantes revistas americanas como *Fortune* e *Mother Earth News* classificaram a educação pública como um experimento que fracassou. Especialistas de tendências futuras como Alvin Toffler e John Naisbitt prevêm que a educação escolar em casa se tornará mais popular agora que estamos na era do vídeo e do computador.

Em resumo, temos de fazer uma escolha. Voltaremos a criar *nós mesmas* os nossos filhos até que eles sejam maduros o suficiente para se beneficiarem da instrução de um professor particular ou uma escola particular que *nós* escolhermos? Ou os entregaremos à educação do governo?

Alguns pais corajosos já estão lutando para ganhar de volta o direito de educar seus filhos conforme acham melhor. Mas sozinhos eles não terão sucesso, pois ainda há pais que entregam os filhos a uma babá ou que os largam na escola com um suspiro de alívio. A mentalidade desses pais chega a aceitar com alegria mais intervenções do governo. Só conseguiremos persuadir o governo a parar de tentar ocupar nosso lugar de mãe na vida de nossas crianças quando as mães amarem os filhos o suficiente para querer assumir a responsabilidade de criá-los.

A alternativa para a educação pública compulsória, que agora está se estendendo até às crianças mais novas, são as várias e diferentes opções de educação. Aprender em casa. Contratar professores particulares. Estudar numa escola particular. Aprender um ofício trabalhando de graça. E aprender com o auxílio de computador, fitas de vídeo, CDs, conferências, simpósios, etc. Tudo isso, e muito mais, é um jeito absolutamente válido de as pessoas aprenderem.

Peter Drucker, economista internacionalmente conhecido, mencionou numa entrevista que a economia do futuro terá tremenda necessidade de “tecnólogos: pessoas sem formação profissional oficial... que obterão o conhecimento teórico e o combinarão com o que lhes servirá de treinamento e prática”. O entrevistador então perguntou: “Você diria que as escolas estão produzindo tais tecnólogos em número suficiente?” A resposta do Professor Drucker é muitíssimo instrutiva:

“Não — embora eles sempre apareçam quando precisamos deles. Em parte, é porque eles se encaixam no espírito de iniciativa e criatividade... e, em parte, é porque, graças a Deus, não exista nenhum tipo de educação formal para

eles. É desse modo que estão aparecendo os tecnólogos... a maioria dos quais aprende suas habilidades profissionais... na livre empresa, isto é, fora das endeusadas e idolatradas universidades e faculdades” (175).

Não somos obrigadas a entregar nossos filhos aos “especialistas” da educação pública a fim de prepará-los para a vida. Podemos controlar as influências educacionais na vida deles e ainda produzir homens e mulheres produtivos. O governo como babá? Não precisamos disso.

Os Amigos e a Pressão

Muitos pais cristãos fizeram sacrifícios e começaram uma escola em casa ou tiveram de economizar bastante para investir numa escola cristã. Alguns líderes evangélicos estão fazendo um trabalho elogiável nos alertando quanto ao perigoso estado moral e espiritual das escolas públicas. Mas bem poucos pais ainda conseguem ver quanto poder eles têm para governar seus filhos.

Lembra-se daquela palestra sobre a qual lhe contei, dada numa escola cristã, em que o palestrante estava certo de que os filhos e filhas adolescentes de sua audiência namorariam sem ninguém supervisionando, imitariam o comportamento de seus colegas e ficariam viciados aos modernos programas de TV imorais? Seus ouvintes, compreensivelmente, estavam preocupados com coisas como drogas e álcool na vida de seus filhos. Eles também se preocupavam com o perigo de suas filhas se tornarem mães solteiras. Contudo, ninguém pensou em mencionar que os pais têm o *direito* e o *dever* de impedir seus filhos de ir aonde quiserem sem supervisão. Eles também têm o *direito* e o *dever* de manter fora de casa livros e programas de TV sujos. Isso tudo certamente impediria aqueles problemas.

Deixe-me usar o namoro como exemplo. O namoro é uma invenção recente da civilização ocidental. Nunca antes foi praticado na História humana. Por milênios as pessoas se casaram sem namorar. A idéia de deixar um adolescente e uma adolescente saírem para passar a noite toda, sem supervisão, na íntima companhia de alguém que eles acham sexualmente atraente é quase absurda demais para acreditar. Mas qualquer mãe que ouse dizer isso é classificada de mãe superprotetora.

Somos obrigadas a *confiar* nos jovens como se eles fossem anjos de santidade, com a capacidade de vencer todas as tentações e chegar em casa na hora certa. A surpresa não é que uns 95% dos rapazes e 80% das

jovens não sejam mais virgens quando estão em seu último ano de faculdade, mas que *alguém consiga se manter puro nessas circunstâncias*. Para evitar problemas, os pais devem insistir em que seus adolescentes *saíam a passeio ou viagem só de grupo, com um adulto acompanhando e supervisionando*. Se isso soa restritivo demais, lembrese de que esse jeito de se conhecer funcionou por gerações.

O mesmo princípio se aplica à liberdade que eles têm em geral de passar o tempo andando por aí à toa com qualquer companhia. Se os pais quiserem que seus filhos se tornem viciados em drogas, beberrões e degenerados, posso lhes dizer como fazer isso: deixe-os ir aonde quiserem com quem quiserem. Se quisermos ajudá-los, temos de assumir controle enérgico para garantir que nossos filhos inexperientes não se envolvam em problemas sérios. **“O companheiro dos tolos acabará mal”, e “o companheiro dos glutões envergonha o pai”** (Provérbios 13.20; 28.7).

Você não estará sendo neutra e progressista se não der atenção às amizades que seu filho escolhe; isso é pura falta de juízo. No mundo de hoje, onde até as crianças novas se envolvem com sexo e drogas, não podemos confiar que os amigos de nossos filhos serão uma boa influência. Temos de verificar quem realmente são eles. Quanto ao fato de eles ficarem andando por aí à toa a toda hora do dia e da noite, principalmente com dinheiro nos bolsos, isso é pedir problemas.

Viver nosso papel de mãe significa assegurar que nossos filhos sejam dignos de confiança em casa *antes* de enviá-los ao mundo.

Significa proteger até mesmo as crianças dignas de confiança contra os perigos genuínos de um mundo contra o qual elas ainda não são fortes o bastante para lutar. Isso leva tempo e preocupação. Conforme foi mostrado, em nossa sociedade egoísta isso é impopular. Mas é necessário.

A Questão da Faculdade

Chego a ficar pensando, quando está tão claro que os humanistas conquistaram as instituições educacionais mais elevadas, porque é que os pais acham que vale a pena gastar uma pequena fortuna para mandar os filhos para esse oceano de degeneração moral. Como diz James Fitzpatrick:

“É de assustar quando consideramos em perspectiva as modernas liberdades dos jovens. Rapazes e moças de 18 anos saindo de casa pela primeira vez para ir viver num aglomerado de prédios cheios de bebidas alcoólicas, drogas, sexo recreativo e professores socialistas. Nós, pais,

pagamos para enviá-los para a faculdade, e então ficamos chocados quando eles se desviam de nós. Mas nós mesmos é que compramos para nossos filhos as ocasiões de tentação ao pecado” (176).

A Faculdade não é lugar para rapazes e moças. Se um filho meu algum dia for ali, ele terá de ser um homem bem maduro, não um menino que nós chamamos de homem só para bajular seu ego. E ele não viverá na área de dormitórios. Lembro-me do dormitório da Faculdade onde estudei. Os depravados se sentiam à vontade ali.

Ninguém trabalhando, uma atmosfera que incentiva o pecado, a companhia de jovens que só buscam prazeres e nenhuma supervisão dos pais significa receita certa para o desastre. Além disso, há a exigência quase insuportável de que seu filho ou filha não se case antes de se formar, e se ele ou ela não perder a virgindade, será um milagre.

E então há a questão da pureza espiritual. O Dr. Francis Schaeffer nos diz:

“Em todas as áreas do ensino universitário os jovens sentem tremenda tentação e pressão para se adaptar ao ambiente... Os evangélicos estavam certos ao frisar o Senhorio de Cristo em todas as áreas: arte, filosofia, sociedade, governo, educação acadêmica, etc. Mas então o que aconteceu? Muitos jovens evangélicos ouviram essa mensagem, foram para o mundo acadêmico e ganharam seus diplomas nas melhores instituições educacionais seculares. Mas algo aconteceu no processo. A visão anticristã que domina o pensamento das faculdades, universidades e professores começou a se infiltrar na mente de muitos desses jovens, que estavam num ambiente de ensino totalmente humanista. No processo, suas opiniões evangélicas foram adaptadas ao espírito mundano de nossa época” (177).

O Dr. Schaeffer sabia do que estava falando: o alvo de seu grande ministério era tentar ganhar para Cristo os jovens intelectuais descrentes que haviam sido moralmente prejudicados nas Universidades. Seu alvo também era trazer de volta para Cristo os jovens cristãos intelectuais que haviam sido espiritualmente destruídos nas Universidades seculares.

Nem sempre as Faculdades cristãs são uma resposta boa. Em certa Faculdade cristã, um professor aconselhou seus estudantes a ler revistas pornográficas para ficarem “em sintonia com o que o mundo pensa”. Um amigo que viveu conosco por algum tempo nos contou que ele deixou sua Faculdade cristã porque estava enojado de ver como os estudantes costumavam ir beber cerveja no centro da cidade. Embora beber fosse

contra o regulamento, a administração da Faculdade não fazia tentativa alguma de disciplinar os infratores ou mesmo investigá-los.

“O fato é que muitas Faculdades e Universidades cristãs deixam de dar um testemunho fiel à Bíblia a fim de obter reconhecimento e aprovação do mundo. Os próprios estudantes evangélicos que se adaptaram à pressão de seus amigos de Faculdades do mundo, conforme escreveu o Dr. Schaeffer, depois “voltam para ensinar em Faculdades evangélicas, onde eles apresentam em suas aulas muito pouco que é genuinamente cristão” (178).

Obviamente os pais cristãos que se importam vão ter de ser muito cautelosos com a educação universitária dos filhos. Vão ter de ser mais cautelosos do que a maioria das pessoas de hoje. Gostaria de sugerir, só para ser radical, que você considerasse *com seriedade não enviá-los à Faculdade*. Com o custo da Faculdade agora na média dos 10 mil dólares por ano, o preço de quatro anos de Faculdade daria para você montar o próprio negócio de seu filho. Ele poderia passar esses cinco anos trabalhando grátis, obtendo treinamento no ramo profissional que lhe interessasse. A esse preço, *qualquer pessoa* o empregará, não importa qual seja o índice de desemprego nacional. Depois desse treinamento não oficial, ele poderá ser dono do seu próprio negócio pelo resto da vida.

Quanto ao “estímulo intelectual”, há sempre a biblioteca pública e as livrarias evangélicas, sem mencionar os recursos quase ilimitáveis de pesquisa, cultura e informação que a *Internet* oferece. Qualquer rapaz que passar cinco anos lendo e estudando a literatura clássica de nossa e de outras civilizações será um homem instruído, quer ele vá para a Faculdade quer não.

O Grande Deus do Entretenimento

As plantas que estão dentro de uma estufa se desenvolvem melhor do que as plantas que estão fora, exceto numa situação. Quando pestes e doenças são levadas *para dentro do ambiente da estufa*, elas se espalham mais depressa do que quando estão fora.

Marie Winn, colaboradora regular da revista *New York Times*, observa:

“No passado, os pais jamais imaginariam, nem em seus piores pesadelos, que seus filhos de dez ou onze anos poderiam usar drogas ou se envolver em atividade sexual ou fugir de casa... Hoje, os pais têm de enfrentar o fato de que seus filhos

podem se envolver em qualquer tipo de atividade perigosa, ilegal ou simplesmente imprópria. Hoje as crianças *se tornam* maconheiras, *têm* relações sexuais e *assistem* a filmes pornográficos na televisão” (179).

Ela menciona, e com razão, que a maioria das mudanças na conduta das crianças tem origem na “diminuição da supervisão dos pais à vida dos filhos, no crescente índice de divórcio e no aumento de famílias cujo pai e mãe trabalham fora” (180).

Venho salientando que a única maneira de os pais protegerem a pureza moral e espiritual de seus filhos é se encarregando eles mesmos de supervisioná-la. Mas mesmo isso não é o bastante, pois como continua a observar a Sra. Winn:

“Os pais de mentalidade antiquada acreditam que as crianças devem ser protegidas. Eles acham que o melhor é planejar a vida dos filhos com todo cuidado, escolher as escolas mais fechadas e levar uma vida sacrificial. Mas até mesmo a maioria deles reconhece que mesmo com todos esses cuidados eles têm pouca chance de impedir que seus filhos sejam expostos a todas as variedades da sexualidade humana, à brutalidade e a todos os tipos assustadores de desastres que poderiam influenciar uma criança inocente e alegre. Há sempre um aparelho de TV aguardando para arruinar todos os cuidadosos planos dos pais” (181).

Televisão! Esse meio de comunicação e entretenimento é uma importante influência permitida na maioria dos lares, onde fica ligada em média oito horas por dia — um número que *aumenta* quando há crianças em casa. Os pais deploram seu poder viciador, mas geralmente não conseguem controlá-lo. Será que um lar pode ser uma estufa com um aparelho de TV funcionando?

O que influencia nossos filhos não é só o *conteúdo* dos programas de TV: os costumes e comportamentos anticristãos, o sexo, a bebedeira, a zombaria e a glorificação do egoísmo. A Sra. Winn diz:

“A própria presença do televisor no lar transforma a vida das crianças de diversas maneiras, mesmo quando os programas que elas veem não são impróprios. O uso que os pais fazem do televisor como auxílio na criação dos filhos é uma dessas maneiras... Antes de existir a televisão, os pais disciplinavam os filhos com toda atenção... Mas agora, em vez de cuidarem mais atentamente da vida dos filhos, os pais acham mais fácil deixá-los aos cuidados da televisão” (182).

Fico transtornada toda vez que me lembro de um artigo que a esposa de um pastor escreveu numa revista evangélica. Ela deplorou o uso do

televisor como babá, mas concluiu que, ainda assim, ela e suas amigas continuariam a usá-lo dessa forma. Essa senhora ridicularizou uma família evangélica que ela conhecia. Essa família havia chegado à conclusão que seu TV estava fazendo mal às suas vidas. Por isso, eles jogaram o aparelho no lixo. Mas na época senti, e ainda creio agora, que o ato deles é bíblicamente válido. Jesus disse que devemos **“cortar”** *qualquer coisa* que nos faça pecar, mesmo que ela nos seja tão querida quanto uma mão ou olho direito (Mateus 5.29,30). Por que deveria ser impensável remover o aparelho de TV de nossas casas?

Enfrentando os fatos, a maioria dos donos de TV são viciados nele, e virtualmente cada um de seus filhos é escravo dele.

Marie Winn não crê que banir o televisor seja a resposta, pois ela diz que só Deus sabe os tipos de programas de TV aos quais nossos filhos seriam expostos nas escolas e nos lares de seus amigos. No entanto, os pais cristãos não são obrigados a enviar seus filhos à escola pública. E também não somos obrigadas a enviar nossos filhos a lares de pessoas que não têm os mesmos valores que nós. Vamos convidar os amigos deles para vir à *nossa casa*. Vamos preparar-lhes leite e biscoitos. Vamos oferecer-lhes bolo para comer.

A resposta à TV e a outros entretenimentos enlatados é muita diversão e brincadeiras. Os cristãos podem usar a recreação no lugar do entretenimento da TV, recreação que reanime a mente e o corpo e dê ânimo ao espírito. Eles podem fazer brincadeiras sadias (que não sejam cansativas) em que um possa ajudar o outro — isso é muito melhor do que a TV. A recreação pode e deve *fortalecer* nossos filhos, em vez de atirá-los ao depravado mundo adulto dos filmes e novelas.

Quando os pais admitem que eles não conseguem controlar a influência de certa forma de entretenimento ou que certa distração não é boa para seus filhos, a resposta é bani-la. A contribuição positiva da televisão é tão mínima e seu potencial para abuso tão alarmante que meu marido Bill e eu nos livramos de nosso aparelho há muitos anos. As pessoas nos avisam que nossos filhos não se tornarão adultos *normais como as outras crianças*. Mas nós não *queremos* que os nossos filhos venham a ser como os filhos dos outros! Queremos que o herói deles seja Jesus Cristo, não algum artista depravado.

Será que vão chamar você de mãe superprotetora se você tentar com toda seriedade proteger seus filhos e filhas até que eles sejam verdadeiramente maduros o suficiente para enfrentar as tentações e os perigos? Talvez sim. Mas lembre-se: quando algumas mulheres criticam as mães chamando-as de “superprotetoras”, elas estão apenas se defendendo.

Suas críticas maliciosas são uma desculpa para justificar a culpa real que elas sentem por negligenciar os próprios filhos. Filhos não nascem independentes. Eles estão cheios de falta de juízo e precisam da nossa constante orientação. Eles precisam de nosso tempo. E isso tudo quer dizer só uma coisa: *eles precisam de nosso amor*.

As crianças de hoje estão crescendo sem afeição natural porque nunca a receberam. Elas serão os egoístas vaidosos e assassinos psicopatas de amanhã. Tudo porque suas mães querem “se realizar” no mercado de trabalho lá fora! Isso é de fazer chorar.

Uma carta anônima publicada na revista *Welcome Home* revela as consequências da “realização profissional” na vida das mães:

“Estou certa de que minha principal motivação para permanecer em casa com meus filhos foi que minha mãe já vivia uma vida liberada muito tempo antes de a liberação feminista se tornar moda. Todos ficavam admirados com o jeito como ela lidava com seu emprego, lar, comitês, passatempos, etc. Isto é, todos — menos nós, seus filhos, que só estávamos atrapalhando...”

Minha mãe agora é uma idosa senhora solitária que não consegue compreender porque não vamos visitá-la mais vezes. Droga! Nem mesmo a conheço!” (183).

As ervas daninhas crescem em qualquer lugar, mas as plantinhas valiosas precisam de muito cultivo, cuidado e carinho para que possam crescer e dar frutos. Como todas as outras coisas na vida cristã, viver nosso papel de mãe requer trabalho duro. Mas os resultados valem a pena.

Com firmeza e amor, os pais precisam assumir de volta a responsabilidade de cuidar de suas plantinhas. A mãe precisa estar em casa para que seus filhos possam estar lá. Então, quando estiverem prontos para deixar a estufa, eles serão maduros. Eles serão *realmente* independentes. O fato que eles tiveram uma formação cheia da Palavra de Deus e viram nosso exemplo de vida lhes dará não só um caráter forte, mas também *raízes e asas*.

.oOo.

Bibliografia:

(166) Paul D. Maier e Linda Burnett, *The Unwanted Generation: A Guide to Responsible Parenting* (Grand Rapids: Baker Book House, 1980), p. 17.

(167) Em meados do século XIX, Stephen Peral Andrews promovia, através de seus encontros, “berçários para cinqüenta criancinhas, sob a direção de ‘babás científicas e profissionais, governantas e psicólogas’ “. O Sr. Andrews dirigia um “clube de amor livre” que acabou sendo fechado pela polícia. *Grand Domestic Revolution*, p. 93.

(168) Meier e Burnett, *The Unwanted Generation*, p. 51.

(169) “Children Abuse Rising Nationwide”, *Focus On The Family*, Junho de 1984, p. 12.

(170) Aliás, a palestra mais ardente que meu martido Bill já ouviu sobre o assunto de creche foi dada por uma funcionária de creche. O ponto mais importante do que ela disse foi: ‘Eu jamais colocaria um dos meus filhos na creche e espero persuadir vocês a não colocarem também!’

(171) “Washington State Legislation Says Keep Children Home”, *Parent Educator and Family Report*, Agosto-setembro de 1984, p. 33.

(172) Shirin Razoni, “Letter of the Month”, *Welcome Home*, Março de 1984, capa de trás.

(173) *Ibidem*, p. 15.

(174) *McGuffey and His Readers*, p. 189-192.

(175) “How New Entrepreneurs Are Changing U. S. Business”, 26 de março de 1984, *U. S. News and World Report*, p. 69.

(176) James Fitzpatrick, *Jesus Christ Before He Became a Superstar* (Harrison, NY: Crossway Books, 1977), p. 186.

(177) Francis Schaeffer, *The Great Evangelical Disaster*, (Westchester, IL: Crossway Books, 1984), p. 119.

(178) *Ibidem*, p. 119.

(179) *Children Without Childhood* (New York: Pantheon Books, 1983), capa.

(180) *Ibidem*, p. 23.

(181) *Ibidem*, p. 42.

(182) *Ibidem*, p. 45.

(183) “Letters”, *Welcome Home*, Março de 1984, p. 23.

.oOo.

PARTE 4

DE VOLTA AO TRABALHO DOMÉSTICO

**“...orientar as mulheres mais jovens
a... estarem ocupadas em casa...”**

(Tito 2.4,5)

11

Será Que Você Conseguiria Trabalhar — no Lar?

Afundada na poltrona da sala de espera do médico, eu estava sentada triste girando minha caneta entre os dedos e observando o pequeno espaço em branco no formulário do paciente que marcava “ocupação”.

Estava cansada desses espaços em branco!

O que uma mulher que não tem um emprego fora pode marcar como sua ocupação? Dona de casa? A palavra faz imaginar uma mulher triste, lerda e entediada com o cabelo enrolado em bobs, viciada em novelas e mal possuindo inteligência o suficiente para lavar pratos. patroa? Isso soa um pouco melhor — uma mulher alegre que, embora use um avental enfeitado de babados, não sabe fazer quase nada. As patroas são mulheres em boa parte brancas que abordam o trabalho doméstico com gosto e entusiasmo

— como um passatempo. As patroas são um luxo decorativo que poucos homens têm condições de manter.

Só uma Dona de Casa

Essas caricaturas das donas de casa e das patroas são corretas? Claro que não. Mas a televisão promove essa imagem. Classificar-se como dona de casa ou patroa é classificar-se como traste. Ouça como as mulheres expressam desculpas por sua profissão: “Sou só uma dona de casa”. Essa palavra “só” diz muito.

Mas ser uma “esposa trabalhadora” é uma história diferente. No que você pensa quando uma mulher se apresenta a você como “esposa trabalhadora”? Negócios? Salários? Prestígio profissional? As feministas torceram o sentido das palavras. Para elas, só as mulheres que trabalham fora são trabalhadoras.

Sentada ali observando aquele espacinho em branco da ocupação, comecei a ficar pensando: “Por que é que as donas de casa não são consideradas esposas trabalhadoras?” Quanto mais eu pensava nisso, mais injusto parecia. Chamar só as mulheres que deixam o lar de esposas trabalhadoras é a mesma coisa que dizer que *as mulheres que permanecem no lar não trabalham!* Esse jogo psicológico de palavras está na raiz da atual tendência feminista de as esposas seguirem uma carreira profissional fora do lar.

A dedicação da esposa a um emprego fora de casa tem como base o complexo de inferioridade. A esposa pensa assim: (1) Só o trabalho dos homens tem valor. O trabalho tradicional das mulheres não vale nada. (2) Portanto, tenho de conseguir um emprego a fim de provar que sou alguém. Se as atividades mais importantes da vida estão lá fora no mercado de trabalho dos homens, então teremos todos, mulheres e homens, de nos amontoar ali.

Mas não precisamos ceder a esse complexo de inferioridade. Sentada ali naquele dia no consultório do médico, imaginando qual a palavra que expressaria melhor minha profissão do que “dona de casa”, de repente brilharam três palavras em minha mente: *Trabalho do lar*. Essas palavras estão no centro da passagem de Tito que ensina as jovens esposas a viver a vida cristã. O trabalho do lar é o que as jovens esposas devem fazer. O trabalho do lar é um *emprego*. “Puxa, afinal eu sou uma esposa trabalhadora”, pensei comigo, e com alegria escrevi logo minha ocupação como “trabalhadora do lar”.

Porque Precisamos de Papéis

A Bíblia ensina que a igreja é um corpo formado de muitas partes diferentes (1 Coríntios 12). Cada parte tem uma função diferente. Cada cristão tem um trabalho diferente a cumprir que Deus designou especialmente para ele ou ela.

Hoje ouvimos muito sobre os dons do Espírito, mas muito pouco sobre as **“diferentes formas de atuação”** (1 Coríntios 12.6), isto é, os diferentes *papéis*, os diferentes *trabalhos* e as diferentes *posições* que os cristãos têm no Corpo que o nosso Senhor Jesus Cristo criou. Em nossa época, todos no Corpo de Cristo querem ser a boca! Todos querem ocupar o púlpito para pregar e ensinar! No mundo, as pessoas disputam, brigando e lutando, as posições de liderança na sociedade. Mas até mesmo os cristãos agora estão se sentindo descontentes e só querem um papel: o do líder. As *mulheres* cristãs estão de modo particular confusas, pois, por um lado, dizem que é nossa obrigação trabalhar fora e disputar as posições de liderança dos homens e, por outro, não queremos abandonar totalmente nossos lares.

“A sabedoria do homem prudente é discernir o seu caminho”, diz Provérbios 14.8. William Gurnall, famoso pregador puritano inglês e autor do livro *O Cristão na Armadura Completa*, fala para nós o que ele pensa acerca do valor de conhecermos nosso próprio caminho, o caminho que Deus preparou para nós. Ele diz:

“A preocupação de todo cristão deve ser permanecer em ordem no lugar específico em que Deus o colocou... Como cristãos, estamos ligados à igreja, à comunidade e à família... O bem-estar da igreja, comunidade e família depende de cada cristão andando direito em seu lugar e cada um cumprindo o seu dever para o bem de todos...”

Precisamos de três coisas para “permanecermos em ordem”. *Primeira coisa: devemos entender o dever particular de nosso lugar: “A sabedoria do homem prudente é discernir o seu caminho”* (Provérbios 14.8). *O nosso caminho*, isto é, o caminho que de modo especial devemos conhecer... Contudo, como somos inclinados a ficar de olho no caminho e no trabalho dos outros e ao mesmo tempo negligenciar o nosso próprio caminho e trabalho...

Segunda coisa: quando passamos a saber o dever de nosso lugar, devemos nos dedicar a ele com todo cuidado... Um Cristianismo que não tem impacto prático em nossas vidas diárias logo se torna inútil. Entretanto, muitos não têm nada mais do que um testemunho vazio para provar que são cristãos. São como o pé de canela cuja casca externa é mais valiosa do que tudo o mais que sobra. O apóstolo fala de tais pessoas em sua carta a Tito: **“Eles afirmam que conhecem a Deus, mas por seus atos O negam; são detestáveis, desobedientes e desqualificados para qualquer boa obra”** (Tito 1.16). O que **“boas obras”** significa se torna claro no capítulo seguinte (Tito 2.2-8), onde o apóstolo apresenta os deveres que os cristãos devem cumprir. Uma esposa que é uma boa cristã mas queixosa, um homem que é espiritual mas um pai negligente — essas são contradições que não se podem aceitar.

Terceira coisa: permanecer em ordem quer dizer que devemos ficar dentro dos limites do nosso lugar e chamado”.

Gurnall apresenta cinco pontos para meditarmos, para que nos sintamos animadas a cumprir os nossos deveres em vez de ficarmos de olho nos deveres dos outros. Ele diz:

1. Perdemos a aprovação de Deus quando deixamos nosso lugar indicado para trabalhar fora de nosso chamado. Por quê? Porque não podemos fazê-lo com fé, e **“sem fé é impossível agradar a Deus”** (Hebreus 11.6). Não podemos fazê-lo com fé porque não temos chamado para fazê-lo. Deus não nos agradecerá por fazer aquilo que Ele não nos chamou para fazer. Talvez tenhamos boas intenções. Uzá também teve quando segurou a arca. Mas vemos que **“Deus o matou ali por seu erro”** (2 Samuel 6.7).

2. Perdemos a proteção de Deus quando não damos atenção aos limites do nosso lugar e chamado. A promessa é que Ele nos **“protegerá em todos os nossos caminhos”** (Salmo 91.11). Quando nos afastamos do nosso caminho, nos afastamos também da proteção de Deus... Assim como a terra não pôde agüentar Coré e seu grupo por quererem usurpar a autoridade de Moisés (Números 16.30-33), assim também o mar não pôde proteger Jonas, o profeta fugitivo. Não querendo ajudar Jonas a fugir do lugar e trabalho de Deus para ele, o próprio mar ficou furioso contra Jonas (Jonas 1.4,15).

3. Teremos de dar contas a Deus se fizermos o trabalho de outra pessoa... Devemos orar para que os juizes tomem decisões no temor de Deus. Mas se não o fizerem, não devemos vestir suas

togas, ocupar a cadeira do juiz no tribunal e fazer o trabalho deles...

4. Sofremos desnecessariamente quando nos sobrecarregamos por fazer um trabalho que não está no lugar e chamado que Deus planejou para nós... O Apóstolo Pedro faz uma vasta diferença entre sofrer como **“quem se intromete”** e sofrer **“como cristão”** (1 Pedro 4.15,16).

5. A irresponsabilidade geralmente conduz as pessoas para fora de seu lugar e chamado.

Gurnall desmascara completamente o “espírito irresponsável” que faz com que os homens e as mulheres fujam do chamado que Deus lhes deu. Permita-me citá-lo, usando a palavra *mulheres* no lugar do termo genérico *homens*. As palavras de Gurnall se tornam então bem aplicáveis à nossa época em que muitas esposas evangélicas seguem uma carreira profissional fora do lar. Ele menciona as seguintes características da irresponsabilidade:

(1) *Preguiça*. As mulheres negligenciam o que devem fazer e então são facilmente persuadidas a se meter no que elas não têm nada a ver. O apóstolo declara isso de modo bem claro: **“Além disso, aprendem a ficar ociosas, andando de casa em casa; e não se tornam apenas ociosas, mas também fofoqueiras e indiscretas, falando coisas que não devem”** (1 Timóteo 5.13).

(2) *Orgulho e descontentamento*. Algumas mulheres estão nessa situação infeliz, pois abandonaram seu lugar indicado por Deus. O chamado que Deus lhes deu pode ser pequeno e humilde, mas elas são orgulhosas... Será que elas vão querer se esconder no meio de uma multidão, ficar num canto escuro e morrer antes de mostrarem ao mundo o seu valor? Não, elas não conseguiriam aguentar isso. O que elas querem é entrar no palco e se mostrar de um modo ou de outro...

(3) *Incredulidade*. Deus não precisa de nossos pecados para ajudar a promover Sua glória, Sua Palavra ou Sua Igreja.

(4) *Zelo sem o devido conhecimento*. Muitas mulheres acham que só porque têm capacidade para fazer algo (pregar, por exemplo), elas têm permissão para fazê-lo. Do contrário, por que é que elas têm dons? Não há dúvida que os dons de tais mulheres não devem ser desperdiçados. A mulher comum tem um grande campo em que ela pode ser útil para seus irmãos e irmãs, ainda que não tenha sido chamada para o ministério pastoral. Mas ela

não deve derrubar os limites que Deus colocou em volta do ministério e assim causar perturbação na Igreja... Há muitos cidadãos num país que poderiam ser governadores, mas só os que têm as credenciais oficiais é que podem governar” (184).

As esposas hoje dizem: “Eu *posso* trabalhar fora. Eu *quero* trabalhar fora”. Mas será que *deveríamos*? Será que as mulheres e os homens podem um desempenhar a função do outro em plena igualdade?

Essa ideia só está sendo aceita em nossos dias porque há alguma verdade nela. O fato é que algumas mulheres podem fazer quase tudo o que o homem faz, e alguns homens também podem fazer quase tudo o que a mulher faz. Embora eu não conheça muitas mulheres que sejam fortes o suficiente para ficar carregando sacos de cimento o dia inteiro, não conheço nenhum homem que tenha capacidade de dar de mamar no peito. Mas essas são questões menos importantes, já que dificilmente alguém quereria trocar de papéis nesses casos. A verdade é que, falando de maneira geral, nós mulheres somos capazes de fazer quase todas as coisas que os homens fazem, se em nossa mente estivermos determinadas a fazê-lo.

No entanto, como Gurnall nos faz lembrar, só porque podemos fazer algo, isso não quer dizer que temos a obrigação de fazê-lo. Só porque alguém tem a capacidade de fazer algo, isso não significa que ele é obrigado a fazê-lo apenas de uma forma. O mesmo dom pode ser usado de muitas maneiras diferentes. Só porque sabemos cuidar bem das contas domésticas não quer dizer que temos de ir trabalhar num escritório, ainda que precisemos ter a mesma capacidade em ambas as atividades.

De igual modo, só porque sabemos fazer um brinquedo de madeira para nossos filhos não significa que temos de trabalhar como carpinteiras num emprego fora de casa. A mesma capacidade pode ser usada em diferentes esferas, mas a capacidade em si não nos mostra qual a esfera *certa* em que devemos usá-la.

A teoria de que as mulheres podem trabalhar em todas as ocupações dos homens e vice-versa é uma teoria que está fazendo bastante sucesso desde o começo do feminismo. *Além de usar as leis e os meios de comunicação para incentivar as mulheres a trabalhar mais fora do lar, atualmente o feminismo também está usando esses mesmos meios a fim de educar os homens a trabalhar mais dentro do lar. Para que as esposas e mães tenham liberdade de trabalhar fora, o feminismo quer que os maridos assumam 50% das responsabilidades domésticas da mãe, (184) principalmente a criação dos filhos. É dessa forma que as feministas estão promovendo a igualdade sexual” (185).*

Qualquer pessoa acreditaria, com toda razão, que, se realmente fosse a vontade de Deus que as pessoas vivessem desse jeito, a sociedade melhoraria sob a influência feminista. Mas olhe ao seu redor: O que você vê? Lares desfeitos. Decadência moral. Aumento do controle do governo sobre a vida das pessoas. Compare isso com a situação da família e da sociedade há três ou quatro gerações, quando as mulheres ainda eram donas de casa na maior parte.

A teoria de que as mulheres podem ocupar o lugar dos homens e vice-versa não teve origem na Bíblia. Durante 2000 anos, os cristãos jamais menos foram sinceras o suficiente para reconhecer isso, e esse foi o motivo por que a líder feminista Elizabeth Cady Stanton inventou a *Bíblia das Mulheres* num esforço para atacar os ensinamentos não-feministas da Bíblia original.

A chamada igualdade sexual de hoje não só é uma invenção fora da Bíblia, mas também é algo *artificial*. Totalmente artificial. Se não fosse a tecnologia moderna, principalmente o controle da natalidade e o aborto legal, as mulheres não conseguiriam ocupar posições de liderança no mercado de trabalho em igualdade sexual com o homem. Se não fossem as máquinas de lavar roupa, as geladeiras, os fornos microondas e outros aparelhos domésticos para fazer todo o trabalho pesado de casa (e especialmente muito, muito dinheiro para pagar às babás), as esposas nem teriam tempo de pensar em competir com os homens no mercado de trabalho lá fora. Enfim, se não fosse a tecnologia, o moderno feminismo sofreria um colapso e morreria.

Alguns evangélicos se confundem ao debaterem se as esposas devem trabalhar fora ou não. A verdade é que esses debates se desviam do projeto de Deus. A questão da Bíblia não é *se* as esposas devem ou não trabalhar, mas *onde* devemos trabalhar. A Bíblia diz que as esposas jovens devem ser treinadas **“a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus maridos”** (Tito 2.4,5).

Vamos agora examinar a palavra grega original que a Nova Versão Internacional traduz “ocupadas em casa”.

O Que Há Numa Palavra?

A palavra em questão é *oikourgous*, uma palavra grega bastante rara. É tão rara, aliás, que os manuscritos gregos mais modernos usam em seu lugar a palavra *oikourous*, que era um pouco mais conhecida pelos

escribas que copiaram o Novo Testamento. Deus, em Sua providência, cuidou para que, seja qual for a palavra que acreditemos ser a original, não haja diferença alguma no ensino que Ele dá nessa passagem. Examinarei *oikourgous* primeiro, e espero que você tenha paciência comigo, pois esse é um assunto muito importante.

Oikourgous é uma palavra composta, formada da palavra *oikos*, que significa casa ou lar, e *ergos*, que significa trabalho. A tradução literal seria uma esposa “que trabalha em casa”. Uma palavra composta semelhante, *ampelourgous*, de *ampel* (vinha) e *ergos* (trabalho) significa vinhateiro. *Geourgous*, de *ge* (terra) e *ergos*, significa fazendeiro. Os vinhateiros trabalham nos vinhedos, com as vinhas. Os fazendeiros trabalham nos campos, com a terra. Assim, é de esperar que *oikourgous* signifique “alguém cujo chamado é trabalhar dentro do lar nas tarefas domésticas” — isto é, uma dona de casa. *E é exatamente isso que significa!*

A tradução de Arndt e Gingrich do *Léxico Grego* de Bauer (uma obra de valor muito reconhecido) define *oikourgous* como “trabalhar no lar, doméstico”. De maneira semelhante, o bem reconhecido dicionário grego de Thayer define a palavra como “cuidar de casa, trabalhar no lar”.

O significado de *oikourgous*, então, é *trabalhar no lar*. Contudo, e quanto à outra palavra que aparece em alguns manuscritos gregos menos antigos — *oikourous*, que a Versão do Rei James traduz “defensoras do lar”? Arndt e Gingrich dizem que *oikourous* significa “ficar em casa, doméstico”. Poderia também ser traduzida “guardiãs do lar”, alguém cuja responsabilidade é patrulhar o lar dia e noite e cuidar para que as coisas fiquem em ordem. Thayer diz que este é o seu sentido literal: “mantendo-se no lar e cuidando das coisas domésticas; doméstico”.

Portanto, quer você prefira *oikourgous*, quer você prefira *oikourous*, ambas dizem que o trabalho da esposa é no lar.

Será que estou dando importância demais a uma palavra? Bem, *toda* palavra na Bíblia é verdadeira e importante. Em Romanos 4 o Apóstolo Paulo defende a justificação pela fé a partir de uma única palavra que aparece em Gênesis 15.6. Jesus baseou Sua reivindicação à posição de Messias na simples palavra “**Senhor**” de um Salmo de Davi (cf. Lucas 20.41-44). No livro de Gálatas, o Apóstolo Paulo vai ainda mais longe e prova que Jesus é o Cristo a partir de uma *única letra hebraica!* (Veja Gálatas 3.16) Além do mais, como espero mostrar, a Bíblia inteira confirma e defende o ensino de *oikourgous*.

Hoje muitas pessoas simplesmente não querem acreditar que a Bíblia diz o que diz. Por isso, os modernos livros teológicos que examinam a palavra *oikourgous* a definem mal ou tentam aplicá-la somente à sociedade

do primeiro século. Mas absolutamente nada *no contexto bíblico* insinua que Paulo meramente queria que nós, mulheres, nos adaptássemos à idéia da sociedade do que é ser uma boa esposa (que na Grécia do primeiro século por acaso era o trabalho doméstico). Paulo disse: “Amem seus maridos e filhos, tenham domínio próprio e sejam puras”. Isso quer dizer que não mais devemos amar nossos maridos e filhos, já que a sociedade atual promove o divórcio e o aborto legal? Isso quer dizer que quando as roupas indecentes se tornam moda podemos esquecer o recato? Mas qual é o padrão que uma pessoa pode usar para arrancar alguma palavra desse versículo sob a alegação de que “esse ensino só é aplicável aos cristãos da época do Novo Testamento”? Como alguém que afirma crer na Bíblia pode dizer que essas palavras não são importantes para a época de hoje?

Concordo que o ensino da Bíblia acerca do trabalho no lar provoque problemas culturais. Mas é porque a cultura atual tem problemas, não porque a Bíblia é antiquada.

A Ilusão da Realização

As mulheres de hoje estão acostumadas a ouvir que podemos fazer qualquer coisa que quisermos. Por isso, quando Deus diz que devemos ficar em casa e trabalhar, ficamos ofendidas. Permanecer no lar e ser dona de casa? Isso é legalismo e escravidão! Certamente uma mulher inteligente tem coisas melhores para fazer do que lavar pratos pelo resto da vida!

Esse tipo de discussão surge porque entendemos mal a vida cristã. Muitos evangélicos estão não só cegos para os mandamentos de Deus, mas também obcecados pela ambição de ter sucesso e realização. Por causa disso, eles estão, como bem dá para ver, tendo falta do verdadeiro sucesso (o avanço do Reino de Cristo na terra) e da verdadeira realização (a paz de uma consciência que confia em Deus e Lhe obedece).

Susan Foh apresenta de modo belo o verdadeiro posicionamento cristão acerca da realização:

“O que é a realização e como se pode achá-la? Comumente, a realização é a pessoa sentir-se completa, satisfeita, útil, em paz. Significa que a vida tem sentido para você...

A resposta das feministas é que trabalhar fora trará realização. Outros acham que a realização está em outras coisas: amor, filhos, aquisição de bens materiais, arte. Os que lutam para que a semana de trabalho seja mais curta vêm a realização pessoal no tempo de lazer.

De uma perspectiva cristã, nenhuma dessas metas é suficiente [para dar realização]...

A realização genuína só é possível para os que conhecem o Deus da Bíblia. Para eles, a realização é possível em quaisquer circunstâncias em que eles se achem...

Para o cristão, a satisfação está na obediência a Deus...

A mulher cristã não deve se deixar enganar pelos sonhos e promessas do feminismo. As mulheres não se tornarão automaticamente imunes à *anomia* [estado emocional em que a vida não tem sentido] quando elas tiverem oportunidades iguais no mercado de trabalho lá fora... O cristão que sente falta de realização tem esse sentimento porque ele ou ela não está fixando a própria mente e confiança em Cristo, o único que dá realização” (186).

O objetivo supremo da mulher é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre, não glorificar a si mesma e procurar agarrar todos os prazeres que puder conseguir! Isso não significa que as mulheres cristãs não sejam realizadas. A realização é uma recompensa que o Senhor concede a seus filhos e filhas por servirem a Deus sem pensar em si mesmos. A realização não é um prêmio que temos de arrancar das mãos de Deus. Até mesmo Cristo não agarrou a realização à força, mas buscou-a em sua vida de submissão até a Cruz. Em nossas vidas devemos pensar e agir como Cristo Jesus (cf. Filipenses 2.5).

Então o que deveríamos estar perguntando diante de Deus não é: “Será que estou com vontade de trabalhar no lar?” Ou: “Trabalhar em casa me dará realização?” Ou: “O que tenho de fazer para escapar do trabalho do lar?” Deus já falou, e o que deveríamos estar perguntando é: “Como posso trabalhar no lar, Senhor? Fala, Senhor, pois Tua serva está escutando”.

Dê graças a Deus — o trabalho do lar *não* é só lavar pratos, como temia eu quando abandonei meus planos de carreira fora do lar e comecei a tentar fazer o que Deus diz. Mas eu não sabia disso quando estava começando! Eu achava que ter bebês era um grande sacrifício, que o trabalho doméstico era difícil e chato (ainda detesto o trabalho doméstico!) e que eu estava sendo uma nobre mártir. Mas descobri que é o contrário. E você também experimentará essa descoberta, se tiver suficiente espírito cristão de aventura para ir em frente nesse desafio, sem saber aonde você chegará, mas sabendo apenas que Deus orienta você a fazer isso!

Se você é esse tipo de mulher (e espero que sim), então continue lendo. Pois Deus nos deu uma aventura desafiadora, irmãs, e Ele nos deu muito mais poder para avançar Seu Reino do que podemos imaginar.

Mas antes vou fazer uma parada (no próximo capítulo) para mostrar porque os excelentes exemplos bíblicos que algumas mulheres constantemente exibem para escorar suas idéias feministas — Débora, a mulher de Provérbios 31, etc. — foram falsificados por elas. Então o resto do livro tratará do trabalho no lar e sua gigantesca importância para nossas famílias, igrejas e nação.

.oOo.

Bibliografia:

(184) (Edinburgh: Banner of Trust, 1979, orig. publ. 1662), p. 279-285.

(185) Esse texto em itálico pertence ao tradutor.

(186) *Ibidem*, p. 227-230.

.oOo.

12

Os Exemplos Bons, Maus e Impróprios de Esposas Trabalhadoras na Bíblia

Encontrei-me com Pam numa conferência de pais que dão aulas em casa. Em nossa conversa sobre pais, filhos, educação, atividades comerciais no lar, o papel do governo, etc., eu falei um pouco sobre o que a Bíblia ensina acerca desses assuntos. Pam ficava dizendo: “Você devia escrever um livro!” E eu respondia: “*Estou* escrevendo um livro”. No fim ela

viu que eu não estava brincando — eu estava mesmo escrevendo um livro — e ela pediu meu número de telefone, pois ela queria conversar um pouco mais sobre o papel das mulheres.

Ela entrou em contato comigo no dia seguinte. Depois de pedir o endereço de um curso de língua estrangeira que eu havia mencionado na conferência, Pam foi direto ao assunto. “O que quero dizer é que todo esse negócio sobre o trabalho do lar soa muito legal, mas e quanto à esposa nobre de Provérbios 31? Ela não era uma esposa que trabalhava fora? E quanto a Débora e Priscila?”

Pam estava sendo sincera ao fazer essas perguntas. Ela se importava o suficiente com seu filho para estar pensando em educação escolar em casa. Mas ela tinha de trabalhar fora para sustentar a casa e o marido no seminário. Ela perguntou: “A Bíblia não apresenta as esposas que trabalham fora, tal como a senhora de Provérbios 31, como bons exemplos?”

Esposa Que Trabalha Fora?

Tenho percebido que toda vez que aparece o assunto do trabalho do lar numa revista evangélica, alguém apresentará os supostos exemplos bíblicos das esposas que trabalhavam fora. Mas, na maior parte dos casos, nenhum leitor pára para examinar cuidadosamente a Bíblia para ver se os exemplos alegados realmente se aplicam. Tantos artigos de revistas evangélicas aprovam essa ideia que ninguém ousa questionar!

Entretanto, 400, 300, 200 ou até mesmo 100 anos atrás os evangélicos não haviam descoberto que certas mulheres da Bíblia se encaixam no molde da esposa que trabalha fora. De algum modo, ao lerem e estudarem essas passagens com toda a atenção, gerações de cristãos não conseguiram perceber as aplicações óbvias à creche e ao trabalho da esposa fora do lar. Mas agora que a sociedade está indo atrás dessas coisas, de repente muitos evangélicos as estão “descobrendo” na Bíblia! Muito conveniente.

Acredito que as mulheres da Bíblia que hoje são usadas para defender a entrada da esposa no mercado de trabalho na verdade jamais apoiaram essa ideia. Tipicamente um artigo de revista ou pregação fará uma consulta pouco profunda a uma dessas senhoras, simplesmente pondo a etiqueta “esposa que trabalha fora” nela, e então ficará espalhando essa informação por aí.

Não sei quem foi que começou essa moda, mas evidentemente logo que alguém começou todas as outras pessoas pensaram que as interpretações por trás desses exemplos não tinham erros e passaram a imitá-las sem fazer perguntas. Tudo o que precisa fazer agora é entoar **“Provérbios 31”** e leitores aos milhões acenarão com a cabeça: “Sim, todos dizem que a esposa de Provérbios 31 é uma esposa que trabalha fora”.

Será que essa maneira de raciocinar está correta? Alguém diz: “Certa mulher da Bíblia é uma esposa que trabalha fora”. Mas a Bíblia realmente diz isso?

Antes de começarmos a examinar esses exemplos, vamos rever os princípios básicos da correta interpretação da Bíblia. Então veremos se alguns desses “exemplos” são mesmo bons exemplos.

(1) A interpretação da Bíblia não é “cada um interpreta do seu próprio jeito”. A posição relativista é que as interpretações contraditórias de uma passagem podem ser igualmente corretas. Mas é exatamente contra esse relativismo que o livro inteiro de Tito se coloca. Um líder deve **“apegar-se firmemente à mensagem fiel, da maneira como foi ensinada, para que seja capaz de encorajar outros pela sã doutrina e de refutar os que se opõem a ela. Pois há muitos insubordinados, que não passam de faladores e enganadores... É necessário que eles sejam silenciados, pois estão arruinando famílias inteiras, ensinando coisas que não devem... Portanto, repreenda-os severamente, para que sejam sadios na fé”** (Tito 1.9-13).

Aí não há nenhuma insinuação de que devemos ser compreensivas e tolerantes para com as opiniões opostas. A Bíblia ensina só uma verdade — **“a sã doutrina”** — e as opiniões opostas devem ser **“refutadas”, “silenciadas” e “repreendidas”**.

(2) Ao usar a Bíblia para interpretar a Bíblia, devemos utilizar o ensino claro (tal como a insistência de Tito 2.5 para que as esposas jovens sejam trabalhadoras do lar) para interpretar os exemplos. Os exemplos não anulam os ensinamentos específicos. Por exemplo, Ló cometeu incesto com suas filhas. Ló foi um homem justo. Portanto, o incesto é certo. Não, não é, pois um mandamento claro de Deus proíbe isso (veja Levítico 18.6).

(3) Devemos fazer duas perguntas a nós mesmas acerca de todos os exemplos na Bíblia:

(a) *O exemplo é uma norma que devemos seguir?* Deus aprova esse modo de se conduzir? O exemplo é bom (como Jesus) ou mau (como as filhas de Ló)? Descobrimos isso examinando todos os mandamentos

bíblicos que se aplicam à conduta da pessoa e examinando para ver se Deus fala algo sobre essa pessoa na Bíblia.

(b) *O exemplo aplica-se ao assunto sobre o qual estamos falando? Ou não vem ao caso? Eis minha acusação: Os que defendem a entrada das esposas evangélicas no mercado de trabalho lá fora *jamais baseiam sua posição nos mandamentos de Deus.* É porque não há nenhum versículo na Bíblia que mande as esposas trabalharem fora para sustentar a família.*

Há versículos que dizem que as mulheres devem gerar filhos, cuidar da casa e ser trabalhadoras do lar (1 Timóteo 5.10,14; Tito 2.4,5), mas as esposas que seguem uma carreira profissional fora do lar desprezam ou não dão importância a esses versículos. Em vez disso, elas tentam defender suas pretensões com base em alguns exemplos bíblicos, esperando assim anular, por meio de truques teológicos, os mandamentos claros de Deus.

Agora vamos dar uma olhada nos exemplos que elas comumente usam.

Débora

Débora era uma profetisa e uma mulher casada. Ela era líder em Israel na época dos juízes. **“Os israelitas a procuravam, para que ela decidisse as suas questões”.** (Juízes 4.5). O ponto importante que devemos ter em mente com relação ao que Débora fazia e às atividades de todas as pessoas do Livro de Juízes é que *o comportamento deles não é uma norma que devemos seguir.* Naquela época **“não havia rei em Israel; cada um fazia o que lhe parecia certo”** (Juízes 17.6; 21.25). As pessoas estavam vivendo do jeito que queriam, não do jeito que Deus mandava. Elas adoravam ídolos. A tirania era comum. As mulheres eram raptadas como noivas e até estupradas por bandos de homens.

Eu poderia prosseguir e dizer mais, mas por que você mesma não começa a ler o livro? Você verá que o tema de Juízes é “o que acontece com as pessoas quando elas abandonam as leis de Deus”.

Em outra parte da Bíblia, Deus explica em maiores detalhes que não é Seu plano que os jovens ou as mulheres governem um país. **“Mas, ai dos ímpios!... Meu povo é oprimido por uma criança; mulheres dominam sobre ele. Meu povo, os seus guias o enganam e o desviam do caminho”** (Isaías 3.11,12). Não devemos, pois, nos apoiar em Débora como exemplo de que as esposas podem seguir uma carreira profissional fora do lar.

Se você ainda não está convencida, considere isto: Sansão era um juiz que dormia com prostitutas (Juízes 16.1). Jogamos então 1 Coríntios 6.15 fora (que proíbe, nos termos mais fortes, os cristãos de serem fregueses de prostitutas) por causa do “bom exemplo” de Sansão? Fazemos votos de oferecer como sacrifício ao Senhor tudo o que sai da porta de nossa casa, e então mantemos o voto ainda que isso signifique sacrificar nossa única filha, tal qual fez Jefté (outro líder de Israel na época dos juízes)?

O que você acha de pegar uma estaca e cravar a cabeça de um hóspede no chão, como Jael fez com Sísera? Isso não é absurdo? Não. Nós julgamos o comportamento dos juízes conforme os mandamentos claros de Deus, não vice-versa.

Seja como for, Débora não era uma mulher que trabalhava fora. Ela era uma governante, e o povo ia *até ela*. Talvez ela fosse viúva ou não tivesse filhos. O texto não nos diz. (Débora chama a si mesma de “mãe em Israel”, que no idioma hebraico poderia bem significar mãe *de* Israel, já que ela era “a mãe do país” naquele momento da História.) Débora não estava aflita para se aventurar no mercado de trabalho lá fora.

Quando surgiu sua grande chance de conduzir o exército em batalha, ela não quis, e só a covardia do comandante Baraque a forçou a ir. Talvez Baraque só quisesse mostrar para Débora que ele era a favor da igualdade sexual. Mas Deus não o abençoou por sua disposição de seguir Débora até o campo de batalha. O castigo de Baraque foi que ele não receberia a glória da vitória. Quem a recebeu foi Jael, a mulher que cravou a cabeça de Sísera no chão.

Quando os homens são incapazes de assumir a liderança, uma mulher pode acabar dirigindo um país. Portanto, Débora era uma líder, não uma esposa que trabalhava fora. Seu exemplo não é uma norma que as esposas devem seguir. Nada na Bíblia diz que devemos abandonar o trabalho do lar e tentar recriar, deliberadamente, a atmosfera de decadência moral e social da época dos juízes, quando Débora governava.

Priscila

Priscila ajudava seu marido Áquila em seu negócio de fazer tendas (Atos 18.3). O exemplo de Priscila é, sem dúvida, uma norma a ser seguida — isto é, um bom exemplo. Ela e Áquila estavam entre os amigos mais íntimos do Apóstolo Paulo. Ele os saudou de maneira pessoal em suas cartas, viveu com eles e viajou com eles.

Aí notamos algumas coisas.

(1) A fabricação de tendas é uma atividade comercial exercida em casa. Não é como entrar no carro, dirigir 15 minutos pela cidade, estacionar, entrar no escritório, ficar ali oito ou nove horas e então ir para casa. Não se vai ao escritório para fazer tendas. Pelo menos não na Europa do primeiro século.

(2) Jamais se mencionam filhos. Por causa da extrema mobilidade de Priscila e Áquila (eles estiveram em Corinto, em Éfeso, em Roma, de novo em Éfeso, etc.), alguns comentaristas presumem que eles não tinham filhos. Isso é só hipótese, mas vale a pena mencionar.

(3) Áquila era um fabricante de tendas, e Priscila trabalhava com ele. A ocupação deles não era o trabalho independente de Priscila.

Tudo o que se pode dizer acerca do exemplo de Priscila é que é certamente bom que as esposas cristãs ajudem o marido em suas atividades comerciais em casa. Mas não há nada aí defendendo creches para criancinhas ou incentivando as esposas a trabalhar oito horas por dia num emprego fora de casa.

Lídia

Esse exemplo não é comumente usado, mas algumas pessoas são desesperadas. Li um artigo numa famosa revista evangélica conservadora que usou Lídia como exemplo de esposa com uma carreira profissional fora do lar. Será que ela é mesmo um exemplo desse tipo?

Lídia era uma vendedora de roupa de púrpura (Atos 16.14). Ninguém alguma vez disse que ela era casada. Jamais se menciona marido ou filhos. É mais provável que o contrário seja a verdade. Lídia convidou Paulo e seus companheiros para se hospedarem em sua casa (mais provavelmente sua mansão, com vários empregados) por exclusiva decisão dela depois de se converter (Atos 16.15). Se Lídia tivesse um marido, talvez ele não visse com bons olhos o que ela estava fazendo. “Oi, querido! Acabo de aceitar Jesus e aqui estão todos os meus novos amigos que vão ficar hospedados conosco”.

Não é racional debater acerca de um exemplo que nem vem ao caso. Lídia era uma esposa que trabalhava fora? Ninguém nem mesmo pode provar que ela era *casada!* As provas chegam realmente a ser *contra* isso! Quanto ao mais, nós nem sabemos se seu negócio de vender roupas era uma carreira profissional fora de casa. Lídia poderia ter conduzido seus negócios a partir de sua mansão, usando escravos como intermediários.

Podemos, porém, colher um fato extremamente interessante do exemplo de Lídia. Naquela época *não* era fora do comum uma mulher ter uma atividade comercial! Esse fato é importante, pois os que defendem a entrada das mulheres casadas no mercado de trabalho lá fora gostam muito de usar a questão “cultural” para atacar o trabalho do lar. “O motivo por que Paulo disse que as mulheres deveriam ser esposas caseiras é que naquela época elas não podiam entrar em atividades comerciais”, dizem eles. Não é bem assim. Paulo passou um bom tempo vivendo na casa de uma comerciante grega, e ele provavelmente estava alerta o suficiente para reparar que ela existia.

Ana

Certa vez escrevi um artigo a favor do trabalho do lar para uma revista evangélica, porém o editor me respondeu explicando o motivo porque não o publicaria. Talvez você não acredite nisto, mas ele mencionou Ana como justificativa para as mulheres casadas que colocam seus filhos na creche. Bem, por que não? Ana tem tanto a ver com esposas trabalhando fora quanto Lídia.

Vamos resolver essa questão já. (1) Ana, a mãe do profeta Samuel, nunca teve uma carreira profissional. (2) Ana só levou Samuel ao sumo sacerdote Eli por causa de um voto que ela havia feito diante do Senhor. Agora que estamos vivendo na nova Aliança com o Senhor Jesus, nós não mais fazemos esses votos nazireus. (3) Samuel era o hóspede permanente de Eli. Se o exemplo de Samuel pudesse realmente ser aplicado à creche, então seria como uma mãe entregando seu filho à creche e indo visitá-lo uma vez por ano. (4) Portanto, o exemplo não se aplica ao caso.

Ana levando Samuel para Eli se parece mais com uma mãe trabalhadora no lar colocando seu filho como discípulo de um pastor. O que ela fez não tem nada a ver com um emprego fora do lar. Ana, se você se lembra, voltou para seu marido e se dispôs a ter mais filhos, tantos quanto fosse possível. Ela acabou ganhando mais três meninos e duas meninas, o que era um sinal de que o Senhor estava sendo “bondoso com Ana” (1 Samuel 2.21). O que Ana queria era filhos, não um emprego fora do lar. Depois de deixar Samuel com Eli, Ana usou sua liberdade para ter mais bebês e criá-los.

Estou certa de que os que apoiam a entrada das esposas no mercado de trabalho lá fora podem achar mais exemplos para torcer. Mas veja aonde estou querendo chegar. Até agora os exemplos que eles gostam de

citar não só não vêm caso, mas também não são normas que devemos seguir. Tal maneira de interpretar a Bíblia deveria nos deixar desconfiadas. Por que todo esse esforço para tentar defender essas ideias? Será que eles estão vendo só o que querem ver?

Desejo examinar agora dois exemplos *bons* que são comumente omitidos quando as mulheres falam sobre trabalhar fora. Então resolveremos de uma vez por todas a questão dessa pobre senhora de Provérbios 31 na qual se baseiam os que defendem energicamente a entrada das mulheres casadas no mercado de trabalho lá fora.

Sara e Maria

Duas esposas na Bíblia são excelentes exemplos, com exceção de alguns fatos específicos em que Deus as repreendeu. Esses exemplos são Sara e Maria.

“Escutem-me, vocês que buscam a retidão e procuram o Senhor: Olhem para a rocha da qual foram cortados e para a pedreira de onde foram cavados; olhem para Abraão, seu pai, e para Sara, que lhes deu à luz. Quando Eu o chamei, ele era apenas um, e Eu o abençoei e o tornei muitos”. (Isaías 51.1,2)

Sara, nosso primeiro bom exemplo (veja também Hebreus 11.11 e 1 Pedro 3.6), era uma esposa *rica*. No entanto, ela encontrou sua maior realização em ser mãe e em agradar seu marido (“**como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor**”). Quando os anjos foram procurar Sara, ela estava “na tenda”. Ela fez comida para esses visitantes celestiais com as próprias mãos (Gênesis 18.5,9). Sara amava tanto seu filho Isaque e passava tanto tempo com ele que levou três anos para ele se conformar com a morte dela (Gênesis 24.67).

Maria, nosso segundo bom exemplo, era esposa de um homem *pobre*. Contudo, o anjo Gabriel não apareceu a ela para oferecer um emprego, mas um filho. Alguém ousaria dizer que a mãe de Jesus Cristo perdeu a oportunidade de se realizar quando se tornou mãe dessa Criança?

Se fosse Maria, você deixaria Jesus diariamente com uma babá por dez horas enquanto você saía para trabalhar fora numa tenda de mercado para “ajudar José no sustento da casa”? Isso não soa como uma boa ideia, não é? Bem, *seu* filho também é especial. Jesus disse que, quando acolhemos um nenenzinho, nós estamos acolhendo a Ele (Mateus 18.5; Marcos 9.37; Lucas 9.48). Assim, de certo modo todas as mães cristãs são Marias.

Vimos os exemplos bíblicos de uma esposa rica, uma esposa pobre, uma esposa de fabricante de tendas e uma dona de negócio. Até o momento não encontramos nenhuma base bíblica para a esposa cristã trabalhar fora. Agora vem a pergunta mais importante. E quanto à esposa ideal de Provérbios 31?

A Esposa Ideal de Provérbios 31

Aí está a vítima infeliz na qual algumas esposas se baseiam para trabalhar fora. Ela é exaltada na imprensa cristã como uma vendedora de terrenos, funcionária de escritório, empregada de fábrica, comerciante e quem sabe o que mais. Ninguém pode *provar* essas alegações. Se essas alegações estão fazendo sucesso, é porque o público evangélico está sem vontade de consultar as referências bíblicas e examiná-las em contexto. Nós vamos agir de modo diferente e estudar a passagem inteira a fim de ver por nós mesmas o que ela diz.

“Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis”.

Isso nos mostra que a mulher que está para ser descrita é um bom exemplo para seguirmos.

“Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma”.

Ela não é uma feminista independente seguindo “objetivos pessoais”. As necessidades de seu marido são sua preocupação, e ela trabalha para supri-las.

“Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida”.

Implicitamente, é possível a esposa fazer mal ao marido. O resto da passagem nos mostrará como ser esposas boas, não más.

Repare como o marido dessa mulher é colocado em evidência. As feministas odeiam isso. Elas não querem que uma mulher seja identificada com o marido e os filhos. Mas as realizações dessa mulher são declaradas exatamente nesses termos.

“Escolhe a lã e o linho e com prazer trabalha com as mãos”.

Lã e linho são dois componentes que fazem parte da roupa do Oriente Médio. Até o momento, não há nada dizendo que ela trabalhava fora de casa.

“Como os navios mercantes, ela traz de longe as suas provisões”.

Agora o coro começa: “Ela é uma comerciante!” “Uma vendedora!” “Uma marinheira de primeira classe!”

Mas *como* é que ela é como os navios mercantes? Ela vai e se senta na água? Essa é uma comparação, não uma definição. Ela é *como* os navios mercantes num aspecto especial, o de “trazer comida de longe”.

Leia o contexto seguinte (levantando-se enquanto ainda está escuro, permanecendo até tarde da noite em casa), e você verá que ela não vai pessoalmente à Síria ou Târsis em viagens de negócio. Ela está levando comida para casa, comida de verdade, não um salário. Tal como os mercadores, ela anda pela vizinhança à procura de ofertas de comida de qualidade e valor, e tal como os navios mercantes, ela leva as melhores ofertas para casa.

Imagine uma dona de casa indo para casa com sacos de comida, tendo parado no supermercado primeiro e então no mercado de frutas (para comprar frutas e verduras frescas), e você conseguirá compreender tudo. Essa é a imagem que a passagem está tentando transmitir. Esposas que se unem a cooperativas de alimentos, que viajam todos os meses para uma fazenda próxima para comprar ovos, mel e cereais em grande quantidade, que examinam cuidadosamente os legumes antes de colocá-los no cesto de compras, que aprenderam a fazer o dinheiro render mais e a comprar alimentos melhores — essas são as mulheres que essa passagem está elogiando.

“Antes de clarear o dia ela se levanta, prepara comida para todos os de casa, e dá tarefas às suas servas”.

Essa esposa providencia pessoalmente o alimento da casa. Ao que parece, ela tem servos para o trabalho doméstico. Permanecer no lar *não* significa só trabalho doméstico. Podemos, mas não somos obrigadas a fazê-lo. É bíblico que uma esposa que trabalha no lar empregue servos. Hoje os nossos servos são na maior parte mecânicos: máquinas de lavar pratos, fornos microondas, aspiradores, etc. Assim, a tecnologia, tal como os servos e as servas do passado, torna mais fácil o trabalho doméstico para as esposas que têm condições de ter esses utensílios.

Paul Hawken, autor do livro *The Next Economy* (A Nova Economia), afirma que todo homem, mulher e criança nos Estados Unidos hoje emprega o equivalente a 100 servos mediante os serviços de nossos modernos aparelhos elétricos.

“Ela avalia um campo e o compra; com o que ganha planta uma vinha”.

Prove-me como comprar sapatos para sua família faz de você uma vendedora de sapatos, e eu poderei explicar-lhe como comprar uma vinha

faz dessa mulher uma vendedora de terrenos! Os livros e os artigos de revistas cristãs comumente se referem a ela desse jeito, mas isso não faz sentido. Ela comprou *um campo para uso de sua família*. Ela não o revendeu, muito menos entrou numa carreira profissional de vender campos aqui e ali, andando por aí em seu jumento para mostrar as propriedades a possíveis compradores.

Com relação ao fato de que ela plantou uma vinha, algumas pessoas têm na cabeça que o trabalho do lar significa só pratos e fraldas. Por isso, concluem elas, se a Bíblia mostra uma mulher fazendo *qualquer coisa* que não seja uma tarefa doméstica, isso nos dá permissão para fazer *qualquer coisa* que queiramos fazer fora de casa.

Mas o trabalho doméstico quer dizer trabalhar na propriedade da casa, não só dentro das quatro paredes de uma casa. As donas de casa, desde os tempos mais antigos, plantavam hortas no quintal dos fundos ou cuidavam das verduras numa parte da propriedade da família. Isso era considerado trabalho doméstico, e com razão, pois a esposa nunca trabalhava fora da propriedade da família. Além do mais, ela estava fazendo essas coisas sob a sua própria supervisão, não a de um chefe de fora.

Vemos aqui uma esposa investindo seus ganhos em coisas que vão ser mais úteis — *sempre aumentando o capital da família*. Ela não estava, de modo algum, fazendo dinheiro para ter “realização pessoal”, mas para o bem de sua família. Num minuto veremos como ela ganhava dinheiro, e o motivo porque o que ela fez não era uma emprego fora do lar.

“Entrega-se com vontade ao seu trabalho; seus braços são fortes e vigorosos”.

Uma mulher que trabalha duro mesmo.

“Administra bem o seu comércio lucrativo, e a sua lâmpada fica acesa durante a noite”.

Com isso vemos que (1) Ela estava envolvida no comércio. As pessoas negociavam e trocavam tudo naqueles dias. “Comércio” não é uma atividade financeira internacional. É o processo de trocar mercadorias. Isso pode ser feito em casa, da mesma forma que as donas de casa costumavam negociar e fazer trocas de maneira bastante experiente com comerciantes viajantes a fim de obter seus produtos. (2) Ela fazia um trabalho muito bom. (3) O comércio era sua última prioridade. Quando ela examinava suas contas? À noite, depois que todos os outros trabalhos já haviam sido feitos. Nas mãos segura o fuso e com os dedos pega a roca.

Essa é a resposta às acusações das feministas de que o trabalho doméstico é “chato e escravizador”, só para mulheres de cabeça oca. A

esposa ideal de Provérbios 31 sente alegria em se dedicar completamente ao trabalho doméstico. Ela não se importa em ficar fiando e tecendo as roupas de sua família, nem guarda ressentimento por estar ocupada demais para entrar no mercado de trabalho lá fora. Como declara Matthew Henry acerca desse versículo em seu famoso *Comentário Sobre a Bíblia Inteira*:

“Ela percebe que ela mesma pode fazer coisas melhores e mais baratas do que comprando. E ela não acha [que fazer roupas para sua família] é uma privação de sua liberdade ou um rebaixamento à sua dignidade, ou que isso não é compatível com sua pessoa”.

Voltando à passagem, vemos que, longe de se concentrar em objetivos pessoais”, a esposa ideal é conhecida por isso:

“Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres”.

Caridade no lar. Iremos estudar isso em detalhe no Capítulo 17.

“Não teme por seus familiares quando chega a neve, pois todos eles vestem agasalhos. Faz cobertas para a sua cama; veste-se de linho fino e de púrpura”.

Ela faz roupas tanto para utilidade quanto para beleza. Nós estudaremos a trabalhadora do lar como artista no Capítulo 14.

“Seu marido é respeitado na porta da cidade, onde toma assento entre as autoridades da sua terra”.

As portas da cidade eram o lugar em que os assuntos do governo e da sociedade eram resolvidos. Se alguma vez houve uma mulher que tinha o dom para ser líder, era essa. Mas era seu marido, não ela, quem se sentava à porta da cidade.

“Ela faz vestes de linho e as vende, e fornece cintos aos comerciantes”.

Agora o coro começa de novo: “Ela é uma comerciante!” “Uma operária de fábrica!” “Uma vendedora ambulante!” Não, não é bem isso. Ela *fornece* cintos aos comerciantes; ela própria não é uma comerciante. Ela faz roupas de linho — onde? — em casa. As esposas que trabalham no lar podem ganhar dinheiro, e muito dinheiro, se quiserem. Não existe nenhuma lei de Deus que declare que os produtos só podem ser feitos em fábrica.

“Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com amor”.

Com quem ela fala com sabedoria? Será que ela é uma pregadora ou uma autoridade política? Não é muito provável, em vista de seus outros

deveres. Ela fala com sabedoria *toda vez que abre a boca*. É seu hábito diário, não uma posição profissional paga.

“Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça”.

Estou frisando esse versículo pois ele é a chave da passagem inteira. Será que ela está lá fora ganhando fama para si mesma no mundo dos negócios? Não. A preocupação dela é o lar e a família. Ela é, em resumo, “ocupada em casa”.

Qual é o fruto da dedicação da esposa ideal à sua família e ao lar? Todos fazem pouco caso dela por se isolar do mundo, por ser uma “parasita da sociedade” e por negligenciar os talentos que Deus lhe deu? Eis a decisão que Deus dá no final:

“Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo: Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera. A beleza é enganosa, e a formosura é passageira; mas a mulher que teme o Senhor será elogiada. Que ela receba a recompensa merecida, e as suas obras sejam elogiadas à porta da cidade”.

Seu marido, seus filhos e no final a comunidade inteira a elogiam. Preconceito patriarcal dos homens? Essa passagem não mostra nada disso. Não há nenhum comentário negativo sobre as mulheres nessa passagem. Em vez disso, o que estamos lendo é que muitas mulheres fazem coisas nobres.

Os homens que escreveram a Bíblia não estavam cheios de preconceitos contra as mulheres. *Eles* não chamavam as donas de casa de estúpidas empregadas domésticas e parasitas. Quem “Trabalhar em casa me dará realização?” Ou: “O que tenho de fazer para escapar do trabalho do lar?” Deus já falou, e o que deveríamos estar perguntando é: “Como posso trabalhar no lar, Senhor? Fala, Senhor, pois Tua serva está escutando”.

Dê graças a Deus — o trabalho do lar *não* é só lavar pratos, como temia eu quando abandonei meus planos de carreira fora do lar e comecei a tentar fazer o que Deus diz. Mas eu não sabia disso quando estava começando! Eu achava que ter bebês era um grande sacrifício, que o trabalho doméstico era difícil e chato (ainda detesto o trabalho doméstico!) e que eu estava sendo uma nobre mártir. Mas descobri que é o contrário. E você também experimentará essa descoberta, se tiver suficiente espírito cristão de aventura para ir em frente nesse desafio, sem saber aonde você chegará, mas sabendo apenas que Deus orienta você a fazer isso!

Se você é esse tipo de mulher (e espero que sim), então continue lendo. Pois Deus nos deu uma aventura desafiadora, irmãs, e Ele nos deu muito mais poder para avançar Seu Reino do que podemos imaginar.

Mas antes vou fazer uma parada (no próximo capítulo) para mostrar porque os excelentes exemplos bíblicos que algumas mulheres constantemente exibem para escorar suas ideias feministas — Débora, a mulher de Provérbios 31, etc. — foram falsificados por elas. Então o resto do livro tratará do trabalho no lar e sua gigantesca importância para nossas famílias, igrejas e nação.

.oOo.

Bibliografia:

(184) (Edinburgh: Banner of Trust, 1979, orig. publ. 1662), p. 279-285.

(185) Esse texto em itálico pertence ao tradutor.

(186) *Ibidem*, p. 227-230.

.oOo.

13

Negócio no Lar

Lisa, uma jovem amiga minha, era estudante universitária. Um dia ela telefonou-me um pouco angustiada. Seus pais estavam insistindo em que ela escolhesse um curso que a levaria a um emprego útil. Mas Lisa e eu havíamos conversado sobre o trabalho do lar antes, e ela não queria ficar presa a uma carreira profissional que a tornaria incapaz de levar adiante seus objetivos de ser dona de casa. Como agradar seus pais e ao mesmo tempo achar um curso que fosse útil no lar — esse era o dilema de Lisa. Depois de examinar várias opções, encontramos uma que era ideal. Lisa matriculou-se na área de *negócios!*

Empregadas e Administradoras

Há muito tempo que as feministas ridicularizam o trabalho do lar considerando-o mero trabalho de empregada. Mas estão se levantando mulheres que estão desafiando essa alegação sem base. Há nos EUA uma revista para as mulheres que escolhem permanecer no lar: *Welcome Home* (Bem-vinda ao Lar). Janet Dittmer escreveu um artigo na edição de março de 1984 com o título “A Administradora do Lar”, que compara a trabalhadora do lar como empregada com a trabalhadora do lar como administradora:

“De modo geral, a empregada obedece às ordens com base no que outra pessoa acha que deve se feito. No entanto, a administradora é alguém que dá as ordens... Ela pode escolher a melhor hora e o melhor dia da semana para realizar alguma tarefa, e ela pode executá-la do jeito que sua imaginação quer. Por exemplo, lavar roupas pode não só ser uma rotina eficiente feita sem dificuldade e demora, mas também pode ser uma oportunidade de ensinar as cores das roupas a uma criança nova. Lavar roupas pode ser tudo o que a trabalhadora do lar quer que seja...”

A empregada geralmente executa suas tarefas sozinha... sua responsabilidade principal está nas ‘coisas’. Em contraste, a prioridade da administradora é as pessoas. As tarefas domésticas são entregues a outras pessoas conforme as próprias decisões da administradora. Ela designa as tarefas, supervisiona quando é necessário e recebe relatórios quando os serviços são terminados. Ela ensina, treina e avalia o andamento de tudo. Ela sabe quando um serviço é difícil ou perigoso demais para o resto da equipe e ela própria cuida dele. Ser sensível à equipe é uma obrigação”.

A Bíblia aprova o que a Sra. Dittmer acaba de dizer, e ainda vai mais longe. As esposas jovens são orientadas a ter filhos e **“a administrar suas casas”** (1 Timóteo 5.14). Somos orientadas a administrar o lar. A palavra grega original literalmente significa “déspota da casa”. E ainda têm a coragem de chamar as esposas de pobres vítimas oprimidas pelo preconceito masculino da Bíblia! *Déspotas* do lar — é isso que somos, não escravas domésticas!

E ser uma déspota do lar significa muito mais do que só trabalhar no lar. A Sra. Dittmer mencionou as atividades típicas da trabalhadora do lar: treinar filhos, criar uma agradável atmosfera no lar e fazer o trabalho doméstico. Essas são as tarefas valiosas e bíblicas que devemos fazer. Mas

nosso papel na área de administrar bem os recursos e tarefas vai *além* do trabalho do lar.

As trabalhadoras do lar têm uma função nessa área que é vitalmente importante para a família e para a sociedade. Mas essa função é pouco compreendida.

Vamos falar primeiro sobre o nosso papel dentro da sociedade como administradoras de recursos e tarefas.

O Socialismo

Os economistas entendem que a diferença fundamental entre a livre empresa (também chamada de capitalismo) e o socialismo (também chamado de totalitarismo) é que na livre empresa *o lar é uma entidade independente que administra seus próprios recursos e tarefas e produz seus próprios serviços*. Cada família não só consome (o que também ocorre no socialismo) mas também *produz*. No sistema socialista, quem realiza as funções da família é o governo. *Por exemplo, a criação e educação das crianças é um direito fundamental da família, mas num sistema socialista esse direito pertence ao governo* (187). No sistema de livre empresa, a família tem plena liberdade para escolher o que fazer.

As feministas veem claramente que não é possível as mulheres e os homens ocuparem um o papel do outro enquanto as funções de trabalho dentro da família continuam independentes do controle do governo. Em outras palavras, elas sabem que (1) *só o socialismo torna possível que as mulheres trabalhem nos empregos dos homens e vice-versa* e (2) *a esposa que permanece no lar é o maior obstáculo para o socialismo*. O socialismo procura eliminar tudo o que é particular: casas, filhos, etc. Conforme escreve certa feminista: “A principal preocupação da sociedade feminista e socialista do futuro será deixar o governo cuidar das funções de trabalho dentro da família” (188).

O periódico socialista *Mother Earth* (Mãe Terra) escreveu: “As forças feministas construirão os conjuntos residenciais populares, *playgrounds* e os berçários para as crianças do futuro e os tornarão muito melhores do que os desprezíveis lares particulares de hoje” (189).

Senhoras, por favor, prestem atenção. Vocês podem não estar saindo para trabalhar fora a fim de perder a casa e os filhos, mas, se saírem, estarão dando poder a alguém que *tem* essas intenções. O jurista constitucional John Whitehead diz: “As

feministas vêem as mulheres no mercado de trabalho como o elemento mais importante de seu movimento. Uma entrevista na revista *Working Women* (Mulheres Que Trabalham Fora) com nove mulheres de grandes empresas revelou que elas acreditavam que o melhor método para despedaçar o domínio dos homens no mundo dos negócios é colocando mais mulheres na força de trabalho” (190).

Mas quando ninguém estiver em casa para cuidar do lar, quem o fará? Conforme diz o Dr. Whitehead:

“Isso fez com que as pessoas perguntassem sobre o que fazer com os filhos das mães que trabalham fora. A resposta foram as creches sustentadas pelo governo” (191).

Qualquer coisa “sustentada pelo governo” significa, está mais que claro, *mais* poder e *mais* dinheiro para o governo. Os impostos terão de ser aumentados para sustentar as creches do governo e mais empregados terão de ser contratados para trabalhar nessas creches. Quando um governo tem *total* poder e controla *todo* nosso dinheiro, dizemos que o governo se tornou “totalitário”.

Por causa de sua ideologia radical, as feministas são forçadas a exigir que o governo assuma o controle de nossas vidas particulares, propriedades e filhos. Toda mulher, assim pensam elas, tem o direito a uma vida que a deixe realizada no mercado de trabalho. Mas se todas as mulheres abandonarem completamente seu papel de mãe, em uma só geração *não haverá* mais nenhum mercado de trabalho. As feministas acham que a mulher não deve ser forçada a ficar em casa com o próprio bebê.

“Por isso, elas estão usando as leis e os meios de comunicação para convencer os pais de que o marido e a esposa não só devem trabalhar fora juntos mas também cuidar juntos dos deveres domésticos, inclusive a criação dos filhos. Tudo deve ser meio a meio. A ideologia feminista exige plena igualdade sexual: para que as esposas possam ocupar mais as funções masculinas no mercado de trabalho, os maridos também devem ocupar mais as funções da esposa no lar, principalmente a criação dos filhos (192).

E quando ninguém está disposto a permanecer no lar para cuidar dos filhos? É claro que alguém terá de ser pago para cuidar do bebê. Mas nem todas as mulheres podem arcar com os custos de uma creche. A solução? Impor que todos os cidadãos paguem, por meio de impostos, os custos das crianças criadas em creche e depois, para justificar essas campanhas,

convencer ou até mesmo *forçar* todas as mães a colocarem também os filhos na creche. Para que as feministas possam nos considerar “livres”, primeiro temos de entregar toda nossa liberdade a elas.

Lembre-se disto. *O feminismo é adepto do controle da natalidade e inevitavelmente acabará se extinguindo, a menos que as outras mulheres sejam forçadas a aceitá-lo.* Uma geração de mulheres que não quer ter bebês e coloca os poucos que têm na creche será varrida em vinte anos pelos filhos das mulheres que permanecerem no lar. Será varrida também pelos filhos e filhas de mães feministas que foram traumatizados pelas creches. *A única maneira de o feminismo conseguir sobreviver é usando as leis para impor seu estilo de vida a toda a sociedade.* É por isso que o feminismo e o socialismo são tão unidos. As feministas têm prazer em entregar as funções da família ao governo e o socialismo tem prazer em fazer o governo assumir essas funções.

As mulheres cristãs que por livre vontade estão renunciando a seus deveres de trabalho no lar poderão algum dia descobrir que não poderão assumi-los de volta. A criança que agora é colocada na creche por livre escolha poderá no futuro ser mantida ali à força, onde ficará exposta não só à degradação moral, mas também a ensinamentos anticristãos extremamente perigosos. E a culpa será da própria mãe.

O Feminismo e a Sociedade Sem Liberdade

As feministas exigem igualdade entre os sexos *usando a força da lei.* Elas querem que as leis ajudem as mulheres a competir com os homens no mercado de trabalho lá fora. O feminismo precisa usar as leis para forçar as pessoas a apoiar a igualdade sexual porque a própria natureza não a apóia. A biologia normal que Deus criou para os seres humanos mantém as mães em casa tendo e criando filhos e coloca em evidência as várias diferenças entre os homens e as mulheres. O feminismo, numa tentativa de eliminar essas diferenças, depende de leis coercivas para forçar as pessoas a se conduzir de um modo que não querem. O exemplo mais importante da coerção feminista é a reivindicação mais importante das feministas: igualdade para as mulheres no mercado de trabalho lá fora. Elas dizem que essa reivindicação é justa e deve ser atendida. Vou mostrar que não pode ser atendida do jeito que as feministas querem sem destruir a liberdade no mercado de trabalho.

Podemos convencer as pessoas a adotar nossos valores de dois modos: (1) persuasão, e (2) força. A força não é a única opção. As mulheres que querem salário igual para seu trabalho poderiam pedir isso educadamente. Outra opção é que os outros empregados poderiam pressionar os empregadores que pagam salários abaixo do normal às mulheres. Ou então as mulheres poderiam demonstrar muita competência, motivando assim os empregadores a pagar-lhes salários superiores para não perderem os serviços delas para um concorrente. Isso tudo seria *persuasão*.

Na época em que as feministas americanas estavam lutando para transformar a igualdade sexual nos empregos em direito constitucional, eu trabalhava como guarda-livros numa editora bem pequena. Ao tomar conhecimento de que o homem que trabalhava antes em meu emprego ganhava 1 dólar e 40 centavos a mais por hora do que eu, fui falar com meu empregador. Ele concordou em me pagar, retroativamente, o salário do guarda-livros anterior. Ele fez isso porque eu era uma boa guarda-livros.

Em vez de se virar sozinho com os livros enquanto procurava alguém para me substituir, ele preferiu atender minhas justas reivindicações. Além disso, ele viu que essa era a coisa certa a fazer. Eu tinha 15 anos, minha aparência não intimidava ninguém e não havia ao meu lado nenhum sindicato ou órgão governamental. No entanto, consegui o aumento.

Muitas pessoas de outras raças entraram neste país, enfrentaram muito preconceito, mas acabaram na classe média ou alta após uma ou duas gerações, *numa época em que não havia leis coercivas* para forçar os empregadores a contratá-las e a pagar-lhes salários “justos”. No mercado livre as pessoas podem demonstrar para seus empregadores que seus serviços são valiosos. No mercado livre as pessoas podem se mudar para um emprego mais atraente se o seu atual empregador for injusto. É claro que o oposto também é verdade. No mercado livre os empregadores podem abaixar os salários dos empregados que eles consideram menos úteis.

Eles podem até fazer caridade em favor de seus empregados. Por exemplo, eles podem dar a um homem casado, pai de família, um salário maior do que seu emprego merece. Jesus aprova esse tipo de caridade seletiva em sua parábola dos trabalhadores da vinha — os que começaram a trabalhar já no final do dia receberam salário de um dia inteiro, e os que haviam trabalhado desde o início do dia não ganharam mais do que os outros. Isso não foi injusto para com os que trabalharam o dia inteiro. Em vez disso, foi um gesto de caridade do dono da vinha para com os que ele

empregou no final do dia. Jesus especificamente condena a inveja dos que haviam sido empregados primeiro (Mateus 20.1-16).

Força já é outra coisa. As feministas querem que o governo coloque restrições no livre mercado forçando os empregadores a fixarem os salários conforme as autoridades acharem “justo”. O homem casado que tem quatro filhos não mais tem direito de ganhar vantagem alguma. Agora os solteiros e as esposas sem filhos que estão trabalhando a fim de obter uma segunda renda, sem necessidade, têm o direito de receber tanto quanto o homem casado que tem uma família inteira para sustentar.

Isso diminui a liberdade de o empregador pôr a caridade cristã em prática, empregando os que estão em mais necessidade ou ajudando-os em suas dificuldades quando eles já estiverem empregados. *Isso também põe o mercado sob o controle do governo*, dando-lhe autoridade para decidir quem emprega quem por quanto. Quando, porém, o governo manda mais no negócio do que o próprio empregador, este, então, não mais é dono de seu negócio.

Além do mais, para acabar com “a desigualdade sexual”, as feministas querem que o governo force a sociedade a aceitar o sistema de cotas na área de trabalho. Nesse sistema, determinado número de vagas (às vezes até 50 por cento!) de empregos tradicionalmente masculinos, principalmente nas áreas de liderança e poder, é reservado só para mulheres. No entanto, elas querem que essas vagas sejam preenchidas não por donas de casa, mas por feministas dispostas a transformar toda a sociedade (193). Na verdade, elas querem que o mercado livre as trate melhor do que trata os homens.

Afinal, quantos *homens*, para obter promoção ou tratamento especial, conseguiriam ameaçar um patrão com um processo de “discriminação ou assédio sexual”? Minha avó, que se tornou médica em 1925, ganhou a igualdade mostrando muita capacidade. Mas as feministas não querem ganhar a igualdade provando que elas são tão competentes quanto os homens.

A consequência de tudo isso? *O governo dominando as decisões no mundo dos negócios*. O feminismo quer que o governo tire a *liberdade das pessoas* (a liberdade de o empregador e o empregado chegarem a um acordo sem coerção) e intervenha em todos os negócios. Os empregadores praticamente se tornam escravos de seus empregados de minorias raciais ou empregadas feministas.

Como diz Morgan O. Reynolds: “A situação atual é oposto do que acontecia no passado, onde os empregados eram escravos dos empregadores. Os empregadores de hoje sofrem uma forma

limitada de escravidão aos empregados... Os tribunais reintegram, por quase qualquer motivo, os empregados ao seu emprego anterior, muitas vezes à custa de suborno. Se o mesmo princípio fosse aplicado sem se levar em consideração a condição social, cada cidadão não mais poderia... deixar um empregador sem justa causa, e os empregados que a lei considerasse culpados de injustas práticas de trabalho para com seus empregadores seriam forçados a voltar para o seu empregador anterior e lhe dar toda a 'produção passada'. Os sindicatos, os órgãos governamentais e os tribunais teriam de estabelecer o que é justo em cada pretendida demissão por empregador ou empregado..." (194).

Para forçar o mercado de trabalho a promover a "igualdade sexual", as feministas querem que o governo tire dos donos de empresas o seu direito de decidir sobre a própria empresa, a fim de que o governo tome as decisões. Mas não se pode eliminar à força os preconceitos das pessoas. Tudo o que o governo pode fazer é forçar as pessoas a agir contra seus preconceitos. De início, isso pode parecer uma boa coisa. Mas o preço para se obter igualdade à força é *a eliminação da propriedade privada* e a diminuição na liberdade de os empregadores dirigirem os próprios negócios. E esse mesmo princípio de igualdade à força pode ser aplicado não só às empresas muito grandes, mas também a qualquer forma de propriedade particular ou até mesmo às próprias pessoas.

A política do governo então passa a desrespeitar o 8º Mandamento de Deus, que proíbe roubar. A questão da "igualdade" poderá se tornar a desculpa para o governo introduzir leis mais *opressoras*. Um exemplo é o sucesso que as feministas estão tendo na aprovação de leis que dizem que é responsabilidade do governo providenciar creches para os filhos das mulheres que trabalham fora. No entanto, quem é que também tem de sustentar essas creches através de impostos? Os maridos das mulheres que permanecem no lar! Isso é confisco sem direito de reclamação, com o propósito de financiar o movimento feminista.

As feministas querem sobrecarregar a sociedade e todas as esposas com os custos das creches e outras causas feministas, a fim de que elas e seus valores recebam a preferência. Elas querem nos fazer tomar parte em seu movimento e, se não conseguirem, farão com que *contribuamos* financeiramente para elas, através de impostos. E para fazer isso elas estão dispostas a sacrificar a nossa liberdade.

O Trabalho Fora do Lar e a Esposa Reprimida

Com tudo o que andam falando sobre liberação hoje em dia, as mulheres não estão conseguindo perceber que a esposa que trabalha no lar é a única mulher que realmente tem liberdade! Ela é sua própria chefe durante as mesmas nove ou dez horas do dia em que outras mulheres estão fazendo o que seus superiores ordenam. Ela pode organizar seus próprios horários, tomar conta de seu próprio orçamento e se vestir como quer, sem ter de cumprir normas de empresas. A esposa que trabalha no lar tem, até certo ponto, liberdade para fazer o que deseja, ao passo que a esposa que trabalha fora mal consegue ler um livro durante as horas de trabalho. Em vez do ambiente frio e formal do escritório, a trabalhadora do lar serve seus “clientes” diretamente, e diariamente ela recebe tangíveis recompensas por seu trabalho (“Humm! Este bolo está delicioso, mamãe!”).

Todos os esforços para promover a liberação da mulher estão estabelecendo uma nova forma de escravidão — a esposa reprimida. A primeira vez que tomei consciência desse problema foi por meio de uma carta publicada numa importante revista evangélica. Uma mulher aflita escreveu pedindo ajuda, pois seu marido a havia forçado a trabalhar fora durante todo o seu casamento. Depois de muitos anos nessa situação, ela ficou cansada. O motivo dele era que eles precisavam de dinheiro, mas agora eles já tinham muito e ele ainda queria que ela continuasse trabalhando fora. (Lembro-me de que ele também, ao que parece, a havia proibido de ter filhos.)

A equipe de aconselhamento da revista respondeu com alguns comentários melosos sobre submissão e desculpas solidárias em favor da conduta do marido. (Na mesma época essa revista publicou artigos orientando os homens em que era sua obrigação ajudar, no trabalho doméstico, a esposa que trabalha fora, quer eles gostassem quer não. Vamos forçar nosso marido a fazer o trabalho doméstico em nosso lugar, mas se ele não nos deixar fazer o trabalho doméstico, vamos ser “submissas”!)

Quando entramos no seminário anos atrás, meu marido Bill e eu éramos bem pobres. No entanto, eu não estava procurando um emprego, em parte porque eu não mais podia dirigir devido à vista fraca e em parte porque Deus estava me convencendo de que o certo é o trabalho do lar. Em minha primeira experiência com os cristãos fiquei surpresa ao

encontrar alguns insistindo em que era minha *obrigação* arranjar um emprego e sustentar o Bill nos estudos do seminário. Na época achei que isso era idéia de alguns esquisitos. Mas o artigo acima mostrou-me que eu estava enganada. As mulheres evangélicas de hoje estão sendo empurradas, em alguns casos com a aprovação dos próprios pastores, para trabalhar fora do lar, *quer elas queiram quer não*.

O culpado, na maior parte dos casos, é o marido. De repente aparecem artigos de jornais e revistas sobre esposas que trabalham fora, e ele fica imaginando quanto poderia ganhar com isso. Então ele brutalmente obriga a esposa a colocar os filhos na creche, proíbe-a de engravidar e a põe para fora para trabalhar num emprego que ela não quer. Meu obstetra em Nova Iorque me contou que é comum ele ter como pacientes mulheres angustiadas cujos maridos haviam ameaçado se divorciar delas se elas não abortassem o bebê que haviam descoberto terem concebido. Sou grata que o meu médico seja a favor da vida e que a maioria das mulheres que ele aconselhou teve a coragem de desafiar as exigências imorais de seus maridos. Mas aqui vemos um caso claro de maridos *escravizando* as esposas como *consequência direta* do feminismo.

As feministas loucamente afirmam que o papel da mulher como trabalhadora do lar é consequência do preconceito patriarcal dos homens. O oposto é a verdade. Veja o caso das tribos indígenas. Quem é que ficava lá fora trabalhando nos campos debaixo de sol quente ou carregando pesadas cargas enquanto os homens se espreguiçavam ali perto com seus cachimbos da paz? As mulheres! As tribos indígenas e outras sociedades patriarcais não-cristãs sempre escravizaram as mulheres obrigando-as a trabalhar fora do lar. Foi o Cristianismo quem nos libertou dessa escravidão. Talvez os homens sejam os principais culpados, empurrando as esposas para trabalhar fora para ganhar mais algum dinheiro.

Mas o feminismo não tem piedade alguma dessas pobres vítimas. Afinal, muitos dizem que elas é que querem ter um emprego fora. Esse aspecto particular do feminismo tem infectado até mesmo evangélicos conservadores. Uma das evangélicas mais ortodoxas e atenciosas que conheço, ao tomar conhecimento de que uma amiga minha havia sido divorciada pelo marido, insinuou que eu tomasse conta do bebê dela para que ela pudesse trabalhar fora. Mas ela não fez nenhuma sugestão de oferecer caridade ou ajudar a mãe a permanecer em casa. Por que as igrejas não mais ajudam mulheres nessa situação? Porque a sociedade de hoje ensina que a viúva e a divorciada têm a obrigação de trabalhar fora para se sustentar! Assim morre a caridade cristã.

A meta suprema do feminismo é fazer com que todas as esposas trabalhem em todos os empregos que os homens trabalham. Essa meta havia-se tornado realidade nos campos de detenção russos, na época em que o comunismo dominava a Rússia. Ali as mães tinham permissão de amamentar seus bebês três vezes ao dia por 15 minutos, e então os bebês lhes eram tirados aos dois anos para serem criados em instituições do governo. As prisioneiras eram bem liberadas. Elas cortavam árvores com machados e carregavam pesados troncos sozinhas. Elas também escavavam minas, trabalhavam em áreas radioativas (sem roupa de proteção) e, em resumo, invadiam as esferas que antes eram dominadas pelos homens (195). O comunismo chamava isso de “liberação dos cidadãos”. Eu prefiro chamar de escravidão.

Contudo, o feminismo e o socialismo não desistiram de suas campanhas para arrancar as mulheres do seu papel fundamental no lar e levá-las a conquistar mais espaço nas esferas masculinas, principalmente nas áreas de liderança.

A jornalista Dale O’Leary diz: “Embora as feministas radicais vejam a liderança masculina como o grande mal, a liderança masculina pode ser vista como um sistema em que os homens aceitam a responsabilidade por suas esposas e filhos. Uma sociedade que está sofrendo de família de mães solteiras devia considerar se a guerra contra a liderança masculina está beneficiando as mulheres. As mulheres que querem dedicar a vida principalmente ao papel de mãe precisam de homens dispostos a ser pais responsáveis e de uma sociedade onde os homens assumam a responsabilidade de proteger e sustentar as mulheres e as crianças. Para as feministas radicais, uma família onde um homem trabalha para sustentá-la e onde a mulher se ocupa com o lar é pura opressão contra as mulheres. Elas vêem a família como a causa de todas as outras formas de opressão e como o alicerce da sociedade ‘que aceita só a liderança masculina e é preconceituosa contra a mulheres, as outras raças e o homossexualismo’. Não é suficiente para elas que algumas mulheres rejeitem os relacionamentos onde o homem é líder e a mulher é submissa. Elas acreditam que, enquanto algumas mulheres escolherem esses tipos de relacionamentos, todas as mulheres são ameaçadas.

De acordo com a feminista Nancy Chodorow, na família onde o pai trabalha para sustentá-la e a mãe se dedica totalmente ao lar, a criança é psicologicamente condicionada a crer que os dois sexos

são diferentes. As meninas se identificam com as mães, mas os meninos percebem que eles não vão se tornar mães quando crescerem. Conforme declara Chodorow, as diferenças entre homens e mulheres são criadas (ou inventadas pela sociedade) por essas experiências na infância. Quando o conceito de dois sexos diferentes é gravado na mente da criança, a criança verá outras divisões de “classe”... Portanto, o ponto de vista feminista radical vê o papel de mãe como o problema, especificamente o papel das mulheres como as principais responsáveis pelos cuidados das crianças novas. Como se pode vencer esse problema? Para Chodorow, não é suficiente fazer com que todas as mulheres entrem no mercado de trabalho lá fora. Não é suficiente também colocar todas as crianças nas creches, porque as funcionárias de creche são predominantemente mulheres. Os homens devem aceitar 50 por cento das responsabilidades de cuidar de crianças” (196).

“De acordo com esse ponto de vista, o desejo de uma mulher ser mãe — se envolvendo intimamente no cuidado diário de seus filhos, principalmente dos recém-nascidos — é considerado como algo que a sociedade masculina lhes impõe” (197).

Uma feminista diz como ela acha que será a sociedade perfeita do futuro:

“Um futuro justo seria um futuro sem gênero. Em suas estruturas e práticas sociais, nosso sexo seria tão importante quanto a cor dos olhos ou o comprimento dos dedos do pé. Ninguém aceitaria as suposições sobre os papéis ‘masculinos’ e ‘femininos’. O conceito de gerar um filho na barriga seria tão separado da criação de filhos e outras responsabilidades familiares que seria motivo de surpresa, e grande preocupação, se os homens e as mulheres não fossem igualmente responsáveis pelo trabalho doméstico ou se os filhos passassem muito mais tempo com a mãe do que com o pai. Seria um futuro em que os homens e as mulheres participariam em números mais ou menos iguais em todas as esferas da vida — da responsabilidade de cuidar de crianças novas até diferentes tipos de empregos assalariados no mercado de trabalho...” (198).

De acordo com a jornalista O’Leary, as feministas que controlam a ONU redefiniram o termo “igualdade” para significar que as mulheres e os homens têm de participar em 50 por cento de todos os tipos de atividades, seja no trabalho dentro ou fora do lar. Por exemplo, igualdade quer dizer que os homens agora devem cuidar de 50 por cento das atividades domésticas e

as mulheres devem compor 50 por cento dos pelotões militares e policiais. Se a grande maioria dos soldados pertence ao sexo masculino, as feministas classificam isso de preconceito. Elas querem que de agora em diante as mulheres passem a compor pelos menos metade de todas as áreas onde só havia homens, inclusive o exército. Elas querem principalmente que as leis estabeleçam que metade de todas as funções de liderança, até mesmo postos de capitão e general, seja reservada para as mulheres. (199).

O’Leary também diz: “Os promotores da participação de 50 por cento para mulheres e homens... querem nos fazer acreditar que eles só estão tentando alcançar a igualdade prometida na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, mas esse não é o caso. No primeiro artigo da declaração, a palavra igualdade é usada no sentido clássico: ‘Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos’. Em parte alguma essa declaração obriga os governos a usar as leis para estabelecer participação estatisticamente igual...

A existência de ‘desigualdades’ em participação, realização ou recompensas é usada como prova de discriminação, não como evidência de que os homens e as mulheres são diferentes. Os que aceitam as diferenças entre os homens e as mulheres sabem que sempre haverá índices diferentes de participação. Eles não vêem motivo algum porque os direitos e as oportunidades iguais deveriam produzir como consequência participação estatisticamente igual. A meta imediata das feministas é criar um clima de opinião onde a igualdade seja definida não como direitos e oportunidades iguais, mas como participação, realizações e recompensas estatisticamente iguais... As feministas rotineiramente usam as desigualdades estatísticas entre os homens e as mulheres como prova de discriminação” (200).

Bênçãos e Maldições

Ao colocar as bênçãos e as maldições de Deus diante do povo em Deuteronômio 28, Moisés disse ao povo que a escravidão da qual eles haviam sido libertos ao deixar o Egito lhes sobreviria novamente se eles se rebelassem contra o Senhor.

“Todas essas maldições elas os perseguirão e os alcançarão até que sejam destruídos, porque não obedeceram ao Senhor, o seu Deus, nem guardaram os mandamentos e decretos que

Ele lhes deu. Essas maldições serão um sinal e um prodígio para vocês e para os seus descendentes para sempre. Uma vez que vocês não serviram com júbilo e alegria ao Senhor, o seu Deus, na época da prosperidade, então, em meio à fome e à sede, em nudez e pobreza extrema, vocês servirão aos inimigos que o Senhor enviará contra vocês. Ele porá um jugo de ferro sobre o seu pescoço, até que os tenha destruído” (Deuteronômio 28.45-48)

Você também pode ter a liberdade daquelas trabalhadoras dos antigos campos de detenção da Rússia. *Ou pode ter a liberdade de entrar para o exército e usar armas lado a lado com os homens em plena igualdade, conforme quer o feminismo. Ou pode ter a liberdade de entrar em todas as outras ocupações de trabalho tradicionalmente masculinas* (201).

Mas as mulheres cristãs que deixam voluntariamente o lar, não querendo servir ao Senhor **“com júbilo e alegria na época da prosperidade”**, estão estabelecendo condições para o governo nos tornar escravas em nosso próprio país. Uma geração de mulheres que usou mal seu privilégio de trabalhar no lar se entregando às visitas com cafezinhos e ao vício das novelas gerou uma geração que está abandonando totalmente o trabalho do lar.

De Deus não se zomba. Não é uma questão de escolha pessoal decidir se trabalhar fora ou trabalhar no lar trará mais realização. Nosso dever é fazer o que Deus *diz*. E, se não o fizermos, haverá consequências. **“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”** (Provérbios 9.10).

Videiras e Figueiras

Vamos sair desse cenário triste e cansativo e ver o que a Bíblia tem a dizer sobre a *ordem ideal de administração de recursos e produção de serviços*, e o que se encaixa melhor nessa ordem — o trabalho do lar ou o controle do governo sobre o mercado de trabalho e sobre a vida das pessoas.

O que acontecerá quando **“a lei vier de Sião e a palavra do Senhor vier de Jerusalém”**?

“Todo homem poderá sentar-se debaixo da sua videira e debaixo da sua figueira, e ninguém o incomodará, pois assim falou o Senhor dos Exércitos” (Miqueias 4.4).

Uma videira que pertença *só a você*. Uma figueira que pertença *só a você*. E nada de leis do governo impedindo você de controlar sua própria propriedade. *De acordo com a Bíblia, a ordem ideal de administração de*

recursos e produção de serviços é cada pessoa trabalhando por conta própria, não o governo controlando nosso trabalho.

Por favor, compreenda que, quando falo de trabalhar por conta própria não estou querendo dizer que não precisamos depender de Deus. O que estou querendo dizer é que nós somos, debaixo da autoridade de Deus, responsáveis por nós mesmas e somos capazes de cuidar de nós mesmas melhor do que o governo.

As pessoas hoje estão se sentindo como se não pudessem mais mandar na própria vida. Elas querem comprar uma casa, mas o preço é tão alto que nem dá para olhar. Assim, elas pensam em construir uma casa, mas então terão de contratar pedreiros de sindicatos, obter licença para construir, etc., e o preço ainda estará muito alto. Ou talvez elas tenham desejo de iniciar uma pequena atividade comercial no lar, mas acabam sendo proibidas pelas leis de zoneamento da prefeitura. Em nossa comunidade já foram aprovadas diversas leis restritivas, uma das quais exige que não mais de duas crianças ocupem o mesmo quarto, e que as duas não sejam de sexos opostos. Leis desse tipo impedem que as famílias grandes possuam uma casa, exceto as bem ricas. Parece que toda vez que queremos fazer algo inventam uma nova lei para limitar a liberdade que sempre tivemos.

O governo está ao poucos tornando ilegal o trabalho por conta própria, ao mesmo tempo em que está exigindo um modo de vida de alta classe para nós. Na questão da moradia isso é particularmente óbvio, já que a casa em que você foi criada bem provavelmente não seria aprovada numa inspeção de construção de hoje, e sem dúvida alguma a casa em que seus bisavós cresceram não seria aprovada. Não ter encanamento dentro de casa? Sem eletricidade? Que escândalo! Ninguém deve viver assim... então o governo faz tudo para garantir que ninguém tenha a opção de tentar viver desse jeito.

Nos países verdadeiramente democráticos, esse tipo de pensamento só pode prevalecer se a maioria dos eleitores for levada a aceitá-lo por meio de mentiras. Mas o exemplo forte de nossas famílias cristãs sempre inspirará outras pessoas a não apoiar leis autoritárias do governo que nos limitam no uso de nossa propriedade privada. O movimento de horticultura orgânica, por exemplo, tem milhões de adeptos hoje, mas no começo havia bem poucos que o apoiavam.

Mais e mais pessoas estão praticando a horticultura no terreno de casa, porque descobriram a alegria de cuidar do jardim e da horta e a alegria de provar as frutas e verduras frescas plantadas no próprio quintal. Os horticultores orgânicos tendem a preferir a criação caseira de

pequenos animais (coelhos, galinhas e até cabras), pois o excremento deles fornece um suprimento abundante de adubo para a horticultura orgânica. Por causa disso, as pessoas estão desafiando as loucas leis de algumas cidades que proíbem coelhos, galinhas, etc., em áreas residenciais e, ao mesmo tempo, permitem cães grandes e barulhentos.

O trabalho do lar é essencialmente independente e, por natureza, vence o socialismo. A suprema meta financeira da esposa que trabalha no,ar é aumentar a independência financeira da família, conforme vimos em Provérbios 31. Se não gosta dos preços das lojas, ela própria faz um produto. Se for um artigo de luxo, ela tem a disposição de se arranjar sem ele se for preciso (as jovens esposas são orientadas a ser **“prudentes”**, conforme Tito 2.4). O trabalho e a criatividade dela tornam a família menos vulnerável aos problemas econômicos do país. Além disso, quando faz seu trabalho, ela protege outras pessoas de serem contratadas para fazê-lo no lugar dela.

Deus deu a mulher ao homem como sua ajudante porque ele precisa de uma ajudante. Duas pessoas que fazem exatamente a mesma coisa são ambas vulneráveis às mesmas pressões. Duas pessoas que fazem coisas diferentes em harmonia podem usar seus recursos com muita mais eficiência. Isso é o que querem dizer os economistas com o termo “divisão de trabalho”.

Se a situação econômica piorar e o salário não mais for como antes, poderei fazer sopa de ervilhas em vez de servir bife. Por outro lado, se a família estiver nadando em dinheiro, como administradora da casa administrarei muito bem o dinheiro para Deus.

O Trabalho do Lar e o Negócio do Lar

Inicialmente, minha intenção era apresentar o assunto do negócio no lar neste capítulo. Para mim parece evidente que o ideal bíblico é trabalhar por conta própria. Não há nada de errado em ser um escravo (ou, em termos modernos, um empregado), mas se puder obter sua liberdade, faça isso (1 Coríntios 7.21).

Ainda acho que o negócio no lar é o ideal, mas não preciso dizer muito, pois até mesmo alguns especialistas já estão tendo a mesma opinião. De acordo com o economista Peter Drucker, há hoje um grande aumento empresarial nos EUA, graças ao surgimento de empresas nos lares. Essas pequenas empresas geram milhões de empregos (202).

O que está causando essa nova tendência é o fato de que mais e mais mulheres estão começando a ver que a creche não é o lugar em que elas querem seus filhos, e elas estão iniciando negócios no lar. A parte feminina do trabalho por conta própria está aumentando cada vez mais. Esses empreendimentos arriscados muitas vezes se tornam o negócio da família toda, liberando também o marido da força de trabalho lá fora.

O trabalho do lar significa *trabalhar* no lar. A nossa obrigação não é prover o sustento da família — essa tarefa é do homem. O nosso *dever* é fazer uma contribuição econômica. Provavelmente você *já* está fazendo mais dinheiro para sua família do que percebe. Você costura? Aqueles 15 dólares em tecidos que você transformou numa surpreendente roupa de 100 dólares economizaram muito mais do que a diferença de 85 dólares.

Calculo que todo dólar economizado por uma esposa que trabalha no lar lhe rende muito, pois ela não tem de pagar imposto, dízimo, creche, transporte e uma infinidade de outras despesas no dinheiro que economiza. Você faz seu próprio iogurte e pão de trigo? O dinheiro que economizamos nas contas médicas quando nos alimentamos de modo adequado não é pouca coisa. Não é raro a esposa que trabalha no lar economizar para sua família milhares de dólares por ano só em despesas de alimento. E as esposas que ensinam seus filhos em casa, em vez de gastar numa escola particular, podem economizar 10 mil dólares por ano ou mais, dependendo do tamanho da família.

O trabalho do lar não envolve só economia, mas também dá até oportunidades de vender alguns produtos que você cria, ou pelo menos cria alguns produtos que você poderia vender se precisasse. A esposa de Provérbios 31 vendia cintos e roupas de linho. Você poderia vender plantas, ou obras de arte, ou lições de piano, ou bolos de aniversário. Acho que não é prudente entrar num negócio em que seus clientes determinem rigidamente seus horários. Os filhos e o marido vêm em primeiro lugar ou então não é trabalho do lar coisa nenhuma. Mas as esposas precisam ser produtivas no lar.

Quando as mulheres estavam se sentindo presas em casa, só com suas pílulas anticoncepcionais e os aparelhos eletrodoméstico como companhia, não é de admirar que elas enlouquecessem! Se Deus quisesse mesmo que vivêssemos desse jeito, poderíamos engolir nossas frustrações e viver assim. Mas já que era um modo de vida anormal, a frustração levou à rebelião feminista. Quando as pessoas abandonam o caminho de Deus, o modo de viver delas acaba se desmoronando. Deus tem para nós fertilidade e produtividade, não esterilidade e preguiça.

Como diz a Sra. Petie Maker, que edita a revista *Extra Income*, uma vida sem fazer nada e vendo novelas inúteis vai ficando chata e sem graça depois de algum tempo (203). A resposta? Não abandonar o lar para seguir uma carreira profissional, mas estabelecer um negócio no lar!

Como iniciar um negócio no lar? O primeiro passo é *desenvolver nosso caráter* — mais diligência em nossos deveres e menos envolvimento em coisas sem importância. Precisamos descansar, mas não passar horas em frente de um televisor.

O segundo passo é *desenvolver a formação da criança*. A boa administradora realiza seus negócios assumindo uma perspectiva de longo prazo no treinamento dos filhos. Discernimento, prudência e alegria é o que precisamos no negócio do lar, não o mau humor que acaba causando perdas e danos.

O terceiro passo é *desenvolver nossa experiência*. A biblioteca pública lhe dará ideias para iniciar um negócio. Consulte livros sobre “negócios”, “gerência”, “administração de empresas”, etc. Os cursos de correspondência ou aprender com uma mulher mais velha são meios preferidos de ganhar experiências proveitosas. Os cursos de instituições são caros e tiram você do lar.

O quarto passo é *pedir o consentimento de seu marido*. Esse deveria ser o primeiro passo, mas provavelmente ele não consentirá com um projeto no qual você ainda não desenvolveu o caráter ou a experiência para ter sucesso. É preciso que ele primeiro conheça o trabalho que você já está fazendo gratuitamente. (A verdade é que você só pode desenvolver sua experiência produzindo artigos para você mesma, para sua família e para seus amigos.) Só assim ele poderá dar seu consentimento e aprovar que você ganhe dinheiro com o trabalho que você faz. Se seu trabalho puder se transformar no negócio da família (tal como desenhar jogos que seu marido poderia produzir e vender), tanto melhor.

O quinto passo é *obedecer às leis*. Há formulários para preencher e impostos para pagar se você ganhar alguma quantia considerável de dinheiro em seu trabalho.

O negócio do lar não é um meio de enriquecer rapidamente.

Mas é um meio de permanecer livre e de dar liberdade para você, para sua família e para nosso país. O negócio no lar é parte de uma vida ocupada em casa.

.oOo.

Bibliografia:

- (187) Esse texto em itálico pertence ao tradutor.
- (188) *Ibidem*, p. 28.
- (189) *Ibidem*, p. 17).
- (190) Whitehead, *The Stealing of America*, p. 65.
- (191) *Ibidem*.
- (192) Esse texto em itálico pertence ao tradutor.
- (193) Relatório Geral sobre a Mulher na Sociedade Brasileira, República Federativa do Brasil, Brasília, 1994, p. 11.
- (194) *Power and Privilege: Labor Unions in America* (New York: Universe Books, 1984), p. 252.
- (195) Shifrin Avraham, *The First Guidebook to Prisons and Concentration Camps of the Soviet Union* (New York: Bantam Books, 1982). veja especialmente as fotos, na p. 99, de mulheres descarregando pesadas placas de amianto de um trem de carga; na p. 177, de uma mulher carregando um enorme tronco de árvore sozinha; e na p. 180, de mulheres cortando e serrando árvores. Essa última traz o título: “Mulheres trabalhando no Território de Krasnoyarsk, uma região madeireira (Sibéria, no rio Eniser). Direitos iguais para as mulheres, um sonho pelo qual as mulheres do mundo livre estão lutando.
- (196) Esse texto inteiro em itálico pertence ao tradutor e foi baseado no livro da jornalista Dale O’Leary, *The Gender Agenda* (Lafayette-EUA: Vital Issues Press, 1997), p. 118-119.
- (197) *Ibidem*, p. 121.
- (198) *Ibidem*, p.122.
- (199) *Ibidem*, p. 125-126.
- (200) *Ibidem*, p. 129.
- (201) Esse texto em itálico pertence ao tradutor.
- (202) “*New Entrepreneurs*”...
- (203) Março-Abril de 1984, p. 2.

.oOo.

A Arte e a Mulher da Renascença

Uma objeção bastante comum ao trabalho do lar é que é sem graça. Sem criatividade. Alguns diriam até repulsivo. Parece que a única imagem de dona de casa que temos na mente é uma mulher triste, lerda e entediada lavando e esfregando uma pilha de pratos.

Mas o trabalho do lar quer mesmo dizer enterrar nossos talentos?

Neste capítulo veremos como o trabalho do lar e a arte estão intimamente ligados. A criatividade e sua dimensão na vida pessoal, que tanta falta nos fazem hoje, podem ambas florescer no lar.

O Que é Arte?

Não vou responder a essa pergunta. Os especialistas a debatem há anos, e qualquer definição que eu apresentar provavelmente não satisfará a todos. Mas para que não fiquemos sem entender o assunto, o que vou dizer simplesmente é que qualquer coisa que as pessoas desenhem ou criem ou ponham em ordem é arte — seja boa ou má, bela ou feia.

Dada essa definição, é conveniente definir a arte em duas categorias principais, com base no que parecem ser os mais importantes usos que a Bíblia faz com relação à arte. (Há outras categorias, mas é sobre essas que quero falar).

O primeiro tipo de arte é a arte de expressão ou de massa. Essa arte leva a sério a ordem bíblica: **“Não participem das obras infrutíferas das trevas; antes, exponham-nas à luz”** (Efésios 5.11). Seu objetivo é nos conscientizar das tramas malignas que nos prejudicaram ou querem nos seduzir. Essa arte poderia ridicularizar as fraquezas dos inimigos de Deus. (Geralmente isso não é bom). Ou poderia nos dizer algo sobre o estado do ser humano, seja bom ou mau, a fim de nos persuadir a agir a favor do bem e contra o mal.

Os quadros heroicos (que desmascaram o mal pelo contraste) e a exposição direta aparecem na categoria da arte de expressão. Nos tempos da Reforma, as caricaturas que desmascaravam as doutrinas e práticas corruptas da hierarquia católica eram um exemplo de arte de expressão. Em nossa época, o quadro de uma criança triste olhando com os olhos

fixos através das grades da janela a mãe saindo para trabalhar fora com uma expressão de satisfação profissional, seria uma boa maneira de expressar algo útil.

De modo semelhante, seria de muita utilidade criar uma comédia de TV desmascarando o feminismo ou um projeto arquitetônico de casas baratas e boas com espaço para crianças. Uma pintura, escultura, estampa litografada ou fotografia de uma mãe e pai gozando a companhia de seus seis ou sete filhos também serviria para expressar algo objetivo e positivo. (Estou tão cansada das intermináveis capas de revistas e cartazes em que a “família” é representada pela mãe, o pai e só duas crianças!)

A arte de expressão não é necessariamente propaganda manifesta, embora possa ser isso. Ela pode simplesmente ter como fonte o desejo de o artista dizer algo que lhe é importante. Harlan Ellison, escritor de ficção científica, expressou isso muito bem numa palestra que deu a um grupo de fãs de ficção científica em minha Faculdade. Ele disse que um *autor* escreve porque gosta de ver seu nome na capa de um livro, mas um *escritor* escreve porque ele *tem* de escrever. A arte de expressão, nas mãos de um escritor genuíno (ou pintor, ou produtor de filmes), é o desabafamento do que está em seu interior. Para um autor, é propaganda para si mesmo. Ele sai procurando um aglomerado de pessoas e *então* mostra seus pôsteres para todo o mundo.

A arte de expressão é arte de massa porque tem como objetivo ensinar e influenciar *grupos* de pessoas, seja por motivos “puros” ou falsos. É claro que essa arte não está limitada à pintura. A música, a poesia, a prosa, a escultura, os filmes e até a arquitetura podem expressar coisas.

O segundo tipo de arte eu chamo de arte doméstica ou pessoal. A Bíblia nos diz: **“Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas”** (Filipenses 4.8). A arte doméstica é a arte diária que cultivamos e mantemos diante de nós a fim de treinar nossas mentes no que é excelente e belo.

Embora existam várias formas, em geral a arte de expressão é o que vemos nos museus, galerias de arte e meios de comunicação de massa. A arte doméstica é para o lar.

O Alimento da Alma

A arte doméstica é a arte da trabalhadora do lar. A nossa tarefa é adquirir e criar arte que torne o ambiente do lar um lugar espiritualmente edificante e confortante. Manter o que é verdadeiro, nobre, justo, belo e admirável diante de nossos olhos, ouvidos, nariz, língua e pele nos ajuda a **“pensar nessas coisas”**. Os sabores, vista, texturas, sons e cheiros agradáveis nos ajudam a ver o mundo do jeito como Deus o *criou para ser* e nos fortalecem para combater a feiúra do mundo aí fora.

Um exemplo bíblico de artista doméstica é a esposa ideal de Provérbios 31, que fazia cobertas para sua cama e roupas belas para sua família. Na época em que eu era socialista, isso me incomodava muito. Como poderia a Bíblia justificar que desperdicemos esforço extra e tecidos em artigos que não têm motivo prático para serem belos? Agora eu sei. A beleza é prática. É o alimento da alma que *nos alivia as tensões* neste mundo decaído (permitindo que trabalhemos melhor) e *levanta o ânimo das pessoas com quem a compartilhamos*.

Maria, irmã de Lázaro, compartilhou com Jesus a bela sensação e cheiro de seu precioso unguento. Ele a elogiou por causa desse ato, e rejeitou a insistência farisaica de Judas para que o perfume fosse vendido e o dinheiro dado aos pobres (João 12.1-8). Eliseu, quando estava com o espírito triste, ouviu uma bela música até se acalmar o suficiente para profetizar (2 Reis 3.14-15). Esses acontecimentos bíblicos nos mostram o valor da beleza na vida de uma pessoa. Não a “beleza” produzida em massa, à venda nas lojas, mas a beleza que a própria *pessoa cria*.

O livro *The Hidden Art of Homemaking* (A Arte Misteriosa do Trabalho Doméstico), de Edith Schaeffer, tem capítulos sobre música, pintura, desenho, escultura, decoração interna, jardins, horticultura, arranjo de flores, comida, composição literária, arte dramática, recreação criativa, roupas, relacionamentos pessoais e ambiente. A arte doméstica é extremamente necessária nessas áreas.

As pessoas hoje querem muito — muito mesmo — ter contato pessoal com outro ser humano que se importe com elas. Amor significa compartilhar com elas, conforme veremos em outro capítulo, e a arte doméstica dá beleza a esse ato de compartilhar.

Tornando-se uma Artista

Vou sugerir que a única razão para a existência da arte doméstica é *louvarmos* a Deus servindo as pessoas. Isso pode não soar muito radical, até que paremos para ver como está o interior da maioria dos lares de hoje.

Alguns lares estão se tornando uma mera *parada de reabastecimento*. A Bíblia não aprova essa tendência, mas algumas autoridades a predizem e outras a consideram *fato irreversível* e quase se alegram com isso.

Uma dessas autoridades afirma: “O lar se tornará um posto de abastecimento para as necessidades das pessoas, um lugar em que os pais e os filhos poderão ir e vir e preencher suas necessidades, sem terem de depender tanto um do outro. Será um modo de vida diferente do passado...” (204).

Obviamente, tal ambiente não é um incentivo à arte. A arte não floresce nos postos de abastecimento.

A outra tendência que a Bíblia não aprova é que o ambiente de muitos lares está se tornando *templo do materialismo*. Dê uma olhada nas revistas dedicadas à decoração de casas e você entenderá o que estou querendo dizer. Leia duas ou três revistas desse tipo e você sentirá uma sensação sufocante. Investem-se tantas ideias para dar “perfeição” a uma casa. Mas, onde está o espaço para as *pessoas*? Página após página dos impecáveis projetos de decoração são sistematicamente planejados para excluir os seres humanos, que se tornam um “desafinamento” no meio desses monumentos ao perfeito bom gosto.

Vista em contraste com essas coisas, a arte doméstica como serviço às pessoas parece quase revolucionária. Pessoas sujas e desordeiras que deixam rastos de lama e fumam cigarros vão encher as nossas casas, não só para ficar por um momento e de súbito desaparecer, mas também para receberem ânimo e conforto espiritual. Decididamente vamos servi-las, não para que obtenhamos a glória de expô-las aos nossos maravilhosos projetos de decoração. Vamos servi-las por amor. Que estupendo contraste com o espírito do feminismo, que considera como “escravidão” tudo o que fazemos para servir os outros sem ganhar dinheiro!

A Arte na Pia

Voltemos àquela pia cheia de pratos sujos com a qual começamos o capítulo. As feministas acham que o trabalho doméstico, simbolizado pelo trabalho de lavar pratos, é degradante para a mulher talentosa. Prefiro pensar nisso como arte. Não é bonito ver os pratos completamente limpos e guardados? Por causa da moderna revolta feminista contra o trabalho doméstico, as donas de casa que têm casas impecavelmente limpas são vistas como mulheres que levam uma vida chata. Mas será que chãos

limpos são prova de uma vida chata, ou são prova de que alguém não deseja ser vencido pela feiúra em seu ambiente pessoal?

Os programas de TV ridicularizam as donas de casa interessadas em aprender a manter os chãos mais limpos ou fazer um melhor copo de café. Os meios de comunicação acham que interesses desse tipo revelam que elas têm uma mente estreita e ignorante. Gostaria de dizer que convém a *qualquer pessoa* aprender a ser excelente em todos os aspectos de sua profissão, e isso inclui limpar chãos e fazer cafés. As mulheres que seguem uma carreira profissional podem se dar ao luxo de desprezar essas coisas simplesmente porque elas empregam outra mulher ou treinam o maridinho para fazer o trabalho doméstico. Ninguém, afinal, quer um chão sujo!

Muito Mais do que Só Lavar Pratos

Mas a arte doméstica é muito mais do que só trabalhar na pia. Fico sempre maravilhada de ver como minhas amigas que trabalham no lar são talentosas. Prudence, por exemplo, é uma violinista de primeira classe na Orquestra Filarmônica de St. Louis. Martha é uma artista. Sue tem uma criatividade incrível para fazer assados e outras coisas. Outras mulheres cozinham maravilhosamente, ou sabem fazer roupas encantadoras. Algumas cultivam belos jardins. Não sei como minha vizinha Christine consegue, como mãe solteira com quatro filhos e sem dinheiro, mas seus filhos estão sempre limpos e alegres e sua casa é sempre cordial, limpa e convidativa.

As esposas que trabalham no lar têm tempo para *fazer* coisas. Como a própria vida mostra, as mulheres que seguem uma carreira profissional fora do lar não têm esse tempo. Elas dependem dos produtos comprados nas lojas. Daí esses “perfeitos” ambientes domésticos enfeitados com quadros de pintura nas paredes. Não é que essas mulheres não gostem de beleza também. Mas elas são forçadas a comprá-la ou ficar sem nada. E já que a dedicação a uma carreira profissional fora do lar é o oposto da dedicação pessoal aos outros, muitas vezes o ambiente que elas criam reflete esse fato.

Falta de criatividade? As esposas que trabalham no lar tocam instrumentos musicais, praticam muitos tipos diferentes de arte, criam novos “designs” de roupas e receitas de comida, decoram a casa, cuidam do jardim e ensinam seus filhos. Se quiser ver uma artista no local de trabalho, pense na esposa do passado, que vivia na fazenda, com seu

trabalho de fazer colchas e preparar conservas, com suas roupas e tapetes feitos a mão. Pintar um quadro artístico mostrando esse cenário antigo e autêntico pode dar um bom preço, já que nossa geração está faminta pela beleza que havia no passado.

A Mulher da Nova Renascença

Creio que a esposa que trabalha no lar é a mulher da Nova Renascença. O homem da Renascença, se você se recorda, tinha interesse em tudo. Leonardo da Vinci, por exemplo, foi um grande pintor, um matemático esplêndido, um anatomista e um filósofo. O mundo dos negócios de hoje diminui nossas oportunidades de realização, de modo que só podemos nos dedicar a uma estreita especialização. A especialização não é má; é parte da divisão de trabalho que Deus instituiu no jardim do Éden. Mas precisa de um contrapeso, que o lar fornece.

No lar a mulher tem oportunidades de tentar fazer tudo o que lhe interesse: preparar produtos de laboratório, escrever um livro, etc. Devo dizer pessoalmente que meus interesses e talentos aumentaram dez vezes mais desde que deixei meu emprego de engenheira e comecei a trabalhar no lar, e parece que vão continuar a se expandir no futuro. Na força de trabalho lá fora, eu nunca teria oportunidades de adotar interesses tão diferentes como educação, arquitetura, economia, caligrafia, poesia, composição literária, “design” de roupas, teoria e prática da horticultura, ensino de piano, etc., tudo ao mesmo tempo.

Mas no lar estou me ampliando quase sem limite. Cada novo interesse leva a outro, e pela primeira vez em minha vida tenho mais projetos interessantes e úteis do que posso fazer.

.oOo.

15

Os Tempos Estão Mudando

Um dos meus passatempos favoritos quando eu era adolescente era ler ficção científica. Depois da escola, costumava me dirigir para a biblioteca e pegar todos os livros que eu pudesse achar com um desenho de foguete na capa. A moda da época eram as histórias de heróis que cruzavam vastas galáxias, encontrando nefastos impérios alienígenas e derrotando todos os obstáculos. Às vezes, o herói se casava; muitas vezes não. Mas se ele tinha uma esposa, ou se o livro apresentava um casal com filhos, pelo menos em 50 por cento das histórias a esposa era trabalhadora do lar. Os escritores daquele tempo não tinham preconceitos nem receio de colocar as trabalhadoras do lar em suas histórias de ficção científica.

Depois, tudo mudou. A sociedade começou a apoiar os valores feministas e os “estilos de vida alternativos”, e, com isso, veio uma nova onda de ficção científica. De repente, todas as mulheres não tinham filhos e estavam sexualmente à disposição. A ficção científica passou a descrever as mulheres trabalhando nos mesmos tipos de ocupações que os homens. Agora toda mulher era uma tripulante em potencial de “Jornada nas Estrelas”, e nenhuma delas era mãe.

Os Boatos Acerca de Nossa Morte

Nossas vidas estão se aproximando mais das realizações tecnológicas do seriado de TV “Jornada nas Estrelas” e se afastando mais da cultura de agricultura e pastoreio do Oriente Médio que a Bíblia retrata. Por isso, muitas pessoas acreditam que o trabalho do lar está morto, extinto e obsoleto. Não só o trabalho do lar, mas também todos os ensinamentos da Bíblia sobre a movimentação ou um jardim em casa que é tratado com amor? Ficar em frente do televisor ou preparar deliciosos e fragrantes pães feitos em casa? Músicas gravadas ou a mãe pessoalmente ensinando seus meninos a cantar cânticos de louvor a Jesus? Responda-me você, e então me diga se a arte floresce no lar.

.oOo.

Bibliografia:

(204) William Lazer, professor de marketing e ambientes futuros na Universidade Estadual de Michigan, entrevistado no artigo “Challenges of the 80’s”, *U. S. News and World Report*, 15 de outubro de 1979, p. 51.

Os Tempos Estão Mudando

Um dos meus passatempos favoritos quando eu era adolescente era ler ficção científica. Depois da escola, costumava me dirigir para a biblioteca e pegar todos os livros que eu pudesse achar com um desenho de foguete na capa. A moda da época eram as histórias de heróis que cruzavam vastas galáxias, encontrando nefastos impérios alienígenas e derrotando todos os obstáculos. Às vezes, o herói se casava; muitas vezes não. Mas se ele tinha uma esposa, ou se o livro apresentava um casal com filhos, pelo menos em 50 por cento das histórias a esposa era trabalhadora do lar. Os escritores daquele tempo não tinham preconceitos nem receio de colocar as trabalhadoras do lar em suas histórias de ficção científica.

Depois, tudo mudou. A sociedade começou a apoiar os valores feministas e os “estilos de vida alternativos”, e, com isso, veio uma nova onda de ficção científica. De repente, todas as mulheres não tinham filhos e estavam sexualmente à disposição. A ficção científica passou a descrever as mulheres trabalhando nos mesmos tipos de ocupações que os homens. Agora toda mulher era uma tripulante em potencial de “Jornada nas Estrelas”, e nenhuma delas era mãe.

Os Boatos Acerca de Nossa Morte

Nossas vidas estão se aproximando mais das realizações tecnológicas do seriado de TV “Jornada nas Estrelas” e se afastando mais da cultura de agricultura e pastoreio do Oriente Médio que a Bíblia retrata. Por isso, muitas pessoas acreditam que o trabalho do lar está morto, extinto e obsoleto. Não só o trabalho do lar, mas também todos os ensinamentos da Bíblia sobre a conduta humana estão sendo desafiados por aqueles que vêem os mandamentos bíblicos como “sem relação” com a sociedade de hoje. Alguns até se gloriam nisso, achando que estão vendo a inevitável extinção da cultura bíblica.

Certa feiticeira, psicóloga de religião, declara: “Todas as feministas estão tornando o mundo mais e mais diferente do mundo descrito na Bíblia e estão assim ajudando a diminuir a influência de Cristo sobre a humanidade... ‘Deus vai mudar’, pensei comigo mesma. ‘Nós, mulheres, vamos acabar com Deus. Quando assumirmos cargos no governo, medicina, sistema judiciário, negócios, arte e, finalmente, nas religiões, acabaremos totalmente com ele. Mudaremos tanto o mundo que Deus não mais se encaixará nele” (205).

Outros, como o escritor católico Stephen Clark, lamentam a morte do papel bíblico verdadeiro para as mulheres. O Sr. Clark compreende que nos tempos bíblicos “as pessoas sentiam, com relação à ocupação feminina, que ‘o lugar da mulher era no lar’”. Mas ele diz:

“Por outro lado, porém, o lar era então um lugar bem diferente do que é hoje, e desempenhava muitas funções de bem-estar econômico e social que não mais desempenha agora. Uma mudança significativa ocorreu nas funções da família tradicional, e o resultado é que a maior parte das tarefas (educacionais, de bem-estar social e econômico) tradicionais da mulher não mais ocorre no lar” (206).

Embora ache possível que algumas dessas atividades possam voltar ao seu papel tradicional no lar, o Sr. Clark vê que a tecnologia moderna está nos condenando a viver papéis feministas:

“No entanto, a menos que os cristãos se retirem completamente da maioria das instituições sociais modernas, sempre haverá na sociedade tecnológica uma necessidade significativa de que as mulheres cristãs trabalhem fora do lar... Para as mulheres cristãs, permanecer no lar sob essas circunstâncias as deixaria sub-empregadas e, além disso, sub-representadas em algumas das áreas mais vitais da sociedade moderna” (207).

Não importa que o trabalho do lar seja um ideal bíblico maravilhoso. Se as mulheres creem que é impossível, elas nem tentarão. Stephen Clark expressa a opinião comum de que o modo de vida que a Bíblia ensina, e que *De Volta Ao Lar* procura apresentar, é impossível na moderna sociedade tecnológica.

Mas será que realmente é?

O Mito da Consumidora Impotente

Toda vez que falo sobre as dificuldades que os cristãos enfrentam na sociedade moderna, sou tentada a me lançar num discurso acalorado, fazendo a mim mesma e a todos os que estão ao alcance da minha voz lembrarem que os cristãos têm o dever de *fazer* história, não simplesmente *reagir* a ela! Sinto vontade de gritar que, se a sociedade de hoje está nos impedindo de obedecer a Deus, então, sem dúvida alguma, teremos de mudá-la! O que precisamos fazer é aprender a utilizar tudo o que já temos à nossa disposição. Entenda, *a tecnologia moderna não impede o trabalho do lar*. Pelo contrário, *a tecnologia moderna pode ser usada para nos ajudar a trabalhar no lar*.

Como ex-engenheira e especialista de sistemas de computação, fico admirada de ver como as pessoas se sentem impotentes diante dos aparelhos avançados de hoje. Os pais, por exemplo, se preocupam com os vídeo games e os computadores escravizando seus filhos e com os maus efeitos que a televisão tem em suas crianças. “A vida moderna é tão difícil para os jovens”, se queixam eles. Contudo, nunca lhes ocorre *desligar os aparelhos!*

Não somos vítimas impotentes dos aparelhos modernos. Podemos controlá-los. O fato é que os atuais instrumentos não *promovem* nem podem *impedir* o trabalho do lar.

Melhorando os Métodos do Passado

Dizem que não podemos voltar aos métodos do passado. A Bíblia diz que devemos voltar aos velhos métodos, e a tecnologia moderna mostra que podemos melhorar os métodos do passado!

Veja a horticultura, por exemplo. No começo do século XX, especialistas desenvolveram meios científicos e industriais para produzir fertilizantes inorgânicos, pesticidas químicos e enormes máquinas agrícolas. Muitos diziam que era a única maneira de a terra produzir alimento, pois “os métodos de agricultura orgânica do passado já eram”.

Mas em 1941 o Sr. J. I. Rodale mudou-se para 25 hectares de terras desgastadas pela erosão, na Pensilvânia, resolvido a provar que eles estavam errados. Ele começou a usar os métodos agrícolas antiquados, em face de muito ceticismo e zombaria. No entanto, ele e seus filhos, com muita inteligência, se saíram muito melhor do que os fazendeiros do passado. Hoje o Centro de Pesquisas Rodale, de 123 hectares, é só parte de um império de horticultura orgânica que inclui (entre outras coisas) a

revista *Horticultura Orgânica* de mais de 1 milhão de leitores e várias outras revistas.

Os modernos horticultores orgânicos adotam a filosofia dos velhos tempos, mas não as ferramentas antiquadas e ineficientes do passado. Assim, a edição de junho de 1984 de *Horticultura Orgânica* contém anúncios de um pequeno trator a diesel, vários tipos de máquinas de arar, sistemas de irrigação de plástico, um trator elétrico especialmente criado para horticultores idosos ou deficientes físicos, um equipamento doméstico para perfurar poços e vários outros instrumentos tecnológicos.

Não é preciso ser horticultor orgânico para admitir que as atuais máquinas de semear de plástico que deixam cair na terra uma minúscula semente de alface ao clique do apertado de um botão tornam a horticultura mais fácil do que semear essas sementes à mão. Os instrumentos modernos podem e tornam *mais fácil* a “antiquada” horticultura.

Os horticultores orgânicos não *são obrigados* a usar os instrumentos de hoje — eles poderiam usar as ferramentas e os métodos do passado. Mas eles *gostam* de usar as ferramentas modernas. Por isso, há um crescente mercado de instrumentos modernos para uso na horticultura orgânica. Se a necessidade de adubo composto algum dia ultrapassar a necessidade de fertilizantes químicos, a moderna agricultura inorgânica se tornará um método do passado!

Os instrumentos modernos podem ser usados no lar com tanta facilidade quanto num escritório e no governo. Os fornos microondas, os aspiradores, os filtros de água, as geladeiras, as máquinas de costura, as máquinas de lavar, etc., todos esses aparelhos comprovam a disposição dos fabricantes de suprir instrumentos modernos às trabalhadoras do lar. Se pararmos de ver o trabalho do lar como trabalho de empregada, em vez de um ministério às pessoas, não mais veremos os aparelhos modernos como ameaça ao nosso trabalho.

A única coisa que nos atrapalha é quando (1) leis monopolizadoras nos obrigam a usar só um tipo de produto moderno, embora haja vários outros tipos no mercado; ou quando (2) leis autoritárias nos obrigam a não ficar sem determinado produto moderno. Quando não são reprimidos por padrões monopolizadores e autoritários, os meios modernos tendem a se ajustar à preferência de cada pessoa que os usa.

Veja a televisão por exemplo. Primeiro havia as redes Record, Globo e Band. Depois apareceu a TV por assinatura. Agora que temos o gravador de videocassete, a televisão está quase totalmente sob nosso controle. Com o gravador de videocassete *você* não só pode gravar programas de TV para serem assistidos quando *você* quiser vê-los (em si, isso é muita vantagem,

já que livra o telespectador de ser escravizado ao horário da TV), mas você também pode assistir a programas *especialmente criados* para a família.

No final, você poderia ter condições de comprar exatamente os programas que quiser, seja entretenimento, documentário, show de entrevistas, ou o que quer que seja, e dispensar totalmente o botão de canais. Em tal caso eu poderia considerar comprar um televisor, pois a TV teria chegado ao máximo que a tecnologia pode oferecer: a liberdade de cada pessoa selecionar o que quer ver.

Os produtos modernos *podem* tornar as coisas mais possíveis para mais pessoas em mais lugares — se isso é o que as pessoas quiserem.

A Moderna Mulher Artificial e as Leis

É possível que as autoridades decretem leis repressivas que nos impeçam de produzir ou comprar instrumentos modernos para uso doméstico. As feministas estão lutando constantemente para que tais leis sejam aprovadas. Mas elas queriam muitas das mesmas coisas em 1890 e não as conseguiram.

Se elas conseguirem agora usar as leis para oprimir as trabalhadoras do lar, a diferença não será os instrumentos de hoje (telefones, televisores, computadores pessoais), mas *o clima moral do país*. Em 1890 havia mais consenso entre os evangélicos do que há hoje.

Poderiam dizer que as invenções modernas *produziram* o feminismo e até certo ponto dificultaram o trabalho do lar. Com isso eu concordo. O feminismo em grande escala só se tornou possível desde que foram inventados os eficientes métodos de controle da natalidade e aborto legal.

Contudo, *os produtos modernos só têm saída se as pessoas os quiserem*. Se ninguém *quisesse* o controle da natalidade e o aborto legal, as indústrias farmacêuticas não estariam tentando lançar no mercado mais e mais produtos “contraceptivos” que provocam micro-aborto.

Se as pessoas reagissem ao aborto hoje do jeito que costumavam reagir há 100 anos (com nojo e aversão semelhantes ao modo como as pessoas agora reagem ao derramamento de petróleo nos litorais), os produtos de hoje para produzir abortos seriam tão condenados quanto alguma invenção moderna para produzir derramamento de petróleo.

Ninguém jamais solicitou uma patente para um aparelho de fazer vaziar tanques de petróleo, ao passo que gastam-se muitos esforços e dinheiro para tentar tornar as perfurações petrolíferas livres de derramamento nos litorais.

Para Onde Estamos Indo?

Permita-me fazer uma pergunta direta. Já que o trabalho do lar não é amplamente praticado em nossa época, *será que Deus não está chamando as mulheres evangélicas para assumir a liderança nessa área?* Desde quando, pergunto eu, os evangélicos foram chamados para aceitar o estado atual de uma sociedade pagã?

Nós somos sal no meio da corrupção, luz nas trevas ao nosso redor, ovelhas entre lobos, um lírio entre espinheiros. Nenhuma dessas comparações bíblicas para os cristãos no mundo insinua que fomos criados para nos misturar com o mundo.

Pessoalmente, acredito que já há excelentes mulheres cristãs que nunca são entrevistadas pelos meios de comunicação evangélicos ou convidadas para falar em conferências femininas, mas que, apesar disso, já estão liderando o caminho de volta ao trabalho doméstico. Aliás, a moderna sociedade tecnológica está dando os passos iniciais para tentar voltar ao lar. Como diz Peter Drucker:

“Estamos deixando de depender das instituições fora do lar. É o que se observa na educação, onde muitas escolas grandes estão sendo consideradas um fracasso. E é o que se observa no mundo dos negócios, onde as atividades comerciais nos lares estão passando a receber mais atenção e aceitação” (208).

Eu poderia acrescentar: é o que se observa na educação escolar em casa, onde 90 por cento dos envolvidos são cristãos. De acordo com o jornal *Rockford Register Star* de 24 de julho de 2000, quase 2 milhões de crianças (do jardim da infância até o segundo grau) estão recebendo educação escolar em casa nos EUA, e o movimento está crescendo diariamente. É o que se observa nas igrejas evangélicas, onde estão se formando pequenos grupos familiares. Há também um crescente aumento nos tipos de instrumentos modernos para uso doméstico.

Instrumentos Modernos de Uso Doméstico

Vamos dar uma olhada por um minuto no computador pessoal. Você já parou para pensar como é que o computador, uma invenção tecnológica que todos achavam que permaneceria a propriedade exclusiva das grandes empresas, se tornou acessível a qualquer pessoa? Esse instrumento

moderno em especial foi introduzido no lar pela única razão de que *as pessoas o queriam no lar*.

Acredite se quiser, o computador pessoal poderá ajudar as pessoas a recomeçar a viver mais em casa numa escala sem precedente. Por causa do computador, milhões de empregados de escritório poderão trabalhar em casa. Em casa também poderão trabalhar milhares de engenheiros, programadores, consultores e outros especialistas que trabalham principalmente na área da “informação”. Pelo menos, essa é a opinião do Dr. Jack Nilles, especialista de telecomunicações do Centro de Pesquisas Futuras da Universidade do Sul da Califórnia (209).

Alvin Toffler e John Naisbitt, os mais importantes especialistas de tendências futuras dos EUA, previram que os computadores caseiros promoverão pelo menos uma volta parcial à educação escolar em casa (210).

Já que a opinião pública é moldada por essas previsões, nós bem poderemos ver uma volta ao lar causada pela alta tecnologia, que facilita fazer em casa as coisas que desde a Revolução Industrial eram feitas em instituições fora do lar.

Vamos prosseguir nisso um pouco mais. Podemos fazer agora mais coisas no lar, com maior facilidade, do que nos tempos passados quando o trabalho do lar estava na moda. O alimento pode ser cortado num processador de comida, passado num liquidificador e cozinhado num microondas. Com um bom investimento, poderão ser preparadas no lar mais variedades de alimentos em menos tempo do que nunca antes. Esses aparelhos modernos *tornam* o trabalho do lar obsoleto?

Se houver uma necessidade econômica urgente de avançados produtos domésticos, alguém os produzirá. A educação escolar em casa está se tornando um movimento viável (em nossa região é um movimento que está *crescendo vertiginosamente*). Por isso, mais e melhores cursos, livros, atividades, etc., estão agora à disposição para suprir os pais que dão aulas em casa. E quanto mais pais ensinarem os filhos em casa, mais difícil será para os legisladores proibirem.

O trabalho do lar cria seu próprio mercado, conforme já vimos. A existência do trabalho do lar não depende, como acontece no caso das esposas que seguem uma carreira profissional fora do lar, de invenções modernas que podem ser removidas. As esposas eram trabalhadoras do lar *antes* da invenção da pílula anticoncepcional, da televisão, etc. Mas nem por isso as trabalhadoras do lar são vítimas das avançadas invenções de hoje. Temos sempre o direito de escolher não usá-las. Podemos sempre aprender a viver sem algum produto moderno. Além do mais, o trabalho do

lar cria seu próprio movimento. Quanto mais esposas trabalharem no lar, mais fácil será para outras esposas as imitarem.

Stephen Clark em seu livro *Man and Woman in Christ* (O Homem e a Mulher em Cristo) formula com todo cuidado normas para “o estabelecimento e a restauração de uma estrutura social cristã dentro da qual possamos viver o ensino bíblico do papel masculino e feminino”.

Ele então admite que “uma reação racional a essas normas é a pergunta: Será que essa maneira de viver pode mesmo ser colocada em prática?”

Essa é uma questão sobre a qual vimos conversando. O trabalho do lar, conforme a Bíblia ensina, pode ser posto em prática. Mas há mais um lado da questão, que o Sr. Clark continua a mostrar:

“Embora, como se sabe, seja bem difícil reconstituir uma estrutura de relacionamentos sociais cristãos na moderna sociedade tecnológica, na maioria dos lugares ainda é possível. No entanto, outro modo de fazer a pergunta revela o ponto fundamental da questão: *Até quando os cristãos da sociedade moderna conseguirão sobreviver, com alguma fidelidade genuína aos ensinamentos cristãos, se eles não criarem uma nova estrutura social?*” (211) (O destaque é meu).

O trabalho do lar não nos conduzirá ao milênio do Reino de Jesus Cristo na terra, mas mudará a sociedade. E se as trabalhadoras do lar não reconstruírem a sociedade, as feministas o farão. O tipo de vida que escolhermos viver decidirá os tipos de instrumentos novos que serão produzidos e o modo como os usaremos.

Os instrumentos modernos podem ser usados para facilitar o trabalho do lar? Sim. Na próxima parte, estudaremos o lar como “centro de assistência e serviço” (uma frase usada pelo Sr. Clark) e veremos como os aparelhos modernos podem realmente melhorar mais nosso trabalho de casa.

.oOo.

Bibliografia:

- (205) Goldenberg, *Changing of the Gods*, p. 10, 3.
- (206) Clark, *Man and Woman in Christ*, p. 659-661.
- (207) *Ibidem*.
- (208) “New Entrepreneurs...”

(209) Scott Burns, “Your Electronic Home Office”, *Rodale’s New Shelter*, Setembro de 1983, p. 74.

(210) Toffler, *Future Shock* (New York: Random House, 1970), p. 349; Naisbitt, *Megatrends*, p. 144.

(211) Clark, *Man and Woman in Christ*, p. 617-618.

.oOo.

PARTE 5

AVANTE NO MINISTÉRIO

**“... orientar as mulheres mais jovens...
a serem bondosas e sujeitas a seus maridos...”**

(Tito 2.4, 5)

16

O Lugar da Caridade é no Lar

As crianças que cresceram antes da invenção da televisão tinham uma cultura popular só delas. Havia brincadeiras e ditados especiais, passados de criança para criança. (Que adulto já precisou ensinar um menino ou menina a brincar de esconde-esconde?) Essa cultura popular

era enriquecida pelos sábios ditados dos pais, os quais eles próprios haviam aprendido com seus pais antes deles.

Um desses ditados era: “A caridade começa no lar”.

Quando eu era jovem, embora a TV já tivesse invadido todas as casas, os pais ainda diziam a seus filhos e filhas que a caridade começa no lar. Não existiam ainda programas governamentais contra a pobreza, e ninguém achava que o governo é que tem de tomar a iniciativa na área da caridade.

Mas a família não mais é vista como a principal fonte de caridade. A caridade pessoal e particular em nossa geração foi, na maior parte, substituída por instituições cuja tarefa profissional é fazer o bem. O lar é agora visto simplesmente como um canal de dinheiro, uma fonte de doações para esses profissionais.

Por coincidência, a família hoje está em 17º lugar na lista das instituições mais importantes da nação, de acordo com uma pesquisa elaborada pela revista *U. S. News and World Report*. A família vem depois do governo, televisão, burocracia federal, jornais e até mesmo dos anúncios comerciais! (212).

Neste capítulo gostaria de analisar o papel de cada família na assistência e serviço aos outros, e principalmente o papel da trabalhadora do lar como serva dos necessitados. Será que o ministério de caridade é mesmo só para os profissionais que trabalham na área de assistência ou é para todas as esposas?

Será que Deus tem um ministério de caridade para você e para mim?

Bondade e Respeito

A passagem que estamos estudando neste livro, Tito 2.4-5, diz que as esposas jovens devem ser orientadas para ser trabalhadoras do lar. Logo em seguida diz que devemos ser “**bondosas**”. A palavra grega que a Nova Versão Internacional traduz “**bondosas**” é *agathos*, uma palavra bem comum no Novo Testamento, a qual normalmente é traduzida com o sentido de “bom”. A Carta a Tito, que estamos estudando, frisa as boas ações, usando tanto *agathos* quanto uma palavra grega semelhante, *kalos*.

O líder é “**amigo do bem**” (1.8, *agathos*). As pessoas rebeldes cujo modo de vida e doutrina má inspiraram Paulo a escrever essa carta de correção eram “**desqualificados para qualquer boa obra**” (1.16, *agathos*). As mulheres mais velhas devem “**ensinar o que é bom**” (2.3, *kalos*). Tito tem de dar aos homens mais jovens o exemplo “**fazendo boas obras**” (2.7,

kalos). Paulo nos faz lembrar que Jesus Cristo morreu para redimir um povo que é **“dedicado à prática de boas obras”** (2.14, *kalos*). Os cristãos em geral devem **“estar prontos para fazer tudo o que for bom”** (3.1, *agathos*). Aqueles que confiam em Deus devem estar **“sempre prontos a fazer o que é bom”** (3.8, *kalos*). No final Paulo aconselha a Tito: **“Quanto aos nossos, que aprendam a dedicar-se à prática de boas obras”** (3.14, *kalos*).

Agathos, conforme é usada em Tito 2.5 (onde Paulo diz que as mulheres mais jovens devem ser orientadas para ser bondosas), significa mais do que ser boa. Significa ser “benevolente, bondosa, generosa” (*Léxico Grego de Thayer*). Significa ser o tipo de mulher que se esforça para satisfazer, servir e dar a sua vida pelos outros.

As feministas têm um problema real com a ideia de servir os outros. Na opinião delas, só os escravos servem os outros, e só a mulher que recebeu alguma “lavagem cerebral” é que escolhe servir voluntariamente. Por sua vez, esse tipo de raciocínio é sustentado por um enorme complexo de inferioridade — que só os cargos de “poder” sobre os outros é que valem a pena. As mulheres têm de conquistar um bom pedaço do “poder” masculino a fim de não se sentirem omitidas.

Assim dizem duas feministas evangélicas:

“Quais são as questões fundamentais da liberação das mulheres? As mulheres querem se tornar homens? Não, nós simplesmente queremos ser seres humanos plenos. Na mente de muitos, porém, só os homens são humanos... Só os homens podem participar de todas as atividades da terra — as mulheres têm uma “esfera feminina própria” (213).

A verdade é que os homens também não podem participar de “todas as atividades da terra”, já que a esfera masculina própria não inclui a maternidade e a amamentação. Mas as feministas evangélicas pensam em termos de poder e respeito. Elas querem competir com os homens e *forçá-los* a mostrar respeito.

A Bíblia diz que as esposas têm direito ao respeito. Mas ela dá motivos inteiramente diferentes. Primeiro, nossos maridos devem nos respeitar porque somos mais fracas do que eles (1 Pedro 3.7). Não acho que isso seja uma referência à fraqueza muscular, pois algumas mulheres são bem fortes e seus maridos são bem magros. Penso que é uma referência à nossa necessidade de apoio, pois é a mulher que sofre a tensão e o sacrifício de trazer filhos ao mundo.

Os maridos devem respeitar nosso papel, e não fazer pouco caso de nossa contribuição feminina por ser diferente da deles. Segundo,

ganhamos respeito por nossa *bondade*. **“A mulher bondosa conquista o respeito”**, diz Provérbios 11.16, ao passo que **“os homens cruéis só conquistam riquezas”**. (Os homens também não têm controle exclusivo sobre o respeito!) Romanos 5.7 nos diz que embora **“difícilmente haverá alguém que morra por um justo”**, contudo **“pelo homem bom talvez alguém tenha coragem de morrer”**. A palavra **“bom”** aqui é *agathos* e se refere a um benfeitor, uma pessoa bondosa que ajuda você. Por uma mulher bondosa, alguém poderia arriscar a vida — a demonstração máxima de respeito.

As esposas têm direito ao respeito; é Deus quem diz isso. Mas esse respeito é baseado em nosso *papel* como **“a parte mais frágil”** e em nossa *bondade*. O respeito não é algo que lutamos para conseguir; é algo que ganhamos.

Agora estamos conseguindo entender melhor nosso papel bíblico. Mas o que significa, para uma esposa jovem, ser **“bondosa”**? Primeira a Timóteo 5.10 dá a resposta. Esse versículo faz uma lista das qualificações que se espera de uma viúva, antes que ela seja colocada na lista das pessoas autorizadas a servir a igreja e receber seu sustento. Ela tinha de ser **“bem conhecida por suas boas obras [*kalos*], tais como criar filhos, ser hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados e dedicar-se a todo tipo de boa obra [*agathos*]”**.

Qualquer mulher que não preenchesse essas qualificações não era digna do sustento da igreja. Pense nisso por um minuto. O versículo fortemente sugere que qualquer esposa cristã (que realmente honrava o nome de Cristo) ganharia uma boa reputação por fazer as boas ações acima mencionadas. Para que uma viúva fosse conhecida por essas boas ações aos 60 anos (idade em que ela poderia ser aceita para receber o sustento da igreja) ela devia tê-las praticado quando era jovem. E com esses atos de bondade, ela ganhava o respeito e o sustento da igreja.

Então vamos dar uma olhada de perto nessas boas ações.

Criando Filhos

A primeira boa ação na lista é **“criar filhos”**. Paulo não estava falando sobre entregar os filhos a uma creche. A palavra grega que ele usou tem o sentido de cuidar, tratar com carinho e dar atenção pessoal. Assim, bem no início de tudo, Deus quer que saibamos com clareza que a caridade começa em nossas próprias famílias. As boas ações feitas dentro do lar valem tanto quanto as boas ações feitas fora. Aliás, elas devem

começar no lar. Nossas famílias têm de ser fortes e saudáveis antes de podermos hospedar e ajudar outras pessoas.

Sendo Hospitaleira

Hospitalidade significa mostrar misericórdia *em casa*. Significa partilhar sua vida de família com outra pessoa. Isso pode ser tão simples quanto uma refeição amistosa junto com outra pessoa, ou uma responsabilidade tão grande quanto Priscila e Áquila hospedando o Apóstolo Paulo enquanto ele estava em Corinto.

Na verdade a Bíblia frisa que devemos ser hospitaleiras com nossos irmãos cristãos que por algum motivo estão solitários ou em necessidade. **“Sejam mutuamente hospitaleiros”** (1 Pedro 4.9). Alguns acham que as boas ações feitas para nossos irmãos em Cristo não são importantes, pelo fato de que eles já são salvos. Eles crêem que todos os nossos esforços devem ser empregados para alcançar as pessoas que não conhecem Jesus. Na ordem das prioridades, porém, a Bíblia põe os nossos irmãos em Cristo após nossa própria família: **“Portanto, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, especialmente aos da família da fé”** (Gálatas 6.10).

A hospitalidade para com nossos irmãos cristãos necessitados é o primeiro passo para convencer o mundo de que o Cristianismo realmente pratica o que prega. Jesus disse: **“Com isto todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros”** (João 13.35).

Ser hospitaleira com nossos irmãos em Cristo não é necessariamente ter conversinhas insignificantes acompanhadas de cafezinho. O termo usado para **“ser hospitaleira”** vem da raiz da palavra grega *xenos*, que significa “estranho”. **“Deus dá um lar aos solitários”** (Salmo 68.6). A hospitalidade cristã quer dizer convidar os pobres, os cegos, os aleijados e outros crentes necessitados para as nossas festas, não só os que já são nossos amigos do peito (Lucas 14.13,14). Deus manda que amemos nossos irmãos em Cristo. Por isso, quando mostramos hospitalidade para eles, estamos obtendo o treinamento e a confiança que precisamos para ajudar com êxito os descrentes em suas circunstâncias difíceis.

E de certa forma especial estamos acolhendo o próprio Jesus quando hospedamos um de seus irmãos necessitados. No Dia do Julgamento:

“Então o Rei dirá aos que estiverem á Sua direita: ‘Venham, benditos de Meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois Eu tive fome, e vocês

Me deram de comer; tive sede, e vocês Me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês Me acolheram; necessitei de roupas, e vocês Me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de Mim; estive preso, e vocês Me visitaram'. Então os justos Lhe responderão: Senhor, quando Te vimos com fome e Te demos de comer, ou com sede e Te demos de beber? Quando Te vimos como estrangeiro e Te acolhemos, ou necessitado de roupas e Te vestimos? Quando Te vimos enfermo ou preso e fomos Te visitar? O Rei responderá: Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a *algum dos Meus menores irmãos*, a Mim o fizeram” (Mateus 25.34-40).

Conforto Pessoal Num Mundo Impessoal

As esposas que trabalham no lar têm controle exclusivo sobre uma comodidade altamente valorizada — *a hospitalidade pessoal*. Linda Burton conta como sua própria mãe, uma trabalhadora do lar, mostra gentileza num mundo cada vez mais impessoal:

“Quando chego em casa há sempre um dos arranjos de flores de minha mãe ali... A casa está quase sempre limpa e a cozinha em geral dá indícios do início da próxima refeição — algo descongelando na pia, fervendo lentamente no fogão ou guardado temperado na geladeira. Os lençóis do meu velho quarto de dormir estão dobrados sobre o cobertor. Além disso, há sempre algum conforto a mais para a noite... Minha mãe sabe preparar o ambiente para uma conversa como ninguém que eu conheça. Na casa dos meus pais, me sinto bem o instante que entro” (214).

Quando Linda começou, inspirada pelo exemplo de sua mãe, a se esforçar mais para criar um lar hospitaleiro, ela “começou a reparar que, quando a mesa estava bem arrumada, com peças decorativas e flores frescas na parte do meio, o nível da voz de todos baixaria para metade e as pessoas que tinham o hábito de discutir juntas fariam um esforço especial para serem sensíveis e conciliatórias. Quando o ambiente em que vivo me alivia e corresponde às minhas necessidades, tenho condições de fazer tudo com mais disposição” (215).

Linda Burton não está expressando um ponto de vista explicitamente cristão. Ela nem tem de fazer isso. *Todos* precisam de hospitalidade! Tanto

os cristãos quanto os descrentes receberão muito bem esse ministério. Conforme afirma a Sra. Burton:

“Mais do que qualquer outra coisa, acho que este é o segredo do trabalho do lar bem sucedido: criar um lugar que faça as pessoas se sentirem bem. E esse é o motivo porque acho o trabalho tão recompensador. Quer dizer criar um lar onde as pessoas vão querer conversar umas com as outras; onde vão querer se demorar sobre o jantar; onde vão querer se agasalhar num acolchoado ou ler um livro num dia chuvoso em vez de ir a um shopping center... Afinal, não há muita coisa que nos separe da completa indiferença do restante do universo — a não ser nossas famílias, lares e amigos” (216).

As trabalhadoras do lar que realmente amam o marido e os filhos, em vez de seguirem lazes ou uma carreira profissional fora do lar, estão construindo um lar precioso onde as pessoas serão atraídas ao Senhor e onde o sofrimento emocional do povo de Deus poderá ser curado e eles poderão encontrar novas forças. Nós fortalecemos o nosso lar não para nós mesmas apenas, mas também para a igreja e, depois disso, para o mundo.

Limpando Sujeira Por Amor a Deus

O detalhe seguinte na lista de boas ações da jovem esposa é **“lavar os pés dos santos”**. O que significa, para uma esposa jovem, lavar os pés dos santos hoje?

Em primeiro lugar, lavar os pés é parte da hospitalidade. Quando uma anfitriã do Oriente Médio, na época do Novo Testamento, recebia um convidado, ela lhe oferecia água para lavar os pés. Jesus foi mais longe quando Ele próprio lavou os pés de Seus discípulos. Seguindo o Seu exemplo, nós acolhemos nossos irmãos na fé para servi-los, conforme já contei.

Em segundo lugar, lavar os pés significa *todo serviço de limpar sujeira que fazemos pelos nossos irmãos cristãos*. Assim, nos lembramos de que nosso ministério não é um trabalho belo e atraente, nem devemos esperar que seja. Os que defendem a função de pastora para as mulheres desprezam o nosso humilde trabalho no lar simplesmente porque é humilde. No entanto, o ministério que não inclui lavar os pés é mero orgulho e arrogância. Como disse Jesus: **“O maior entre vocês dever ser servo. Pois todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado, e**

todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mateus 23.11-12).

Até mesmo os maiores ministérios evangélicos do mundo começaram com duro trabalho de limpar sujeira. Edith Schaeffer, que junto com seu marido Francis fundou o ministério L’Abri, conta a respeito de seus primeiros dias:

“A vida não era nada fácil. Parecia haver constantes pilhas de pratos para lavar, uma tremenda sucessão de refeições para preparar, incessantes lençóis para pendurar no varal, inúmeras cartas para escrever, horas sem fim de convívio que eram uma prioridade acima de todos os outros trabalhos — pois essas pessoas haviam sido encaminhadas para nosso ministério com um propósito... Às vezes parece que quando vivemos momentos difíceis no meio de todo esse trabalho é como se as dificuldades fossem mundanas demais para, no mínimo, terem algum valor espiritual. Mártires que são torturados e perseguidos pela sua fé soa algo pelo menos impressionante. Mas ter de cozinhar, servir refeições às vezes sem ter tempo de poder comer, ter constantemente de limpar coisas derramadas e quebradas, despejar montes de lixo, esfregar um fogão ou forno no qual alimentos foram derramados e assados até torrar não é algo fascinante e de chamar a atenção!... O Senhor estava nos enviando pessoas e estavam ocorrendo coisas estupendas, mas junto com as respostas às nossas orações também veio a necessidade de estarmos dispostos a aceitar, mediante nosso trabalho, *tudo* o que essas respostas significavam...” (217).

Estou certa de que a Sra. Schaeffer jamais teria conseguido trabalhar eficientemente no ministério L’Abri se ela não tivesse primeiramente passado pela experiência de dar de mamar no meio da noite, cozinhar, limpar e apanhar as coisas que seus filhos derramavam. L’Abri era um ministério que partilhava profunda vida de família com descrentes que estavam buscando Jesus e com cristãos que estavam sofrendo problemas emocionais. Esse ministério influenciou milhões de pessoas e levou milhares a aceitar Jesus.

O trabalho do lar é mais do que limpar sujeira. É um ministério humilde. Mas aquela que se humilhar *será* exaltada.

Assistência aos Idosos

Prosseguindo na lista, chegamos à próxima boa ação: **“socorrer os atribulados”**. O grande especialista de grego A. T. Robertson define essa frase como “socorrer os aflitos... dar suficiente assistência” (218). A palavra grega original que é traduzida **“socorrer”** nessa passagem só é usada duas vezes na Bíblia; nessa lista de boas ações, e seis versículos depois quando Paulo orienta as mulheres jovens a ajudar as viúvas da própria família para que a igreja possa usar seus recursos financeiros para ajudar as viúvas que não têm nenhuma fonte de sustento (1 Timóteo 5.16). Então seu significado mais óbvio é *tomar conta dos parentes dependentes*.

Mas as pessoas esperam cada vez mais que o governo desempenhe essa responsabilidade. O demógrafo Joseph McFalls, da Universidade de Temple, comenta: “As famílias estão renunciando a algumas de suas funções e as estão entregando ao governo. As famílias costumavam ser responsáveis pela educação dos filhos e pela assistência aos idosos. Mas agora é o governo que faz as duas coisas (219).

Ele usa esse argumento para demonstrar que no futuro o governo poderá intervir na área da reprodução. Na China, por exemplo, desde a década de 1970 o programa de planejamento familiar do governo inclui esterilização e aborto, à força, para todos os casais que já têm um filho. A política oficial do governo comunista chinês proíbe as famílias de terem mais que um bebê e pune até com torturas os “infratores”. Por isso, muitos evangélicos chineses estão abandonando seu país, não só por causa da perseguição religiosa, mas também por causa da política de controle da natalidade.

Em outros países do terceiro mundo, há governos usando todos os tipos de medidas para forçar os casais a utilizar o controle da natalidade, com o apoio da Federação Internacional de Planejamento Familiar (220). Já na Holanda o governo é “indiferente” à rotineira prática da eutanásia nos hospitais. (Eutanásia é o ato de matar um doente, ou “ajudá-lo” a morrer, sob a alegação de lhe aliviar as dores e o sofrimento). Os médicos holandeses estão aplicando a eutanásia principalmente em pacientes idosos (221). Isso mostra claramente o que acaba acontecendo quando a família renuncia às três responsabilidades que Deus lhe deu: o papel de mãe, a educação das crianças e a assistência aos idosos. Contudo, agora é hora de pensarmos em assumir essas responsabilidades de volta.

Já examinamos a importância do papel da mulher como mãe. Vimos também que é importante os pais controlarem pessoalmente a educação de seus filhos. O trabalho do lar é hoje desprezado porque as mulheres estão sendo removidas de suas áreas de ministério: o papel de mãe, a educação das crianças e a assistência aos idosos. E quanto à assistência aos idosos

ou a outros parentes dependentes? Será que podemos fazer isso? Será que temos *obrigação* de fazer isso?

Para responder à pergunta “Será que podemos fazer isso?” vamos voltar ao exemplo de uma mulher que o fez. Edith Schaeffer tinha uma filha que sofria de febre reumática crônica e um filho com poliomielite, ambos dos quais ela cuidava pessoalmente. Às vezes as pessoas que visitavam L’Abri ficavam doentes; às vezes até mesmo suas ajudantes ficavam doentes, e ela tinha de cuidar deles. Então a idosa mãe do Sr. Schaeffer viveu vários anos com eles. A Sra. Schaeffer literalmente cuidou de sua sogra até recuperar-lhe a vida depois que os médicos já lhe tinham dado só um breve tempo de vida. O Dr. Schaeffer acabou ficando com câncer na velhice, e mais uma vez a Sra. Schaeffer ajudou a aliviar-lhe as dores mediante seus cuidados.

Quando chegou a hora de o Dr. Schaeffer morrer, a Sra. Schaeffer e seus filhos o levaram para casa. O Dr. Schaeffer, como tantos de nós, não queria morrer numa unidade de tratamento intensivo, sob o efeito de sedativos a ponto de ficar sem lucidez. Ele conseguiu o que queria. A família lhe preparou uma cama na sala de estar, onde ele poderia olhar pela janela da frente e ver o céu, e eles mesmos cuidaram dele em seus últimos dias. Ele morreu bem ali, em frente de sua própria lareira, nos braços de sua esposa.

Será que nós conseguiríamos fazer isso? Edith Schaeffer o *fez*, e ela tinha também um ministério internacional.

Ou, se Edith Schaeffer parece ser um exemplo difícil demais de imitar, o que você acharia de minha amiga Peggy? Peggy é mãe de quatro meninos saudáveis e de uma menina com a síndrome de Down. Anos atrás, quando Jennifer nasceu, os médicos ainda aconselhavam as mães a colocar seus bebês com síndrome de Down numa instituição, pois eles estavam “condenados a viver como vegetais pelo resto da vida”. Não dando atenção a esse ilustre conselho, Peggy começou a desenvolver seu próprio programa de terapia para Jennifer.

Jennifer, agora com 13 anos, está na sexta série numa sala de aula “normal” e sabe ler e escrever, e lidera sua classe nas atividades de memorização da Bíblia! A mãe de Peggy também vive com ela, confinada a uma cadeira de rodas. Peggy tem de levá-la para colocá-la na cama, no banheiro, em sua cadeira, etc. Peggy é ativa em sua igreja, abre as portas de sua casa a todos os que mostram o mais leve sinal de estar precisando de hospitalidade (inclusive a mim quando preciso!), tem muitas netas bonitas e é uma avó sempre disposta.

A vontade de Deus é que, quando os pais ficarem velhos e fracos, os filhos cuidem deles. Jesus repreendeu fortemente os fariseus por tentarem se esquivar desse dever (Mateus 15.3-9). Agora o governo está fazendo tudo o que pode para substituir as trabalhadoras do lar na assistência aos idosos, mas está fracassando de novo. O governo não terá condições de dar aposentadoria a uma população idosa cada vez maior. O fato é que o sistema de previdência social ameaça futuramente explodir e derrubar a economia inteira do país. E o sistema nacional de saúde pública não está em melhor situação.

Graças ao declínio no número de nascimentos ocasionado pelas feministas e pelos defensores do controle da natalidade, será impossível o pequeno número de trabalhadores jovens da próxima geração conseguir sustentar a enorme multidão de velhos estéreis, a qual incluirá a nós que estamos vivendo hoje. *E essa é uma das principais razões porque, para aliviar o orçamento público, alguns governos já estão começando a permitir discretamente a eutanásia* (222).

A alternativa? A assistência em casa. Não diga que não pode ser feito, pois até mesmo as companhias de seguro americanas estão notando a ineficiência da assistência médica do governo em casos que não são de emergência, em comparação com a assistência doméstica. Com o aumento da assistência pessoal, o centro da assistência médica nos EUA não é mais as clínicas e hospitais, mas sim o lar. Um dos motivos mais importantes, é claro, é o custo (223).

Custa bem menos pôr a idosa mãe no quarto de dormir extra do que pagar para ela ficar num quarto de sanatório. E há equipamentos à venda que atenderão às necessidades de assistência médica da mãe idosa, necessidades que não forem de emergência. Das camas de hospitais às tendas de oxigênio portáteis, tudo isso pode ser alugado ou comprado. É muito mais fácil se tornar especialista dos problemas específicos de saúde de certa pessoa do que você poderia imaginar. Conheci várias mulheres que assumiram tarefas avançadas de enfermagem quando um de seus próprios amados precisou de ajuda, e que se saíram bem, mesmo sem serem enfermeiras profissionais.

Será que você pode imaginar que bênção seria para a economia nacional se esse tipo de responsabilidade da família se propagasse entre os cristãos? E também mostraria ao mundo a verdadeira caridade cristã.

Assistência aos Outros

Socorrer os aflitos não é só ajudar as pessoas que estão em nossa família. A esposa ideal de Provérbios 31 era a diaconisa da família. **“Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres”** (Provérbios 31.20). Estando em casa, ela tem melhor chance do que o marido de avaliar o tipo de ajuda que alguém precisa. Uma irmã em Cristo poderia precisar de alimento, ou roupas, ou uma babá para seus filhos enquanto ela está tentando resolver alguma desagradável tarefa doméstica. Os vizinhos poderiam precisar de auxílio no seu orçamento de alimentos — talvez um presente de verduras da horta fosse algo bem oportuno. Lidar com pessoas o dia inteiro, servindo-as de forma prática, transforma a esposa que trabalha no lar numa especialista em caridade.

A assistência social do governo é um fraco substituto para o ministério personalizado das esposas cristãs. Como diz Stephen Clark:

“A abordagem que torna a família o centro da assistência tem dois benefícios particularmente significativos. Primeiro, comumente *melhorará a qualidade do serviço*. A criação de filhos, as obras de caridade, a hospitalidade, o evangelismo e muitos outros serviços são realizados melhor dentro de uma família (onde as pessoas estão unidas por compromissos e relacionamentos pessoais) do que mediante instituições especiais. Segundo, *o papel doméstico da mulher se tornará mais importante* entre os cristãos quando as responsabilidades do lar aumentarem. Isso livra a esposa do típico dilema da mulher moderna: Escolher em primeiro lugar assumir a responsabilidade pelo lar e assim assumir um papel que tem menos e menos importância e interesse, ou escolher em primeiro lugar dedicar-se a uma carreira profissional e assim deixar a responsabilidade do lar” (224) (O destaque é meu).

A vontade de Deus é que as mulheres passem a vida toda servindo outras pessoas. As mulheres jovens servem seus filhos, suas mães, seus maridos e sua comunidade de um modo geral. As mulheres mais velhas orientam e auxiliam as mulheres mais jovens e, em alguns casos, se tornam ajudantes da igreja. As mulheres não foram chamadas para se dedicar ao papel de mãe por um período de cinco anos, colocar os filhos na escola, entrar numa carreira profissional e depois viver para si. É nossa responsabilidade promover cura, saúde e bondade no meio da sociedade. E nós ganhamos respeito por essa responsabilidade.

Caridade no lar?

Que oportunidade!

Que *ministério!*

.oOo.

Bibliografia:

- (212) 14 de maio de 1984, p. 50.
(213) Scanzoni e Hardesty, *All We're Meant to Be*, p. 206.
(214) Linda Burton, "A Place to Come Home to", *Welcome Home*, março de 1984, p. 4, 5.
(215) *Ibidem*.
(216) *Ibidem*.
(217) *L'Abri* (Wheaton, II: Tyndale House, 1969), p. 149, 155, 156.
(218) *World Pictures in the New Testament*, Volume 4, p. 585.
(219) "When Family Will Have a New Definition", p. A 4.
(220) George Grant, *Grand Illusions* (Franklin-EUA: Adroit Press, 1992), p. 25.
(221) Cf. Dr. Paul Marx, *And Now... EUTHANASIA* (Washington, DC: HLI, 1985).
(222) O texto em itálico pertence ao tradutor.
(223) Naisbitt, *Megatrends*, p. 136.
(224) Clark, *Man and Woman in Christ*, p. 600.

.oOo.

17

A Igreja em Seu Lar

Antes de me tornar cristã, a doutrina bíblica da submissão da esposa era para mim como agitar uma bandeira vermelha em frente de um touro furioso. Essa doutrina, mencionada em Tito 2.5, diz que as esposas jovens devem ser orientadas a ser **"sujeitas aos seus maridos"**, e esse ensino é repetido em várias outras partes do Novo Testamento (Efésios 5.22-24; Colossenses 3.18; 1 Pedro 3.1-6). Como eu *detestava* essa doutrina! Quando comecei a ler a Bíblia toda pela primeira vez, eu a atirava ao chão toda vez que via uma passagem que ensinava a submissão da esposa.

Pela graça de Deus, minha Bíblia e eu sobrevivemos, mas só depois que vi que não havia meio de eliminar essa doutrina. No final, entendi que se quisesse acreditar na Bíblia, eu teria de ser uma esposa submissa. Foi assim que cedi, ainda que com muito protesto.

É claro que minha atitude estava totalmente errada. Eu pensava em liderança e submissão como se os maridos fossem os opressores e as esposas as oprimidas. Eu não entendia que a questão não era de poder e força, mas de *estrutura e papéis*.

No começo, Deus criou o casamento com uma divisão de trabalho e responsabilidade. O homem tinha de dominar a terra e a mulher tinha de ajudá-lo, e juntos eles seriam férteis e se multiplicariam.

A tendência feminista de as esposas seguirem uma carreira profissional fora do lar está em rebelião contra o papel que Deus nos deu. Apesar disso, até mesmo as mulheres evangélicas estão agarrando posições de autoridade e estão assim, sem perceberem, também atacando a estrutura de papéis de Deus. Mas essa rebelião produz graves consequências para o trabalho de expandir o Reino de Deus aqui na terra.

Há muito tempo os cristãos dizem: “Quando trabalhamos para Deus do jeito que Ele quer, jamais teremos falta da provisão d’Ele”. Isso é verdade. Mas o que acontece quando trabalhamos para Deus do jeito que Ele *não* quer? E se o trabalho que estamos fazendo *nem mesmo é um trabalho que Deus mandou*? Será que Deus o abençoará?

Já vimos capítulos sobre casamento, filhos, trabalho por conta própria e serviço aos outros. Neste capítulo gostaria, em análise final, de dar uma olhada no ministério das mulheres na igreja. Vou mostrar como o trabalho do lar e a submissão a seu marido se unem para formar um ministério fantástico. Por que lutarmos pelo título de pastoras quando podemos ter uma *igreja em nosso lar*?

A Vida do Corpo

Por que Deus manda que sejamos submissas ao marido em primeiro lugar? Há muitas maneiras de responder a essa pergunta, mas prefiro abordá-la do ângulo da autoridade do marido. Seu marido é a sua cabeça e, se você é submissa a ele, *você está ligada a ele como o corpo humano está ligado à cabeça*. Paulo nos diz: **“Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça de Cristo é Deus”** (1 Coríntios 11.3). E outra passagem diz: **“Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o**

marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o Seu corpo, do qual Ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos” (Efésios 5.22-24).

É verdade que às vezes essa doutrina é pregada de um modo tirânico. As mulheres muitas vezes se tornam feministas em reação às pregações e livros que fazem do marido um deus miniatura que deve ser inquestionavelmente obedecido. Certa feminista evangélica expressa uma queixa típica quando diz: “Muitas vezes o marido é colocado na posição de um deus, com direito a total obediência, enquanto a esposa é reduzida a uma vida de idolatria e sacrifício pessoal ao marido” (225).

Contudo, Deus não está ensinando tirania nessa passagem. Ele está nos dando uma *comparação* e uma *analogia*. A comparação é *o casamento como um corpo inteiro*. A cabeça e o corpo estão tão ligados que nenhum pode sobreviver sem o outro. A analogia é que *o casamento é como o relacionamento entre Cristo e a igreja*.

O problema surge quando encaixamos o modo como vemos Cristo e a igreja em nossas ideias modernas acerca do casamento, em vez de seguirmos a verdade da Bíblia. O casamento moderno é visto como um fim em si mesmo, para a felicidade exclusiva do casal. A Bíblia porém mostra Cristo trabalhando *com* Sua igreja e *através* dela. Cristo, a Cabeça divina, dirige o corpo em sua tarefa de levar o Evangelho ao mundo e discipular as nações. Ambos trabalham juntos com um simples propósito: avançar a glória de Deus. **“Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade”**.

De maneira semelhante, o marido e a esposa foram criados para trabalhar juntos por amor ao Reino de Deus.

Uma feminista evangélica poderia dizer: “Entendo que o marido e a esposa precisem trabalhar juntos, mas por que a esposa tem de ser submissa ao marido? Por que tudo não pode ser meio a meio?” Perguntas desse tipo (que estão ligadas à reivindicação das mulheres às funções pastorais) acabam obliterando as diferenças de papéis entre os homens e as mulheres (226), fazendo parecer que a cabeça e o corpo podem um desempenhar a função do outro em plena igualdade — coisa que jamais acontece na vida real. Não consigo pensar em nenhuma resposta melhor a esse tipo de pergunta do que a grande passagem da Bíblia que explica como o corpo espiritual funciona. Cada parte do corpo não faz o trabalho que escolhe nem mesmo se envolve no trabalho das outras partes. Pelo contrário, cada parte faz o trabalho que Deus lhe designou.

“O corpo não é feito de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: Porque não sou mão, não pertenço ao corpo”, nem

por isso deixa de fazer parte do corpo... Se todo o corpo fosse olho, onde estaria a audição? Se todo o corpo fosse ouvido, onde estaria o olfato? De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a Sua vontade” (1 Coríntios 12.14-18).

Muitos outros relacionamentos humanos requerem que a pessoa seja submissa a uma cabeça. O empregado tem de ser submisso ao seu chefe (1 Pedro 2.18). A criança tem de ser submissa à mãe e ao pai (Lucas 2.51). O cidadão tem de ser submisso às autoridades do governo (Romanos 13.1; 1 Pedro 2.13). Os homens mais jovens da igreja têm de ser submissos aos mais velhos (1 Pedro 5.5). A submissão da esposa ao marido não é o único tipo de submissão. A submissão da mulher casada quer dizer que reconhecemos que a família é uma estrutura de autoridade. Nessa estrutura, membros diferentes têm papéis e responsabilidades diferentes.

No entanto, submissão não é exatamente a mesma coisa que obediência. Embora os cristãos tenham o dever de ser submissos ao governo, o próprio Apóstolo Pedro, que nos deu essa ordem, disse às autoridades judaicas que tentaram reprimir sua pregação: **“É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!”** (Atos 5.29). Nós, cristãos, temos o dever de obedecer a Deus em *todos* os nossos relacionamentos, até mesmo quando nossas “cabeças” excederem sua autoridade e nos perseguirem por isso. Esse é o motivo por que os escravos são orientados a fazer o que é certo, mesmo se tiverem de sofrer por isso, e as esposas são orientadas a fazer o que é certo e não terem medo ao lidar com um marido descrente (1 Pedro 2.20; 3.6).

A Igreja em Guerra

A submissão, conforme diz o falecido especialista de grego A. T. Robertson, “tem um ar de coisa do exército” (227). Para o bem do exército, o soldado é submisso ao capitão, ainda que não concorde com ele. Em tempo de guerra não temos o luxo de debater à mesa redonda todas as ações de campo. Mas isso não significa que o soldado é inferior ao seu Capitão. Ele pode ser mais alto, mais forte, mais esperto e mais bem educado, mas, enquanto for apenas soldado raso e não capitão, ele tem de obedecer às ordens. Não há avaliação diária das capacidades pessoais para decidir quem dirigirá o exército hoje, e ninguém tira a sorte para resolver quem fará as decisões militares. Esteja certo ou errado, o capitão foi

designado para sua posição, assim como o soldado raso tem a sua, e é seu dever cumpri-la.

Os cristãos de hoje estão em perigo de esquecer que *nós ainda estamos em guerra*. Temos fortes inimigos - o mundo, a carne e o diabo. Também temos um Supremo Comandante, Jesus Cristo, que criou uma estratégia para ganhar a guerra. Jesus é o único que designa as funções e as metas dos homens e das mulheres em Seu exército. E Jesus, por meio do Espírito Santo, disse que as esposas precisam, de boa vontade, ser submissas a seus maridos.

O dever do soldado raso é fazer com que os planos do capitão funcionem, contanto que esses planos não estejam em desacordo e rebelião contra as ordens expressas do Supremo Comandante. Se o capitão enlouquecer e ordenar um massacre de civis, o soldado raso não é obrigado a obedecer a ele, já que o capitão está excedendo sua própria posição ao se rebelar contra as ordens do Exército. Mas esta limitação de obediência não dá ao soldado raso licença para se rebelar contra todas as ordens que ele não aprovar. Quando o soldado raso está empenhado em ganhar a guerra, disposto a sujeitar seus desejos pessoais à meta de ganhar e disposto a seguir o capitão, o exército tem boa probabilidade de ganhar.

A analogia do soldado raso/capitão não é perfeita, pois um soldado raso poderá algum dia ser promovido a capitão, ao passo que os papéis dos membros da família permanecem inalteráveis. As esposas não são “promovidas” a marido, e os filhos jamais são “promovidos” acima de seus pais. Cada papel é valioso em si, não apenas como um degrau para chegarmos a uma posição mais elevada com salário e posição de autoridade mais elevados. Mas a analogia de um corpo empenhado no trabalho ou de um exército empenhado na guerra é sempre útil.

Submissão, então, é dedicação aos interesses (a guerra) de Deus. Você trabalha em obediência a Deus para realizar os melhores interesses de sua cabeça. A submissão é *ativa* - você não fica sentada esperando receber ordens, mas fica alerta para ver o que você pode fazer por sua família. Submissão é viver com *responsabilidade*. Você tem a sua área designada de trabalho na qual você é uma administradora. Como qualquer outra posição administrativa, o trabalho requer *iniciativa* e *criatividade*. Significa *respeitar* sua cabeça. Requer um espírito corajoso, não espírito de medo servil. Acima de tudo, submissão requer *dedicação total a Deus*.

Um teólogo evangélico afirmou que “se a mulher tem de ser submissa, então ela é inferior” (228). Na opinião dele, a submissão da mulher é contrária aos ensinamentos de Jesus (229). No entanto, *Jesus é o exemplo*

máximo de submissão! Como Filho de Deus, Ele repetia constantemente que Ele não havia vindo para fazer Sua própria vontade, mas a do Pai (João 5.30; 6.38; 7.28; 8.28,42; 12.49,50; etc.). No Getsêmani Ele orou: “Não a Minha, mas a Tua vontade”. Jesus sempre subordinava Seus próprios desejos. Isso quer dizer que Jesus é inferior ao Pai, ou até mesmo inferior a nós (pois nós somos as pessoas às quais Ele veio servir)? Ou isso significa, conforme sempre creram os cristãos, que Jesus tinha uma função que requeria submissão por amor a nós e por amor à **“alegria que Lhe fora proposta”**? (230) (Cf. Hebreus 12.2).

O Apóstolo Paulo nos avisou: **“Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros”** (Filipenses 2.4). A nossa “atitude deve ser igual à de” quem? De uma feminista lutando por igualdade? Não. Nossa atitude deve ser igual à atitude de **“Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se...”** (Filipenses 2.5,6). Paulo estava preocupado, pois **“todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo”** (Filipenses 2.21). Quando pararmos de cuidar de nossos próprios interesses (o feminismo e uma carreira profissional fora do lar) e começarmos a cuidar dos interesses de Jesus Cristo (a submissão bíblica), então o Reino de Jesus começará a fazer algum progresso.

Venha o Teu Reino

O que acontecerá quando as mulheres despertarem e virem as tremendas possibilidades de nosso próprio papel? Não tenha dúvida de que o Reino de Deus experimentará um grande avanço aqui na terra!

Já estudamos o papel da mulher jovem: arte, lar, negócio, hospitalidade, caridade, gerando e criando filhos, etc. Agora vamos dar uma olhada no que ela vai ganhar como recompensa. Que tipo de ministério Deus reserva para as mulheres que fielmente seguiram a Ele todos os dias em que elas eram mais jovens?

Ela passou anos aprendendo a ensinar crianças. Agora ela vai ensinar adultos. Se você tem capacidade de explicar a soberania de Deus a uma criança de 2 anos, então você pode explicar qualquer coisa para qualquer pessoa. E a mulher mais velha tem o dever de explicar as coisas, já que Deus a chamou para ensinar as mulheres mais jovens (Tito 2.3-5).

As mulheres de hoje estão se prejudicando muito ao esperar que seus maridos, conselheiros ou pastores façam por elas o que outras mulheres foram chamadas para fazer. Nenhum homem tem capacidade de preencher

todas as necessidades de uma mulher. Nenhum homem deve tentar fazer isso! Como os casamentos modernos sofreriam menos tensão se toda esposa fosse inteligente o suficiente e aprendesse por experiência própria a deixar a mulher mais velha responder às suas difíceis perguntas e dar-lhe apoio.

Problemas com os filhos? Peça a orientação da mulher mais velha. Não sabe cozinhar algo? Peça a ajuda da mulher mais velha. Seus esforços para decorar o interior da casa não estão dando certo? Peça a orientação da mulher mais velha!

A mulher mais jovem precisa se desenvolver nas experiências de vida que a mulher mais velha tem. Para isso, ela precisa da ajuda que só a mulher mais velha pode dar. A mulher mais velha ganha respeito e atenção; a mais jovem ganha sabedoria. Alguém pode sugerir algo melhor do que isso?

A mulher mais velha pode também oferecer ajuda com muita experiência, já que seus filhos não mais são pequenos. Quando sua mãe vive a 700 quilômetros, é mais do que confortante ter uma mulher mais velha digna de confiança se oferecendo para ajudar com a casa e com as crianças quando você e seu bebê recém-nascido chegam ao lar. Uma mulher mais velha tem dúzias de oportunidades para mostrar bondade a uma jovem mãe sem experiência e talvez sobrecarregada de trabalho.

Mas talvez o ministério mais emocionante que a mulher mais velha pode ter é seu ministério de evangelismo e hospitalidade. Talvez seus filhos mais jovens sejam grandes o suficiente para ajudar, ou talvez sejam adultos e estejam vivendo suas próprias vidas. Agora seus anos de conhecimento e experiência de criar um lar agradável para sua própria família podem ser empregados para o bem de mais famílias. Ela conhece a Bíblia e sabe responder às perguntas sérias. Ela sabe criar uma atmosfera acolhedora e carinhosa e é sensível às necessidades das pessoas do jeito que só uma mãe sabe ser. Em resumo, ela foi treinada para ser uma evangelista.

Muitas vezes eu ficava pensando, ao ler o Novo Testamento, no que significavam as frequentes referências à **“igreja na casa deles”** (Cf. Romanos 16.5; I Coríntios 16.19; Colossenses 4.15; Filemon 2). Parece que muitas famílias cristãs na época do Novo Testamento estavam experimentando algo dinâmico e emocionante em suas próprias salas de estar. Agora acho que sei o que é.

Quando Deus chama um homem e o prepara para ser pastor ou diácono, a Bíblia insiste em que sua esposa também precisa de algumas qualificações especiais (1 Timóteo 3.11). O motivo? Deus quer que eles

formem uma *equipe*. O crescimento da igreja não é trabalho exclusivo de algum pastor super-homem ou dos grupos de visitação. Conforme entendo a Bíblia, a maior parte do crescimento da igreja acontece naturalmente por meio das conversas tranquilas que temos quando estamos tomando um cafezinho com nossos visitantes. Os primeiros discípulos conversavam sobre as Boas Notícias em todos os lugares, e o ambiente mais natural para esse bate-papo ocorrer é o lar. O marido e a esposa unem seus talentos de ensino, criação de filhos e administração do lar para cercar o visitante com a demonstração do poder de Deus.

O exemplo mais amplamente conhecido desse tipo de equipe, onde tanto o marido quanto a esposa desempenham uma parte igualmente importante, está no ministério L'Abri. O trabalho do Dr. Francis Schaeffer (e sua esposa) se tornou conhecido internacionalmente, não por causa de alguma busca de publicidade por parte dos Schaeffers, mas por causa do incessante fluxo de convertidos que saíam de seu lar e iam para todas as partes do mundo. Esse trabalho começou quando os Schaeffers abriram sua casa para oferecer hospitalidade (e pregar o Evangelho) às pessoas que o Senhor lhes trazia.

Os primeiros contatos foram feitos sem nenhum planejamento, pelas próprias filhas dos Schaeffers. Logo se espalhou a notícia, e o ministério dos Schaeffers foi crescendo. As pessoas vinham para viver perto deles; elas se casavam e tinham famílias; e elas começaram a tomar parte no trabalho dos Schaeffers. Então essas pessoas se mudaram para diferentes países para realizar trabalho semelhante. Os filhos dos Schaeffers agora têm seus próprios ministérios em diferentes partes do mundo. O filho Franky é produtor cinematográfico e escritor que com a direção de Deus ajudou seus pais a levar os evangélicos de hoje ao arrependimento e à ação. Todas as filhas, Susan, Debby e Priscilla, têm em seus próprios lares um trabalho do ministério L'Abri.

Os netos estão agora entrando no ministério. Não sei como expressar o grande impacto que essa única família teve no mundo, incentivando os cristãos a se envolverem nas artes e trabalho para Deus na vida diária, e também literalmente levando milhares ao Senhor. Eu mesma me tornei cristã em parte por ter lido dois livros escritos pelos Schaeffers (*L'Abri* de Edith e *A Morte da Razão* de Francis), embora eu jamais tenha visitado L'Abri. E não sou a única que pode dizer isso.

Por que os Schaeffers tiveram tão grande sucesso? *Pelas mesmas razões que você e eu podemos ter*. Eles obedeciam a Deus e procuravam com todo o coração viver de acordo com a Bíblia. As duas coisas que eles

tinham de mais importante eram uma doutrina bíblica correta e uma família.

No mundo de pessoas emocionalmente feridas de hoje, uma família verdadeiramente amorosa brilha como uma fogueira na escuridão da noite. Os seres humanos estão em extrema necessidade de uma família, e qualquer pessoa que puder lhes dar uma vai encontrar gente receptiva.

As pessoas iam aos Schaeffers por vários motivos, mas a razão por que elas permaneciam mais para ouvir as mensagens do Dr. Schaeffer era que elas já estavam experimentando o lar da Sra. Schaeffer. Um amigo nosso que esteve no ministério L'Abri nos disse com seriedade que, conforme ele viu, as pessoas eram levadas ao Senhor tanto pelos bolinhos da Sra. Schaeffer quanto pelas pregações do Dr. Schaeffer!

Vivemos numa época em que os grupos heréticos que oferecem algum tipo de vida de família crescem. Por isso, os cristãos têm oportunidades excelentes de oferecer às pessoas uma família de verdade, genuinamente cristã. Os indivíduos que fazem agitações para que as mulheres sejam ordenadas como pastoras estão jogando fora com ambas as mãos o maior ministério que já poderíamos ter. Dois Drs. Schaeffers não teriam sido tão interessantes quanto um Dr. Schaeffer e uma Sra. Schaeffer.

Os Schaeffers “entraram” em seu ministério porque estavam sendo sensíveis à direção de Deus em suas vidas. Estou pedindo que você conscientemente faça o que Deus por acaso deu para a Sra. Schaeffer.

Seja uma trabalhadora do lar. Trabalhe para edificar seu marido e ajude-o a alcançar as qualidades de um pastor. Exerça a hospitalidade.

Sirva as pessoas em seu lar. Seja criativa. Adore e louve ao Senhor, primeiro com sua família, então com os outros que o Senhor trouxer. Procure obter mais conhecimento e imitar a experiência das mulheres mais velhas que tiveram sucesso em criar filhos dedicados a Deus.

Torne-se o tipo de mulher que é agora mais rara do que os diamantes e que sempre foi mais preciosa do que os rubis (Provérbios 31.10).

Você tem um marido que não é cristão? Então sua primeira prioridade é ganhá-lo para o Senhor, para que vocês possam começar o trabalho do Reino juntos. Se há algo que irá ganhá-lo, é a submissão, conforme menciona Pedro:

“Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês” (1 Pedro 3.1, 2).

Ser submissa a um marido descrente é também um treinamento excelente para um futuro ministério frutífero, assim como o ouro sempre fica mais puro quando é purificado no fogo.

Se você tem um marido cristão, o que você está esperando? Você não precisa procurar um ministério; você *já tem* um ministério!

Como será maravilhoso o dia em que todas as mulheres de Deus voltarem ao trabalho do lar e toda esposa tiver uma igreja em sua casa.

.oOo.

Bbliografia:

(225) *Woman, Man and Bible*, p. 40.

(226) A feminista evangélica Naomi Goldenberg afirma: “Os líderes religiosos terão de aceitar as mulheres na liderança, pensei. A revolução feminista não deixará as religiões intactas. Todas as posições de autoridade religiosa acabarão sendo ocupadas por mulheres. Imaginei mulheres trabalhando como rabinas, padres e pastoras. Imaginei mulheres desempenhando funções de liderança religiosa e, de súbito, *vi um problema*. Como é que as mulheres poderiam representar um deus masculino?”

Tudo o que eu sabia acerca do Cristianismo envolvia uma aceitação de Deus como a expressão máxima de autoridade masculina. Se mulheres em número suficiente exigissem o direito de representar a autoridade de Deus - de personificar a presença “dele” nos púlpitos das igrejas - as congregações parariam de ver Deus como homem. Deus começaria a se parecer com suas líderes...

Como psicóloga de religião, penso que, quando as mulheres conseguirem mudar a posição das mulheres no Cristianismo, elas abalarão essa religião nas próprias raízes. Quando as feministas reconhecem que as mulheres têm direito de ser líderes cristãs e de representar a natureza divina, elas estão mudando o impacto psicológico mais importante do Cristianismo...

A imagem de Cristo será questionada por causa da própria característica básica de sua masculinidade. Todos os papéis que os homens e as mulheres aprenderem a ver como papéis dados por Deus serão reavaliados... A própria sociedade será transformada de tal forma que desaparecerá todo vestígio do sistema tradicional familiar no qual o homem é a cabeça e a mulher é submissa. Pois se os homens não mais

forem líderes na terra, como é que poderíamos pensar que eles conseguiriam conservar sua soberania no céu?” - *Changing of the Gods*, p. 3, 4, 8.

(227) *World Pictures*, Volume 4, p. 506.

(228) Grand Rapids, Erdmans, 1975, p. 8.

(229) *Man as Male and Female*, p. 134.

(230) Não é de surpreender (já que as feministas de hoje não conseguem entender que as mulheres podem ser iguais aos homens em *essência*, mas subordinadas a eles em *função*) que semelhante questionamento da relação de Jesus com o Pai tenha ocasionado talvez a crise mais grave que a Cristandade já enfrentou: a controvérsia ariana no 4º século. Apesar do claro ensino de que Jesus e o Pai são o mesmo em *essência* (João 1.1; 8.58), mas que Jesus é subordinado em *função* (João 4.34; 5.30).

Ário e seus seguidores não conseguiram manter essas duas coisas na mente e insistiam em que, se Jesus é subordinado em função, então Ele é subordinado em essência, isto é, Ele é inferior.

A Cristandade, é claro, decidiu contra Ário, e o ensino universal (católico, ortodoxo e protestante) é que Jesus é igual ao Pai em essência (“de uma só substância com o Pai”, conforme afirma o Credo Niceno), mas subordinado a Ele em função. Se esse tipo de relacionamento pode existir entre Jesus e o Pai, certamente pode existir entre as mulheres e os homens.

.oOo.

PARTE 6

CONCLUSÃO

**“...orientar as mulheres mais jovens...
a fim de que a palavra de
Deus não seja difamada”
(Tito 2.4, 5)**

18

O Que Acontece Quando Trabalhamos ou Não Trabalhamos no Lar

As mulheres de hoje estão trocando de papel. Mas será que iremos gostar do papel que estamos escolhendo?

O trabalho do lar, conforme já vimos, é baseado na Bíblia. O abandono do lar, que é seu oposto, não é. O abandono do lar inclui trabalhar fora, colocar os filhos na creche e viver o feminismo. Inclui também o velho hábito de sair andando por aí à toa e negligenciar os deveres domésticos com bate-papos e cafezinhos com as vizinhas.

A Bíblia mostra a diferença entre esses dois papéis para as mulheres. Agora é hora de escolhermos qual o papel que *nós* iremos viver.

As Consequências para o Nome de Deus

Estivemos estudando Tito 2.4-5, que diz que as esposas jovens devem ser orientadas **“a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus maridos...”** Isso é o que Deus nos orienta a fazer. Mas então Ele acrescenta uma consequência: **“...a fim de que a palavra de Deus não seja difamada”**.

Quando as esposas evangélicas abandonam o lar, as pessoas falam mal da Palavra de Deus e duvidam da verdade, da santidade e do poder de Deus.

As pessoas do mundo aí fora que sabem o que a Bíblia diz duvidam da *verdade* da Bíblia quando veem pessoas que se consideram cristãs negando a verdade bíblica em suas próprias vidas. Toda esposa cristã que não quer ser uma trabalhadora do lar (ou que não se interessa pelos filhos, ou que não é submissa a seu marido), apesar do texto bíblico, está estimulando o mundo a rejeitar a Palavra de Deus por completo.

Além disso, a influência dela poderá levar a igreja a se afastar da autoridade da Bíblia. Conforme diz uma feiticeira que estudou detalhadamente as tentativas das feministas de forçar o Cristianismo a aceitar o feminismo:

“As feministas recomendam que algumas partes da Bíblia sejam ignoradas, mas ainda assim afirmam que o livro como um todo foi dado por Deus. Mas é fácil ver que a atitude de criticar a exatidão de algum texto ou tradição sagrada acaba, conseqüentemente, levando à atitude de duvidar dos motivos por que esse texto ou tradição são considerados como autoridade divina” (231).

Portanto, os que sabem o que a Bíblia diz, mas nos vêm contradizendo-a, vão duvidar da verdade da Bíblia. Os descrentes que *não* sabem o que a Bíblia diz vão duvidar da *santidade* de Deus se nos virem vivendo um modo de vida egoísta e ambicioso. Tudo o que eles sabem de Deus e da Sua Palavra é o que eles veem em nossas vidas. Se não somos melhores do que eles, por que eles deveriam achar que o nível de Deus é mais elevado do que o nível deles?

E a verdade é que ninguém consegue ver o *poder* de Deus quando os cristãos se deixam arrastar pelas tendências do mundo. Quando os obstáculos pequenos se tornam desculpa para cedermos ao modo de vida da sociedade atual, quem conseguirá ver o poder de Deus em nós?

Não seria algo triste se estivéssemos para entrar no maior reavivamento da História — e o *único impedimento fosse o pecado do povo de Deus*? Há coisas mais importantes na vida do que buscar a “satisfação pessoal”, a “realização profissional” ou qualquer outro tipo de tentação que o mundo tem para oferecer. Temos de pensar na expansão do Reino de Deus. Temos de pensar na honra do Nome de Jesus. E temos de pensar nos milhares de igrejas que estão nascendo e nos milhões de pessoas que estão aceitando Jesus como Salvador. Você consegue ficar emocionada e interessada nisso? Você quer ser parte disso?

Para nós, esposas jovens, tudo se resume nisto: *será que estamos dispostas a obedecer a Deus*, a amar nossos maridos e filhos, a ser prudentes e puras, a trabalhar *no lar* (não no escritório), a ser bondosas e a ser submissas aos nossos maridos, para que ninguém blasfeme da Palavra de Deus? Estamos dispostas a cuidar de nossas famílias, pondo os outros em primeiro lugar? Ou estamos dispostas a colocar só a nós mesmas em primeiro lugar, destruindo assim nossas igrejas e país? Queremos ter filhos ou bens materiais?

Tenho muita esperança de que Deus vai enviar um reavivamento e abençoar os esforços das mulheres fiéis que vivem o modo de vida que este livro apresenta.

O trabalho do lar não resolverá automaticamente todos os problemas. Mas irá nos colocar no caminho certo. **“A mulher sábia edifica a sua casa, mas com as próprias mãos a insensata derruba a sua”** (Provérbios 14.1). As mulheres ajudaram a derrubar seus próprios lares. Mas agora elas poderão ajudar a reconstruí-los.

Já vimos lares derrubados o suficiente: casamentos desfeitos, filhos rebeldes, igrejas estêreis.

Agora é hora de sermos sábias.

É hora de trabalharmos no lar.

É hora de vermos o que o *verdadeiro* Deus pode fazer.

.oOo.

Bibliografia:

((201) Goldenberg, **Changing of the Gods**, p. 13.

.oOo.

APÊNDICE

Dando os Primeiros Passos para Trabalhar no Lar

Para que o reavivamento venha, o povo de Deus precisa se humilhar, orar, buscar a face de Deus e se arrepender de seus maus caminhos (2 Crônicas 7.14).

Precisamos, individualmente, nos arrepender de nossos caminhos soberbos e arrogantes. Isso inclui, no caso das esposas jovens, reconhecer que você estava errada, se você abandonou o trabalho do lar ou se você não vinha buscando com todas as forças conhecer e praticar o ensino da Bíblia. Qualquer mulher que tenha pecado contra Deus nesse ou em qualquer outro aspecto determinado deve orar e buscar a graça dEle.

Em seguida, temos de sair dos “maus caminhos” e entrar nos *bons* caminhos. Isso significa voltar ao trabalho do lar.

Mas poderá haver alguns obstáculos no caminho da mulher que deseje com sinceridade voltar ao lar. Vamos dar uma olhada nesses obstáculos, e ver o que precisamos fazer para vencê-los.

As Metas Prioritárias

Você quer cuidar de seus filhos, ajudar seu marido, ter um negócio no lar, criar objetos para decoração e ter um ministério frutífero no lar. A questão não é só permanecer no lar, mas permanecer e realizar algumas dessas metas e se desenvolver em outras.

Ganhando o Marido

Portanto, o primeiro passo é *ganhar o consentimento de seu marido*. A maioria dos maridos ficaria alegre e emocionada de ter uma esposa antiquada que cozinhe suas refeições prediletas e pregue os botões de suas camisas. Mas alguns querem que você trabalhe fora e ganhe um salário a fim de saldar os compromissos financeiros deles. Por isso, eles precisarão ser persuadidos.

A esposa submissa não força o marido a aceitar a vontade dela. Ela lhe explica como o que ela está pedindo se encaixa nas metas *dele*. Se um marido cristão tem metas materialistas, a esposa cristã pode gentilmente

lhe mencionar isso, já que a meta *fundamental* dele é a mesma dela — ser dedicado a Deus e produzir muitos frutos. Melhor ainda, ela poderá incentivá-lo mediante a visão do ministério frutífero que apresentei neste livro.

Um marido descrente pode se opor firmemente e insistir em que a esposa continue trabalhando fora. Em tal caso, ela poderá tentar discernir a *verdadeira* meta dele. Será que ele quer dinheiro, ou ele tem algum outro motivo para querer que ela trabalhe fora do lar? Ela poderá explicar como o trabalho do lar é financeiramente possível. Ela poderá tranquilizá-lo mostrando que desse jeito as metas dele serão alcançadas (presumindo que essas metas não sejam anticristãs).

Se ele ainda teimar e estiver com medo da mudança, ela poderá propor (como Daniel — veja Daniel 1.11-16) tentar fazer as coisas conforme a vontade de Deus por um determinado tempo, e então ela poderá voltar a trabalhar no escritório se não houver resultados (mas ela deve orar *muito* para que tudo *dê certo*).

Não devemos discutir com um marido descrente e totalmente teimoso, mas devemos servi-lo com tal gentileza e respeito que ele seja ganho para o Senhor (1 Pedro 3.1-2). Em tal circunstância, o primeiro dever da esposa do homem descrente é ganhar o marido. Sem marido cristão, não há ministério cristão.

Deixando o Emprego

Talvez você tenha um emprego importante. Pode haver pessoas dependendo de você. Contudo, Deus ainda quer você no lar.

Se seu emprego é uma forte tentação para você, e você acha que se hesitar você jamais deixará, você tem de parar. Totalmente. Todos os ídolos devem ser destruídos. Ninguém irá entender, mas eles sobreviverão. Se você morresse de ataque cardíaco, eles prosseguiriam sem você e se arranjariam de algum jeito.

Se o emprego não é uma tentação para você, mas há pessoas que dependem de você, poderia ser sensato dar-lhes tempo para achar alguém para substituir você. Enquanto isso, porém, por favor certifique-se de que seus filhos estejam recebendo os melhores cuidados e atenção, ainda que isso signifique gastar mais dinheiro.

Caso uma substituição não mostre sinais de aparecer (dentro de um período razoável, como o normal de duas semanas a um mês), eu simplesmente iria em frente e largaria o emprego. Ou caso o Senhor a

convença de que seus filhos precisam de você neste exato momento, reconheça que eles são mais importantes do que seus colegas adultos. O trabalho pode e prosseguirá sem você.

Em alguns casos você poderia auxiliar seu ex-patrão trabalhando em casa mesmo, até que o negócio dele volte a funcionar normalmente. Ser gentil e amistosa com todas as pessoas são certamente qualidades cristãs que você deve colocar em prática. Você quer ajudar seu ex-empregador a atingir as metas dele, contanto que isso não prejudique as responsabilidades mais importantes que você tem.

Iniciando um Negócio no Lar

Algumas mães não veem possibilidade de abandonar o emprego fora e ir para casa, pois suas famílias gastam muito mais do que o orçamento permite. Aí a solução poderia ser um modo de vida mais humilde, ou começar logo um negócio no lar.

Mas, mesmo na pior situação, Deus sempre pode ajudar. No mínimo, você pode ir planejando e estudando um negócio no lar até mesmo enquanto continua em seu antigo emprego. Planeje junto com seus filhos! Então vem o período difícil em que enquanto ainda se mantém no emprego, você tenta iniciar um negócio. No final, você poderá largar o emprego do escritório e permanecer no lar trabalhando em seu novo negócio.

Mas é claro que não se ganha nada se o novo negócio absorve todo o seu tempo. Leve isso em consideração enquanto estiver planejando seu negócio.

Minha experiência é que qualquer marido que tem um emprego pode sustentar sua família sem mandar sua esposa trabalhar fora, *contanto que eles estejam dispostos a viver dentro das possibilidades financeiras dele*. Pelo que a Bíblia ensina, ele deveria trabalhar em dois empregos antes de contar com o apoio financeiro da esposa.

Não Dando Espaço para o Diabo

Parte do motivo porque o trabalho do lar está fora de moda é o dilúvio de propaganda anticristã degenerada que vem disfarçada como “entretenimento” através dos filmes, novelas, revistas, etc. Para manter Deus em nossos lares, temos no mínimo de não convidar o diabo a entrar.

O trabalho do lar é um milhão de vezes mais fácil quando a família supre seu próprio entretenimento. O maior favor que você pode fazer para você mesma é se livrar de seu televisor, cancelar a assinatura da *Veja*, de *Istoé* e das outras revistas ou jornais humanistas, e jogue fora qualquer literatura “cristã” que promova valores humanistas usando o Nome de Jesus. Para estar a par das notícias, assine revistas ou jornais com elevado padrão bíblico. Além do mais, adquira regularmente bons livros evangélicos. Sem a televisão para absorver seis ou oito horas por dia, você terá tempo para desenvolver um ministério que será importante por toda a eternidade, e terá tempo para brincar com seus filhos e ler livros para eles.

Apoio

“Aquele que anda com os sábios será cada vez mais sábio, mas o companheiro dos tolos acabará mal” (Provérbios 13.20). Procure mulheres que pensam como você. Se possível, ache uma mulher mais velha de confiança que poderá ser sua orientadora. De modo particular, não recomendo que você procure as organizações oficiais de “apoio” às esposas, com suas intermináveis conferências sem a presença dos filhos. Em vez disso, recomendo que você procure ou forme grupos de esposas trabalhadoras do lar que ajudem você a não se sentir isolada. Juntas poderemos aprender umas com as outras. Procure formar tantos grupos quantos você precisar.

O trabalho do lar é uma carreira fantástica — talvez fantástica demais para algumas de nós. É uma carreira com tantas coisas para fazermos ao mesmo tempo. Eu mesma no começo não sabia cozinhar muito bem, costurar satisfatoriamente ou lavar roupa. Eu nunca tinha hospedado pessoas ou ensinado crianças. A única coisa que eu sabia fazer bem era preparar programas de computador num escritório!

Hoje sou trabalhadora do lar há anos, e ainda não sou Edith Schaeffer. Provavelmente você não se sairá melhor do que eu. Apenas comece a cuidar de uma coisa de cada vez (com os filhos em primeiro lugar), tenha disposição de se desenvolver como trabalhadora do lar e louve ao Senhor por cada progresso que fizer.

.oOo.

APRESENTAÇÃO

Conhecendo Melhor a Escritora

Mary Pride teve seu primeiro emprego com a idade de 15 anos, como guarda-livros. Sustentando-se financeiramente sozinha nos estudos universitários, ela se formou em eletrotécnica e ganhou o diploma de especialista em sistemas de computação. Mais tarde, ela estudou teologia no Seminário Covenant em St. Louis, Missouri. Atualmente ela e seu marido vivem na cidade de Fenton e dirigem uma importante organização de educação escolar em casa, cujo site na Internet é: www.home-school.com.

A Sra. Pride é evangélica presbiteriana, mãe de nove filhos totalmente educados em casa, é responsável pela publicação das revistas *Practical Homeschooling* e *Big Happy Family* e é autora de diversos livros sobre questões de família e educação escolar em casa (inclusive o premiado *Big Book of Home Learning*).

Antes de se tornar cristã em 1977, a Sra. Pride era uma feminista radical bastante ativa. Com sua experiência como ex-feminista, ela avalia com precisão as deficiências do feminismo e salienta a necessidade de desenvolvermos uma nova visão da mulher cristã, uma visão que tenha raízes profundas nas verdades da Bíblia.

De Volta Ao Lar foi publicado originalmente nos Estados Unidos por *Crossway Books*, a mesma editora evangélica que publica os originais de *Este Mundo Tenebroso* e *O Profeta*, sucessos lançados no Brasil pela Editora Vida.

Para mais informações sobre o ministério da Sra. Pride, visite seu site na Internet: www.home-school.com Visite também: www.thewayhome.org.

.oOo.

